

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***ELISALDO CARLINI***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil

Entrevistado - Elisaldo Luís de Araújo Carlini (EC)

Entrevistadores - Tânia Fernandes (TF), Fernando Dumas (FD) e Diana Crus (DC)

Data – 16/04; 23/07; 23 e 24/08/1999; e 04/12/2000.

Local – São Paulo/SP

Duração – 8h31min

Transcritor - Suely Niemeyer Lamarão

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

CARLINI, Elisaldo. Elisaldo Luís de Araújo Carlini. *Entrevista de história oral concedida ao projeto Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil*, 1999. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 161p.

## Sumário

### Fita 1 - Lado A

Referência à sua infância em Ribeirão Preto, seus pais e irmãos; a mudança para Pirajá e a vida familiar naquele local; o interesse pelas plantas na infância; referência aos irmãos como profissionais na área médica; a morte do pai; sua experiência na Escola Rural de Pirajá (escola primária); a mudança da família para José do Rio Preto e a entrada para o ginásio; seu interesse por criação de galinhas no sítio de seu tio e a vida em família; a chegada em São Paulo e seu primeiro emprego; a experiência no curso científico e seu término, o início do curso preparatório para estudar medicina; o desempenho escolar dos irmãos; a Escola Paulista de Medicina; seu emprego como datilógrafo em agência bancária e, como farmacêutico, no Laboratório Antipiol; sua tentativa de ingressar na Universidade de São Paulo; seu segundo ano de curso preparatório e a entrada para a Escola Paulista de Medicina; o trabalho no Laboratório Geiger; o encanto pela bioquímica e farmacologia e a influência dos professores Ribeiro do Vale e José Leal Prado; suas experiências na Faculdade e considerações sobre a formação do cientista atualmente; referência aos seus primeiros trabalhos publicados; consideração sobre bolsa de estudo da Fundação Rockefeller; comentários sobre a vida profissional de sua esposa e sobre seus casamentos.

### Fita 1 - Lado B

Comentários sobre seu trabalho com plantas e a primeira pesquisa científica na Sociedade Paulista de Biologia; a ida para a Universidade de Tulane e seu interesse pela psicofarmacologia; a Universidade de Yale e seu trabalho com o prof. Jack Peter Green; a defasagem do conhecimento científico no Brasil em relação aos Estados Unidos; considerações sobre a volta ao Brasil na época do golpe de 64 e sua não nomeação para titular na Escola Paulista de Medicina; seu trabalho na universidade como assistente voluntário, a transferência para o Instituto Biológico e para a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa; seu livro *Farmacologia prática sem aparelhagem*.

### Fita 2 - Lado A

Comentário sobre o período militar no país; sua entrada para a Escola Paulista de Medicina e a relação com o Partido dos Trabalhadores (PT); sua saída da Santa Casa e o ingresso na Escola Paulista de Medicina; referência aos investimentos e verbas em pesquisa; o trabalho com plantas na Escola Paulista de Medicina, sobretudo com a Espinheira Santa; os produtos à base de plantas no país, patentes e mestrados profissionalizantes.

### Fita 2 - Lado B

Continuidade da referência aos mestrados profissionalizantes, a política de patentes de produtos naturais e sua relação com a atividade de pesquisa no país.

### Fita 3 - Lado A (Making Off)

Comentário sobre sua descendência espanhola, italiana e portuguesa; o processo de miscigenação no país; sua trajetória desde Ribeirão Preto, onde nasceu, até chegar em

São Paulo para trabalhar e estudar medicina; a importância da planta para a cura de doenças; as etapas de desenvolvimento de medicamentos; discute a importância do conhecimento popular sobre plantas terapêuticas; comentários sobre o grande potencial de plantas terapêuticas no país; aponta o descaso do governo brasileiro com a atividade científica e o cientista; os convênios da Universidade Paulista de Medicina com laboratórios particulares e as vantagens de se trabalhar com plantas e as que estão sendo patenteadas.

#### Fita 3 - Lado A

Relaciona o estágio que fez com os professores Ribeiro do Vale e Leal do Prado, na Escola Paulista de Medicina, e a sua formação em metodologia de pesquisa; a Revista Psicofarmacologia e seu interesse pelas plantas medicinais; a mudança para os Estados Unidos; a Universidade de Yale e Tulane; o tratamento dispensado pela comunidade científica norte-americana aos latino-americanos; seu retorno ao Brasil, a rotina e o trabalho sobre maconha no Instituto Biológico de São Paulo; o curso de medicina que fundou na Santa Casa de Misericórdia; o golpe militar de 1964 e a liberdade de expressão nos Estados Unidos; a publicação *Farmacologia prática sem aparelhagem*; comentários sobre a discussão entre Otto Gottlieb e Luiz Gonzaga Laboriaux; os simpósios que organizou.

#### Fita 3 - Lado B

Comentários sobre a formação dos participantes dos simpósios sobre plantas medicinais atualmente; a interdisciplinaridade entre botânica, química, medicina e biologia; o grupo de pesquisadores de Ribeirão Preto; referências à Federação da Sociedade Brasileira de Biologia Experimental, à Associação Brasileira para Progresso da Ciência, à Fundação Brasileira de Plantas Medicinais; o Projeto Flora e o sistema americano de informação Napralete; a relação do CNPq com os simpósios que organizou; a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP); o projeto que desenvolveu sob a aprovação da Central de Medicamentos (CEME); o PRONEX; a necessidade de financiamento de um banco de insumos para abastecimento de matérias-primas.

#### Fita 4 - Lado A

Aspectos nacionais e internacionais relacionados à valorização da pesquisa de plantas medicinais no país; a engenharia genética; convênios com instituições de pesquisa estrangeiras; a parceria com o Departamento de Química, da Universidade Federal de Minas Gerais.

#### Fita 4 - Lado B

Comentário sobre a relação com laboratórios particulares; as universidades em Cuba e na América Latina; os esquemas de produção de pesquisas em plantas, costumes e usos populares; a medicina chinesa.

#### Fita 5 - Lado A

A relação entre a fitoterapia e o medicamento; o suporte, investimento e desenvolvimento da pesquisa em fitoterápicos no país; a ação da planta “nó de cachorro”; a quantidade de

farmacólogos no país e a organização de grupos de estudos de plantas no Brasil; a relação dos médicos com a fitoterapia; o “Biotônico Fontoura” e os medicamentos genéricos; monopólio do diagnóstico de doenças pelos médicos.

#### Fita 5 - Lado B

Comentário sobre o *screening* farmacológico; o biotério e os padrões de comportamento de cobaias; a mixagem higiênica de animais e a produção e utilização das cobaias; seu trabalho de pesquisa atualmente.

#### Fita 6 - Lado A

Referência às verbas públicas para pagar pessoal da equipe do Grupo Plantas e comentários sobre a formação acadêmica dos integrantes; a decisão de se aposentar; os padrões de biotipo e importação de medicamentos; a bioequivalência; o início de sua carreira no Ministério da Saúde: seus projetos e programas.

#### Fita 6 - Lado B

Sua saída do Ministério da Saúde e os processos judiciais que sofreu; o desaparecimento da portaria que assinou na Vigilância Sanitária; o Instituto Nacional de Controle de Qualidade e Saúde (INCQS); a necessidade de um programa nacional de controle de qualidade dos medicamentos.

#### Fita 7 - Lado A

O desfecho dos projetos judiciais que sofreu e a perseguição à Haity Moussatché; a relação do Instituto de Biotecnologia da Amazônia com a Agronomia.

#### Fita 8 - Lado A

Comentários sobre a instituição e regulamentação das pós-graduações na década de 1960 e o papel desempenhado pelo CNPq; considerações sobre o 1º Simpósio de Plantas Mediciniais; a Fundação Rockefeller e o financiamento em pesquisa na Escola Paulista de Medicina; a CEME e o projeto de financiamento em pesquisa em plantas medicinais e produção de medicamentos; os grupos de pesquisa financiados pela CEME e o trabalho com plantas; o processo de patenteamento do uso terapêutico de plantas e a oposição à Lei de Patentes no Brasil; a discussão no Congresso em Recife em torno da questão de patentes.

#### Fita 8 - Lado B

Continuação dos comentários sobre o Simpósio em Recife e a discussão das patentes; considerações sobre a ciência no Brasil e a questão da propriedade intelectual; o processo de patentes no exterior e no Brasil; referências ao II Programa Nacional de Desenvolvimento (PND) e o Projeto Flora; considerações sobre o período como assessor do CNPq e o financiamento em ciência; a discussão em torno da Farmacologia acadêmica e a Farmacologia aplicada e as mudanças no status do medicamento de plantas.

#### Fita 9 - Lado A

A FAPESP e o financiamento de projetos; o trabalho como assessor da FAPESP e a análise de projetos; considerações sobre o convênio universitário do SUS; a pesquisa em Psicobiologia do Sono; a parceria das indústrias com as universidades; o financiamento das indústrias em projetos de pesquisa com plantas medicinais.

#### Fita 9 - Lado B

Considerações sobre a Associação de Plantas Medicinais; menção à organização dos Simpósios de Plantas Medicinais; considerações sobre a importância da pesquisa em plantas; a SBPC, a FESB e a questão da política em ciência; a formação de uma agregação de indústrias nacionais e o financiamento de laboratórios de pesquisa; associação da indústria com a universidade; ABIFARMA; a Alanac e a defesa dos interesses dos laboratórios nacionais; a questão dos genéricos.

Data: 16/04/1999

### Fita 1 - Lado A

TF - Entrevista com o professor Elisaldo Carlini para a Casa de Oswaldo Cruz, Projeto Plantas Mediciniais, no dia 16 de abril de 1999. Entrevistado por Tania Fernandes. (ruído) Bom, professor Carlini, entrevista fita número 1. Professor Carlini, eu gostaria que o senhor começasse essa nossa entrevista, me dando uma ideia da sua origem, da sua infância... o senhor veio de Ribeirão Preto...

EC - É... perfeito.

TF - É, da sua família, enfim, me dar uma ideia de como foi essa... sua criação.

EC - Pois, não. Bom, eu nasci na cidade de Ribeirão Preto exatamente há 68 anos, quase 69 atrás. Eu nasci no dia 9 de junho de 1930. E eu sou o segundo de uma prole de cinco irmãos. Tinha uma irmã mais velha, depois eu, depois mais três que vieram depois de mim, né? Ah... o meu pai era um homem com instrução muito pequena, ele tinha só o segundo ano primário terminado e minha mãe era uma professora primária. Então, devido a essa dificuldade, a família sempre sofreu muito em termos econômicos e financeiros. E de Ribeirão Preto nós mudamos para... um lugarzinho extremamente pequeno chamado Pirajá. E isso foi porque minha mãe... meu pai era viajante, estava numa firma, depois ele perdeu o emprego e minha mãe teve que assumir realmente, pra valer, o sustento da casa com o salário de uma professora primária, que nós sabemos quanto é hoje em dia, né, (risos) que era a mesma coisa que naquela época. E como ela não tinha... tido uma carreira, até então, na docência primária no Estado de São Paulo, ela teve de fazer o concurso e no concurso ela pegou o último lugar, no último vilarejo antes da divisa de Minas Gerais, que era esse lugar chamado Pirajá. E lá ela foi e papai foi junto, nós também fomos e nós... e eu vivi lá, eu acho que dos 7 até os 11 anos de idade. Quer dizer, quatro anos que foram muito marcantes na minha vida, eu me lembro pouco da vida em Ribeirão Preto, mas eu me lembro muito da vida em Pirajá. Por várias coisas, quer dizer, era um local que só tinha uma jardineira que chegava ao sábado, quando não chovia, porque quando chovia não havia meio possível de atravessar a estradinha que ligava Pirajá a duas cidadezinhas menores, antes de ligar a São José do Rio Preto que era o centro...

TF - Jardineira era um trem...?

EC - Jardineira é o antigo ônibus, né? Mas eram aqueles ônibus que não tinham porta de entrada. Quer dizer, os bancos eram todos assim abertos dos dois lados. Você viajava, então se chovia, chovia dentro, poeira toda que você pegava. Inclusive você descia e subia como se fosse um bonde, só que tinha motor, pneus e andava normalmente. Bom. Aah... neste local eu convivi muito com a natureza, isso foi muito marcante na minha vida, né? E a mamãe como era... por exemplo, na cidade não tinha luz, não tinha água, transporte, como eu disse, era uma vez por semana, não tinha um médico, não tinha dentista, não tinha absolutamente nada na cidade. E era simplesmente uma ruína, cruzada por outra que tinha no máximo umas 30 casas. E eram sítios ao redor que mantinham a economia, que ela não tinha nem prefeito, era um lugarejo assim perdido

no meio do mato. E a mamãe era a pessoa de maior grau de instrução naquele local todo, era professora do local, né? Então ela... E como o meu avô, pai da minha mãe, era médico em Ribeirão Preto, a mamãe tinha alguns rudimentos de conhecimento de medicina. Então a mamãe passou a ser uma espécie de curandeira do lugar. E atendia, né? O papai abriu uma loja lá e ganhou um... conseguiu vender – não sei se conseguiu vender – conseguiu melhorar de vida, comprou um fordinho, um fordinho bigode, aqueles carrinhos, isso em 1900 e quanto. Era 37, 1937, por aí. É. 36, 37. Então, de repente, a vilazinha passou a ter uma pessoa que podia aconselhar e um carro pra transportar casos urgentes, que existiam obviamente, né? Então, eu me lembro de cenas inacreditáveis, porque eu acompanhava às vezes a minha mãe, meu pai ia junto como chofer, né? Por exemplo, eu me lembro de uma cena assim, duas cenas que eu me lembro ou uma que está na minha cabeça, claro os dois momentos, eu não sei se foram no mesmo, com a mesma paciente... era uma moça em trabalho de parto que estava com um parto complicado. O que eu me lembro é dessa moça soprar uma garrafa, né? Com força, pra fazer força. E como isso parece não ter dado resultado ou foi outro caso, aí o marido chega, tinha lá uma outra pessoa – não era a minha mãe. A minha mãe chega, ficou... – que fizeram o seguinte, pegaram a moça, um em cada membro, subiram a moça pra dentro, deixaram cair: brammm! na cama, pra ver se expulsava. Então, coisas horríveis dessa ordem que havia, né? Ah... eu, por exemplo... eu tomei leite de mula, né? Porque a mamãe achava e aprendeu lá no meio, era o remédio que tinha pra tosse: dava-se leite de mula. Pra acesso de bronquite – eu tinha um irmão que tinha bronquite – tinha um remédio infalível na época, era pegar tatuzinho... – não sei se você conhece tatuzinho? – é um bichinho pequenininho que dá debaixo de tijolo, pretinho, que você levanta, toca e ele se enrola fica uma bolinha, né? A gente chamava de tatuzinho. Pegava quatro ou cinco, costurava num paninho, colocava debaixo do pescoço. Bom, eu não sei se agora – fico pensando – eu não sei se aquilo fazia efeito, mas se fazia ou faz efeito, se é alguma substância que aquele bicho solta, alguma coisa volátil, que a pessoa respira e melhora, né? E eu sabia também que a mamãe usava plantas, mas não sei, não tenho a mínima ideia de quais eram. Então eu acho que esse aspecto que eu estou lhe contando, já marcou na minha vida assim uma certa curiosidade para ah... para a natureza. E também me marcou assim uma espécie de respeito pela cultura popular porque eu admirava muito, quer dizer, eu me lembro que tinha uma senhora idosa que falava com a minha mãe e minha mãe ouvia com muita atenção. Então, eu achava que era a professora de mamãe. Quer dizer, eu começava a admirar muito e respeitar muito esse tipo de é... atividade. Bom, ...

TF - Algum de seus irmãos também tinha essa afeição por essa natureza...?

EC - Olha, eu não sei, mas da minha família... (pausa na gravação). Mas então na minha família, ah... de cinco, três são médicos, né? Quer dizer, a minha irmã, que é a primeira, que é médica, foi pediatra; depois eu que fiz ciência e meu irmão que é ortopedista. Eu não sei se tem alguma influência, agora, a gente sabe que foi muito difícil pra família formar três médicos, né? É uma profissão, um estudo caro, demorado, impede de você trabalhar... Eu e meu irmão tivemos que trabalhar enquanto estudávamos pra ajudar o sustento da família que, decididamente o salário de casa era insuficiente. Quer dizer, o meu pai teve altos e baixos, mas aí ele... na parte... morreu muito cedo, mas na parte final da sua vida, os últimos 10 anos ele ficou com hipertensão, teve um problema de visão, perdeu a vista e tal. Então ficou uma pessoa que não era capaz de ajudar no sustento da família. Bom...



TF - Mas isso vocês saíram lá da cidadezinha...

EC - Aí nós saímos da cidadezinha porque aí a minha irmã mais velha ah... terminou a escola rural e eu também, né? A escola rural em que a minha mãe era professora, né, quer dizer então...

TF - Escola primária.

EC - Escola primária, que chamava Escola Rural de Pirajá, era chamada, né? Ah! Me lembro de um detalhe também que hoje eu faço um contraste com os dias de hoje, em 1936, 37, a última cidade que chegava a escola pública do Estado de São Paulo, mensalmente – eu não sei se mensalmente – mas eu me lembro que várias vezes chegava nessa jardineirinha, num sábado, um saco com o material escolar todinho que o estado dava gratuitamente pras crianças. Vinham então resmas de papel, papel com... para caligrafia, papel comum, as antigas canetas com aquelas penas que você encaixava o lápis, a borracha... Até hoje eu me lembro disso, uma coisa – coisa que eu não sei se ocorre hoje – mas, Nossa Senhora! Quer dizer, é uma... (risos) pelo menos durante muito tempo não ocorreu mais, né, e eu acho que não ocorre mais hoje em dia. Bom, aí nós tivemos que mudar pra São José do Rio Preto, porque lá tinha escola, tinha o ginásio que nós tínhamos que fazer, nós começamos a fazer o ginásio em São José do Rio Preto...

TF - Mas aí sua mãe se desligou da...?

EC - Não, ela transferiu-se, ela conseguiu, à medida que ela foi melhorando anos de ensino, ela foi melhorando a possibilidade de conquistar posição em... ah... em cidades melhores, né? Ela não conseguiu diretamente em São José do Rio Preto, era uma cidadezinha vizinha, senão me engano Mirasol, mas eu não tenho certeza disso. Aí nós passamos lá mais ou menos uns quatro... olha, foi de 40... a 45, por aí, quatro ou cinco anos. E foi um período muito ruins da minha vida. Nossa! Porque aí meu pai não trabalhava, minha mãe só tinha o salário, nós não tínhamos possibilidade nenhuma de fazer nada. Morar numa cidade é pior do que morar num sítio porque no sítio você tem a bananeira, você tem o porquinho, tem a galinha, então tem jeito de você comer bem, né? E na cidade era uma dificuldade muito grande, né? E eu e meu irmão que estávamos... a minha irmã já estava mais adiantada, ela veio pra São Paulo e ficou com um tio nosso, né, irmão de papai, mas eu e meu irmão tivemos que fazer o ginásio numa situação... Por exemplo, eu nunca comi lanche no meu curso ginásial, porque na hora do intervalo eu não tinha dinheiro nem pra levar um pão nem também pra... Então foi muito difícil a vida. E... o outro aspecto também que eu me lembro também que foi muito assim, marcou muito a vida da gente foi o problema de que era obrigatório o uso de uniforme. Bom, o uniforme é uma coisa que é até bom porque harmoniza uma classe, evita o que veste pobremente do que veste com mais... mas, por outro lado, com aquele que não tinha, por exemplo, um terno né, não tinha nada. Eu era obrigado a usar um uniforme e eu cresci muito de 11 pra 13 anos, né? E não me trocaram o uniforme não. Então, chegou num momento que o uniforme ficava no meio do braço (risos) e no meio das pernas e aí esse uniforme depois passou pro meu irmão ainda, um uniforme puído. Então foi muito difícil essa vida, eu não me lembro de nada a não ser disso que era muito constrangedor pra gente e tal. Ah... eu me lembro que eu tive uma decisão também ali que talvez mostre esse caminho de ciência e de coisa, é que eu tinha um tio, era irmão da minha mãe, que ele estava melhor de vida, ele tinha um sitiozinho, né? Era advogado, tinha um sítio, ele

criava galinhas. Eu me encantei por criação de galinhas! Quer dizer, eu achava um barato ver lá como é que ele procurava melhorar a raça, queria mais ovos... Ah... ou se havia ou não cruzamento dos galos com as galinhas, como é que fazia as chocadeiras funcionar e tal. E trabalhei, procurei trabalhar um pouco com ele nesse sentido também. Foi a única coisa que eu me lembro desses quatro anos. Bom, aí eu saio de Ribeirão Preto, minha família, papai, mamãe, vêm pra São Paulo. Papai não conseguia nada lá. Ele abriu uma vendinha em São José do Rio Preto, a venda faliu, ele veio pra São Paulo tentar a vida aqui.

TF - Tinha algum médico na família?

EC - Só o meu avô. Meu avô, pai de mamãe, que tinha morrido muito cedo. Ele morreu, vovô morreu em 36, por aí. Foi a época, 36, que nós saímos de Ribeirão Preto, fomos lá pro meio do mato, né, pra ver. Ah... Nós viemos pra São Paulo e minha mãe conseguiu na época é... ser professora... professora em... onde termina o metrô agora, que era distante pra burro na época. Um bairro, Pi... Pi... é pro outro lado. Piraquara?...

TF - Santana?

EC - Não é... Butantã não, é do lado de lá, eu lembro o nome daqui a pouco. Mas, enfim, era bem distante... tinha que pegar o trem da Central. Então, eu me lembro assim, era uma cena muito curiosa até... - eu não sei se é pra contar esses aspectos particulares de família, né?

TF - Sim, sim...

EC - Porque o meu pai estava com dificuldade de arrumar emprego e tal, mas o meu pai e mamãe sempre foram muito companheiros, sabe? Então meu pai é que levava a minha mãe todo dia de manhã cedo, saía daqui, exatamente aqui desse bairro, Vila Mariana, e ia até o Brás pra pegar o trenzinho, pra pegar o trenzinho e ir até o final dessa... Itaquera! Da cidade, até o fim onde tinha lá, era um subúrbio, tem um subúrbio dentro da cidadezinha, do local, chamado Itaquera, né? Ah... e aí eu cheguei aqui, eu tinha 15 anos quando eu cheguei aqui. O primeiro emprego que eu tive era um emprego de carteira, quer dizer, eu trabalhava como menor, mas assim, eu trabalhei numa firma chamada White Martins. Meu irmão que era o segundo, um pouco mais novo... tinha 14 anos, eu tinha 15, ele tinha 14, ele trabalhou na Companhia Paulista de Força e Luz. O meu papel era office-boy e eu tinha que ficar o dia inteiro... é... era colar os selos numas duplicatas, carimbar e contava de 1 a 100, fazia um pacote e levava lá embaixo no arquivo. O único trabalho intelectual era saber quanto de selo eu colocava em cada duplicata (risos) porque a selagem estava de acordo com a importância da duplicata, né? Trabalhei nessa White Martins durante um ano; eu tinha que chegar lá no emprego às 8 horas e sair às 6. E eu tinha terminado o ginásio no... em São José do Rio Preto e vim fazer o científico aqui. Eu comecei a fazer o científico na Praça da República, no colégio... eu consegui vaga no colégio do estado... colégio do estado que tem ali no...

TF - À noite.

EC - À noite, né? À noite. E era uma vida muito difícil, porque eu saía às 6 horas da manhã daqui desse local, pegava um bonde, ia até a Praça João Mendes. Caminhava a pé até o Largo de São Francisco, aí pegava o segundo bonde, descia até a Praça da Luz, a

Estação da Luz onde tinha a firma White Martins, né? Aí eu saía às 6 e meia... e tinha que chegar às 7 horas na... no colégio. E não dava porque eu tinha que subir aquela rua toda, atravessar o centro da cidade e ir do outro lado. Então o... a... a firma me dava 15 minutos de folga, né? Eu saía uns 15 minutos antes pra ver. Eu entrava às 7, ia até às 11 e meia e chegava meia-noite, uma hora em casa. E tinha que estudar e acordar às 6. Então eu fui... um ano, aliás, três anos, extremamente difíceis, eu e meu irmão... – o meu irmão servia café como office-boy que era – de uma luta muito difícil de fazer o curso à noite e... e trabalhar. E o salário todo ia pra casa, né, pra ajudar o sustento. Bom, ah... terminei o científico, no ano seguinte terminou o meu irmão, aí tive que fazer o cursinho. Aí foi a mesma luta. Aí...

TF - Aí o senhor já estava definido para a medicina.

EC - Para a medicina. Já estava definido para a medicina.

TF - E a sua irmã era mais velha?

EC - A minha irmã era mais velha, a minha irmã, a vida dela foi um pouco mais fácil porque esse meu tio, irmão de papai... mudou-se pro Rio de Janeiro e ela ficou com ele, ela entrou na Faculdade Nacional de Medicina, né? E eu fiquei aqui. Eu fiquei aqui trabalhando, estudando... quando terminou o curso, eu falei: “Bom, minha formação está muito ruim...” Eu tinha plena ciência disso, não tinha a mínima chance de competir, né, na Universidade de São Paulo que era única pública e gratuita. Eu falei: “Eu vou tentar a Escola Paulista, que era a segunda melhor que tinha no estado, mas era paga.”

TF - Ela era particular.

EC - Ela era, era particular, mas ela tinha uma entidade beneficente, ela não visava lucro. Então, a Escola Paulista tem uma história muito bonita, por exemplo, o Baile do Café da Escola. A Escola Paulista de Medicina surgiu em [19]33 quando vários médicos de São Paulo verificaram que não era possível a cidade continuar com uma única escola de medicina que era a escola da USP [Universidade de São Paulo]. É... e todos os jovens de São Paulo estavam indo estudar no Rio de Janeiro, na Bahia, em Belo Horizonte e todos lugares e tal. Então, eles resolveram fundar uma escola nova aqui, aqui nesse bairro mesmo, e... era particular. E essa escola começou a ser sustentada com o famoso Baile do Café. Quer dizer, todos os fazendeiros paulistas, grandes fortunas do café, foram convencidos a dar dinheiro para a Escola. E organizou-se um baile, que ficou assim o baile mais elegante da cidade na época de 33 a 30 e tanto, que era o Baile do Café que justamente angariava fundos.

Bom, eu comecei a fazer um cursinho à noite e aí eu inverti, e eu consegui arrumar trabalhos durante o dia. E aí eu trabalhava o dia inteiro e estudava à noite. Quer dizer, eu variei... é... quer dizer, eu continuei do mesmo jeito, mas só que o trabalho que eu fazia já foi um trabalho muito mais ligado à minha... à minha... coisa. Eu melhorei, por exemplo, o meu *status* no último ano do meu curso, curso científico, eu consegui um emprego num banco, eu era datilógrafo no banco. Então trabalhando... aí eu tinha o período da manhã livre, mas mesmo assim eu tive que arrumar um outro emprego pra poder ganhar um pouco mais de dinheiro, né? Bom, quando comecei...

TF - Isso ainda no científico.

EC - Ainda no científico. Eu terminando o científico, aí eu consegui um emprego num laboratório farmacêutico. Eu fui treinado, eu tinha 19 anos por aí, eu então consegui como propagandista num pequeno laboratório nacional chamado Laboratório Antipiol. E comecei a fazer propaganda junto aos médicos, muito mais ligado então já ao que eu queria fazer, né? A... passei no exame vestibular e aí quando eu passei no exame vestibular é que surgiu o grande problema, eu falei: “Como é que eu vou estudar o dia inteiro aqui se o meu emprego é durante o dia, né?”.

TF - Então o senhor fez esse cursinho...

EC - À noite.

TF - ...o senhor estava dizendo...

EC - À noite.

TF - É, mas o senhor estava falando de uma dificuldade aí que o senhor sabia, a sua formação tinha sido... difícil...

EC - Pois é, eu fiz um ano de cursinho, eu sabia que não tinha chance nenhuma, né? Fiz um segundo ano, prestei exame lá na USP, levei pau, obviamente; fiz um segundo ano de cursinho, aí eu falei: “Eu não vou cair na besteira de prestar na USP,” né? Eu vim prestar aqui na Escola. Conversei muito com os dois professores do cursinho: dr. Farina e o dr. Cútulo, e eles disseram: “Você tem boa chance de entrar.”, mas eu falei: “Mas eu não preciso de boa chance, preciso de certeza.” Então, tento na Escola. E aí eu realmente peguei a 13ª colocação. Quer dizer, entre 100, entrei relativamente bem aqui na Escola. E aí surgiu um tremendo de um problema, eu falei: “Como é que eu vou fazer, eu trabalho de 6 até à noite aqui na Escola? Onde é que eu vou arrumar emprego, né, como é que eu vou trabalhar?”.

Aí duas coisas se sucederam, foram muito, muito interessantes. Eu fui me candidatar pra um emprego, o laboratório Brasileiro já tinha praticamente fechado as atividades, não deu prosseguimento e abriu-se aqui em São Paulo a... filial do Laboratório Geigy, um laboratório suíço. Ainda não estava fundido a Ciba-Geigy, né? E eu fui me candidatar, e falei, até hoje o senhor Pfifer, o... gerente, era um suíço, e conversei com ele: “Olha, doutor Pfifer, eu só tenho um jeito de falar com o senhor, é com franqueza. Se o senhor me contratar por produção, eu garanto que eu vou cumprir o que eu tenho que fazer. Se o senhor me contratar por tempo, eu não consigo porque eu tenho que estudar, seguramente eu vou ter tempo porque uma ou outra aula eu posso deixar de assistir, tem feriados públicos mais comuns que o comércio não está fechado... então se o senhor garantir isto, eu seguramente vou... vou poder, é... cumprir a meta da média, não vou ser o melhor propagandista-vendedor” – porque o propagandista tinha que vender – não vou ser o melhor propagandista-vendedor, mas também eu vou garantir ficar na média.”

E até hoje me lembro com muita emoção desse senhor, porque ele chegou pra mim, me mandou voltar dentro de uma semana, chegou pra mim: “Olha, tudo bem, mas eu tenho uma pergunta importante: você trabalhar o comum de um homem e estudar o comum de um jovem, eu quero saber como é que vai ficar sua saúde?” Foi a única pergunta que ele me fez. Eu achei muito bonito essa postura dele. Aí eu entrei na Geigy. Entrei na Geigy e fiquei um ano ou dois como propagandista, progredi rapidamente porque de trabalhar na periferia da cidade, aí na periferia da cidade o que é que eu tinha que fazer? Eu tinha

que pegar uma rua imensa de 1 ou 2 Km, visitando os médicos e visitando as farmácias. Os médicos faziam propaganda e as farmácias, eu vendia.

Bom, e aí você aprende uma série de coisas. Por exemplo, eu percebi que... eu fazia propaganda pra todos os médicos aqui do Hospital São Paulo, depois eu os dividia em ruas e bairros, né? Bom, então se o João da Silva trabalhava no Morumbi, eu ia procurar o Morumbi e ver se lá tem 10 médicos que eu visitei daqui. Então, e aí falei isso pro chefe. Falei isso: “Ó, eu vou fazer dessa maneira...” e ele concordou. Bom, e aí à medida que foi o tempo, progredi, me deram pra ser propagandista na zona chique de São Paulo, que era a Rua Marconi, tinha os consultórios de todos os professores etc e tal. E no 3º e 4º anos eu passei a ser o... em vez de ser propagandista, eu passei a orientar medicamente os propagandistas novos que vinham chegando. Então, eu fiquei até o 5º e 6º ano... eu trabalhei dessa maneira. É... aí eu fui diminuindo cada vez mais porque de propagandista-vendedor, corria 4 ou 5 kms por dia, trabalhei na Rua Marconi quer tinha 200 metros, né? Depois como professor dos propagandistas da parte de farmacologia, eu assumi três vezes por semana meio período.

E finalmente, quando eu me formei, eles me deram o cargo de médico do Laboratório Geigy... A... aí aconteceu uma outra coisa que era o seguinte, ao mesmo tempo que eu estava trabalhando, estava fazendo curso pra ser aqui aprovado, eu me encantei com a bioquímica e a farmacologia. Me encantei com o... o Ribeiro do Valle e o Leal do Prado, que eram, eu acho que eram os dois únicos professores em tempo integral de dedicação aqui na Escola Paulista de Medicina. E que lutavam desesperadamente pra desenvolver a ciência no país, tanto que eles têm um nome marcante, tanto na farmacologia como nas ciências bioquímica...

TF - Ribeiro do Valle e...?

EC - E José Leal Prado. José Leal Prado por exemplo, ele... nós fomos bioquímicos aí, se formou muita gente e etc e tal. Bom, e aí eu comecei também, cisme de começar a estagiar nesse departamento....

TF - Durante o seu ano letivo, na faculdade, esses 6 anos, o senhor se dedicou a monitoria, algum estágio...?

EC - Olha, até o segundo ano, não; quando eu terminei o segundo ano porque eu gostei muito da bioquímica e da farmacologia, eu comecei a fazer uma monitoria. E era uma monitoria muito severa, quer dizer, eles não se importavam...

TF - Com o Ribeiro do Valle...?

EC - Com Ribeiro do Valle e Leal do Prado. Primeiro com o Leal do Prado com bioquímica, depois com o Ribeiro do Valle; os dois trabalhavam muito em comum, era um departamento só, o Departamento de Bioquímica e Farmacologia. Eu me lembro por exemplo, que nós começamos com uns 12 ou 13 estagiários que tinham terminado o curso, que é como o Leal do Prado e Ribeiro do Valle aceitavam os seus estagiários, depois de terminado o curso, eu acho que três ficaram, não é? Porque descobriram que não era a vocação. Eu descobri que era aquilo que eu gostaria de fazer. E como é que foi...

Como é que foi esse estágio? Quer dizer, eu me lembro que tinha uma sala em que ficavam uns 10 ou 12 juntos, nós tínhamos que comparecer durante um certo tempo... marcado, pra ter um rendimento mínimo por semana, e nos deram, por exemplo, uma

série de... de coisas curiosas, preparar a mistura sulfocrômica pra aprender a lavar material na vidraria, entendeu? O primeiro passo que eu me lembro, aprender a lavar um vidro pra poder trabalhar bem em pesquisa, né? Depois tinha biotério, eu aprendi a limpar biotério. Quer dizer, comecei mesmo lá debaixo. Comecei a fazer algumas experiências, não tinha... não tinha essa de terminar e depois sair correndo porque tinha um técnico pra limpar. Nada disso! Eu é que tinha de pegar, limpar todo meu material adequadamente, guardar nas estantes e tal com bastante ordem. E eu vejo com muita tristeza porque hoje em dia esse departamento aqui amanhã é uma bagunça! O estudante não tem nem de longe, ele tem que ter o técnico, senão tiver o técnico que lava... é um horror! Acho que houve um desleixo na formação do cientista no país nesse sentido, né, de entender que se ele não tem material bem lavado, não vai sair bem a sua experiência. Isso não foi transmitido. Bom, a outra coisa era frequentar uma referata, participar e comecei a dar trabalho e tal, até que um belo dia – eu me lembro, foi uma coisa assim muito marcante – o Ribeiro do Valle e o Leal do Prado desceram e com solenidade, com pompa, né, disseram: “Olha, Carlini, a partir de agora você suba – da salinha que nós estávamos – e você passa a tomar café conosco.” Aquilo foi magnífico pra mim! Falei: “Puxa!”.

TF - O senhor era uma espécie de monitor...?

EC - Aí eu fiquei. Fiquei como monitor e tudo. Mas não fiquei muito como monitor de aula não. Eu ficava todo tempo livre, eles queriam muito mais que eu trabalhasse...

TF - No laboratório.

EC - ...no laboratório. Então... quando eu me formei eu já tinha 4 ou 5 trabalhos já publicados em revista e em livro internacional como coautor, mas onde eu participei muito ativamente na discussão e boa parte das pesquisas também... junto. E uma coisa que eu me lembro até hoje, o Leal do Prado era homem de bancada; sempre que possível, ele estava junto comigo. E eu, seguramente, nunca fiz mais do que 50% sozinho das experiências, apesar de já estar treinado, ele estava sempre junto comigo e tudo.

Bom. Formado, olha, então o que é que eu fazia? Eu fazia o curso... aí eu descobri uma série de coisas pra dizer com bastante franqueza, descobri cursos que pra minha formação eu não devia fazer, né? Porque no curso de medicina tem determinadas coisas... muito retrógradas e você tem mentalidade, como em qualquer área de conhecimento humano, você tem mentalidade que é uma coisa assim: dizer que é medieval até você está elogiando. Então eu comecei...

TF - E o que seria...? O que seria essas áreas?

EC - Ah, aí várias áreas. Eu não poderia assim nem dizer, por exemplo, quais áreas. Mas, por exemplo, um curso que pra mim foi abominável, foi o curso de anatomia patológica. Eu não conseguia entender a razão de nos colocarem num anfiteatro com um cadáver em decomposição e uma pessoa cortando o cadáver, que eu não conseguia ver nada, né, um mau cheiro tremendo... parecia uma coisa de masoquista. Quer dizer, não é possível que anatomia patológica seja isto, como era na época, né? Então eu achava aquilo absolutamente inútil! Porque você não conseguia enxergar mesmo porque eram dois médicos trabalhando e o anfiteatro ficava a 4, 5 metros de distância. Imagina ele abrindo um negócio em decomposição, não dava pra ver coisa nenhuma. E vários outros cursos! E às vezes professores também, que eram assim com uma mentalidade extremamente fechada no campo de... Eu me lembro, por exemplo, de uma assim que foi assim pra

mim, eu fiquei estupefato. Eu não soube nem como responder. Eu cuidava do biotério aqui, como estava... e num dia eu descobri que tinha nascido uma ninhada de ratinhos que pareciam hidrocefálicos. E eu olhei aquilo e falei: “puxa, que coisa! Será que nós não estamos aqui com uma mutação, vamos ter ratos com hidrocefalia? Que coisa fantástica!” Peguei, fui correndo levar... (risos). Topei com o professor, falei, ele: “Olha, rapaz, eu não sou veterinário. Suma daqui!” Não tive nem chance de explicar nada, mas podia ser um modelo de alguma coisa, né? Então são coisas que você vai ver. Então, na realidade, eu fui cada vez ganhando mais tempo livre. Por exemplo, em clínica também, muitas vezes, como a minha decisão total era fazer pesquisa, eu notava claramente que tinham vários exercícios de clínica médica, a arte de fazer diagnóstico é uma coisa, mas a arte de você apalpar depende de um tremendo afinamento dos seus órgãos do sentido, eu sentia que era uma perda de tempo. Dizia: “Meu Deus do Céu, eu não vou utilizar os meus ouvidos tão agudamente... desenvolvidos como eu preciso pra escutar ruídos, pra essas coisas.” Então eu senti que isso pra mim era uma perda e uma judiação e porque era um curso caro, sério e tal, né? Então, realmente, eu fazia o suficiente pra passar de ano e sobrava tempo pra outras coisas também. Na hora que eu terminei o curso, eu falei: “Bom, como é que eu vou viver. Como é que eu vou viver mesmo, né?” Aí eu falei com os meus professores: “Eu quero ficar aqui em tempo integral, dedicação exclusiva. Mas eu tenho que me manter de alguma maneira.” Eu já estava casado, estava com uma filha, né?

TF - O senhor já tinha saído da Geigy.

EC - Não, eu fiquei na Geigy até o 6º ano dando aula, tá certo? E fazendo então, é o que eu falei... eu fazia a Geigy... aí era uma vez por semana. Eu fui diminuindo, né? É... Fazia o curso normal, mas eu fazia o curso o suficiente pra passar e me dedicava todo o tempo que eu tinha no estágio, né, na bioquímica e farmacologia. Me formei, aí eu continuei um ano como professor do corpo de propagandistas da Geigy e falei para os professores: “Eu vou trabalhar aqui o tempo que eu puder, vou tentar arrumar uma bolsa,” né? Eles tentaram me arrumar uma bolsa e eu tive muita dificuldade porque eu passei acho que dois anos trabalhando assim, depois eu achei que da Geigy... eu já estava cansado da (inaudível), eu saí... Eu recebi uma bolsa parece que chamada Dr. Libânio, eu não me lembro mais o nome. Era uma bolsa que o dr. Valle conseguiu, que era uma bolsa pequena. Até que finalmente, eu recebi a bolsa da Fundação Rockfeller; eu me formei em 57, a bolsa me foi concedida no... mais ou menos em meados de 58, eu fiquei um ano recebendo como bolsista da Fundação Rockfeller...

TF - Mas aqui no Brasil ou no...?

EC - Aqui no Brasil. E em 1960, eu então ganhei a bolsa da Fundação Rockfeller pro exterior.

TF - E me diga o seguinte, a sua esposa era também estudante de medicina?

EC - A minha esposa foi minha estudante – a minha ex-esposa. Foi estudante de medicina junto comigo, ela foi a segunda pessoa que foi estagiária. Ela hoje é professora na Unicamp (Universidade de Campinas), tá? E nos divorciamos, eu me casei, me casei não, eu me reuni pela segunda vez com uma colega, uma psicóloga e vivi com ela cerca de 20 anos. Ela morreu de câncer. Agora eu estou no meu terceiro e vou me casar agora, (risos) depois de 12 anos, na terceira vida em comum, com a Solange, que é professora aqui

também, e vou me casar agora. Quem vai convidar pro casamento são nossas duas filhas: uma de 12, outra de 7 anos (risos). Então, essa vida afetiva, então, foi tumultuada: divórcio, morte e agora o segundo casamento, o segundo depois de 12 anos. O primeiro teve quase 20 anos de união, com uma filha que é essa que estava aqui, mas que não sei nem por que não nos casamos, né? Bom, voltando agora para...

TF - O senhor acabou a sua formação...

EC - É. A formação... Então eu fiquei aqui trabalhando muito. Com o que eu trabalhei aqui? Eu trabalhava com o Ribeiro do Valle com plantas, que eu gostava muito, e com o Leal do Prado... que tinha uma linha de trabalho que eu achava mais de vanguarda... Com plantas eu achava que, na realidade, a gente chegava num ponto e não tinha como caminhar, né? Você pegava o extrato ou dava pro animal, olhava o efeito e daí? Você não tinha como prosseguir. O Leal do Prado estava investigando o sistema renina hipertensina que hoje é a renina angiotensina, né? Então eu trabalhei bastante com ele também. E ...

TF - Mas só um instantinho. O senhor, essa questão das plantas, que eu acho que é interessante. O senhor diz que não tinha como prosseguir? Como é que o senhor vê esse prosseguimento?

EC - Eu gostaria de falar disso mais no fim, que é a... (interrupção da gravação)

### **Fita 1 - Lado B**

EC - Então eu estava dizendo que eu trabalhei com o Ribeiro do Valle com o veneno de uma lagarta urticante, foi o primeiro trabalho, minha primeira apresentação que eu fiz de trabalho científico foi essa na Sociedade Paulista de Biologia. Trabalhei com maconha, com o Ribeiro do Valle também nessa época... Trabalhei também com outra planta que eu nem lembro mais o nome dela. E trabalhamos com a renina angiotensina do Leal do Prado, tá?

TF - O Ribeiro do Valle só trabalhava com plantas?

EC - Não. Ele trabalhava... Olha, ele trabalhava... O grande forte do Ribeiro do Vale, que ele teve trabalhos muito importantes, foi trabalhos com hormônios. Ele era farmacólogo na parte de endocrinologia, né? Então ele teve... e eu, mas eu não gostava dessa área. Quer dizer, essa parte de hormônio eu nunca me senti atraído por isso, né, pra ver. Bom, então, eu continuei trabalhando quando eu recebi finalmente uma bolsa da Rockefeller pra sair. Eu tinha a bolsa daqui interna. A Rockefeller auxiliou a Escola Paulista nesses dois anos e eu recebi a bolsa pra sair.

TF - A Rockefeller tinha um convênio com a Escola Paulista, seria isso?

EC - Teve. A Rockefeller teve um convênio...

TF - Nessa área de farmacologia ou era mais amplo?



EC - Olha, eu acho que era mais amplo. Porque auxiliou o desenvolvimento de várias áreas aqui senão me engano. (vozes no fundo) Oi! Pera um pouquinho. (pausa na gravação) Então eu estava em que pé mesmo? ... (pausa na gravação) ... Pode continuar? Bem, então eu ganhei a bolsa da Fundação Rockfeller e essa bolsa tinha... a bolsa era constituída de duas partes: a primeira era o curso de reciclagem bioquímica e eu fui então pra Universidade de Tulane, na Louisiana, passei lá um ano e... fazendo um curso de bioquímica e eu não gostei nada do curso. Eu achei que o curso era, nós estávamos fazendo o curso junto com os estudantes da Tulane, o segundo ano do curso de medicina. Então foi uma coisa muito chocante. Eram 13 professores de várias universidades do mundo. Tinha da Turquia, tinha do Chile, tinha da Argentina, do Brasil, da Costa Rica etc. E... a coisa que eu podia muito bem fazer aqui. Tanto que foi uma queixa que eu fiz à Fundação Rockfeller, dizendo: “Olha, eu poderia ter aproveitado melhor, né? Pra ver.”

TF - Isso era em que ano, professor?

EC - Foi em 1954... Não, não. Desculpe. Não! 57 eu me formei, fiquei três anos, em 1960. Fui lá fim de 1959, comecei em 1960.

TF - E esse curso durou quanto tempo?

EC - Esse curso durou um ano. Durou um ano, tá? Foi 60... 60, exato. Bom...

TF - Mas era na área de bioquímica. stop

EC - Era no Departamento de Bioquímica da Universidade de Tulane, né, pra ver. Bom, eu fui bem no curso, não tive dúvida nenhuma. Quando chegou lá, mais ou menos, no oitavo mês que eu estava lá, eu estava muito descontente com o curso e tal, veio um professor novo pra universidade, o professor (inaudível) Hugins. E o (inaudível) Hugins trabalhava com o sistema de angiotensina também, né? E quando ele soube que eu estava lá, como eu tinha vários trabalhos publicados com o Leal do Prado, ele não teve dúvida, foi lá pra conversar e tal. E aí comecei a trabalhar com ele nuns projetos de pesquisas dele, além de fazer o curso. Então eu publiquei ainda lá mais um ou dois trabalhos em revistas internacionais e junto com o (inaudível) Hugins, né, pra ver. Terminado o estágio eu tinha que escolher o local pra ir, né? Bom, aí começou um interesse meu pela psicofarmacologia. Esse meu interesse na psicofarmacologia que hoje se é... ele está concentrado, psicofarmacologia, os aspectos da ação psico... é... da psico... ação... – como é que eu diria? – a ação de plantas medicinais no sistema nervoso central, ele começou ainda quando eu estava aqui em São Paulo, eu era estudante de medicina ainda, tá, pelo 5º ano. Saiu o primeiro número da Revista Psicofarmacologia em inglês, publicada em Berlim a revista. E eu olhei aquilo ali...

TF - Uma revista... é...

EC - Psicofarmacologia. Que hoje é o Psychopharmacology. É uma revista clássica no campo da psicofarmacologia. Eu acho que foi a primeira, especificamente, só pra cuidar de psicofarmacologia. E isso deve ter sido em 55, 56, por aí. Eu me encantei por essa área. Eu falei: “Puxa vida...” – eu estava trabalhando em pesquisa no campo de renina angiotensina, e eu sabia que não era o que eu queria fazer, mas era a coisa que tinha um trabalho que estava me dando muita base, muito conhecimento de como fazer uma

pesquisa, né? Aquele assunto não conhecia ninguém, pra fazer isso aqui no Brasil, não tinha psicologia experimental. O Ribeiro do Valle comentou comigo: “Carlini, isso é uma coisa que você vai ter de cavar lá fora.” E eu fiquei esses anos todos trabalhando aqui, mais ou menos pensando nisso. Quando eu fui pros Estados Unidos, eu fui com esse pensamento. Eu fui com esse pensamento, fiquei um ano na bioquímica, eu achei que realmente o tempo foi perdido, ainda (risos) acabei trabalhando mais no sistema renina angiotensina. Mas lá eu comecei a olhar toda a literatura, prestar atenção em todos os trabalhos e tal, e eu vi que na Universidade de Yale tinha uma ... um... um forte engajamento em pesquisa em psicologia experimental e psicofarmacologia. Naquela época eu lia muitos trabalhos do (inaudível), Daniel Friedmann, do... Neel Müller... Neel Müller era do Departamento de... de... de... de Psicologia. O Djarman e o Friedman, o Departamento de Farmacologia junto com o Jack Peter Green. Jack Peter Green é esse senhor aqui. Hoje não sei nem se ele... Ele deve estar com uns 80 e poucos anos. É... não, deve estar próximo de 80 anos, né? Bom, eu então tentei aplicar pra ir pra Yale, Universidade de Yale. E aí aconteceu uma coisa meio curiosa, eu fui lá, me receberam... A primeira coisa que me impressionou muito, aquela universidade, ela tem todos os prédios, lembra as universidades inglesas, todas de pedra mesmo, né? Prédios magníficos! Uma coisa assim impressionante, né? A... eu fui visitar a biblioteca. Parece uma catedral a biblioteca. E você entra, você encontra uma nave central, não tem livros nem nada. (ruído) Tem lá em cima uma claraboia e por sorte tinha... (ruído)

TF - Pera um instantinho. (continua um chiado)

EC - Por sorte tinha o sol que estava caindo. Tinha no meio assim, bem no centro da nave uma... uma espécie de um balcão... uma vidraça de vidro assim lá uma bíblia original do Gutemberg. Só! Mais nada naquela sala! (risos) Bom, aquilo, olha, você entra lá, o respeito que você que pega pelo negócio é inacreditável! Depois fui visitar os livros do Isaac Newton. O Colégio Yale foi fundado em 1600 e pouco já com essa auréola, né? Quer dizer, o John Yale que fundou o colégio, não tinha livros, escreve para a Inglaterra pedindo doações. Entre os doadores têm os livros de Isaac Newton. está lá exposto, num lugar de honra. Então, a história é muito diferente, né? Quer dizer, eu até falei: “bom, veja como o cientista aqui é mais fácil.” Porque a tradição que você encontra aqui de ciência, de respeito ao ensino, à cultura, embora seja Novo Mundo também, né, mas já existe alguma coisa muito diferente que eu acho que, infelizmente, nós tínhamos e não temos no Brasil. E aí eu fiquei também, eu... a viagem era relativamente longa, de New Orleans ah... para New Haven, eu fiquei uma noite hospedado lá num local onde se hospedavam os estudantes da Yale. E o apartamento que eu fiquei também marcou muito na minha vida, né? Tinha, era uma portona desse tamanho, né, e estava escrito (risos) – devia ser um vândalo, né? – estava escrito lá: “(inaudível) – 1868”. Meu Deus, aqui teve um francês, neste quarto, possivelmente com a mesma expectativa que eu... e era praticamente um século antes, né? Porque era 1968, 1868. Aquilo realmente criou pra mim um embate muito grande. Fui aceito. Fiquei trabalhando com Jack Peter Green e... meu primeiro trabalho lá foi o primeiro trabalho que eu queria fazer mesmo: provar que a histamina existia no cérebro e estava armazenado em (inaudível) que teria o papel de neurotransmissor. Aí trabalhei com a mais refinada metodologia, espectro-fotofitometria que existia na época, gradiente de intensidade, trabalhando assim, eu trabalhei lá quase, eu trabalhei 3 anos lá na Universidade de Yale, né? Fiquei 4 anos no total nos Estados Unidos. E... aí me aconteceram duas coisas curiosas também que eu acho que é marcante. Cerca de uns 6 meses depois, eu fui chamado pelo chefe, o dr. Richard (inaudível), junto com o Jack Peter Green que era o meu orientador. Falou: “olha, você veio aqui... a...

quebrar uma determinação nossa de 8 ou 9 anos atrás. Nós tivemos tão más experiências com sul-americanos que nós cortamos a... bolsas e estágios para sul-americanos. Resolvemos depois de 8 anos, achamos que era uma coisa muito ruim que nós estávamos fazendo, resolvemos fazer uma experiência e você foi a vítima, você foi a cobaia e você felizmente funcionou.” Eu achei aquilo também uma coisa que me marcou muito. E aí também, por coincidência, junto comigo estudava um chileno que era da bioquímica da Universidade do Chile, de Santiago. E ele estudou comigo lá na Tulane e foi contratado pro departamento de bioquímica da Universidade de Yale também. Conseguiu um lugar lá. E o... a distância do apartamento era um andar apenas, né? Bom, um belo dia eu desço pra procurar o... o... – como é que ele chamava? O nome eu me recordo daqui a pouco – o... Bom, enfim, pra procurar esse meu amigo chileno, não o encontro na sala, era um horário comum de expediente, e aí eu perguntei pra pessoa que estava lá, era até um americano: “Você sabe onde ele está?” Ele: “Ah, não sei, mas quando você vier aqui ao encontro, e na maior parte das vezes não vai encontrá-lo, vá lá na biblioteca na seção de jornais. Na seção de revistas não, na seção de jornais você encontra esse seu amigo.” Né? (risos) Puxa vida! Eu achei tão chato isso, né? Porque foi diretamente assim uma ironia, né? Vai lá porque você encontra ele na seção de jornais pra ver. Isso dava assim, mais ou menos, uma noção de um... de um... (suspira) é...

TF - De uma crítica, né?

EC - Não é bem de uma crítica, viu? Era um comentário que eles achavam verdadeiro e que fazia parte assim de algo que eles sabiam: da inferioridade do latino-americano, pelo menos do sul-americano, em termos de fazer um trabalho consequente, sério e etc. e tal, né? Eu discuti isso muitas vezes com o Jack Peter Green, né? O Jack Peter Green era judeu e ele mudou o nome de Green, né? Ele falou: “mudei porque que não aguentava a perseguição aqui.” E eu dizia pra ele: “mas, Jack, você faz parte do sistema! Como é que você...?” Ele dizia que não, que afinal ele contava muito que na Universidade de Yale não havia pretos. Não tinha mesmo. (risos) Não encontrei uma pessoa de cor lá, né? Falei: “mas escute, você tem uma população grande, é 20%. Porque não colocam, falam tanto que isso é uma democracia, não colocam aí pretos também?” “Mas nós não conseguimos!” Ele falou: “Nós não conseguimos, Eli!” Ele me chamava de Eli, de Elisaldo. “Não conseguimos, Eli, porque o nosso... nós temos que ser imparciais nos nossos exames. Nós não podemos fazer exame mais fácil pra um e mais difícil pra outro. Infelizmente o preto americano tem uma formação básica inferior... como em outras grandes escolas americanas aí...” etc. Então essa discussão também premiou muito. E isso teve muita importância na minha vinda pra cá, quando eu voltei. Bom, eu voltei muito bem preparado.

TF - E aí sua família foi toda com o senhor?

EC - Foi toda. A minha primeira família foi toda. Era mulher e duas filhas. Lá nasceu o meu filho, né? O meu...

TF - E sua mulher era médica também?

EC - Ela era médica, ela estagiou num outro setor da farmacologia. Eu com bolsa da Rockefeller, ela trabalhou no estágio... não foi com bolsa. Ela trabalhou mais assim como voluntária lá na farmacologia. Bom. A... à medida que eu fui trabalhando na Universidade de Yale, no Departamento de Farmacologia, eu me lembro que um dos

comentários que eu fiz foi o seguinte: “Engraçado, isso não me parece de jeito nenhum um laboratório de farmacologia. Não tem um quimógrafo!”. Não tinha um quimógrafo lá. Que era o... era o quimógrafo Palmer, que era o grande material, o grande equipamento de trabalho dos farmacólogos no início da década de 60, né? E eu não via também muitos animais de laboratório. Não tinha. Era todo trabalho bioquímico a nível de... e... tinha lá – eu brincava – era o Index Backman (inaudível), né? O famoso espectro Backman (inaudível) que eu costumava contar. Tinha lá 5 ou 6 grupos – era um departamento enorme – 5 ou 6 grupos, e eu dizia: “Olha, esse departamento aqui deve ser melhor porque tem 5.” Então era o Index Backman 5; aqui tem 4, é o Index Backman 2, né, ou 3 ou 4. A gente brincava com isso. E aí eu percebi. Olha, eu voltando pra Escola Paulista, eu vou ter dificuldade, né? Porque não é isso que tem lá, né? Aí eu comecei...

TF - Então tinha uma defasagem do Brasil em termos de equipamento...?

EC - Ah, mas não tem nem dúvida! Não tem nem dúvida! Isso de equipamento e conhecimento também.

TF - Mas isso era só aqui que o senhor sentia ou era... no geral? Nas universidades nacionais...?

EC - Ah, eu ainda... Eu vou dizer isso ainda hoje. Eu acho que existe ainda hoje em dia, né, a mesma defasagem, né? Eu tenho visitado de vez em quando, eles estão trabalhando lá com coisas que demoram pra chegar aqui. Quando nós temos aqui que é uma metodologia nova, o equipamento já ficou superado em um ou dois anos. Nós temos dificuldades. Nossa! Eu não tenho dúvida nenhuma! Tanto que eu lá comecei a falar: “o que eu vou pensar vai ser o seguinte, eu vou... procurar encontrar metodologia alternativa enquanto eu não consegui montar.” Porque a minha decisão era montar no Brasil um laboratório tão moderno quanto aquele que eu trabalhei nos Estados Unidos! Então eu comecei a aprender experiências comportamentais simples, precisava de um labirinto, que eu podia fazer de madeira... ah... um comportamento que eu podia medir por simples observação com um cronômetro... E comecei... no meu último ano e meio, eu comecei com muito afinco a ver essa literatura me preparando pra volta, né? E aí eu comecei a frequentar muito o Departamento de Psicologia do dr. Neel Müller, né? E comecei a conversar muito com o dr. Daniel Friedmann, que era da Farmacologia, mas trabalhava no Departamento de Psiquiatria também. Dizendo: “olha...” ele falava: “Carlini, é até mais fácil você trabalhar com doente mental no Brasil, é tão fácil trabalhar com doente mental no Brasil como nos Estados Unidos. Porque o doente mental existe aqui, existe lá. Os animais selecionados não existem no Brasil, existem, né, nos Estados Unidos. Então pra você, você tem que pensar nessa possibilidade, trabalhar... trabalhar com clínica, desde que você consiga um ambiente onde você tenha o mínimo controle do doente que está lá no hospital.”

Bom, eu voltei em 1964. Aí acontecem as coisas mais horríveis. Eu voltei no dia 28 de março, no dia 31 de março estourou o golpe militar, né? Bom, eu fiquei transtornado, porque eu sempre fui uma pessoa muito aberta, sempre falei. Achava que o papel da universidade era a crítica, era de crítica acima de tudo... E eu fiquei, e eu passei 4 anos – porque eu fiquei lá 4 anos e pouco até – num país onde a liberdade de expressão é absolutamente total, né? E eu então voltei pra cá e me senti profundamente mal, né? Junto a isto eu tinha um problema que eu voltei aqui na escola, e eu estava desde 1957 tentando conquistar a minha vaga de professor titular – e eu tinha méritos pra isso – (risos) não consegui de 57 a 60. Fui pro exterior batalhando pra vaga. Voltei aqui em 64, eu entrei

na lista, de repente, quando saiu a lista dos nomeados – porque ainda não era concurso, era nomeação que existia – um colega que tinha morrido há dois anos conseguiu a vaga e eu não consegui a vaga. Não sabem explicar o que é que foi que houve. Bom, aí eu fiquei muito chateado com isso, já estava trabalhando aqui já há um ano, um ano e pouco, depois da minha volta, né?

TF - Mas o senhor ficou trabalhando aqui como funcionário, já como professor?

EC - Eu estava trabalhando como assistente voluntário.

TF - Tá.

EC - Como assistente voluntário fiquei trabalhando aqui, né?

TF - Assistente voluntário, isso significa sem salário?

EC - Olha, eu... Sabe que eu tô tentando me lembrar de onde eu tinha salário? Eu... eu tinha um salário aqui complementar que eu não lembro de onde vinha, e eu não exerci nenhuma atividade não fora. Eu fiquei feito doido procurando...

TF - A Rockfeller não financiava a manutenção...?

EC - Eu acho que ela não financiou a minha volta. Eu me lembro que foi um período também difícil aqui. Eu arrumei uma casinha muito pequenininha aqui do lado pra morar.

TF - E por que o senhor voltou?

EC - Hein?

TF - Qual foi a sua opção de retorno?

EC - Olha, eu voltei porque eu não aguentava mais viver nos Estados Unidos, porque eu não aguentava ser cidadão de segunda classe. Porque eu era! Eu percebia claramente. Qualquer coisa que eu fizesse eu tinha que provar que eu era bom. Eu falava: “Que diabo, eu não tenho que provar, eles é que têm de dizer que eu não sou! Não tenho que estar provando isso aqui, eu tenho que entrar em igualdade de condições, quando chegar nessa igualdade de condições ou eu sou...”, né? “Aí eles vão ver, vão ver.” Aí eu tinha que o tempo todo provar. E eu achava a sociedade também um pouco agressiva demais pro meu gosto. Eu... eu... eh... Por exemplo, o relacionamento social também era um relacionamento social muito mais frio que entre nós. E eu vivi bastante lá porque vivi quatro anos com filhos que iam ao colégio, frequentava a Associação de Pais e Mestres etc. e tal. E também uma outra coisa, eu sempre fui uma pessoa mais de esquerda e eu odiava, por exemplo, o que estava acontecendo com Cuba, né? E... naquela época houve a invasão da Baía dos Porcos e depois houve o problema lá sério de crise dos foguetes, eu achei aquilo uma indecência que aconteceu. Pô, por que a União Soviética não pode colocar foguetes próximos dos Estados Unidos se a Rússia toda, a União Soviética, cercada por... por... ogivas americanas, né? E eu fiquei apavorado, porque ia haver guerra! Não havia dúvida nenhuma, aquele maluco do Kennedy ia fazer guerra, né! Tanto que a gente estava lá e: “Carlini, fuja para o Canadá! Você não tem nada...” – o professor me disse – “Fuja para o Canadá. Pega a sua família e vai!” Aí eu fui no rádio, comecei a

ver as primeiras 24 horas. Vou, não vou?! Bom, aí começou a ver, começou a ver que as estradas começavam a ficar superlotadas, né? E chegaram a dizer: “Olha, se por acaso...” – eu estava na New England – “Ninguém vai andar, vai ficar só fileiras de carros o tempo todo.” Então, eu me vi assim, encalacrado lá.

A outra coisa que me deixou com susto também foi, anteriormente, antes dessa crise, na guerra fria, era o que o governo fazia na sua propaganda. Você estava assistindo um programinha de televisão com a sua filha e tal, de repente saía a imagem, aparecia o mapa dos Estados Unidos e bomba caindo em cima dos Estados Unidos explodindo tudo. Aí entrava uma voz muito (inaudível): “Até agora os Estados Unidos foi um país que estava a salvo de um ataque de uma potência. Isso não ocorre mais, estamos em perigo. No caso de um ataque atômico você siga as seguintes instruções: mantenha sempre na sua casa dois ou três reservatórios de água com água potável, nunca deixe o tanque de gasolina do carro com menos da metade de gasolina e siga as rotas de evacuação civil a esse som. E aparecia o som de uma sirene.” Ora, isso não dá uma vida tranquila, né? Normalmente não dá. Bom, (risos) e com esse problema então que aconteceu, que foi a iminência de uma guerra, eu falei: “meu Deus, não é possível viver aqui!” Quer dizer, não dá mesmo pra viver. E eu tinha uma saudade doida desse país! (risos) Apesar de... eu... você imagina você começar a sonhar com feijoada? Eu sonhava com feijoada, meu Deus do Céu! Eu tentei arrumar feijão preto lá, eu consegui lentilha! Tentei fazer uma feijoada de lentilha, você vê? Caipirinha pra mim era uma coisa do outro mundo, né! Essas coisas todas são extremamente importantes aqui no Brasil, né, então eu voltei pra cá. (risos) Mas a história, essa revolução, a Escola Paulista me dá emprego, eu falei: “Ah, eu não vou ficar aqui na Escola.” Aí eu fui pra Seção de Fisiologia Animal no Instituto Biológico. Saí daqui. Fui pra Seção de Fisiologia Animal no Instituto Biológico na vaga da fisiologia animal que era o dr. Galvão, o grande endocrinologista que o Brasil teve, né? Fiquei lá um ano e pouco. Não me dei bem também. Ensinar pra mim é muito importante, mas aqui nesse meio tempo aqui na escola e na... e na... e no biológico, eu comecei, voltei a trabalhar em psicofarmacologia com uma planta que era a maconha, tive vários trabalhos publicados com maconha em revistas internacionais, não conseguia ainda, não conseguia ainda decidir com que outra planta eu conseguia trabalhar, mas eu queria trabalhar. Aí eu fiquei um ano e meio no Instituto Biológico. Aí abriu-se a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa, né?

TF - Só um instantinho. Quando o senhor estava nos Estados Unidos o senhor dava aula também?

EC - ...É... cheguei...

TF - Ou só fazia pesquisa?

EC - Não. Eu só fazia pesquisa e o que eu cheguei a dar aula, porque eu descobri uma coisa incrível lá, e como eu fiquei pouco tempo na farmacologia, como eles não tinham nenhuma técnica experimental biológica, um músculo isolado, um (inaudível) isolado, um coração isolado... e eu conhecia isso muito bem – porque eu fui muito bem treinado pelo Ribeiro do Valle e Leal do Prado – eu cheguei lá e em pouco tempo eu comecei a ser utilizado pra uma série de pesquisas que seriam importantes ter. Por exemplo: testar uma droga nova num músculo isolado de cobaia, num útero isolado de rato, esse tipo de coisa, numa pressão arterial de rato. E aí havia um curso prático de farmacologia para os pós-graduandos que estavam lá fazendo mestrado e doutorado em farmacologia, aonde eu auxiliava muito. Era praticamente, o curso tinha uma montagem que eu ajudava a

fazer. Então esse foi o único trabalho que eu tive de ensino. Eu participava dos seminários e discutia junto... eu apresentei não sei quantos seminários pro grupo, né? Mas como parte da minha formação lá. Quando eu estava pra sair e eu estava lutando pra ter a minha vaga na Escola Paulista de Medicina, o professor Arnold – Arnold, não era Richard – Arnold Welch que era o chairman da farmacologia junto com o professor Peter Green, me ofereceram a oportunidade porque eu fiz um mestrado lá. Me ofereceram a oportunidade pra eu continuar pro doutorado. PHD. Pro PHD. Falou: “Oh, você fica aqui, nós te arrumamos bolsa e tudo, você continua aqui e aí você se encaixa aqui nos Estados Unidos.” E eu não quis, eu quis voltar por causa daquele problema, desse problema que eu falei pra você. Bom, e aqui continuei trabalhando então nessa parte. Fiz vários trabalhos. Alguns trabalhos ficaram quase que clássicos em... na psicofarmacologia. A... por exemplo, o trabalho que eu fiz mostrando que a maconha melhora a aprendizagem de ratos no campo, no labirinto, foi citado dezenas e dezenas de vezes na literatura científica internacional, coisa que eh... citações, por exemplo, são raras, né? São raras. Bom. Aí passado um ano e meio, essa falta de... de... estímulo, de ensino, que eu sempre achei muito gostoso dar aula, abriu a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa. E isso foi logo em 60... foi em 64... Olha, eu trabalhei... eu cheguei a trabalhar eu acho que 4 ou 5 meses isoladamente lá no Instituto Biológico deixando a escola. E em 64 foi fundada a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa, e eu fui... me convidaram pra ser o professor de farmacologia lá. E eu aceitei. Em 65 eu comecei então a montar o curso de farmacologia lá, que foi uma experiência muito gratificante da minha vida, tá? Eu... Nossa! Foi uma escola nova, cheia de energia, cheia de entusiasmo, os alunos querendo fazer a coisa bem, eu querendo mostrar que podia ser feito. Eu montei um curso de farmacologia totalmente sem equipamento, porque a Santa Casa não tinha nada e não dá pra importar, conseguir a verba pra importar tudo, né? Mas eu não consegui, eu falei: bom, então eu vou improvisar o curso. Então eu fiz um curso onde eu substituí tudo. E eu dei um curso que foi excelente de farmacologia. Eu escrevi um livro: “Farmacologia prática sem aparelhagem”. Onde eu testava pra eles todas as aulas que eu fiz com quimógrafo, não sei quê... eu fazia com improvisações. E isso funcionou muito bem. Como os cursos práticos de farmacologia decaíram, entraram em desuso, né, é... os cursos na década de 64, 65, 66 eram muito mais intensos, depois o governo militar acabou diminuindo cada vez mais o acesso à tecnologia, bolsas, bolsas de estudo... Enfim, eu acho que foi assim o curso de farmacologia caiu. A parte prática está muito menos intensa do que em outros setores.

TF - E como é que o senhor viu, voltando aí pra 64, quer dizer assim que o senhor chegou, em seguida veio a Revolução.

EC - Certo.

TF - O senhor estava frustrado lá com as ameaças e aqui o senhor vivia com outro tipo de ameaça. Como é que o senhor se sentiu, esse brasileiro retornando pro Brasil, numa época...

EC - Ah, eu me senti muito mal. Me senti muito mal... E teve cenas lamentáveis, mas muito lamentáveis. Por exemplo, a... logo depois de 69, aquele incidente na Universidade de Brasília, né? Quando um grande número de professores foi afastado de lá. E tinha um professor de bioquímica que era conhecido do Leal do Prado, que era do Rio de Janeiro, o rapaz. Eu não o conhecia. Mas... e ele foi pedir emprego. E ele tinha sido um dos caras que tinha sido apontado como perturbador da ordem, né? (risos) E eu então, conversei

com o dr. Leal do Prado, falei: “Oh, dr. Leal, o senhor conhece?” Ele: “Não, ele é muito bom bioquímico.” Aí eu: é isso que eu quero, né? Aí eu fui pro meu diretor, falei: “Dr. (inaudível)...” – dr. (inaudível) era um cirurgião. Um homem também de boa, de ótima visão. Dr. Emílio (inaudível), né? – tem aqui o dr. – não vou citar o nome, ele está aposentado e tal – mas tem o dr. ‘x’, que tem esse problema, estava lá em Brasília e saiu de Brasília, está entre o grupo que foi afastado por...entre aspas, atividades subversivas no meio universitário e eu quero contratá-lo. “Não tem professor de bioquímica e é importante.” O dr. Emílio falou: “Você tem certeza?” falei: “Tenho.” E contratei. Olha, foi uma coisa horrorosa! Quer dizer, depois disso o diretor chegava pra mim e dizia: “Carlini, teve aqui o pessoal do OBAN, indagando sobre o... dr. “x”, sabendo que ele é comunista segundo a visão lá, então também você deve ser.” No outro dia vem não sei quem, não era o OBAN, era o DOI-CODI que chegava lá. Então por duas ou três vezes eu soube desses interrogatórios feitos ao diretor, mas não chegavam a mim. Uma guerra psicológica medonha. Aí um belo dia eu botei o melhor terno que eu tinha, cheguei e fui direto lá no DOI-CODI. Fui lá, entrei, procurei o delegado, foi interessante porque aí você ver... que comandar esse tipo de coisa é... Ah doutor, o senhor chega e diz pra mim o que é que está havendo. Porque não dá pra ser assim, né? Ele disse: “Mas o que é que foi?” Eu falei: “Olha, foi isso.”, “Mas isso está sendo feito à minha revelia. Pelo menos eu, que sou o delegado geral do DOI-CODI não estou sabendo de nada disso,” né? Aí eu falei: “Mas então, por favor, veja o que tem aí. Vamos conversar francamente,” né? Aí ele chegou lá e disse: “Não, eu sei o que é que foi que houve. O senhor foi denunciado por um aluno. Agora, qual foi o problema?” A denúncia... Porque a Santa Casa teve uma participação muito intensa no Movimento Revolucionário, vários alunos morreram. E houve uma guerra entre o Mackenzie que era totalmente de direita na Santa Casa, uma guerra mesmo, na Maria Antônia... houve um dia que os alunos da Universidade de São Paulo que tavam... – Você conhece a Maria Antônia aqui?

TF - Não.

EC - Olha, tem aqui de um lado, a Maria Antônia. Do lado da Maria Antônia estava a Universidade de São Paulo, e do outro lado estava o Mackenzie e o prédio da Mackenzie é mais alto. Houve uma guerra! Porque o pessoal do Mackenzie, jogava bomba molotov, dava tiro! E o pessoal da Escola Paulista foi lá. Da Escola Paulista, da Santa Casa. Inclusive alunos da Santa Casa foram ajudar os feridos. Olha, nós recebemos não sei quantos alunos queimados com ácido, não sei mais o quê, coisa e tal. Tem um dos nossos alunos que era tremendamente forte, que eu soube depois, que ele faz um estilingue pra jogar, você imagine um estilingue pra jogar, dar o troco, né? Era uma câmara de ar que ele pregou nas duas portas, uma força descomunal. E puxava essa câmara de ar, botava uma bomba molotov, jogava pra lá.

Quer dizer as coisas todas essas aconteceram e eu estava ali no meio. E numa das aulas é... eu estava dando uma aula... foi a única coisa... eu sempre tive muito cuidado, eu nunca fiz proselitismo político, embora fosse mais de esquerda do que qualquer outra coisa durante a classe. Achava que eu não devia usar meu cargo público, mas eu fiz uma... uma... um comentário – que foi isso que foi levado lá – o comentário foi o seguinte, que eu estava comentando alguma coisa de algumas drogas que abolem sono paradoxal, não sei que e tal, e eu comentei sobre o sono paradoxal, citei um relaxamento muscular e que uma das técnicas de prisão na tortura é você prender o indivíduo em algemas, alto... esse indivíduo, não faz nada com o indivíduo, mas quando ele entra em sono paradoxal ele cai, – porque é um relaxamento total, né? – então ele vai ferindo lentamente os pulsos então era insuportável, o indivíduo não aguenta muito tempo sem o sono paradoxal. Eu



contei isso e falei: “Ó, por favor não passem isso daqui pra fora porque vocês sabem que a nossa polícia, o nosso exército, tem uma maneira muito eficiente de torturar os prisioneiros, não precisa de mais uma técnica de tortura.” Falei assim mesmo. Bom, foi essa a denúncia que chegou lá. A outra denúncia foi que eu estava controlando, foi um aluno que veio me perguntar que ele – não sei se foi esse que fez a denúncia – que ele recebeu a incumbência, não sei se controlar o depósito de éter, acetona... de inflamáveis, de ácido, dentro do Departamento de Bioquímica. Eu saí correndo com o rapaz, disse: “aqui ninguém rouba nada, não tem nenhum movimento subversivo aqui dentro,” essa coisa toda... Então recebi essa denúncia. Então não foi fácil!

TF - Tinha alunos infiltrados, pseudônimos?

EC - Tinha! Tinha muitos infiltrados, tinha professores infiltrados. Teve um professor... (risos) – Eu vou contar uma coisa aqui, eu faço questão de contar – um professor que estava lá que era o... ele foi contratado pra ser o chefe da Comunicação, né? Então quem dava estudo dos problemas brasileiros e começou a esparramar na Faculdade da Santa Casa que eu era... que eu era comunista, né? E eu nunca pertenci ao Partido Comunista, nunca fui, né? Bom, e então, eu cheguei um dia – eu sabia o que ele estava tentando fazer – cheguei pra ele: “Olha aqui, vem cá. Você está dizendo que eu sou comunista não sei quê, eu sei que você está dizendo. Você não negue isso que não adianta.” Ele: “É, mas porque você é mesmo!” Aí eu: “É, pois você acha que eu sou, mas não sou. E eu vou começar” – e eu tenho muita facilidade aqui dentro – “eu vou começar a dizer que você é homossexual. Você gosta desse apelido?” “Não! Não pode me dar esse apelido...!” “Não, porque eu vou falar. Eu sei que você é um cara retrógrado, não aceita coisa nenhuma. Eu vou esparramar pela faculdade inteira que você é homossexual e quis me cantar. E quem é que vai duvidar da sua palavra ou da minha palavra? Como é que vai ser?” Eu cheguei a fazer alguns argumentos desta ordem, mas desta ordem, pra... E teve detalhes mais, um dia, num domingo, essa minha filha mais velha que é professora hoje, de bioquímica, é titular (inaudível) não está aqui. Os filhos dela estão aqui. Esses meninos lá. Ela tinha uns 15, 14 anos, por aí, e eu saí com a minha mulher num domingo, foi à tarde, fomos ao cinema, ela ficou em casa. Quando eu voltei, ela estava apavorada! “Pai, veio aqui uma perua enorme, desceram dois homens armados. Perguntaram se o senhor estava, eu disse que não. Aí começaram a perguntar se o senhor era comunista, que estavam sabendo que o senhor tinha ido pra alguma reunião...”. Pra uma menina de 14 anos, né? “Queriam que eu dissesse de cor o número de sua carteira de identidade...”. Apavorada! É guerra psicológica mesmo. Então, na realidade, foi um pavor pra mim viver esse tempo todo aqui. E quando eu vim pra... até 70, né, 70 eu vim pra cá. – Eu estou comentando um pouco da minha vivência política – 70 eu vim pra cá, finalmente a escola abriu concurso. E eu prestei concurso para professor adjunto aqui, fui aprovado em concurso público. É... (interrupção da gravação)

## Fita 2 - Lado A

TF - Entrevista com o professor Carlini, fita número 2, 16 de abril de 1999. Por favor.

EC - Tá, perfeito. Bom, então eu estava dizendo... o Setor de Psicofarmacologia evoluiu para a disciplina e logo em seguida um departamento independente: Departamento de Psicobiologia. E aqui na escola, durante o tempo que eu fiquei aqui, eu nunca deixei de

ser um crítico absolutamente feroz da revolução. Eu sempre criticava nas congregações, nos lugares onde eu podia falar, eu nunca tentei mobilizar aluno, né? Achava que não devia pela posição. Como a minha posição era conhecida perante todos os alunos, eu então... eu cheguei a um tempo, por exemplo, que na realidade eu sentia claramente quando eu sentava lá na congregação, havia sim uma nítida dificuldade de várias pessoas sentarem perto de mim. Eu cheguei a sentir um certo isolaci... isolacionismo, quando eu participava das reuniões da congregação. Isso existia, né! Quer dizer... Bom. É... eu... Eu pela primeira vez resolvi me filiar a um partido político. Eu falei: “eu quero participar como cidadão.” Então entrei no PT [Partido dos Trabalhadores], fui um dos fundadores do PT, no sentido em que fui eu que consegui fazer funcionar o Distrito do Ibirapuera, Ibirapuera, fui eleito lá do diretório do Ibirapuera, fui presidente pela primeira, pela segunda vez... Tive que, aí eu fiz coisas que eu faria como cidadão: eu botava barraquinha na rua tentando arrumar filiado pro PT, eu fiz inúmeras vezes as ruas amarelas. Eu subia escada, pregava coisa na parede... Só não pichava, eu fazia chão de estrelas. Quer dizer, eu pichava, por exemplo... o PT era chamado... Porque isso aqui se fez muito em São Paulo. E fazia questão de fazer isso junto com o pessoal. Eu dizia: “Olha, eu não vim aqui porque, eu professor, eu não vim aqui porque eu sou mais velho – porque tinha muito jovem – eu vim aqui porque eu sou brasileiro.” E aí nós nos distinguíamos uns dos outros. Durante dois anos eu fiz alfabetização noturna de operários, empregadas domésticas no bairro. Uma coisa que eu me lembro, fantástica! Eu moro num bairro de classe média... média pra média alta, né? E eu descobri, quer dizer, que no Distrito de Ibirapuera aqui, tem mais de 40 mil... empregadas domésticas. Que são cidadãs, quase nenhuma tem carteira – pelo menos na época em que eu fiz, na década de 70 – não tinham carteira de identidade assim... não tinham carteira de... de trabalho, trabalhavam feito escravas das 7 da manhã às 7 da noite, às vezes até às 9 da noite. E eu começava a alfabetizar, as patroas descobriam, proibiam de ir ou então passavam a exigir que funcionasse até às 8 horas da noite ou 9 horas. Aí eu comecei a dar o curso das 9 às 11, aí chegavam as coitadas dormindo... Como o curso usava o método do Paulo Freire, inúmeras patroas disseram: “Não vá porque isso é coisa de comunista,” quando as empregadas começavam a contar... Enfim, tinha essa participação muito grande, assim muito ativa mesmo, todo movimento que houve é... como parte da minha cidadania, exercício da minha cidadania, né, pra ver. Bom. Nunca me candidatei a nada. Atualmente estou mais afastado por falta de tempo. Ainda, embora às vezes eu deteste muito, o que eu falo... os adolescentes... os caras de 40, 50 anos pra adolescência (inaudível) que de repente parece que 40 anos, 50 anos estão num banco escolar de novo, eu acho que tem uma postura de esquerda que é muito mais é... lucrativa do ponto de vista, do que você pensa da sua ideologia, do que simplesmente começar num blá blá blá terrível. Por exemplo, o que eu sofri da esquerda na Vigilância Sanitária foi inenarrável, inenarrável. E não foi a direita! É uma coisa de doido, né? Fui lá com uma intenção e... Mas foi um horror! Eu fui...

TF - O senhor continua petista.

EC - Ah, eu continuo petista. Continuo. Sem sombra de dúvida eu continuo! Quer dizer, eu acho que há erros... enfim, eu achei que, por exemplo, permitir que o Fernando Henrique ganhasse as eleições pra mim foi um absurdo, né? Eu fui frontalmente contra, desde o começo, achando que deveria haver uma coalizão maior e não houve possibilidade, né, de haver essa coalizão. E sempre achei que deveria haver uma possibilidade melhor de acordo. Agora, eu acho que no legislativo o PT é imbatível, né? Quer dizer, nessa parte da... não só da frequência, da honestidade, da demonstração de

espírito cívico... Inclusive, de um modo geral, de todo o PT, tanto no municipal, estadual como no federal, é um exemplo pro país, né? Sem sombra de dúvida, eu tenho essa visão muito clara, né, a respeito do PT. Bom, ah... eu parei na parte da política não tem mais nada, né? (risos)

TF - Depois a gente retoma ela...

EC - É.

TF - Mas aí nós estávamos na Escola Paulista quando o senhor veio pra cá.

EC - É, vim pra cá.

TF - Aí o senhor saiu da Santa Casa.

EC - Saí da Santa Casa, né? Por que é que eu saí da Santa Casa? Eu saí da Santa Casa pelo seguinte: porque a Santa Casa entrou em dificuldades econômicas, né? As Santas Casas de um modo geral. Havia um projeto de construir um grande hospital e uma faculdade moderníssima num terreno enorme que a Santa Casa tem numa das próximas... numa das marginais aqui, não sei se é do Tietê ou a marginal do rio Pinheiros, mas ela entrou numa dificuldade muito grande... e simplesmente resolveram que tinham de acabar com a pesquisa. Aí eu fui falar: “Mas gente, eu vim pra cá pra criar um departamento de pesquisas, ciências fisiológicas...” Começamos a publicar bem lá e tudo.... Tinha a genética também começou com esse projeto de pesquisa. Tinha o William Bessat que tinha o rapaz que está no Rio Grande do Sul, agora eu não me lembro o nome, também era um bom pesquisador... Nós estávamos começando: “Agora vocês resolveram acabar com a pesquisa!” “Não dá, não dá... é muito cara. Vamos acabar, não sei quê...” Eu falei: “Mas escuta a pesquisa aqui, a gente está financiando com a FAPESP [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo], o conselho...!”, “Não, mas o salário de vocês, não tem jeito e tal...” Aí ele falou: “Olha, no seu caso, nós queremos – queriam botar vários professores que eram pesquisadores pra fora – queremos que você fique porque você é um bom didata, né? E você ganha até mais do que você está ganhando é só dar tantas aulas.” Eu disse: “Isso nunca, de modo algum!” né? Aí eu soube dessa vaga aqui e vim aqui, prestei o concurso e passei, me instalei aqui. Eu me instalei aqui – tanto é que eu deixei claro que eu me instalei lá na farmacologia – eu falei: “Olha, eu não vim aqui ficar num setor da farmacologia. Eu quero criar um departamento, eu quero criar uma entidade e fazer pesquisa básica e ligar à pesquisa clínica.” Aí virou esse departamento. Eu fui lutando, lutando, lutando... Eu tinha um quarto do quarto andar do edifício de Ciências Biológicas, no fim do ano, um ano e meio, eu já estava com o andar inteiro...

TF - Isso já era em que ano, professor? Me desculpe interromper.

EC - Hein? Olha, isso foi a partir de 70. 70, 71. Tá?

TF - Tá.

EC - Aí eu... eu... é... resolvi fundar uma entidade pra angariar fundos, falei: “não vai dar pra fazer no meu...” Era o meu projeto de vida, não vai dar, né? Aí, por exemplo, esse prédio que nós temos agora aqui, tem 500 metros quadrados e são 4 andares, né? Isso foi

construído às custas exclusivas do nosso esforço! Eu principalmente, que fundei a tal da Associação de Fundos e Incentivo à Psicofarmacologia [AFIP] e mais uns colegas que estavam trabalhando comigo. Então nós formávamos um grupo que todo o dinheiro que nós conseguíamos... Por exemplo, durante um certo tempo, a Fundação Banco do Brasil e a CEME [Central de Medicamentos] que financiavam projetos de pesquisa é... permitiam que a gente colocasse incentivo a pesquisa, que era o nosso, era 20% do nosso salário. Todos nós... entravam os projetos e doávamos integralmente esses 20%, nós tínhamos dedicação exclusiva e... nosso... nosso é... esses 20% para o *pool*, né? E fomos construindo pouco a pouco. Compramos... aqui era uma série de casinhas, derrubamos e construímos esse prédio aqui.

TF - Então ela continua ainda, durante um tempo, como uma instituição filantrópica, com essa característica...

EC - Ela continua até hoje. Essa AFIP [Associação Fundo Incentivo à Psicofarmacologia] é que sustenta praticamente tudo agora.

TF - Mas ela não é federal?

EC - A Universidade Federal de São Paulo. E tem uma fundação como a Universidade Federal do Rio de Janeiro tem a Fundação José Bonifácio...

TF - Não. Sei, sim... sim...

EC - ...O Hospital São Paulo é sustentado pela fundação SPDM... A funda... funda não sei quê... Fundaminas é a fundação...

TF - Sim. É uma associação de amigos, digamos assim.

EC - É uma instituição, chama de fundação mesmo, né? É mais assim que é mais filantrópica, sem fins lucrativos. E... ampliou muito a atividade, é enorme. Ela dirigida pelo dr. Sérgio Tofick, foi meu aluno, da Santa Casa, meu orientando de doutoramento e que tem um espírito, é um cientista brilhante, mas tem um espírito assim muito afinado sob o ponto de vista de impedimentos... Então abriu aqui várias, vários laboratórios que trabalham pro governo. Por exemplo: o SUS [Sistema Único de Saúde]. Trabalham pro SUS, tá? Mas como é muito bem, muito moderno, muito bem organizado, quer dizer, mesmo o pouco que o SUS pague, consegue não só contratar pessoas, como até ajudar na pós-graduação, na parte básica de pesquisa. Vários projetos feitos com indústrias farmacêuticas também que querem pesquisar determinadas coisas que nós pesquisamos. Então, nós temos essa fonte de renda que permite a gente continuar muito ativamente. Esse prédio foi doado à Universidade Federal de São Paulo com usufruto nosso por 99 anos, tem lá no projeto feito esse pedido. Então pro prédio não ficar uma coisa particular é da universidade com uso-fruto nosso. Quer dizer, só falta a universidade agora operacionalizar essa coisa...

TF - Mas de qualquer forma vocês são funcionários da Escola Paulista de Medicina, né?

EC - Ah, eu sou professor de lá da Escola Paulista de Medicina, né?

TF - E outros funcionários são ligados a alguma parte da fundação?

EC - Bom, aí os professores daqui que são mais novos, que isso está paralisado e morte há mais de 10, 12 anos, que não aumenta de jeito nenhum porque a Escola Paulista tá... praticamente não há vaga, não há nada pra ver. Então nós temos um corpo aqui que é da Universidade Federal de São Paulo e o restante ou é da FTDN que é a Fundação que sustenta o Hospital de São Paulo, que são poucos e a grande massa é do... através dessa AFIP. Por exemplo, eu tenho um corpo que trabalha comigo, né? Que é o CEBRID, né, Centro Brasileiro de Informação de Drogas Psicotrópicas e o grupo de plantas. Nós somos em cerca de 13, 14 pessoas. Eu tenho todo mês que arrumar salário pra esse pessoal todo. Pago através da AFIP. Se eu não tenho todo santo mês verba que chega de 40, 50 mil reais pra esses pagamentos todos, eu não consigo de jeito nenhum...

TF - O que é AFIP?

EC - AFIP: Associação Fundo Incentivo a Psicofarmacologia. E você vê que, por exemplo, o CEBRID que não tem entidade é um centro como tem centros, ou serviços ou institutos nas universidades etc.

TF - Centro de estudos.

EC - É o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, né? Que faz parte da... eu acho, do papel meu de pesquisador pra fornecer... pra fornecer... dados à população brasileira sobre drogas psicotrópicas. Depois eu mostro pra você algumas das coisas que a gente faz aqui. Bom. Voltando aqui à Escola Paulista de Pesquisa, então eu comecei a pesquisar intensivamente aqui no campo da psicofarmacologia, tive um trabalho muito grande com a maconha, eu tive também a satisfação de ver um dos trabalhos nossos publicados em 73, por um ex-aluno meu que é professor titular hoje, e comigo fez um trabalho sobre canabidiol. É um dos mais citados naquilo... o A.S.I... tem o (inaudível)... aquelas listas de trabalhos mais publicados, mais citados no mundo... É, entre cerca de 20 mil trabalhos do Terceiro Mundo no ano de 73, o meu está entre os 50 primeiros mais citados mundialmente, o que pra nós é uma satisfação muito grande, né? É... Voltei... comecei a trabalhar também numa área que me interessou e eu estava um dia... e eu comecei a trabalhar com drogas que pudessem ter alguma coisa a ver com agressividade. E esse meu interesse originou-se pelo fato de eu trabalhar cronicamente com maconha, administrando cronicamente a maconha em animais... em jejum parcial, a maconha desenvolvia uma agressividade muito grande nos animais. Então eu fiquei muito interessado nesse tipo de efeito, né, um efeito pouco comum e eu comecei a estudar mais esse efeito até que eu vi e esse, eu acho que é um dos meus defeitos ou qualidades de ser um pesquisador, eu vi numa revista de psiquiatria um trabalho feito por um grupo de psiquiatras nos Estados Unidos, tinha a imagem de dois ratos brigando. E era exatamente a descrição da briga que eu obtinha com maconha! Aí eu falei que esse defeito, com exceção agora, depois que eu voltei de Brasília, que me tumultuou a vida, eu nunca deixei de ir diariamente à biblioteca! Eu acho isso uma coisa fundamental pra quem quer fazer pesquisa e eu procuro transmitir doidamente isso pros meus estudantes, né? E sempre... eu chegava aqui, e sempre eu chegava cedo, a hora que em geral eu costumei chegar cedo, eu ia na biblioteca, passava diariamente, religiosamente, pelo menos uma hora. Pra ver a bibliografia de um modo geral. Eu falava, eu ciscava a literatura como uma galinha começa a ciscar o chão pra ver se descobre uma minhoca. (risos) Eu procurava uma minhoca qualquer. Essa foi uma minhoca que eu descobri. Porque eu estava folheando um livro de psiquiatria, uma revista de psiquiatria, de repente

eu li um artigo: “Agressividade”, abri e vi a foto, né? E os autores produziram a agressividade fazendo o seguinte: tirando o sono paradoxal dos animais e injetando anfetamina. Eu falei: “Engraçado, aqui eu injeto maconha e eu promovo um outro estresse. Eu deixo o animal em jejum crônico. Aqui eu privo de sono. Eu vou tentar misturar as coisas.” Aí eu tentei privar os animais de sono paradoxal e injetar maconha, e deu também agressividade. A partir daí fiquei interessado em sono paradoxal. Bom, e aí eu comecei a trabalhar...

TF - Me explica o que é sono paradoxal.

EC - Sono paradoxal e agressividade. Sono paradoxal é o seguinte: se eu durmo, eu tenho no mínimo duas fases bem claras no sono. Eu tenho uma fase em que o eletro é um eletro de ondas lentas, né? E que eu mantenho um certo tônus muscular. É o chamado sono normal, sono de ondas lentas. De repente eu entro no sono, estou no sono e o meu eletro fica como se fosse um eletro agitado de estar acordado. Então é um paradoxo: eu durmo, mas o eletro é de acordado. Então por isso chama-se sono paradoxal, tá certo? Agora, simultaneamente, com olho fechado, se você olhar uma pessoa em sono REM, você percebe – não sei se você vai ver – os olhos se movimentando como se fosse um jogo, você acompanhando um jogo de tênis por exemplo, né? Isso então são... movimentos rápidos dos olhos. Então se caracterizam porque são as duas coisas: a atividade do eletro de vigília e... então chama-se o ‘REM’: *Rap Eye Moviment*, REM *sleeping* também, né? E há relaxamento, atonia muscular total. É um sono realmente muito curioso, né, pra ver.

TF - Isso é normal, né?

EC - Isso é normal. Todos nós temos. Inclusive se você privar uma pessoa de sono paradoxal, ela começa a ter problemas mentais, né? Depois de dois, três dias de privação já começa a ter alucinações e tal. Então é algo muito importante. E eu comecei a pensar que drogas atuavam nisso. Então eu comecei a trabalhar nesse aspecto também. Eu tive então também uma produção muito grande nessa área e gerou aqui uma linha de pesquisa muito profícua que é liderada pelo Sérgio Tuffik, que foi o meu primeiro orientando nessa área e fez a tese em doutor. A ponto tal que o melhor... acho que de um dos melhores centros de sono pra diagnóstico clínico por (inaudível) do país, senão for o melhor, um dos melhores do mundo, está aqui! No nosso andar, aqui em cima desse prédio, né?

E criou-se também um laboratório do sono pra atender pacientes do SUS, né, aqui do lado, com 25 apartamentos que toda noite fica lotado, tem uma fila imensa. Distúrbios do sono, apneia... que geralmente esses pacientes nossos ligados ao SUS, não tinham onde fazer diagnóstico, agora fazem diagnóstico aqui direitinho. Durante, olha, durante cerca de 2 anos a AFIP manteve isso de graça, totalmente de graça, porque o SUS não pagava esse exame. Também porque é muito caro, né? Agora o SUS passou a pagar. E nós sempre tivemos uma fila imensa pra fazer isso, né? Fila realmente muito grande, mas tem utilidade isso. Bom. Quando é que entra finalmente, eu retorno às plantas medicinais? Então eu vou tentar fazer um apanhado pra você. Na Santa Casa eu tive a primeira oportunidade, tá, de trabalhar com plantas medicinais. E não foi na minha área, (risos) eu queria trabalhar em psicofarmacologia e plantas medicinais... O que aconteceu foi o seguinte: essa minha... meu ouvido aberto pra coisas que você houve, eu fui pra uma cidade... fui pra Ribeirão Preto, tinha lá um tio meu que era um viajante e eu estava com azia. Ele falou: “ô, você está com azia? Vem cá.” E foi no quintal dele, tinha lá uma plantinha que tinha umas folhas bem robustas ... bem grossas, né? Não. O famoso

bálsamo, né? Eu tenho até as fotos aí. Ele falou: “Experimenta isso daí. Isso aqui é tiro e queda pra azia.” Eu peguei, experimentei... a primeira coisa: “Delicioso, viu?” Um gostinho um pouco acre, um pouco limão e como ela é grossa, você mastiga mesmo, né? E de fácil, muito fácil cultivo, né? Eu falei: “Que diabos! Eu vou experimentar isso! É tão fácil de experimentar...” E aí levei pra Santa Casa. Levei pra Santa Casa e... plantei num jardinzinho ali. Plantei num jardinzinho... uma pegou fácil, uma semana depois um técnico me perguntou: “Doutor, o senhor me deixa tirar umas folhinhas? Eu estou com dor de barriga, estou com dor de estômago, né?” Ele conhecia, né? O técnico veio do interior. E alguns tempos depois (risos) me cortaram, levaram embora a planta inteira. Isso me deu certeza de que a coisa... Aí eu consegui plantar isso no Jardim Botânico, uma quantidade grande, acho que tem até hoje a plantação no Jardim Botânico, e fiz umas experiências e mostrei que tinha algum efeito anti-úlceras. Úlcera experimental produzida em rato. Isso gerou uma linha de pesquisa... eu vou pegar esse detalhe, eu fiz o trabalho lá na Santa Casa, depois eu vim pra cá, procurei trabalhar com outras plantas... e aí por curiosidade, eu entrei numa outra planta que eu quis entrar também na minha parte de psicofarmacologia, mas que não deu, aí eu acabei caindo na parte de estômago também. O que é que aconteceu? Eu recebi pra cá – era um período muito áureo da minha atividade aqui, na década de, até 70... até fins de 80... foi durante quase uns 20 anos – eu recebi, recebia vários bolsistas do exterior. Teve gente, professor americano que queria fazer um (inaudível) aqui... Tive dois, três na realidade... Tive bolsistas da Grécia, da Alemanha, da Suíça, que sabiam do trabalho e vinham aqui, queriam aprender. E eu tive um bolsista da Suíça, que veio fazer doutoramento comigo. E ele perguntou se eu trabalharia com uma planta que é a *cataedulis*. A *cataedulis* é uma planta que não ocorre no Brasil, é uma celastrácia. Ocorre no norte da África, no Oriente Médio, é uma planta estimulante. E eu queria trabalhar com planta, em primeiro lugar, planta psicoativa, né, e em segundo lugar eu estava querendo trabalhar com planta estimulante, porque eu já tinha vários trabalhos com outras plantas nessa época, e que parava porque a planta deprimia muito ao invés de estimular, né? Então o que é que eu fiz? Eu falei: “vem, vem pra cá...” Ele me trouxe então a planta e trouxe os dois princípios ativos já isolados lá na Suíça, da planta. Eles não tinham a parte farmacológica, veio fazer aqui a tese de doutoramento dele.

Aí eu comecei a trabalhar com essa *cataedulis*. Eu falei pra ele: “Mas eu não quero trabalhar com uma planta africana... a mais rica flora do mundo. Vamos procurar uma planta que seja estimulante e quem sabe vamos – um chute, né, pode não ter nada ver – vamos procurar a nossa atenção em celastrácia, que é a família da outra,” dado que não existia o gênero *Cata*, o gênero *Cata* aqui no Brasil. E aí nós descobrimos uma planta, procurando num livro de botânica, tinha uma planta que já era usada como um chá reconfortante. A famosa espinheira santa. Eu falei: “Ah, chá reconfortante deve deixar a pessoa mais animada. Eu acho que na cultura popular, reconfortar e animar, estimular, vamos tentar usar isso como chá, ver se é estimulante.” Conseguimos a planta fácil, demos a animais de laboratório, nada de estimulação. E como com muita frequência depois que eu vejo a parte psicoativa que a planta possa ter, eu abro o animal, eu também submeti os animais a privação de sono paradoxal porque também tem anfetamina e o trabalho de produzir esse efeito e os produtos que têm na *cataedulis*, a catina e a catinona tem a estrutura química muito semelhante a anfetamina, eu falei: “vou privar os animais de sono paradoxal e tal...”

E eu sei que quando eu abri, os animais receberam o extrato dessa planta brasileira, o que eu notei foi que os estômagos deles estavam em melhores condições do que os dos animais (inaudível). Eu falei: “engraçado, que coisa curiosa, parece que tem um efeito protetor contra esse estresse que dá! Produz uma espécie de uma alteração na mucosa gástrica. Vamos experimentar isso!” E antes de experimentar eu falei: “vamos consultar

a literatura.” Puxa o que eu encontrei! O gaúcho típico quando faz o seu chimarrão, que ele toma aquilo fervendo, é alta concentração de cafeína que tem no chá e não sei mais o quê, pra evitar irritação no estômago ele coloca um pouco de espinheira santa. Então um bom gaúcho usa isso. Encontrei um trabalho de um médico paranaense de 1920, publicado na revista de medicina lá do Paraná, que falava que a espinheira santa era excelente pra tratar úlceras gastroduodenais e até câncer do estômago. Você imagina um trabalho feito naquela época, um médico pegou, sei lá, 15 casos, 10 casos, ou deu, achou que melhorou, publicou sem nenhum controle, sem nenhum vigor que exigimos hoje, né? E acabei descobrindo que isso era um uso assim... Fui na Praça da Sé, comprei espinheira santa, fui no Largo de Santo Amaro aqui no bairro, também encontrei espinheira santa sendo vendida para os nordestinos e etc. Não, nordestinos não, mais gente do sul. Daí eu comecei a trabalhar com essa planta. E notei, olha, realmente essa planta tem um efeito notável anti-úlceras experimental. Você induz úlcera por imobilização, como é a técnica mais comumente usada, por aspirina, por indometacina, três ou quatro métodos (inaudível) têm um efeito comparável a da ranitidina ou simitidina que são... a simitidina é o anti-úlceras mais vendido no mundo inteiro, né? Tem uma tremenda utilidade isso.

Bom. Fizemos a parte farmacológica de úlcera do estômago, mostramos que não tem efeito central nenhum e que não tem nenhum efeito tóxico também. Chegamos a entrar em contato com a gastrologia, fazendo aquilo que eu sempre quis fazer, né, a parte básica e tentar uma ponte com a parte clínica. Fizemos experimentação clínica, fase 1, mostrando que não era tóxica pro homem também – o que não devia ser mesmo porque já há muito tempo vinha sendo utilizado na medicina popular, né? – aí fizemos a fase clínica, pegamos 30 pessoas com dispepsias gastrointestinais muito bem diagnosticadas pelos gastroenterologistas do hospital, fizemos nesses 30 estudos de duplo cego, demonstramos o efeito. Um efeito benéfico, reduziu estatisticamente significativa em relação ao grupo controle do esquema duplo cego. A azia, reduziu náusea e vômito e reduziu também a dor de estômago, tá? Bom. Publiquei isso no *Journal (inaudível) Pharmacology*, dois ou três artigos, e... fiquei sentado em cima dos louros, sobre isso. Bom, passa-se o tempo, eu... às vezes eu tinha, eu tentei incluir, falar: “Será que isso não cabe uma patente pro meu país,” né? O trabalho tinha sido financiado sei lá por quem do governo. Só entrei em contato com a CEME, entrei em contato com a FINEP: “Vamos financiar isso daqui, né? Financiar. Patentear isso daqui!” Não tinha patente na época. “Vamos pedir uma patente internacional!”. Olha, ninguém se interessou. A única pessoa que se interessou, o único grupo que se interessou foi – eu não me lembro se foi a FINEP – ele mandou um negócio desse tamanho pra pedir patente internacional e custava um dinheiro que eu não tinha no bolso esse dinheiro aí, né? E minha universidade não se interessava e eu não queria também pedir patente pra mim.

Bom, passa-se o tempo e eu agora descobri há dois anos atrás, que o Japão não dormiu no ponto, patenteou a espinheira santa, numa das patentes está escrito assim: “*Brazilian Folk Medicine* - contra úlcera, estômago e mais não sei o quê”. A patente do Japão já foi vendida pra Alemanha, foi vendida pra França, vendida pra Inglaterra... Já é uma patente assim internacional. Eu fiquei desesperado com isto! Achei... achei que o japonês fez errado. Eu publiquei, né? Eu sei que nós somos idiotas, né, que não temos nenhum espírito prático, né! Aí o que eu resolvi fazer? Eu... fiz uma reunião aqui, chamei gente do CNPq, da FAPESP, da CAPES, não sei quê... falei: “Como é que...?” Discuti, como patentear isso... Mas eu também chamei a indústria, falei: “Não quero saber, eu vou trabalhar com a indústria.” Chamei a indústria brasileira, dos laboratórios brasileiros que eu sei que trabalham bem. Olha, eu vou dizer também uma coisa, até no futuro se tiver laboratório internacional também, o que interessa é que eu vou fazer. Mas eu preferi começar por laboratórios nacionais, né, pra ver. E um laboratório ficou muito interessado,



o laboratório Aché. Que é um grande laboratório brasileiro, tá? Aí eu falei: “Olha, só tem um problema, o Brasil não sei por que cargas d’água, não patenteia uso. Então nós não podemos patentear uso aqui no Brasil. Podemos até patentear uso dentro do Brasil porque... – eu acreditava que sim – mas nós podemos patentear formulação ao extrato. Vamos fazer um extrato diferente, vamos testar um extrato diferente que deve dar o mesmo resultado, vamos patentear esse extrato.” O laboratório topou. Entramos em contato com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Farmácia, professor Pedro (inaudível). Ele preparou lá uma outra... um outro extrato do... da espinheira santa. Nós testamos e deu todos os resultados que nós esperávamos também, confirmando, né? Agora nós entramos com um pedido de patente. A este... chegou a este ponto. Então, é...

TF - Então são recentes. Tem (inaudível).

EC - Ah, agora eu estou terminando as fases ainda, mas já deu pra... Eu fiz repetir toda a fase farmacodinâmica, quer dizer, o que a droga fez com o organismo... protegeu, né? Fiz toda a toxicologia pré-clínica em cão, rato e camundongo... Um trabalhão enorme... administração por três meses. Fiz sobre a prole, se tem efeito teratogênico ou não, sobre capacidade reprodutiva do macho e da fêmea, se a prole nasce bem ou não, né? Nós estamos agora na montagem final da parte clínica, mas já deu com o passado que a gente teve de ter feito experimentação, embora não seja o mesmo extrato, nós estamos pedindo já a pesquisa clínica... – já entrou com o pedido de patente – a pesquisa clínica para fazer a última fase, se der tudo certo, como eu espero que dê, dentro de talvez na metade do ano que vem, tenha um produto aí. Agora, qual é a diferença, né? Não é, por exemplo, fazer um preparado que você pode encontrar em qualquer lugar, que é vendido sem nenhum controle sem nada, né? Tem que fazer um medicamento que tenha a faixa: venda sob prescrição médica, receitado por médico. Nós queremos entrar, por exemplo, no receituário com esse produto. O Laboratório Aché tem esse potencial pra fazer isso, né. Ah... veja, veja que curiosidade, temos produtos à base de plantas no Brasil assim? Nós temos! Eu vou citar alguns produtos por exemplo: acabou de entrar no Brasil o Laitan. O Laitan é um extrato semi-purificado, é um extrato com muitas substâncias, extraído da cava- cava piper metístico usada centenas de anos pelos indígenas de lá. Lá da Polinésia... Agora você imagina, precisa um cientista europeu, ir lá na Polinésia, pega a planta, estuda a cultura popular, leva a planta pra Europa, faz todos os trabalhos, registra o produto e vem vender o produto pro Brasil! Não é? Você pega a Gingko Biloba. É a mesma coisa! Vem da África, Europa, Brasil. Você pega o... essa... esse Postan, que é um produto... – não é postan. É postan? Acho que é postan. – é um produto que é vendido aqui no Brasil sob receita médica, para hiperplasia de próstata. Tem uma vendagem muito boa. São duas plantas, uma delas é a Utica... Utica não sei quê, o outro é o Pigmium Africano que é coletado em Madagascar e vem pra cá, né? Então o Brasil... Tem o Valmani que é o extrato da... da... Valeriana Oficinaris, né? E tem um, deve ter outros exemplos. Nós temos pelo menos uns 7 ou 8 exemplos de medicamentos vendidos com faixa vermelha escrita “sob prescrição médica”, prescrita, e bem, por médico de plantas europeias ou asiáticas e com a mais rica flora do país, do mundo, aqui no Brasil. Não temos um produto dessa coisa, dessa maneira. Então eu acho que está chegando o momento. Se essa espinheira santa der certo, vai ser o primeiro medicamento com faixa vermelha, autenticamente brasileira. Eu costumo dizer: “olha, o cientista é brasileiro, a planta é brasileira, o ratinho é brasileiro, o paciente foi brasileiro, tudo é brasileiro nesse medicamento,” né, pra ver. Bom.

TF - O senhor não era muito partidário de patente não. Eu já li uma matéria sua que o senhor...

EC - Não, não. Olha, eu sempre fui... eu fui sempre um cínico, em termos de patente. Eu sempre disse isso. Quer dizer, se eu fosse americano hoje eu seria absolutamente a favor de patente. Se eu fosse o americano de 40 anos atrás, eu lutaria contra a patente, não aceitaria até o meu país desenvolver o seu parque, né? Então eu acho que o negócio de patente tem isso de muito importante, depende da época! Se o Brasil fosse um país tecnicamente desenvolvido, não fosse é... essa coisa que eu acho que está piorando mais no campo da ciência e tal, se nós tivéssemos um potencial de produção de conhecimento, eu queria proteção pra descobertas feitas por mim ou por outros brasileiros, mas nós não temos. Então eu não acho justo submeter meu país cada vez mais a uma colonização, né? Quer dizer, agora – me parece isso que está acontecendo no Brasil – eu tenho impressão que... – você está ouvindo falar no mestrado profissionalizante?

TF - Não.

EC - Isso pra mim é a maior aberração, é invenção agora do atual governo. Nós temos o mestrado acadêmico, que é aqui na escola, tem que ter uma duração de dois anos, parece que em tempo integral... pra você formar o indivíduo nas artes da ciência ou na técnica da ciência, né? Exige uma tese, exige... Agora inventaram um mestrado profissionalizante que é o seguinte: primeiro pra fazer pode ser 10 meses, tá? Parte do curso pode ser dado à noite...

TF - Especialização...

EC - É especialização! É a profissionalização, mas com nome de mestrado profissionalizante... (interrupção da fita)

## **Fita 2 - Lado B**

EC - ...não precisa de tese, não precisa de orientador. E na portaria, o decreto que criou o curso, tem essa coisa assim – que eu nunca vi nada igual – “O curso terá uma vocação inata para o seu autofinanciamento.” está escrito na portaria! Quer dizer, como é que pode uma universidade pública fazer duas coisas ao mesmo tempo? Primeira, é realmente matar o mestrado acadêmico. Porque dá o nome de mestrado a esses 10 meses, e se o mestrado é um título para progredir, muita gente vai querer fazer, né?

TF - [inaudível].

EC - Evidentemente vai fazer isso, né? Dando ainda oportunidade pra trabalhar o dia inteiro! Pra pessoa, né? Porque parte do curso pode ser dado à noite, parte pode ser dado por Internet, bom, então isso já implica que..., né? E segundo, investir mais no que eu acho... eu, na realidade, acho muitas vezes que o ensino gratuito tem que ser melhor ponderado no Brasil. Mas a formação científica é muito cara e de retorno lento. E nenhum país que se deu ao luxo de querer ser um dia, ter sua autodeterminação, pode ignorar esse fato e pode deixar de lado a formação de seu corpo que vai realmente resolver os problemas, né? Esse curso tem isso também! Me parece que é mais um passo que se você

notar bem, vai de passo em passo... é, mais um passo, mais ousado pra acabar com o ensino gratuito da universidade brasileira. E eu acho que é uma coisa perigosa, porque tem duas coisas muito ruins, né? Primeiro: tenta acabar com uma gratuidade pra ser melhor estudada, não pode acabar, tem... e inclusive, acaba também com... com... eu acho que é o primeiro passo pra acabar com a pesquisa científica no Brasil. Eu me lembro, que há uns 15 anos atrás, uma comissão de cientistas, foi falar com um dos nossos ministros, ministro... – Não sei se era da Economia ou do Planejamento – e esse ministro falou taxativamente pra nossa comissão: “Não insistam, é besteira fazer ciência no Brasil! Ela é cara e demorada, é muito mais fácil comprar tecnologia!” Isso era a política do governo! É a política agora! Eu não tenho dúvida que é a política agora também, né! Eu estou escrevendo agora, vai sair na Internet amanhã, um artiguinho que eu estou escrevendo, né, porque eu estou dizendo assim: “Eu não sou carregador de lenha e nem acredito que o brasileiro tenha vocação pra isto.” Eu estou citando uma frase célebre, do Lorde Rutherford, no começo do século, que foi o prêmio Nobel, né, cientista de primeiríssima linha, obviamente, que ele comentando o problema de ciência, ele teve uma frase pra mim... lapidar.

Comentando um grande sucesso na área, as poderosas locomotivas inglesas da época, a *British Rail*, que tinha no mundo inteiro, né? Um grande sucesso inglês, e de dominação, né? – então ele diz o seguinte: “os povos que não fazem ciência, não passarão de baldeadores de água, catadores de lenha dos povos que a fazem.” Quer dizer, a concepção dele era: “olha, nós fazemos a locomotiva, agora vocês arrumem quem bota a água e quem bota a lenha lá dentro pra...” Eu acho que na realidade, o ensino profissionalizante é mais ou menos isto. Eu não quero dizer que um bom carregador de água, um bom técnico, não seja importante, mas, meu Deus, nós temos escolas do SENAC, escolas do SESC, temos os cursos de especialização...! Pra que dar esse nome e querer fazer isso! Quer dizer, qual é a concepção que está por trás disso? Não pode, na minha opinião, não é possível que seja tanta inocência e tanta ignorância que não perceba esses dois fatos. Quer dizer, não é formar especialistas não, nem acelerar a formação de especialista não, né? É simplesmente fazer com que, né, a oportunidade diminua e fazer com que o... o ensino gratuito sofra mais um golpe, né? Então eu acho que essas coisas então... – Tô falando isso por que...? (TF fala algo) Patente, né? Negócio de patente. – Então veja, eu, no presente momento, agora quando o Brasil não teve jeito de escapar, eu tive um problema sério na Vigilância Sanitária por causa da patente não tem... a Argentina não tem lei de patente que o Brasil tem, que depois eu narro numa outra ocasião, né? E eu defendia assim, muito o fato de que o Brasil não deveria ter patente naquela circunstância. Então eu acho que tem que ter uma posição que não pode ser assim: por ideologia sou contra a patente. Porque a patente é uma coisa de capitalismo, né, não é uma coisa de socialismo nem de outras correntes políticas. Não é isso que eu defendo não! Eu defendo que patente pode prejudicar o desenvolvimento de um povo independente do caminho que esse povo escolha, né? E pode facilitar a dominação econômica de um povo sobre outro. Se isso tem essa vertente esquerdista que obviamente tem, é uma coisa, agora, simplesmente ignorar o resto você não pode, né?

TF - Sim. E aí esse trabalho que o senhor está patenteando agora, quer dizer, tem que seguir os rigores que a patente exige. Ou seja, não pode ser publicada, não pode ser divulgada...

EC - Não, pode. Uma vez que você fez o pedido, pode, tá?

TF - Ah, depois do pedido já pode!

EC - Então já tendo feito, pode. Agora o que você tem é que colocar no trabalho: trabalho financiado tal coisa e pedido de patente feito, você pode fazer. A outra coisa também que eu decidi que eu acho importante, né, é um grupo que está fazendo esse trabalho, tá? E como eu tenho também, no caso agora, a colaboração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, né? E conversei com o dr. Pedro (inaudível): olha, eu não quero patente em meu nome. Eu não quero de jeito nenhum porque isso... e nem no nome dos colaboradores. Nós temos que ter uma carta dizendo que nós desistimos de qualquer direito de patente, a patente tem de ser da universidade. A universidade depois vai saber o que fazer com ele. Eu espero que a universidade entenda que esse dinheiro tem que reverter pro meu serviço, pra melhorar a ciência. Não pode reverter pro meu, meu benefício pessoal. Eu não acho que um pesquisador universitário deva estar pensando em lucro pessoal da sua pesquisa. É pra seu trabalho de pesquisa e pra melhorar, se for o caso, o salário de seu grupo como um todo, o departamento como um todo. Senão cria, eu acho que pode criar uma coisa muito ruim de uma competição e um debate, um combate inclusive, dentro do corpo docente, né? Mas eu então, falei isso, falei com meu reitor, o reitor aceitou a hipótese. Falei com o laboratório, Laboratório Aché. Foi feito já o documento oficial que é o seguinte: dando um produto, esse produto vai dar... a venda livre... a venda, o lucro... – como é que chama isso? – quer dizer, a vendagem, tirando as despesas, então... 6% fica pra universidade, né, no primeiro ano, 5% fica no segundo e 4% nos anos restantes. Porque geralmente a venda sobe muito, né, pra ver. E a universidade... e que fosse só a Universidade Federal de São Paulo porque a massa do trabalho foi feita aqui. E a Universidade Federal de São Paulo já entrou em contato com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dizendo: “olha, se vier ter essa importância, nós estamos dispostos a discutir uma porcentagem que a Universidade Federal de São Paulo transfere pra a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bom, isso tá assim...”

TF - E o Laboratório Aché ficaria com quanto?

EC - O Laboratório Aché... bom, ele fica com o lucro todo, né? Quer dizer, 6% que viria pra cá...

TF - Ah, tá. Seria do lucro da comercialização.

EC - Do lucro da comercialização. Ele deve ter todas as despesas e coisa e tal, eu não sei quanto é que...

TF - Sim, sim.

EC - ...eu não sei de quanto vai ser isso, né? Mas eu inclusive, eu procurei me informar, esta é mais ou menos a importância que no mundo inteiro as patentes dão pra a universidade, pro reitor etc., né, pra ver. Bom. O que mais que eu poderia falar agora? Deixa eu ver, acho que podemos parar, né? Deixa eu ver, você tem alguma pergunta específica sobre o que eu falei?

TF - Não, não... Que me venha... que me venha à mente, não. A patente o senhor falou bastante.

EC - Certo. Bom, o que eu posso dizer pra você é o seguinte...

TF - Nós temos ainda muita coisa pra conversar, só que não precisa ser hoje.

EC - Exato... É que eu tenho agora, acho que às 11 e 45, eu tenho que sair... (interrupção da fita)

Segunda entrevista

Data: 23/07/1999

### **Fita 3 - Lado A**

TF - Entrevista com o professor Elisaldo Carlini, no dia 23 de julho de 1999, para a Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Entrevistado por Tania Fernandes e Fernando Dumas na Escola Paulista de Medicina. (ruído e pausa na gravação). Professor Carlini, nós gostaríamos de começar hoje a nossa entrevista, que o senhor se apresentasse e nos dissesse de onde o senhor veio, qual a sua origem... um breve relato da sua origem familiar, até o senhor chegar na sua profissão. Breve.

EC - Bom. O meu nome de batismo é Elisaldo, por aí você verifica que o meu nome não é muito comum, né? E na realidade esse nome Elisaldo é comum em alguns países de língua espanhola. Então, isso já mostra que eu tenho nos meus antepassados uma ascendência espanhola. Mas é também Carlini, então isso significa que eu também tenho uma ascendência italiana...

(inaudível)- É, com licença. A gente vai ter que repetir isso por causa do áudio, do início do áudio. Tá?

FD - Tá. Desculpe, professor Carlini. Ela vai repetir a pergunta porque o áudio ficou baixo.

TF - Posso repetir?

FD - Pode gravar? (inaudível)- Não, não. Faz, mas eu ainda vou lá pra repetir. Não tá valendo, só tá...

FD - Faz. Faz pra gente testar.

TF - Ah, tá. Professor Carlini, nós gostaríamos que o senhor começasse a nossa entrevista de hoje, falando sobre a sua origem familiar, as suas... a sua formação, sua escolaridade, enfim...

FD - Fala alguma coisa, dr. Carlini. Seu nome... Só pra ele...

EC - Meu nome é Carlini...

FD - É. Só pra ele testar.

FC- Tudo bem?

Todos ao mesmo tempo- Tá, tá... (inaudível)

FD - É, agora... Isso. Ele vai dizer gravando e a gente começa de novo.

TF - É interessante que a gente vai ficar com uma fita gravando num movimento. Fica até legal, até pelas nossas reflexões.

FD - É. Que a gente faz um outro artigo já mais legal. Porque a gente já compara as entrevistas. ... .. Que houve?

(inaudível)- Espera um pouco. ... ..

FD - Não fica mexendo muito nesses botões não. (risos) ... ..

(inaudível)- Tá bom.....Gravando.

TF - Professor Carlini, eu gostaria de começar a nossa entrevista de hoje, que o senhor nos falasse sobre a sua origem e a sua família, como é que o senhor veio então desenvolvendo a sua formação até chegar às plantas medicinais, que é nosso assunto.

EC - Pois não. Pode? Bem, o meu nome de batismo é Elisaldo, isso já mostra que o meu nome não é muito comum, na realidade é um nome que existe em vários países de língua espanhola. Então eu tenho uma ascendência passada espanhola, né? Mas, o meu sobrenome é Carlini, então Carlini é um nome bem italiano, então já mostra que eu tenho uma mistura de italiano com espanhol, mas eu também me chamo Elisaldo de Araújo Carlini. E Araújo é um nome evidentemente português. Então, na realidade, eu sou uma pessoa bem brasileira. Eu sou essa mistura de raças e de povos que deu no que deu. Quer dizer, um povo com características muito interessantes. Ah, que eu acho que a gente tem que se orgulhar do brasileiro, certamente... essa miscigenação, essa mistura de gente que deu, portanto, uma população com uma grande capacidade de afetividade, de tolerância, eu acho também até de ser capaz de entender as coisas melhor que muitos povos que se julgam até melhores do que a gente.

Eu nasci numa cidade no interior de São Paulo, chamada Ribeirão Preto. E... quando eu tinha 7 anos, aí eu me mudei pra um lugar que era um sertão mesmo! Lá no fim do mundo! Lá com a divisa de São Paulo com Minas Gerais, era um lugarzinho... um lugarzinho com umas 20 casas, se tanto, né, chamado de Irajá. Aí depois eu fiz o ginásio numa outra cidade do interior e depois eu vim, com 15 anos de idade, eu vim pra São Paulo, sempre trabalhei, eu com 15 anos comecei a trabalhar, menor, com carteira assinada e tal e fiz o meu curso de medicina aqui na Escola Paulista de Medicina. Eu me interessei muito por trabalhar com pesquisa e com plantas por influência de um grande professor, professor José Ribeiro do Valle, que mostrou, quando nós estávamos no 1º e 2º ano de medicina, como era importante fazer pesquisa e principalmente trabalhar com coisas nossas, coisas do Brasil, né? ... ..

FD - É... dr. Carlini... – Espera um pouquinho. Deixa eu conferir... (inaudível).

(inaudível)- Olha pra cá.

FD - Espera aí, deixa eu me ajeitar aqui. ... ..

(inaudível)- Tá bom.

FD - Dr. Carlini, qual a importância das plantas no tratamento de doenças?

EC - É, veja, a palavra droga ela tem uma origem muito antiga. É uma palavra que vem do holandês antigo chamado... que é a palavra (inaudível), que significa galho seco. E que é o que nós usamos hoje em dia para designar também medicamentos. Então, a gente já pode ver aí, que desde a antiguidade, plantas, galhos secos, flores, raízes... folhas, né, eram utilizadas e muito em medicina. Depois houve todo um desenvolvimento de laboratórios, de pesquisa, de química... surgiram medicamentos sintéticos, mas hoje volta novamente a se entender e a se procurar encontrar mais plantas com ação medicinal porque é importante, nós sabemos que tem muitas plantas que têm propriedades terapêuticas que curam coisas importantes. Então, eu não tenho dúvida nenhuma que planta tem um papel importante na arte de curar, né? No tratamento médico, na saúde terapêutica.

FD - E quais são as etapas de desenvolvimento de um medicamento?

EC - Bem, varia de acordo com aquilo que eu quero chamar de medicamento, né? Quer dizer, eu posso chamar de medicamento, por exemplo, se eu pegar uma raiz ou uma folha, fazer delas um chá e tomar. Isso é um medicamento. Então qual é a etapa que é preciso pra isso? Não é praticamente nenhuma. É o conhecer a natureza e simplesmente fazer um chá, por exemplo, um (inaudível), um infuso... Tem vários nomes pelos quais a gente é... batiza e fala a respeito das preparações que a gente chama de populares, né? Eu posso complicar um pouco mais. Eu posso achar, por exemplo, que não basta eu fazer um chá. Eu devo pegar a planta, a raiz ou a folha, seja o que for, fazer um extrato. Então eu obtenho, eu trato aquilo com álcool, eu trato com clorofórmio, enfim, com uma substância que a gente sabe que extrai o princípio da planta e, aí eu uso esse extrato. Isso já tem uma fase então química, de laboratório, que complica um pouco mais. E, finalmente, tem o que é mais complicado de tudo que é eu não me preocupo com a planta em si. Eu quero saber dentro da planta qual é o chamado princípio ativo, qual é a molécula, qual é a substância que é responsável pelo efeito.

Qualquer planta, seguramente fabrica e sintetiza milhares e milhares de substâncias. E geralmente é uma dessas substâncias, quando a planta é medicinal, que é responsável pelo efeito. Às vezes uma mistura de 3 ou 4, não é? Então, na realidade, esse é um processo muito cansativo, muito demorado, que envolve inúmeras passagens, né, é... da farmacologia, da química, da física, até obter finalmente uma molécula que eu determino a estrutura, eu termino... agora sintetizar a molécula no laboratório e a partir daí eu jogo a planta fora. Eu começo a fazer então a substância que eu conheci através da planta, não é? Eu acho esse processo muito importante, mas ele não pode ser único. Ele não pode ser único até por uma questão de justiça, né? Quem é que deu conhecimento pela primeira vez a respeito daquela planta, se ela tinha atividade e de lá se obteve uma substância ativa? Foi a população. Geralmente é uma população simples, uma população que não tem poder aquisitivo e nem, às vezes, aqui no Brasil, nem sequer tem acesso ao médico. Então se aquela planta virou medicamento e agora a gente esquece a planta, e de repente fala que o importante é dar aquele comprimido, aquela ampola, aquelas pessoas que deram a informação estão completamente fora do esquema terapêutico porque elas não

podem comprar e às vezes nem sequer têm acesso ao médico. Então eu sempre achei, e sempre acho, que quando você pesquisa uma planta você tem que cuidar dessas coisas. Você tem de preservar essa cultura popular, fazer com que a informação que você obtenha reverta em benefício da população que cedeu a informação. Se puder então, melhora a informação popular e ao mesmo tempo eu caminho, (ruído de tosse) procurando o princípio ativo puro etc. Mas não só esse último na fábrica, que eu acho que foi um grande erro que nós fizemos no passado, né, no passado recente.

FD - Qual foi esse grande erro? O senhor podia explicar pra gente como foi isso?

(inaudível) - Um momentinho só, antes dele responder. Só um pouquinho... ..

TF - Essa mesma pergunta tem de repetir, é isso?

(inaudível)- É. ... Pode ir.

TF - Qual foi esse grande erro que o senhor falou, professor?

EC - Não. Esse grande erro que aconteceu, na minha opinião, foi o seguinte: procurou-se então isolar uma substância única da planta e a partir daí, dizer que aquilo era importante, que a planta em si só servia pra dar aquele princípio ativo. Que uma vez sendo sintetizado em laboratório a planta ficou em segundo plano. E isto é errado pelo motivo que eu acabei de explicar, quer dizer, a gente isolou, separou, colocou de lado a população que deu acesso à informação e fez com que nós esquecêssemos, por exemplo, nossa grande riqueza... de plantas, né? O Brasil é um país seguramente mais rico, nós temos uma quantidade enorme de diferentes ecossistemas que possibilitam milhares e milhares de plantas que poderiam ser investigadas, de repente ninguém mais investiga. Quer dizer, todo mundo começou a se interessar fundamentalmente em saber qual é o princípio ativo que tem a planta, qual é a composição química, quais são os componentes da planta. Esqueceu-se de fazer a parte farmacológica e terapêutica. Com isso, quando, no mundo todo, começou-se a dar valor novamente à terapêutica como extrato de planta, o Brasil ficou completamente à margem, nós ficamos pra trás. Tanto que é uma coisa curiosa, quer dizer, no Brasil nos últimos 5 anos, foram lançados, aqui no Brasil, no mínimo uns 7 ou 8 medicamentos... do exterior, desenvolvidos por laboratórios exteriores, estrangeiros, à base de plantas. Todas as plantas ou da Ásia ou da África ou da Europa. Nenhuma planta do Brasil ganhou status como medicamento, como agora na semana passada foi registrada um novo medicamento no Brasil: o Hipérico. A erva de São João. O que é que é o Hipérico? É uma planta europeia que foi licenciada no Brasil como extrato pra tratar de uma doença psíquica chamada depressão. Nós temos no Brasil no mínimo duas espécies de um outro Hipérico, não é? Não é o Hipérico (inaudível) que dá lá na Europa, mas é o Hipérico chamado até *Brasiliensis*, que tá aí pra ser estudado, né? Então eu acho que esse foi o outro grande erro que nós aqui dentro cometemos. Nós esquecemos a nossa potencialidade, né, por termos uma Floresta Amazônica, por termos uma Mata Atlântica, por termos um cerrado, por termos uma caatinga, por termos um Pantanal... Cada sistema desses dando diferentes plantas e fomos atrás de procurar obter substâncias químicas puras e aí nós perdemos de 10 a zero, porque a nossa química, a nossa potencialidade de laboratório é pequeniníssima perto dos grandes países que desenvolveram toda essa parte mais... de trabalho sintético, das substâncias sintéticas. Eu acho que não estou falando com criança, hein?



FD - Tá sim.

EC - Será que tá?

FD - Tá bom.

TF - Tá ótimo. O senhor acha então, professor, que esses erros foram corrigidos?

EC - Ah, eu acho que eles estão sendo corrigidos. E aí vem uma crítica que eu faço, que eu acho, estão sendo corrigidos apesar da não prioridade do governo brasileiro, que é uma coisa praticamente assim antiga, né – de não priorizar as ciências, o desenvolvimento científico no país. Quer dizer, se está sendo corrigido é porque os cientistas brasileiros estão começando a perceber o que está ocorrendo no mundo e ficam assim meio incomodados de verificar: puxa, mas lá, o laboratório alemão foi lá na Oceania, tirou de lá uma planta, dessa planta descobriu um medicamento, um extrato e vem vender esse extrato aqui no Brasil e vende bem, né?! E eu estou aqui chupando dedo. Quer dizer, então porque é que eu não vou fazer a mesma coisa? Então tá havendo uma modificação nesse conceito apesar, por exemplo, do governo ter extinto uma Central de Medicamentos, que tinha um plano muito bonito de pesquisa com plantas, apesar de não haver nenhum grande programa politicamente bem definido pra fazer um projeto de 10 anos para fazer a pesquisa de plantas medicinais no Brasil. Se existe não é do meu conhecimento, né? Então, apesar disso, tá havendo uma consciência do cientista brasileiro como cidadão que é, que percebe que ele tem que caminhar se quer que o seu país avance, né?

TF - Mas então o senhor me explique, por favor, professor, é... o cientista ele é financiado pelos órgãos de fomento em geral ou estatais. Como é então essa... que se coloca essa distância entre essa inexistência de uma política nesse campo... originada do próprio estado e a atuação do cientista? Como é que fica então essa, essa...

EC - É, essa é uma pergunta boa e que eu tenho que responder com muita franqueza, né? Quer dizer, eu acho que o governo trata mal e porcamente o seu cientista. E isso é muito real. Por exemplo, eu estou aqui numa universidade pública federal e nos últimos 4 anos – não é nem questão de ter aumento de salário – não tivemos um reajuste para que ficássemos dentro daquilo que está sendo as inflações que ocorreram nos últimos 7, 8 anos, né? Eu sou um cientista que tive que me aposentar antes do tempo que eu desejava me aposentar, né? Fui servir ao governo federal em Brasília e lá, se eu não aposentasse, eu perderia 1/3 do meu salário quando eu me aposentasse. E obviamente eu não queria perder 1/3 do meu salário na minha aposentadoria. Então a maneira que eu tive de evitar isso foi me aposentar prematuramente, mas trabalho aqui em tempo integral e dedicação exclusiva e trabalho bastante, né, pra ver.

O que é que aconteceu agora, há dois meses atrás? O governo resolveu cortar cerca de 25% do meu salário de professor aposentado. Quer dizer, isso é uma sujeira muito grande, não é!? Quer dizer, eu não acho, não tem sentido nenhum cortar salário do cientista. E estão tentando cortar o salário dos professores e agora tem um programa, sei lá, de aposentadoria, de demissão voluntária de funcionários públicos e federais que incluem também os professores. Então isso tem acontecido, eu acho que é uma tristeza que isso tenha acontecido, não há compreensão do governo pro papel do cientista..., mas como eu gostaria de ressaltar isso novamente: o cientista é brasileiro, o cientista tem noção do seu

país, tem uma boa noção de cidadania. Nós somos, como professores universitários, nós somos treinados e fomos educados inclusive, pra entender os problemas do país. E nós sabemos que nós somos importantes pro país. Então a gente tem que dar, fazer um esforço muito grande, quer dizer, em passar por cima do pouco caso que o governo tem tido com a gente, né?

FD - Dr. Carlini, eu queria voltar rapidamente àquele começo de quando a gente tava falando das etapas de desenvolvimento do medicamento. Então é... quanto custa produzir um medicamento a partir de uma planta?

EC - Pois é, isso varia e muito, né? Eu vou dar pra vocês uns cálculos. Dizem – eu não tenho experiência nenhuma nisso, mas pela literatura – que desenvolver um produto por um grande laboratório a partir de uma substância química, de uma molécula química definida é alguma coisa que varia de 5 a 15 anos, em dólares, entre 100 e 350 milhões de dólares, alguns valem até em 450 milhões de dólares. Certamente sairá muito menos desenvolver um medicamento à base de um extrato de plantas. Se eu pegar, por exemplo, eu não tenho grandes despesas em saber, por exemplo, que o extrato ‘x’ tem uma certa atividade. Eu tenho agora no presente momento, a minha universidade se associou a dois laboratórios através de pesquisas que a gente tem feito, nós temos dois pedidos de patente feitas aqui no Brasil em prol... em universidades de laboratórios farmacêuticos brasileiros que tá participando disso. Quer dizer, são dois laboratórios, um para cada planta. Eu calculo que cerca de, olha, 2, 3% dessa importância, eu sei que é, sei lá, 1 milhão e meio, 2 milhões... vai depender muito do andamento.

A gente pode desenvolver um medicamento que ele vai ser registrado como medicamento, ah... com tarja vermelha, com uso por prescrição médica etc. Então eu calculo que, se a gente tiver sorte, a gente consegue mais ou menos (inaudível) por muito menos. É muito menos, né? E é mais rápido também. Porque eu já parto de uma série de fases sem importância. Geralmente quando o medicamento, a planta tem um uso popular, isso não quer dizer que ela não seja tóxica, mas a possibilidade de ser é muito menor. Porque já tem um uso bastante grande pela população então eu tenho já alguma ideia da toxicidade. Também eu já tenho assim uma espécie de uma indicação, um palpite – não é um palpite... eu digo educado, um palpite, não é um chute maluco, né? – de que essa planta deve ser útil pra tal coisa porque a população tá usando pra aquilo. Então a gente tem uma série de vantagens de trabalhar com as plantas. E o terceiro ponto em termos de Brasil é o seguinte: é o que nós podemos patentear. Eu duvido que nós vamos ter capacidade no momento de pegar, sintetizar uma substância no laboratório e fazer toda aquela pesquisa – se é que nós vamos ter o dinheiro porque (inaudível) – de anos de dezenas de milhões de dólares, né? E patentear é uma coisa que pode ser autêntica. Por exemplo, as duas plantas que nós patenteamos só existem no Brasil. Não existem em outros lugares. Então é fácil! A gente tem assim um caminho, a gente tem muitos passos à frente. Porque ninguém de lá de fora chegou aqui e viu essa planta, né, sendo utilizada. Então isso também é outra vantagem interessante pra nós.

FD - Quais as plantas que vocês estão patenteando?

EC - Uma delas tem uma história muito curiosa, né? É chamada Espinheira Santa. O nome científico é *Maitenus Iliciaefolia*. Essa planta eu até – e foi em 1988 por aí – eu comecei a me interessar por ela porque eu tinha informações de que seria uma planta que seria reconfortante. Eu imaginei que pra ser reconfortante deveria ser uma planta que tivesse uma ação estimulante sobre o sistema nervoso central. E eu trabalho, a minha área

é psicofarmacologia, eu trabalho com drogas que agem no sistema nervoso central. Aí eu acabei por perceber que essa planta não tinha este efeito, mas eu descobri por fazer as pesquisas com a planta. (ruído) (inaudível) que a planta tinha uma ação protetora... para o colo do estômago do rato, no caso. A partir daí eu me interessei por esse tipo de coisa, eu comecei a trabalhar e a gente percebeu que o extrato dessa planta tinha um tremendo poder protetor contra úlcera. Porque você produz úlcera em rato como gente também tem úlcera, úlcera do estômago. Era um poder, inclusive, semelhante às drogas mais ativas que existem no mercado, no comércio farmacêutico, pra tratamento de úlcera. A partir daí, nós fizemos experiências, mostramos que a planta não era tóxica em animais em laboratório, não era tóxica no ser humano, continuando os dados da população, empregamos e verificamos que ela realmente tinha efeito muito bom em seres humanos com o que a gente chama de dispepsia não ulcerativa, né? Dispepsia é o que leva 80% dos pacientes aos consultórios de médico especialista em pulmão e intestino. Aquela azia, aquele mal-estar, aquela... náusea e vômito, constantes. Salivação constante a pessoa tem, que ele pensa que tem úlcera.

Tanto que a gente chama de dispepsia da não ulcerativa e a úlcera nós chamamos de dispepsia ulcerativa. Bom, a história é curiosa por causa disso. Na época que a gente terminou de fazer o trabalho não tinha patente no Brasil. Bem, eu então não tinha como patentear o produto no Brasil, né? Eu tentei patentear no exterior, mas eu não tinha a mínima experiência de lidar com documentos dessa ordem e nem estava querendo mexer com isso. Eu tentei entrar em contato com duas ou três instituições do Brasil: vamos patentear essa planta. Vamos...! Ninguém se interessou, as instituições públicas do governo, ninguém se interessou... E a consequência disso foi que agora, há três anos atrás, essa planta foi patenteada no Japão. E a planta... E na patente tá escrito assim: “*Brazilian Folk Medicine*”. Quer dizer, uma medicina do folclore brasileiro. E eles patenteiam isso lá. Eles já venderam a patente a vários outros países. E agora eu acabei de receber a informação de que a França já aprovou o medicamento pra estudar o extrato da plantinha brasileiríssima, né, que vai ser então testada, vai ser vendida lá na França. O que é que nós fizemos? Pra tentar furar isso tudo, imediatamente, entramos em contato com uma outra universidade brasileira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, falei: agora aqui no Brasil eu posso patentear um... uma nova preparação.

(inaudível)- Vamos cortar.

EC - Por que, eu falei demais?

FD - Não. Tá na hora da fita. Essas fitas têm 20 minutos só. (ruído)

TF - Espera aí, deixa eu parar a minha. (interrupção da gravação)

## Terceira entrevista

Data: 23/08/1999

### Fita 3 - Lado A

TF - Entrevista com o professor Elisaldo Carlini, dia 23 de agosto de 1999, para o Projeto Planta Mediciniais da Casa de Oswaldo Cruz. Fita número 3. Entrevistado por Tania Fernandes e Fernando Dumas. Bem, professor, vamos retomar aqui a nossa entrevista, eu queria que o senhor desse continuidade àquela conversa que nós estávamos tendo na outra fita.

EC - Tá. Bem, eu então... depois que eu... fiz o exame de vestibular e entrei na Escola Paulista de Medicina... No segundo ano eu tive uma aula que foi muito marcante, uma aula pelo professor de farmacologia Ribeiro do Valle e outra pelo, junto com o professor Leal do Prado, professor de bioquímica. Foi quando eu me decidi, realmente, que eu ia seguir a parte de pesquisa. Achei a aula muito interessante, que desafiava conceitos, que colocava coisas na cabeça da gente, fazia a gente pensar... Eu fiquei encantado com a maneira que eles abordaram, eu nem me lembro o assunto qual era, mas o interessante era que eu lembro a maneira como este assunto – que eu já me esqueci – foi apresentado, e os questionamentos e as perguntas que foram deixadas no ar, né? Bom, aí eu comecei a fazer um estágio na farmacologia e bioquímica. Era um departamento, só dois professores, trabalhavam sozinhos. Eu me lembro de detalhes que eu acho que eram importantes. Por exemplo: nós começamos com uns 10 alunos do segundo ano de medicina. Ficamos em 2 ou 3, o que é muito natural porque as pessoas vão testar, pensam que gostam de uma coisa e não gostam, se afastam e conversam com os professores que até orientam no sentido: olhe, se não é o que você quer, não fique mesmo.

Depois de mais ou menos um ano de estágio, eu recebi a minha primeira promoção que eu acho, na minha carreira científica. Os dois professores me chamaram de uma maneira bastante solene, falaram: agora você, por favor, vem tomar um cafezinho conosco. Então, a partir daquele momento, o Departamento de Bioquímica e Farmacologia da Escola Paulista de Medicina, tinha sempre às 10 horas e às 4 horas, um café onde reunia todos os com... os membros do Departamento. E o convite de eu sair de lá, da sala que tinha os estagiários, né, e passar a conviver junto com os professores, pra mim foi a glória! Quer dizer, eu me senti, eu me lembro até hoje, uma coisa muito marcante também na minha formação.

Ah, outra coisa também que foi importante... foi que eu trabalhava com o Ribeiro do Vale, comecei a trabalhar com... produtos naturais. Quer dizer, o primeiro trabalho meu foi trabalhar com o veneno de uma taturana, uma lagarta urticante. E nós demonstramos algumas coisas, fazendo perfusão de tempo posterior de safra e tal, mal me lembro também dos detalhes, né? E já naquela época, o Ribeiro do Vele tinha algum interesse por plantas e trabalhava com a maconha, ele fazia alguns trabalhos com a maconha e etc. e tal. E o professor Leal do Prado trabalhava num problema de hipertensão experimental. Aquele sistema angiotensina, renina... Angiotensina que naquela época nem tinha esse nome, o primeiro trabalho que demonstrou a presença do enzima conversor em tecido vivo, foi o trabalho do professor Leal do Prado e eu fui o colaborador do trabalho, né? Então a primeira demonstração da existência do enzima conversor que hoje já tem até todo um campo enorme na terapêutica de aplicação. A clínica dos inibidores do enzima

conversor da angiotensina, né? Mas não era realmente o que eu sentia muita vontade não. Quer dizer, eu percebi que se eu trabalhasse com eles eu aprendia muito da metodologia científica, mas eu não poderia aprender – porque não era da linha deles – os assuntos em pesquisa que me interessavam. Eu era muito apaixonado pro cérebro, comportamento, loucura... esse tipo de coisa que... eu acho que... drogas, né, que todo jovem tem assim uma certa inclinação e procura sempre colocar entre seus questionamentos: o que é que é isso? O que é que eu sou? Como é que meu cérebro funciona e tal? E aí outro ponto marcante foi que o departamento recebeu o primeiro número de uma revista chamada “Psicofarmacologia”, no caso é... Psicofarmacologia com ‘P-s-y-c-h tal’..., editada na Alemanha e... a língua oficial da revista era inglês, né? Eu me lembro que quando eu folhee aquela revista eu falei: olha, é isso que eu quero mesmo. Não tenho nem dúvida! Eu quero entrar por esse caminho aqui, entender o comportamento dos animais, como é que as drogas atuam neste e tal. E todo o meu... a minha linha foi enca... foi nesse sentido. Quer dizer, eu queria entender a parte de Psicofarmacologia, como é que age e na expectativa que eu pudesse colocar junto, já que eu vou estudar drogas, por que não plantas medicinais? Por que não entender plantas que podem ou não atuar no nosso cérebro, influenciando de uma maneira ou outra o cérebro, né?

Bom, e aí... eu, por exemplo, eu comecei a ler, a estudar, a trabalhar... não tive chance de trabalhar aqui na Escola Paulista de Medicina, porque não era área de trabalho. Não tinha nada que se equipasse no Brasil à Psicofarmacologia. Era uma ciência desconhecida, quer dizer, os primórdios foram feitos pelo Ribeiro do Vale... algumas experiências... Mas não era uma disciplina, né, pra ver. Então eu fiquei trabalhando pra poder ir pro exterior. Foi o que aconteceu. Em 1960..., não, 1900... Isso, em 1960, eu... fui, ganhei uma bolsa da Fundação Rockfeller. Aí eu fui para os Estados Unidos, passei eu acho que um ano e meio na Universidade de Tulane, me preparando ainda basicamente, fiz curso de bioquímica naquela universidade, fiz cursos vários e me aprimorei mais no inglês. Cursos de farmacologia, tal. E depois passei 3 anos praticamente na Universidade de Yale. Uma universidade que tem um departamento de psicofarmacologia que era muito assim considerado na época. Como é que eu escolhi naquela época? Foi uma escolha que eu fiz praticamente sozinho. Até hoje eu me lembro, eu fiquei lá nos Estados Unidos com uma biblioteca lá, sempre, umas bibliotecas ótimas, né? Eu tinha acesso às revistas principais de farmacologia, inclusive, essa “Psicofarmacologia”, e eu comecei quando eu estava na Universidade Tulane, lá em New Orleans, a olhar todos os trabalhos publicados no campo da psicofarmacologia. E comecei mesmo a seriar, né, várias universidades e tal. E percebi que a farmacologia da Universidade de Yale, tinha uma parte muito ativa nesse aspecto. Tinha, por exemplo, tinha lá o Nicholas (inaudível), que já morreu, tinha o Jack Cooper e tinha o... Jack Peter Green que foi com quem eu acabei indo trabalhar. Ficamos até hoje... somos amigos ainda.

Bom, então eu falei – essa universidade inclusive trabalhava muito com sinaptozombas, com neurotransmissores, que estavam ainda mais no começo – aí eu falei: é aí que eu quero ir. E... tentei marcar uma entrevista, me concederam a entrevista. E eu fui lá, tinha um apartamento para os futuros candidatos a trabalhar como bolsistas, tal. Até hoje eu me lembro, era uma época fria, eu fiquei muito surpreso com a Universidade de Yale. Eram prédios absolutamente fantásticos, construídos há 200 anos num mínimo de pedras com torres, aquelas construções góticas incríveis, né?! E...eu fiquei num apartamentozinho antiquíssimo e a coisa que mais me marcou também foi que na porta, enorme de pedra, de... de... madeira maciça, estava escrito lá: “(inaudível) 1800 e não sei quanto”. Um estudante francês possivelmente, no século XIX foi lá e teve a curiosidade ou teve... escreveu o nome: “(inaudível) -1870 ou 1880” – eu não me lembro mais a data. Mas isso obviamente cria um ambiente muito, muito bom naquela universidade. E foi

inesquecível! Eu aprendi muito... eu aprendi várias coisas. A primeira coisa que eu aprendi, por exemplo, é que... você pode se fazer respeitar, né, porque há uma coisa que infelizmente, é verídico – era verídico na época, não sei se continua sendo, eu acho que talvez agora até mais (risos) – mas a gente é considerado como assim espécie de segundo time, né? Mundial assim, nós somos 2º time sem sombra de dúvida! E eu me lembro que passado uns 4 ou 5 meses, eu fui chamado pelo professor Green com quem eu trabalhava, fiquei lá, junto com o professor (inaudível) que era o chairman do departamento, grande chairman, chegaram pra mim e disseram: “Olha, passou o período de experimentação, você tá aprovado, estamos muito satisfeitos com a sua presença e quero dizer pra você que você quebrou aqui um algo que vinha ocorrendo nos últimos sete anos: nós não aceitávamos mais sul-americanos, porque os últimos que vieram fizeram um papelão enorme. E você quebrou essa, essa má impressão. Então a partir daí não sei quê.... Aquilo ao invés de... (risos)”. Eu não tomei como elogio, eu tomei como uma enorme ofensa, né? Até mais tarde eu falei pro dr. Green que era judeu: “Olha, você deve ter sofrido isso por ser judeu, né? Quer dizer, e você certamente não merece porque ser judeu não é ser miserável, você não é ladrão, né? Eu porque sou sul-americano não é porque sou um cara de segunda categoria e a maior parte dos meus colegas também não são. Tem ordinários no meio como tem em qualquer profissão!”. Aí ele disse que não, que podia ficar sossegado que nós éramos até primos, porque nós éramos mediterrâneos, né? Ele lá de Israel e eu descendente de italianos... (risos). Aí começamos a caçar muito da história, como é que foi e tudo.

Bom. Eu... à medida que eu fui trabalhando lá, eu aprendi uma coisa também... – aprendi não, eu percebi – que era muito importante para o meu retorno ao Brasil, eu queria voltar de qualquer maneira. Eu queria, eu não conseguia conciliar a ideia de viver nos Estados Unidos. E eu recebi o convite pra ficar na Universidade de Yale, quer dizer, o professor (inaudível) falou: Carlini, você tá aqui, você fica mais, vai tudo bem com você. Precisamos ter pessoas que tenham uma cultura diferente, que é importante, não sei quê e tal.... Eu percebia que eu era assim um sangue latino no meio de um sangue anglo-saxão, né? Porque a Yale aquela... uma daquelas universidades da ‘Sete Ligas’, né? Da liga das sete universidades que têm (inaudível), não sei se já ouviram falar. Tem... aqui nós chamamos ‘Unha de gato’, né? Aquela que sobe pelas paredes. E tem sete universidades lá que quase todos os prédios são cobertos por essa hera, tem muitos prédios. E é uma coisa muito linda. Então eles chamavam a Liga das... (inaudível), quer dizer, a liga das sete pessoas... das sete universidades. Bom, e eu então, pra poder eu não chegar aqui, eu me lembro várias vezes que antes de eu ir, eu vi vários colegas mais idosos que tinham ido e voltavam, ficavam, entravam na maior depressão, eu falei: olha, eu não vou aprender lá e não vou tentar aqui repetir imediatamente o que eu aprendi lá, porque eu sei que eu não vou ter condições ambientais nenhuma, né? Então eu vou tentar aprender a metodologia mais simples. E é incrível como na área de psicofarmacologia você pode trabalhar com a seringa, com o animal e um espaço, não precisa mais nada do que isso! Você pode fabricar, eu aqui improvisei equipamentos extremamente simples, e usados e muito, através dos quais os cientistas conseguiram descobrir grandes coisas, né? Por exemplo, o teste de subir na corda não é nada mais que uma corda com uma plataforma. Quer dizer, comprar uma corda e uma barrinha, um quadrado de madeira, qualquer um pode fazer, né? Labirintos, por exemplo, você mesmo faz em casa. Você vai serrando madeira, faz um labirinto, segue um modelo qualquer já famoso... por exemplo, eu construí aqui o (ininteligível), né, pra ver. Então quando eu voltei eu estava preparado pra trabalhar. Aí aconteceu uma coisa que só acontece na universidade brasileira. Eu me formei...

FD - O senhor voltou em que ano?

EC - Eu voltei em 1964, né? Bom, coisa que só acontece num país como o Brasil. Eu... voltei em 60... eu me formei em 1957. Durante 3 anos: 58, 59, início de 60 – que eu segui 60, né? Janeiro de 60 – 58, 59, eu fiquei como assistente voluntário aqui na Escola Paulista de Medicina. A Fundação Rockefeller na época me deu uma bolsinha porque o governo não podia me contratar. Aí eu saio, passo 4 anos fora, até um pouco mais de 4 anos, nesse meio tempo eu tinha a certeza que sairia a minha nomeação. Quando eu volto a minha nomeação não tinha saído. E o que mais me deixou irritado foi que um colega que estava na mesma lista que eu, mas que tinha morrido há dois anos, saiu a nomeação dele, né?

Bom, eu volto desempregado. Eu volto desempregado, fiquei meio desesperado. Falei: oh! eu não posso. Eu estou casado, com... estou com três filhos. Quer dizer, como é que eu vou viver nessa situação, né? Aí eu consegui o cargo de professor... professor... de professor não, de chefe da Seção da Fisiologia Animal do Instituto Biológico de São Paulo. E lá, por exemplo, eu fiz o meu primeiro trabalho de psicofarmacologia totalmente autêntico meu, que não tinha nada a ver com os trabalhos que eu fiz em colaboração, colaborando lá com o professor Peter Green, que eu tive vários trabalhos publicados lá. Quer dizer, eu simplesmente peguei a maconha, consegui e fiz um extrato de maconha e apliquei o extrato de maconha em animais que tinham que aprender um labirinto, o labirinto (inaudível). E procurei demonstrar se a maconha melhorava ou prejudicava a aprendizagem e, principalmente, responder uma pergunta que todo mundo dizia: há tolerância com a maconha? Eu falei: “Bom, eu vou fazer um método experimental comportamental, se o animal tem esse método aprendido, eu quero ver se interrompe, a maconha interrompia. Agora, eu vou dar todo dia, quero ver se a maconha perde efeito”. E perdeu, né? Então são dois trabalhos que foram publicados, são muito citados em literatura internacional e tudo. Nessa época, aí é que vem 64, eu começo a ficar interessado por outras plantas. Eu falei: “Ó, o dr. Ribeiro do Valle já trabalhou com a maconha, mas o Brasil não tem só maconha e maconha não é planta brasileira, é uma planta que foi trazida pra cá, né?” Então eu teria todo o interesse em trabalhar, tinha todo interesse de trabalhar com plantas. E comecei simplesmente a catalogar informações que eu obtinha aqui, obtinha lá e tal. Aí aconteceu uma coisa muito curiosa no Instituto Biológico. É... eu era chefe de uma seção, Seção de Fisiologia Animal, e tinha um... um cargo superior que era um diretor... diretor de uma divisão, né? Eu não me lembro mais o nome da divisão. Ham?

TF - Professor, o senhor foi para o Instituto Biológico convidado, concursado...?

EC - Não, eu fui... eu fui por convite. Eu fui por convite. Eu fui convidado pelo diretor do Instituto Biológico. Foi uma nomeação.

TF - Lá já existia trabalho com plantas medicinais também?

EC - Não, mas ele me deixou... eu deixei claro... era o dr. Paulo, Paulo Nóbrega. Paulo Nóbrega era uma pessoa assim de uma visão muito grande. Ele simplesmente falou: olha, você vem trabalhar aqui no que você quiser. O que você tem de fazer é o seguinte, era a seção de Fisiologia Animal, tem que fazer alguns exames de rotina, que não lhe ocupam muito tempo de modo algum, você vai ter tempo se você tiver atividade, for ativo, pra você poder desenvolver sua linha de pesquisa. Que até o Instituto Biológico gostaria que

isso fosse feito, não sei quê e tal. E a gente fez isso. Fez isso, então nós desenvolvemos lá uma parte de rotina que era dosar a presença de cobre em... no fígado de animal, algumas coisas dessa ordem, não me lembro mais dessa rotina. E eu desenvolvi toda uma parte de pesquisa, mas aí aconteceu uma coisa assim que, eu era médico, lá o ambiente era dominado por veterinário. E esse corporativismo existe no Brasil.

A segunda coisa foi que... eu criei um ambiente meio desagradável pelo fato que eu não concordava com certas... (risos). Por exemplo, me lembro que eu ganhei um espaçozinho pequeno e... não tinha banheiro, nós tínhamos que caminhar 100 metros pra ir num banheiro. Quando chovia era um negócio. Eu falei: “Olha, vamos fazer um banheirinho aqui, não sei que...”. Aí resolveram fazer o banheiro. Bom, aí quando chegou na hora eu pedi uma tampa, a tampa da bacia da privada, né? E aí me vieram pra que justificasse a compra daquela tampa de bacia de privada. Eu falei: “Pra que é que eu vou justificar a compra de uma bacia de privada? Não vou dizer que é pra sentar em cima, pra evacuar...!”. Uma coisa dessa ordem, né? Aí fiquei lá e escrevi assim: “Para fins óbvios”. E aquilo foi tomado como ironia, como ofensa, pela seção de compras lá. E aí criou um bafafá danado porque... (risos) eu quase que falei: “Olha, você pega a coisa lá dentro, passa na cara, que eu vou embora, né?” Porque eu fiquei irritado demais com a situação. Essa foi uma das circunstâncias.

A outra circunstância foi que... várias seções se limitavam exclusivamente ao serviço de rotina. Então não havia... algumas seções eram superlotadas... sobrecarregadas, sobrecarregadas de serviço e outras nem tanto. E como a gente chegou lá e mostrou que além do serviço que a gente tinha de fazer de rotina, podia trabalhar também numa área de pesquisa, isso também criou um pouco de problema porque a gente começou a servir de uma espécie de padrão comparativo, né? O que é muito chato isso! É a pior coisa que tem é você estar num ambiente aonde de repente você se sobressai, quer pra mais, quer pra menos. Eu acho até que quando é pra mais é pior ainda, porque desperta uma ciúmeira e uma raiva porque você começa a ser comparado e os outros que estão em desvantagem...

Bom, então o que aconteceu foi que houve o Congresso Mundial de Farmacologia aqui em São Paulo. E eu fui designado como um dos membros comitê organizador do simpósio, do Congresso Mundial aqui. E eu tinha que ir às reuniões, e aí esse chefe acima – não me lembro do nome dele, nem faço questão de me lembrar – ele simplesmente chegava, quando eu saía, ele fazia questão de ir lá e cortava meu ponto. Eu chegava e dizia: “Mas doutor, eu estou indo porque é uma coisa...”, ele: “Não, isso aí não interessa. Isso aqui é frescura de sua parte, né? O que nos interessa aqui é que o senhor dose não sei que na vaca, não sei o que e coisa e tal”. Então a gente criou um ambiente muito desagradável e eu vi que não poderia trabalhar mais lá. Então eu fui pra Santa Casa de Misericórdia. Abri o curso de medicina lá, ah... e pediram pra que eu organizasse a disciplina de farmacologia no Departamento de Ciências Fisiológicas. Eu fui...

TF - Na Santa Casa não tinha curso de medicina?

EC - Não tinha. Ela começou em 65, 65, é. Bom, isso com um problema que eu voltei três dias, eu devo ter chegado dia 28 ou 29 de março, né? Bom, eu fui visitar minha avó lá em Ribeirão Preto e tal, e quando eu estou voltando no dia 31 de março, eu ligo o carro (risos) eu ouço a notícia do golpe de Estado, né? Golpe militar. Então nós estávamos vivendo numa época conturbada, né? E eu tinha passado pouco mais de 4 anos num país aonde... se há alguma coisa a ser elogiada lá é a liberdade de... de se falar, de... de... né? Nossa! Os Estados Unidos realmente nesse sentido assim eu me lembro que era uma coisa da gente ficar até admirado com as facilidades. Eu assistia muito aquelas palestras



com o... (inaudível), (inaudível), né? É um sociólogo americano. Mas nossa! Eu nunca vi um crítico mais ferrenho da sociedade americana, acho que é Leon (inaudível), senão me engano, lá de Nova Iorque. Como eu estava pertinho, ia lá com alguma frequência, assistir as palestras do (inaudível). Bem, é... Lá na Santa Casa, eu fiz o seguinte, falei o seguinte: “Bom, nós vamos começar por trabalhar num ambiente absolutamente sem nada. A faculdade vai começar a sua atividade agora, então, mais do que nunca é o momento de eu escolher, primeiro: o que é que eu vou dar como curso de farmacologia; segundo: o que é que eu vou fazer de pesquisa. Não tinha nenhum equipamento. Farmacologia não tinha absolutamente nada”. Eu falei: “Nós haveremos de dar um curso de farmacologia”. Então, eu bolei um curso de farmacologia sem equipamento. Eu escrevi um livro. Esse livro tá até quase esgotado, já, já. “Farmacologia sem a prática, sem a aparelhagem.” Aonde eu consegui dar praticamente todas as aulas práticas importantes da farmacologia naquela época sem o timógrafo, sem um aparelho, nada de aparelho elétrico. No máximo... não, não tinha nem aparelho elétrico. Quer dizer, não tinha, era tudo que você podia trabalhar num ambiente sem eletricidade, né? E modéstia à parte, saiu muito bom o curso. Aliás muito melhor porque os alunos fabricavam as coisas, o convívio foi muito grande e tal. E ao mesmo tempo, eu comecei a falar: bom, plantas é o assunto pra se trabalhar numa faculdade como a Santa Casa. Vamos pegar então essa minha antiga...

TF - Por que o senhor achava isso?

EC - Olha, porque eu já tava, tinha um encanto muito grande, na época do dr. Ribeiro do Vale, né? Quer dizer, eu comecei a trabalhar, meu primeiro trabalho foi com produtos naturais, (inaudível). Vi o Ribeiro do Valle trabalhar. Acompanhei sempre os dados a respeito de plantas. É... eu achava que havia um exagero muito grande de planta ter sido colocada completamente de lado. Nessa época já tinham grupos que começavam a procurar, dizer que planta era uma alternativa válida pra medicina, devia ser reestudado o assunto. E por outro lado aquele conhecimento que a gente tem, se você pegar... na atual terapêutica, você vai ver o número de produtos naturais que eram ainda usados de fonte natural ou então quer de origem natural depois sintetizado, eu acho que é mais de 80% da farmacologia. Você pega os antibióticos a fonte é natural, né? Você pega quase todos alcalóides usados por aí são naturais. Os opiáceos todos, a origem toda deles é de fonte natural. Quer dizer, os grandes relaxantes musculares, é... Papaverina, os anticolinérgicos todos. Quer dizer, é uma coisa incrível como você tem medicamentos que hoje estão sob forma de comprimido, de ampolas, mas que na realidade estavam antes na planta! E continuam nas plantas, né? Então tudo isso me levou a achar que o Brasil era um país que deveria ser, deveria ter uma flora que não tinha sido bem estudada. E aí a gente começou. Foi daí que surgiu a ideia do 1º Simpósio. Foi lá na Santa Casa, eu falei: “Bom, vamos começar desse jeito...”. Então, a gente chamou o pessoal que a gente pôde (tosse). Organizou, saiu, eu consegui publicar o primeiro volume, os primeiros, os anais nos arquivos do Instituto Biológico. Eu me lembro que nessa reunião teve alguma coisa marcante. Quer dizer, o Ribeiro do Valle compareceu, deu uma palestra belíssima... mas a grande, a grande vedete da reunião – infelizmente eu não consegui gravar isso direito, consegui apenas tirar uma parte – foi uma discussão entre o Gottlieb, o Otto Richard Gottlieb, e o Gonzaga Laboriaux, o botânico. Não sei se vocês chegaram a conhecer o Luís Gonzaga Laboriaux.

TF - Não. Laboriaux, não.

EC - Olha, era uma figura ímpar! Nossa! Uma pessoa assim de uma... O problema dele, a cabeça dele era grande demais pra um paisinho como o Brasil. Quer dizer, era um cara de uma explosão intelectual enorme! E ele dá uma discussão enorme com o Gottlieb, mas discussão no sentido assim... Belíssima a discussão! Aonde o Gottlieb fala que deve se aprofundar cada vez mais, deve se procurar ir nas minúcias das moléculas e se possível do átomo. E o Laboriaux tem uma visão diferente. Por isso que ele estava falando sobre planta, né? Eu me lembro que ele deu o exemplo dos ácidos nucleicos, que se não fosse alguém – que eu não sei quem é, que não me lembro – que não tivesse curiosidade pela cor das asas das borboletas, possivelmente a descoberta dos ácidos nucleicos demoraria muito. Então ele mostra, ele mostrando assim, ele cita que os pigmentos das asas da borboleta têm alguma coisa a ver com base nucleotídeos, bases puras ou perimidínicas, que eu não me lembro mais. E ele então mostra na realidade que o cientista na realidade, ele não tem que ficar só assim muito..., vamos dizer, dentro de uma visão, né? Ele tem que ter as suas antenas... abertas pro mundo, né, como tal. Bom, partir daí nós fizemos o segundo e enfim, nós agora estamos no 15° ou 16°, né?

TF - Mas aí, só voltando. Então esse 1° Simpósio, ele me pareceu ter um enfoque assim, de uma tentativa de organização dessa comunidade...

EC - Isto.

TF - ...e tinha duas, me pareceu pela leitura da... dos anais do simpósio, dois, dois enfoques. Veja se eu estou correta. Um é essa preocupação da organização dessa comunidade...

EC - Isso. Isso com certeza.

TF - ...científica na ocasião. E a outra é a perspectiva de montar na própria Santa Casa uma disciplina de farmacologia meio pautada nessas experiências que vocês tinham, correto?

EC - Correto. Quer dizer, a parte de pesquisa com plantas medicinais. E veja por que é que gente é... pensava em organizar. Quer dizer, não é porque a gente se julgasse coisa nenhuma na época. Eu estava ainda... relativamente no início da carreira, né? Mas é que as tentativas que eu fiz de localizar centros que trabalhassem mais com essa visão ampla, conversava com o dr. Gottlieb ele se interessava por aquela molécula e se aprofundava nela e eu falava: mas não é isso que eu quero. Eu estou interessado quer dizer, com a farmacologia, a botânica, será que eu posso ter alguma coisa da botânica que pudesse interferir aqui? E se eu usar um animal de diferente fisiologia, né? Então eu notava que não havia essa integração. E a ideia foi, nós convidamos aí, farmacólogos, botânicos e... e químicos, e químicos. Na tentativa de ver se integrava, pra ver.

TF - O professor Otto nessa ocasião estava muito próximo de vocês, estava trabalhando aqui? Como é que era essa...?

EC - Não. Na época ele já tinha uma atividade... fantástica, né? Que o dr. Otto eu acho um... Ele, por exemplo, tinha um grupo aqui em São Paulo, acho que ele tinha um grupo em Minas Gerais também, eu acho que ele tinha um outro grupo senão me engano em Pernambuco... eu não me lembro bem...

TF - Brasília...

EC - Brasília. É, Brasília eu acho que foi um pouco... não, foi na época! Foi na época, é verdade. E ele confessou que ele viajava o tempo todo, quer dizer, ele era uma pessoa assim – parece que foi indicado o nome dele para o Prêmio Nobel, uma série de coisas – eu acho muito merecido pelo esforço dele, nossa!

TF - Sim, mas aí continuando com a história dos simpósios. Nesse primeiro teve essa característica. E esses simpósios vieram crescendo, digamos assim. Eu queria que o senhor falasse um pouquinho principalmente desses primeiros que o senhor organizou.

EC - Olha, eu... veja, o segundo eu acho que, quer ver, o segundo nós organizamos também e não teve nenhuma outra... finalidade a não ser ver o que aconteceu à medida que o tempo passou. Quer dizer, então: houve algum progresso? Como é que isso...? A situação atual, tá certo? O terceiro foi realizado, quer dizer, eu achei: bom, nós fizemos um, fizemos dois, se a gente não conseguir mudar isso, não vai funcionar! Não vai funcionar porque fica uma coisa dependente de pessoas e não uma ideia, né?

TF - Esse mudar era o quê? Qual era...

EC - Não, mudar, eu digo mudar o local e as pessoas que organizassem. Porque veja, do primeiro pra o segundo nós resolvemos checar o que tinha havido, né? Quer dizer, não houve nenhuma ideia nova pra chegar e... falar: não, vamos mudar o enfoque, né? O terceiro foi no Rio de Janeiro. E foi feito lá com a colaboração da Academia Brasileira de Letras, de Ciências, né? ABC.

TF - O Mors foi dirigir?

EC - O Mors foi dirigir. Bom. A... não me lembro mais dos detalhes. Eu tive lá, apresentei um trabalho ou outro, mas não me lembro mais dos detalhes, pra ver. Eu sei que o quarto, foge à minha memória.

TF - Mas só voltando no 1º Simpósio...

EC - Agora, o 5º, nós fizemos questão de retrazer porque eu senti que a coisa estava degradingolando. Então nós fizemos, nós fizemos o 5º aqui, demos uma grande ênfase. Foi quando saiu um livrão grande, capa verde da “Ciência e Cultura,” né?

TF - Aí só o seguinte, o 1º é... foram apresentados sete trabalhos. Né? Quer dizer, nos anais. Como é que vocês escolheram esses sete trabalhos?

EC - Ah! Não foram escolha, (risos) foram os que se inscreveram!

TF - Ah, era por inscrição, não era convite não!

EC - Ah, foi nessa base. Não, não era convite. Quer dizer, nós fizemos convite, procuramos anunciar pra tantas pessoas quanto existir. Nós...

TF - Que vieram 100 pessoas mais ou menos e sete trabalhos.

EC - É. O número de pessoas deve ter até a lista de todos os presentes, né? E sete trabalhos. Exato. O que houve foi muita discussão. Eu não me lembro mais, mas sempre, olha, eu... eu pelo menos até o 10º – porque o 10º eu também acho que foi organização da gente – até o 10º, quer dizer, eu organizei o 1º, o 2º, participei do 3º, depois o 5º, o 10º, nesse paramos por aí. Até quanto eu me lembro, por exemplo, ao 10º ... não havia seleção prévia de trabalhos não. Não sei como é que tá sendo nesses últimos. Eu nunca me lembro. E eu sempre fui meio contra, viu, a haver seleção prévia de trabalho. O que eu acho que você tem que fazer, se aparece uma pilantragem no meio, você aceita e você descasca o indivíduo na frente de todo mundo. Porque o que ocorre é o seguinte, se vem um picareta e você não deixa falar, ele vai encontrar um lugar onde vai falar a besteira dele, né? Agora, se vem num lugar aonde há uma crítica séria e ele fala e você chega e diz: olha, o que você falou tá errado por isso, isso e isso. Por isso, isso, isso e isso, você vai aprender a trabalhar primeiro, pra depois vir apresentar. Ele vai ficar um pouco mais tímido. Ele não vai querer chegar e ir direto. Eu acho que essa é a função da ciência, né? Da apresentação do trabalho científico. É você corrigir os erros que ocorrem normalmente, então há um diálogo aberto e franco e você também perceber quando há a má fé. E a ciência não está isenta da má fé, né? Aliás cientista também entre nós, quantos safados não tem? Como entre padres eu encontro um número também de safados, entre advogados, entre médicos. Em qualquer profissão você encontra pessoas de diferentes tipos de... de moral, né, e de ética. Então, e... se você me perguntar: houve uma diretriz, uma organização nessa linha de simpósio? eu vou dizer: eu não sei. A única coisa que eu achava fundamental, era que houvesse, por exemplo, sempre... (interrupção da fita)

### Fita 3 - Lado B

EC - ...uma diretriz, sobre diretriz. Quer dizer, eu me lembro que era importante. Eu achava que deveria ter então presente ali os especialistas nessas áreas e que deveria, se possível, ter: médico, farmacêutico, químico, né? Botânicos, biólogos, mas era uma coisa que era difícil você tentar conjumar tudo isso. A outra coisa que eu me bati sempre foi o seguinte: foi que... a coisa mais difícil que eu encontro hoje é conversar com químico quando ele vai falar qual é a constituição química das plantas que eu estou estudando. E eu percebo claramente, que muitos químicos... quando eu falo: olha, tem um efeito inotrópico positivo, estou falando grego, né?! Então, e quanto mais a classificação botânica, né?! Então eu me batia muito pra que houvesse dentro dos cursos uma espécie de alfabetização nas outras línguas, pra que nós dominássemos um linguajar comum. Isso...

TF - Mas isso o senhor vê só nas plantas medicinais ou na área de farmacologia como um todo? Como é que o senhor vê essa...?

EC - Não. Olha, eu... eu... na parte de... é interessante essa pergunta, porque na parte de psicofarmacologia quando eu lido com sistema de neurotransmissor, por exemplo, estou trabalhando. Estou trabalhando muito com maconha e neurotransmissores cerebrais: dopamina, (inaudível)... a dopamina, esse tipo de coisa toda. Quer dizer, eu... quando eu apresento esse trabalho, quer dizer, o público ele é mais... ele mais homogêneo. Sempre. Quer dizer, eu acho que é porque eu apresento, sei lá, apresento no SBPC [Associação Brasileira para o Progresso da Ciência], depois passei a apresentar na FESBE [Federação

da Sociedade Brasileira de Biologia Experimental]. Então não havia essa heterogeneidade. Agora, você faz um programa sobre plantas medicinais, é impressionante a heterogeneidade das pessoas! É incrível! E você não pode deixar de dar atenção, desde um curioso que acredita que tem uma planta milagrosa até o espertalhão que vem com uma fórmula secreta que quer lhe vender, passando pelo químico, pelo farmacêutico, pelo farmacólogo. Aí você não tem um linguajar comum. É bem diferente, por exemplo, de um encontro de psicofarmacologia ou, por exemplo, de neuroquímica. Você tem é uma homogeneidade muito grande, pra ver. Bom, eu só sei que realmente é um sucesso bastante grande, acho que é uma coisa que... que faz bem eu acho pra ciência aqui do Brasil, essa parte de produtos naturais e... eu só tenho um pouco de temor, eu não sei até hoje, por exemplo, eu não consigo saber se é bom ou mau. Eu tenho visto que há uma proliferação de reuniões sobre plantas medicinais muito grande. Tanto que eu falei pro meu pessoal que tá trabalhando aí, falei: olha, se nós formos frequentar 4, 5, 6 diferentes simpósios por ano, não sobra tempo pra trabalhar.

TF - São as mesmas pessoas que costumam ir, costumam...?

EC - Olha, eu tenho visto o seguinte, os que eu tenho mais... agora tem um, por exemplo, aí que agora tem um programa, eu não conheço nenhuma das pessoas que vão falar. É um grupo de Ribeirão Preto. Nenhuma pessoa é conhecida, pra mim pelo menos, da área, né? Então eu estou vendo que vão pessoas que estão tentando entrar na área se organizando em pequenas coletividades. Eu não sei se isso é bom ou se é mal, mas eu acho que pra quem tá querendo trabalhar continuamente na área é ruim. Porque realmente, mesmo se tiver dinheiro, você frequentar a cada mês, cada dois meses, um simpósio, passar três, quatro dias discutindo, você vai ter pouco tempo pra trabalhar. Vai ter pouco tempo pra trabalhar mesmo, que é preciso...

TF - E esse pessoal de Ribeirão Preto não ido aos simpósios nacionais?

EC - Eu não sei! Olha, eu acho difícil que não tenham ido. Porque o último simpósio foi ...

TF - Em Águas de Lindóia.

EC - ...em Águas de Lindóia. Eu estou tentando... em Águas de Lindóia, depois teve em Curitiba, depois em Florianópolis, né? Eu acho que é a sequência.

TF - Não. O de Lindóia foi o último.

EC - O de Lindóia foi o último, mas o de Florianópolis foi o anterior, é. Nesses dois que eu estive presente, eram centenas e centenas de participantes, né? Então eu não sei se esse pessoal de Ribeirão Preto estava lá presente. Eu sei, por exemplo, de Ribeirão Preto tinha um grupo de químico, de química, muito bom. Um núcleo de produtos naturais. Lá tinha... – ah, meu Deus! – uns nomes: Davi... não me lembro o sobrenome do Davi, tinha uns três ou quatro químicos muito bons, né? Nós começamos até num certo tempo a trabalhar em associação. Eles isolavam, faziam uns extratos lá de umas plantas e eu testava aqui em São Paulo. Mas esse pessoal não estava nesse pro... nessa programação. Não é crítica não, mas eu acho que é uma coisa que você tem que constatar! Quer dizer, se você tem uma série que já está consagrada, ela consegue trazer realmente muita coisa nova para as pessoas que vão assistir... eu não vejo por que você ficar multiplicando ‘n’

vezes, né, esse tipo. Eu por exemplo, eu fui fundamentalmente contra a criação da FESBE. Eu não aceitei de modo nenhum, eu era um elemento que tinha muita participação no SBPC. Eu...

TF - A FESBE, né?

EC - É. Ah, eu fui muito contra! A FESBE pra mim foi o seguinte, quer dizer, quando... O que aconteceu foi o seguinte, a... o governo militar, ele simplesmente tentou acabar com a SBPC. E tentou de uma maneira extremamente dura, né? Em [19]77 eles proibiram a SBPC de Fortaleza. Nós organizamos aqui em São Paulo no tapa, essa reunião. Eu modéstia parte tive uma participação muito grande. Quer dizer, eu telefonei pra todo o estado, passei noites telefonando, convidando, fiz parte de todos os comitês de organização e fizemos a reunião aqui. Bom, aí foi um bafafá, né, quer dizer. E a SBPC saiu do seu leito de ciência. Ela entrou numa luta política mesmo que já tinha uma tendência antes que era controlada. E foi muito importante para a redemocratização do país. Foi extremamente importante. Quer dizer, se não tivesse havido aquele primeiro grito de revolta da SBPC com Don Paulo Evaristo Arns falando, o Rocha e Silva falando, todo mundo falando e tal, eu acho que teria demorado mais tempo pra coisa ter. Foi o primeiro brado de revolta que houve, né? Bom, a partir daí a SBPC ficou assim coisa maldita do governo. E ela passou a sofrer as consequências disso. E aí houve um grupo também, na outra reunião eu ia comentar o seguinte: se alguém ia falar sobre uma enzima, dizia o que é que a enzima tem a ver com a liberdades democráticas? Um negócio absolutamente (risos), realmente..., mas era impressionante! Qualquer lugar que você ia naquela SBPC depois de 77, 78, você só ouvia esses gritos: “Liberdade democrática! Abaixo a ditadura!” Qualquer reunião que você entrava, qualquer coisinha que você falasse, dava margem a você pegar a deixa e ir pra frente. E eu defendia, eu falei: gente, mas isso é saudável! É o momento adequado, é o único veículo que a população tá tendo pra dizer ‘não’, né? Se nós formos agora desprestigiar a SBPC, nós acabamos com uma coisa importante para o país. Infelizmente, não fui ouvido, eu fui um dos poucos que fui contra criar, eu falei: “Olha, vocês vão matar o SBPC! A SBPC vai perder o seu poder científico!”. E realmente aconteceu isso, quer dizer, a SBPC, se você for pensar cientificamente, tem muito pouco valor. Quer dizer, toda a concentração científica tá lá dentro da FESBE. Mas é assim, é uma coisa – era pelo menos – absolutamente esterilizado. Quer dizer, uma coisa assim, olha, que nós estamos numa redoma em Marte, vamos falar sobre ciência, ciência pura, fantástica... Ela pode estar em qualquer lugar, não importa. Não importa o país, não importa a situação, não importa nada. Então, eu... tanto que eu deixei de frequentar a FESBE durante, sei lá quantos anos. Desde que se criou, eu nunca fui na FESBE! A não ser agora no ano passado, me convidaram pra fazer uma palestra, eu fui lá. Mas eu, o meu pessoal nunca impedia é óbvio, mas dizia: olha, vocês tentem encontrar outros locais também. Vocês vão lá na FESBE aprender aspectos científicos, mas vocês vão sair uns pobres de espírito se vocês só ficarem nessa parte científica, que eu acho lamentável pra um cientista ficar só mexendo na sua área, esquecendo que ele tá dentro de um país que se chama Brasil, né? Bom...

FD - O que é a FESBE?

EC - É Federação... FESBE: Federação da Sociedade de Biologia. Federação... É famosíssima a FESBE!

FD - Ah, da Sociedade de Biologia!

EC - De Biologia. Foi a FESBE. Federação Brasileira da Sociedade de Biologia Experimental. E congrega um número, agora vai ser a FESBE por exemplo. Tanto que nessa semana agora, dia 25... semana próxima. Não, essa semana! O pessoal tá todo mundo indo pra lá. Em ônibus, ônibus... vão aqui da Escola. Vão centenas...

TF - Então essa FESBE foi posterior ao SBPC num certo movimento contra essa queda do SBPC?

EC - Não, não foi contra o SBPC. Quer dizer, foi contra, por exemplo, não ao SBPC como entidade, que foi criado em 1948, né? Quer dizer, eu comecei a assistir SBPC em 1951, mas, não, 52, né? Então eu vivi o SBPC desde os primeiros momentos que estava sendo criado e tal. Eu tenho assim uma ligação assim... quase que ... de filho pra mãe, né, em relação ao SBPC. Que muito o meu início de ciência foi lá. Apresentei o meu primeiro trabalho científico lá, esse tipo de coisa todo. Ah... o que eu acho é que realmente você não podia ir no SBPC naqueles anos, chegar lá e discutir, por exemplo, se tal droga, tal droga tá agindo, inibindo de uma maneira alostericamente a enzima 'x'.

TF – Sim, mas eu perguntei se foi um grupo que saiu do SBPC pra criar...

EC - Foi. Eram todas pessoas que eram do SBPC. Quer dizer, a SBPC representava o Brasil inteiro. Quer dizer, não tinha... era representada pelo Brasil inteiro, né? Quer dizer, tinha gente de todos os lados lá pra... Então ficou uma coisa assim que a gente ah... lamentou muito. Agora, ao que me consta, pelo que tenho visto, começa a haver também dentro da FESBE uma coisa que eu acho inevitável. Quer dizer, começa a discutir também novamente problemas da vida, problemas das condições sociais do país, do problema que a ciência tá sofrendo agora com esse governo. Embora eu costume até dizer: bom, agora tá sofrendo porque há 4 anos que não aumenta os salários. Não aumentam não... – como é que falam?

FD - Reajustam.

EC - ...não reajustam o salário da gente. Eu, por exemplo agora... cortaram, cortaram do meu salário de aposentado  $\frac{1}{3}$ .  $\frac{1}{3}$  não,  $\frac{1}{4}$ . Praticamente  $\frac{1}{4}$ . Soube que eu vou perder o meu (risos) – acho uma piada terrível essa – eu não sei se vocês viram que o governo vai cortar o salário família, né?

TF - Que é enorme.

EC - Enorme! 15 centavos por mês, né? Eu até escrevi um artiguinho que eu depois acabei não colocando mais na Internet aqui. Eu falei: “Olha, eu estava dizendo que eu não sabia como é que eu ia sustentar”. Eu tenho duas filhas. Uma tá com 12, as duas últimas, a outra tá com 7 anos, né? Eu não sei como é que é... porque com esse dinheiro que recebia, 30 centavos por mês, era que permitia que minhas filhas sobrevivessem. Porque eu comprava 2 pãezinhos e repartia cada um em 30 pedacinhos pra elas não terem indigestão e comerem um pão no mesmo dia, né? Todo dia de manhã eu dava um pedacinho de pão pra cada uma, elas tinham então 30 dias comendo pão, né? E que eles iam me cortar essa coisa. Como é que eu ia viver daí pra frente? Mas enfim, acabei não publicando a coisa. Bom, eu... estou no fim?

TF - Não, eu queria fazer uma outra pergunta ainda. É... com relação às plantas medicinais houve alguma iniciativa ou alguma tentativa de organização de alguma associação, alguma sociedade, alguma coisa assim, de profissionais?

EC - Houve. Eu acho que houve até mais do que uma. Eu pelo menos fui consultado umas duas vezes por aí e... uma delas chegou a ser criada. É... – como é que se chamava, hein? – ... era um rapaz, ela estava ligada à indústria, o rapaz era um representante da Rhodya... ... Fundação Brasileira de Plantas Mediciniais. Acho que esse é o título. Fundação F... BPM. Exatamente, Fundação Brasileira de Plantas Mediciniais. Começou a organizar e começou a tentar haver a... publicar uma revistinha. Depois o rapaz morreu e com isso morreu a ideia também. Não me lembro de outras tentativas não.

FD - E aí então quando ele morreu acabou.

EC - Acabou. Essa pelo menos acabou, né? Ah... eu me lembro que houve também um movimento importante, de criar o primeiro banco de dados, o projeto Flora do CNPq. Não sei se vocês estão a par desse projeto.

TF - Sim.

EC - Bom, eu não sei se é verdade. Eu sei que não funciona porque... eu sei que o CNPq gastou bastante dinheiro.

TF - Sim, mas aí é uma outra questão, né? Uma questão de financiamento que a gente até podia...

EC - É, mas eu acho que essa não foi uma questão de financiamento. Eu acho que foi mau gerenciamento do projeto como um todo.

FD - Fala um pouquinho do Projeto Flora pra gente. Porque as informações são sempre escassas, né?

EC - Pois é, veja, no Projeto Flora nesse 5º Simpósio, apareceu a pessoa do CNPq que tomava conta. E o projeto Flora é um projeto extremamente ambicioso, entendeu?

FD - E quem era essa pessoa? O senhor lembra ainda?

EC - Alcides, Alcebíades... Olha, tem no 5º volume, vocês encontram lá. Tem até... eu tenho isso às vezes, eu mostro, por exemplo, o slide, né? Tem até o... questionário do computador. Como é que chama isso?

TF - O formulário.

EC - O formulário de computador, com todas as informações, com tudo, pra ver. Então estava havendo uma série de... Ah, iam ter centros coletadores de informações em vários centros, em vários locais. Ah..., mas eu não sei o que foi que houve, porque com todo esse planejamento a informação que eu procurei obter, eu cheguei um dia, procurei e resolvi testar o Projeto Flora. Aí eu pedi uma informação de uma planta que eu sabia que era uma planta...



TF - Era um Banco de Dados?

EC - Um Banco de Dados. O Projeto Flora é um Banco de Dados.

TF - O senhor não chegou a mexer nele...

EC - Não, não cheguei porque estava lá em Brasília! O que eu fiz foi, eu fui lá pedi, mandei um ofício pedindo informação. E era uma planta comum, né? Aí eles me informaram que não tinham nada no acervo. Eu falei: “Não é possível. Como é que pode? Qualquer livreco que eu pego aí eu encontro pra ver, né?”. Então pelo menos nas vezes que eu tentei acessar, não funcionou. E depois me disseram que o que estava armazenado lá, o que tinham conseguido armazenar, eram os verbetes do Pio Correia. Essa é a informação que eu tenho, mas nunca chequei isso. Nunca chequei.

TF - O senhor sabe onde foi parar essa...[bando de dados]

EC - Tem que tá lá no CNPq! Não tá não?

FD - Não, parece que não. A informação que a gente tem é que isso foi levado... foi levado pros Estados Unidos, nas fitas magnéticas, né, de computador, e que a senha de acesso a essas fitas teriam sido perdidas, essas fitas ficaram nos Estados Unidos. ... A gente não teria mais a informação do... acesso ao Banco de Dados do Projeto Flora.

EC - Olha, eu...

FD - Quem passou a informação mais concreta pra gente sobre isso foi o professor Matos, lá de Fortaleza. Mas...

TF - Mas teve uma discussão...

FD - ...ele foi consultor desse projeto...

EC - Ele era um dos centros de coletar de informações, que eu me lembro.

FD - Ele, inclusive, tem uma revolta danada com esse desfecho. Foi ele quem falou pra gente desse desfecho...

EC - Escute você, engraçado, tem um professor Farnworth, acho que é um americano...

FD - Como é o nome?

EC - Farnworth.

FD - O senhor pode soletrar?

EC - Bom, eu vou ver se eu... é F-a-r-n-w-o-... deve ser t-h. Farnwoth. Se eu não estou enganado desse nome. Bom, ele coletou muitos dados, segundo informações que eu tive, muita coisa aqui do Brasil. E a universidade, ele tem um sistema de dar informação

chamado ‘Napralerte’, não sei se vocês ouviram falar. Eu estou meio... Será que não tem alguma coisa? Porque eles dão informação sobre uma coisa...

FD - O Napralerte é no mesmo lugar. A gente tem informação de que essas fitas teriam ido pra Chicago. O Napralerte tá em Chicago.

EC - É. Tá em Chicago.

TF - É verdade.

FD - Então é uma coincidência (risos) muito grande. Inclusive a gente teve uma informação do professor, do dr. (inaudível), que seria hoje o responsável pelo Napralerte, pelo Mediflor. Que é um outro Banco de Dados também da...

EC - De Dados.

FD - ...University of Illinois at Chicago...

EC - É, eu acho que é lá nesse lugar, é.

TF - Mas num desses congressos que vocês organizaram em São Paulo, que o senhor organizou, o senhor mesmo teve uma discussão bastante enfática, não me lembro com que personagem, com que... tipo de instituição, sobre isso. Que a discussão era sobre a organização de um Banco de Dados e o senhor reclamava da possibilidade de mandar os nossos dados para o exterior. O senhor lembra dessa discussão?

EC - Não. Eu me lembro de algumas discussões, mas dessa especificamente, não. Eu... o que eu me lembro, por exemplo, foi de denúncias dessa ordem. O dr. Laboriaux, por exemplo, no 1º e eu acho que no 2º simpósio inclusive, ele declarou taxativamente que conhecia pessoas trabalhando em repartições públicas do governo... – eu quero crer que eram botânicos, ele não identificou e tal – enviavam sistematicamente espécimes de plantas brasileiras dizendo: planta tal, uso popular tal. E recebiam 50 dólares por remessa. Que era então depositado na conta. E ele então denunciava isso. E obviamente você se sente também muito... muito assaltado por uma coisa dessa ordem, né? E eu... eu... Olha, eu não me lembro assim de uma discussão que eu tenha tido enfática a esse respeito. Tá, tá... Puxa vida! Mas é que eu brigo tanto (risos), eu falo tanto que... (FD fala ao fundo)

TF - Então vamos lá. Aí o seguinte, ainda nesses primeiros simpósios, principalmente no 1º Simpósio, o CNPq foi chamado assim como o órgão que organizaria essa comunidade científica. Bastante diferente do que o CNPq acabou assumindo posteriormente, né? Eu queria que o senhor falasse um pouco desse CNPq, desse momento e como é que isso desenvolveu. Se desenrolou dentro dos simpósios. Esse papel dessa instituição principalmente. Quer dizer, tinha outras instituições também: a Finep [Financiadora de Estudos e Projetos] participou, a CEME... as três principais, né?

EC - Não. Nos primeiros eu acho que não existia nem CEME [Central de Medicamentos], nem Finep!

TF - Sim, mas posteriormente foram participando...

EC - Sim, posteriormente sim. Depois deram apoio, é.

TF - ...do 1º o CNPq participou também.

EC - Não, veja, o CNPq... teve uma participação, um dos diretores do CNPq já morreu, coitado, né? Bom, deve ter o nome no 1º Simpósio. Mas ele era até uma pessoa assim bem moreninha, de bigode, cabelo bem lisinho assim, uma pessoa muito agradável. Ele era um grande entusiasta. Quer dizer, a gente sabia que podia contar com ele... lá no CNPq. Então muitas coisas que muitas vezes ocorrem no país, no Brasil, aonde você não conta com a instituição, não há uma política traçada pela instituição. Você tem um indivíduo entusiasta por uma ideia. Enquanto ele estiver lá a coisa funciona. Tanto que eles ajudaram a gente na organização do 1º e 2º, não me lembro com que dinheiro, mas a gente contava com a parte do CNPq. Ah... depois, nos maus tempos, né, que são constantes, a gente passa a perceber claramente o desinteresse do CNPq em relação a isso, porque nada do que foi prometido pelo... – o nome é capaz de me vir à cabeça a qualquer momento – ele conseguiu concretizar. Então, por exemplo, organizar... começou a coisa mal parada quando o Projeto Flora foi a primeira iniciativa que ele tentou tocar, né, pra ver.

E... aí chegou a vez da Finep. A Finep eu me lembro claramente, nós fizemos várias reuniões, várias reuniões e... a ideia nossa era que a Finep fizesse uma aplicação de dinheiro, que fizesse o seguinte: olha, um prazo de cinco anos, um plano quinquenal. Durante o primeiro ano será feito isso na Botânica, química e farmacologia. No segundo ano isso, no terceiro isso, no quarto e no quinto ano. A parte básica, fundamental do projeto que a gente tinha proposto e... eu, o Sérgio Henrique Ferreira e não me lembro mais quem, era a seguinte: olha, se eu vou entrar nesse programa e vou ser financiado como centro de farmacologia que eu sou, eu vou dizer a minha especialidade naquilo que eu sou mestre, né? Então eu sou mestre em fazer, detectar a ação, se a droga tem efeito ou se é o sistema nervoso central ou não. Então eu recebo uma verba pra pesquisar as minhas plantas, mas se o João lá do vizinho que tá fazendo um trabalho com uma planta cardíaca que precisa saber se essa planta tem efeito central ou não, eu vou ter obrigação de testar pro João se essa droga produz hipnose, deprime o sistema nervoso central, estimula tal, tal de coisa... E por outro lado, na hora que eu chegar na minha planta que aparece um efeito antidepressivo bom, o João vai me testar se ela não atua sobre o coração. Então é isso que nós tínhamos combinado que seria importante participar. Porque é uma loucura, né, você querer ser farmacologista de todas as áreas do corpo humano... É... você não é nada. Quer dizer, você não conhece, domina.

E inclusive, mesmo que você for esse gênio, não tem verbas pra montar equipamentos, equipamentos, equipamentos, laboratórios absolutamente diferentes, né? Quer dizer, é impossível fazer isso. O outro aspecto que nós tínhamos que ter, que estávamos pensando também, era... os químicos teriam que ter alguma coisa mais ou menos semelhante. Quer dizer, teriam que ter... um especialista, sei lá, em alcaloide, um outro em flavonoides e tal. Mais ou menos teriam que ter uma interação semelhança nesse sentido e ajudar na formação de botânicos, que parece que botânicos sistematas, sistematas, estavam meio raros no país naquela época. Não sei agora se melhorou, mas naquela época estava meio raro. Então esse projeto todo depois de não sei quantas discussões, ele foi... terminado com um projetinho pequeniníssimo da Finep dando bolsas de estudos a não sei quantos botânicos. Só! Quer dizer que então fizeram a primeira das pastas que nós fizemos, nem era a mais exaustiva, né, pra treinamento. Quer dizer, nem dinheiro em equipamento tinha nada...

TF - Era aquele programa articulado de botânica e química que vocês fizeram?

EC - Não, esse foi, mas foi na época de 60. Não sei quando é que foi, se foi esse outro aí não. A... não me lembro de um outro projeto da... Pelo menos eu não tive acesso a ele. Bom, e a CEME, a CEME foi um projeto que começou, eu fui... o primeiro projeto de plantas da CEME eu que fiz, né, e foi o segundo projeto da CEME. O segundo projeto aprovado pela CEME foi meu.

TF - E era sobre o quê?

EC - Era sobre testar várias plantas, eram umas quatro ou cinco plantas, se teriam efeito ou não sobre o sistema nervoso central. Bom, a CEME tinha um programa muito interessante. Nossa! A CEME foi o único programa que eu vi ter sequência! Nós terminamos cerca de 70, 80 plantas, por aí. A Espinheira Santa que hoje está patenteada pelo Laboratório Aché, é uma consequência disso, né, pra ver. Então..., mas mesmo a CEME também teve problemas muito sérios. Quer dizer, veja, a CEME começou com aquele projeto, tinha então a Sirene dos Santos Alves e o Raimundo... Raimundo, é. Edmundo! Luís... o Edmundo, eu acho que os dois são biólogos, né, que tomavam conta do programa, faziam reuniões, discutiam... reuníamos sempre o farmacólogo, o botânico e o químico. Ela criou centros de distribuição, no Rio de Janeiro tinha... Eu não me lembro quem era no Rio de Janeiro, um botânico, né? O Matos, funcionava também, então se eu fosse trabalhar, como eu cheguei a utilizar, por exemplo, com o (inaudível) que é o chá de (inaudível) ou chá de erva cidreira, eu experimentei de São Paulo, eu falei: eu quero experimentar um lá do Ceará. Ele me mandou um material bem coletado e tal. Então a parte clínica começou a ser desenvolvida, eu me lembro que nós fizemos lá uma série de protocolos experimentais de toda parte animal. Por exemplo, alguém vai testar úlcera, pra CEME testar úlcera, contra a úlcera tem que ter, seguir esses testes, quantos animais, como são... se alguém vai testar se tem efeito, por exemplo, dilatar os bronquíolos, então esse é o teste etc. e tal. A parte clínica, então, fizemos todos os protocolos. Foi um programa belíssimo! Mas sofremos muitas interrupções. Quem ficou contínuo foi o Edmundo e a Sirene que sofreram tremendamente com as mudanças, né? E entra cada pessoa dentro dessas instituições por aí que você nem acredita, né? Assim que o Collor assumiu, por exemplo, destruíram tudo. Quer dizer, foi uma coisa maluca que aconteceu com a CEME, né? E agora foi extinta, né? Eu costumo dizer que isso é uma coisa típica mesmo de gente insensível. Quer dizer, eu também sei tratar de um doente. Se eu tenho um doente que tem uma moléstia infecciosa, eu curo 100% de êxito, eu mato o doente. Eu não tenho dúvida de que eu acabo com a doença, né? Foi o que eles fizeram com a CEME, estava com um problema de corrupção, corrija-se a corrupção. Não, extingue-se a CEME. Então eu não sei como é que nós vamos... mas eu não estou vendo assim... Dizem que há um projeto agora da Finep. Mas o Calixto tentou entrar nesse projeto, que é um dos melhores farmacólogos do país, nem consegue entrar. E eu soube de várias pessoas que não conseguem entrar. Como é que chama esse projeto que tem aí da Finep, que tá dando verba? Eu nem pedi! Eu falei: eu não vou mais...

FD - Da Amazônia?

EC - Hein? Não, não. Não é da Amazônia. Um projeto grande que a Finep tem, que dá até...! Tem até uma sigla. ... Perguntem pro Calixto.

FD - É, a gente já fez a entrevista com ele, mas eu...

EC - Ele não se queixou...

TF - A das instituições?

EC - É.

TF - Em todas as áreas? Aquele projeto...

FD - PRONEX.

TF - PRONEX.

EC - PRONEX, é. Ele tentou entrar com projeto de produtos naturais lá e não conseguiu nada! E eu não consigo entender, quer dizer, uma Finep que não é capaz de perceber a importância disso, né?

TF - Não tem nenhum projeto de plantas no PRONEX?

EC - Olhe, que eu saiba não! Que eu saiba não. Se tem também não anunciaram por aí... Né? Eu, que eu saiba não tem.

TF - Me diga o seguinte, em 65 houve também uma... eu obtive essa informação através de um simpósio, um programa da... foi organizado em Minas Gerais, uma reunião do CNPq, organizando um programa de plantas medicinais ou de produtos naturais.

EC - 65?

TF - É.

FD - 75.

TF - Não. 65.

EC - Meia 5.

TF - Antes da... do 1º Simpósio sair. Inclusive isso foi discutido no simpósio e eu não consigo achar nenhum documento referente a esse programa.

EC - Não tenho também nenhuma informação mais. Nenhuma.

TF - E será que (inaudível) toda hora o CNPq se colocava nesse sentido, assim, vocês mesmos chamavam a atenção que era uma continuidade dessa reunião. Quer dizer, essa reunião teria propiciado...

EC - Essa segunda ...

TF - ... o início dessa área dentro do CNPq.

EC - Não me lembro mais, viu? Não me lembro mais.

TF - Tá. Eu queria que o senhor falasse também um pouquinho o seguinte: uma proposta sua que apareceu durante os simpósios, nesse início, que seria de um financiamento de um Banco de Insumos para abastecimento de matérias-primas.

EC - É, isso eu tive sempre essa ideia. Nossa! Sempre lutei inclusive lá...

TF - Fala um pouquinho sobre ela pra gente.

EC - Não, veja, eu... eu acho o seguinte, né? Você pega a... Vou dar um dado pra vocês assustador: vocês sabem quanto é que o Brasil importava de medicamentos acabados há dois anos atrás? 50 milhões de dólares. Sabe quanto importou agora nos últimos 12 meses? 1 bilhão e 200 milhões de dólares. Dados da própria indústria farmacêutica nacional. Você veja então, já não é mais importar cerca de 80% dos insumos. Tá importando o produto acabado, né? Então a indústria brasileira sofre demais com isso. E muitas vezes o sofrimento é pior, porque não é só uma questão de ter de pagar o preço que exige, é que muitas vezes nem sequer fornece a matéria-prima. Então, a... além do preço ser muito elevado, há o problema de você ter dificuldade de conseguir mesmo podendo pagar. Há evidentemente os laboratórios dos outros países que não obedecem as regras, mas as informações que dão aí no mundo dos industriais, a qualidade dos produtos é muito duvidosa. Há muitos, por exemplo, produtos que vieram inicialmente da Coreia, da China, da Hungria. Quer dizer, o pessoal sempre coloca crítica sobre a qualidade, o grau de pureza etc. e tal. Então a ideia que a gente tinha... e a outra coisa também era o seguinte: às vezes não se permite a importação de uma substância porque há produção local, mas a produção é cativa, o laboratório produz só pra ele próprio. Não aumenta a produção pra atender a demanda porque ele estaria aumentando a... o poder dos concorrentes, né, pra ver. Então a ideia da gente era o seguinte: da mesma maneira que eu tenho silo regulador pra evitar problemas de entre safra de alimentos, por que não o governo mesmo, não estabeleceu um programa aonde eu poderia ter, vamos supor, todos os medicamentos essenciais e absolutamente indispensáveis para a saúde da população... Quer dizer, é óbvio que você tem milhares de medicamentos, mas você tem... de cada grupo elegeria um que seria considerado o mais, por exemplo, importante. Cobriria 90% das necessidades, né? Faria com isso um estoque regulador dessa matéria-prima e essa matéria-prima teria, as indústrias brasileiras radicadas no Brasil, teriam acesso a esse produto, mediante prova de que tá utilizando e produzindo e etc. e tal. Eu fiz essa proposta, mas com uma outra coisa também que deveria ser dirigido por um grupo, deveria estar ligado a uma universidade, ao governo porque é a única que poderia ter dinheiro e poder para controlar isto, né? Mas deveria ser dirigido por um grupo de cientistas e de técnicos e representantes da indústria... com mandato fixo, o presidente sendo eleito entre esses que seriam escolhidos, não ficando sujeito portanto ao capricho de políticos de momento, pra ver. É uma ideia que eu tenho, eu vivo falando nela, né? Absolutamente sem eco (risos)! Uma natimorta, coitada! Eu fico vendo, por exemplo, o negócio da Argentina, né? Quer dizer, houve falta de medicamento na Argentina com o negócio da ... das Malvinas, quer dizer, e a coisa mais fantástica que... (interrupção da fita)

#### **Fita 4 - Lado A**

TF - Entrevista com o professor Carlini, fita número 4, dia 23 de agosto de 1999.

EC - A gente viu que houve uma falta tremenda de alguns medicamentos na Argentina e isso porque foi feito um boicote internacional, aonde os Estados Unidos participou com todo apoio o que foi muito surpreendente porque segundo aquela Doutrina Monroe<sup>1</sup> que os povos desenvolveram, o que é da América, das Américas é realmente prioritário. É...o que é de América.... É.... Ali já fala que é América, né? Nós devíamos ser assim. Como eles falam: América 'Latrina', né? Encontra esse termo. E... a gente percebe que, na realidade, que se a Argentina tivesse um programa dessa ordem ela não sofreria o que dizem ter sofrido. Eu soube até que alguns aviões pousavam no Brasil com remessa de remédios, mas tinha que ser feito clandestinamente, à noite, não sei quê e tal, pra burlar essa vigilância internacional de embargo aos produtos... de medicamentos pra Argentina. Então eu acho que é uma ideia que o país deveria assim, procurar ter. Eu acho até que deve ter um toque estratégico, mas deve ser das Forças Armadas. Eu imagino que eles devem ter uma quantidade suficiente de morfina pra atender um cataclismo qualquer ou um caso de guerra. Talvez anestésicos pra cirurgias rápidas, antibióticos pra evitar infecções. Isso eles devem ter, mas que não é uma coisa que está acessível a todos. Nem deve estar! O país tem que estar preparado, por exemplo, pra uma epidemia qualquer que surja, pra qualquer desgraça aí!

TF - Essa proposta é mais de subsidiar pesquisas, né?

FD - Não. A indústria farmacêutica.

EC - Não, é pra subsidiar a produção de medicamentos para a população brasileira. O que a indústria tinha que estar envolvida seguramente, né, pra ver.

TF - Me diga o seguinte, ainda avaliando os seus simpósios nós percebemos um crescimento de instituições, de grupos de pesquisa no que diz respeito às plantas medicinais. (Isso é vertiginoso?). Eu queria que o senhor caracterizasse um pouco esse crescimento, quer dizer, ele tem a ver com as... com a pós-graduação? Quer dizer, que dá suporte, que tem que ter suporte de pesquisa. Por que é que aconteceu essa moda das plantas medicinais, qual é o motivo desse crescimento tão grande?

EC - É... Veja, eu acho que são uma série de circunstâncias que estão até além do Brasil, sabe? Uma coisa que... é uma coisa internacional. Veja você, eu quando voltei dos Estados Unidos em 64, eu fui apresentar em 65, senão me engano, um pequeno trabalho sobre uma planta qualquer – Será que foi no SBPC? Eu não me lembro aonde foi. – e estava presente o Rocha e Silva. E que você sabe, tem que respeitar o Rocha e Silva, né? E nós fizemos uma experiência com o extrato de uma planta e apresentei. O Rocha e Silva levantou e falou assim que: farmacólogo que trabalha com extrato sem saber o que tem dentro é farmacólogo de segunda categoria. (risos) E todo mundo pra mim, né? Então havia realmente esse preconceito contra pesquisa de plantas porque você não conseguia, a química nossa não era suficientemente desenvolvida e não havia interesse na química

---

<sup>1</sup> Depois do reconhecimento da independência política em 1783 e da promulgação da Constituição em 1787, os Estados Unidos começaram a traçar – já em 1793 – com Jorge Washington, sua política isolacionista em relação aos assuntos da Europa. A Doutrina Monroe (1822) veio confirmar, num só tempo, esta tendência isolacionista e o imperialismo norte-americano nas Américas: “a América para os americanos”.

de fora de pegar e extrair substâncias quimicamente definidas pra você testar então uma entidade química e não um extrato que é um conjunto de substâncias.

Bom, isto, felizmente, foi diminuindo esse preconceito. Ele foi diminuindo em parte porque começa a voltar a crença ou primeiro – não sei se voltar – mas começa a colocar em evidência a antiga crença de que produtos vegetais, pelo menos não fazem mal. Eu acho que isso surgiu, esse reviver dessa iniciativa surgiu muito mais por causa de você estar com o avanço da farmacovigilância nos anos 60, por aí, mostrando que os medicamentos sintéticos cada vez mais estavam provocando problemas seríssimos em saúde, do que pela própria planta em si, planta medicinal e tal. Isso foi um primeiro passo importante, né? A outra coisa que eu acho também importante é que começa a haver estudos, fora daqui, evidentemente, quase sempre, né, de... de reestudo de antigas práticas de medicina na Ásia, na Coreia, na China, no Japão... Engraçado, nem tanto da Índia, que é aonde tem uma prática incrível, né? Mas, mais nesses países. E entra também na União Soviética. Bom, nesses países, pelo menos na União Soviética, em 64, houve a definição pela primeira vez do que se chama ‘plantas adaptógenas ou plantas resistógenas’. Que seriam substâncias, seriam plantas que dadas cronicamente pro ser humano, ou até pra animais de laboratório, aumentariam a resistência desse organismo contra agressões da natureza. O organismo ficaria mais resistente, quer dizer, mais adaptado a sofrer variações de temperatura pra cima e pra baixo, calor, frio, agitação... Então por isso que são chamadas plantas adaptógenas ou resistógenas. Adaptógenas de adaptar-se, fazer o organismo adaptar-se melhor às condições hostis do ambiente e resistógenas, ou seja, resistir melhor, né, pra ver. Então, pouco a pouco, começam a surgir fatos novos no que diz respeito às plantas que vai fazendo com que as pessoas fiquem mais interessadas em estudar planta. E eu acho que nos últimos 15 anos ... alguns laboratórios internacionais – e aí é poder imenso da indústria, né? – passa, alguns passam a se interessar por pesquisar plantas medicinais, e muito inteligentemente, no meu entender, porque isso era uma ideia que tinha que ter o subdesenvolvido e não o desenvolvido, né, eles passam a fazer pesquisas com os extratos, no máximo extratos semi-purificados. E provam que o extrato semi-purificado tem efeito farmacológico em animais de laboratório, a toxicologia é pequena, faz experiência clínica no ser humano e prova o efeito terapêutico. E de repente, nós passamos a ver que produtos à base de extrato de plantas passam a ser vendidos assim de uma maneira brutal no mundo todo, né?

A Ginko Biloba, só com a Ginko Biloba, vende de 400 a 500 milhões de dólares por ano, que é uma vendagem muito boa, né, pra ver. Bom, e aí, aqui em termos de Brasil, o que é que acaba ocorrendo também, que eu achei curiosíssimo, é que o Brasil começa, os médicos brasileiros começam a prescrever alguns produtos à base de plantas. Então começam a prescrever, por exemplo, Valmani, que é a base da Valeriana *Officinalis*, que é um ótimo hipnótico. Começam a prescrever o Prostan Plus, que é para hiperplasia benigna, hiperplasia benigna de próstata. A base, o Valmani, a base da... da... Valeriana que é uma planta européia, esse Prostan é à base de duas plantas: a Urtiga *Dióica* e a Pígium Africano, duas plantas que não são do Brasil. Mas que, no primeiro caso foram os alemães que desenvolveram, nesse caso foram os italianos, o Laboratório Baltacci que consegue provar que o produto tem esse efeito. Está aqui no Brasil vendendo bem. Depois você tem aí a Ginko Biloba, você tem o Tanakan e um outro produto comercial que vendem adoidadamente! Olha, eu não conheço um médico praticamente, que de vez em quando não receite esse produto. Desde até você ter, coisa que eu tenho constantemente e que eu estou com vontade até de experimentar que é um zumbido que eu tenho no ouvido constantemente... – como é que chama isso?

FD - Labirintite, né?



EC - Não, não é labirintite. É... Tem um outro nome. É um som contínuo que você tem no ouvido, né?

TF - Mas isso é mais recente, esse hábito médico.

EC - É, de uns 10, 15 anos pra cá, por aí. Eu acho que o médico... aliás, o hábito médico, ele vem reforçar muito, né? E ele veio também por outro lado, acelerar que as pessoas se interessassem em pesquisar plantas. Olha, eu... acho que nós, eu não me lembro assim, mas eu devo, nós devemos ter aqui no Brasil, de 5 a 10 plantas que são as únicas que são comercializadas com rótulo vermelho na... a faixa vermelha na caixa: “Plantas... medicamento, pra ser vendido sob prescrição médica”, né? Coisa que só os medicamentos registrados no Ministério da Saúde, que passam por um crivo e etc e tal, tá certo? Nenhuma dessas plantas é brasileira. Nenhuma. Todas são plantas da Europa, da Ásia, a última é a Laitan, né, que é a Kava Kava, o pipermetístico, que veio pra cá como excelente ansiolítico. Então é, quer dizer, é impossível que os pesquisadores brasileiros, no campo da farmacologia ou da botânica, não falem: “Mas, puxa, o que é que nós estamos fazendo?”. Daí eu acho que vem surgindo um... crescendo. Então eu acho que foi uma coisa pouco a pouco é... crescendo. Há um envolvimento interno aqui dentro. Você vai, pouco a pouco, por causa de coisas que ocorrem no exterior perdendo o preconceito de trabalhar, a vergonha de trabalhar com isto, achando que você não está fazendo *Soft Science* porque você está trabalhando com extrato ou com uma planta. E o problema é que também começa a apresentar uma coisa que é indubitável: é a influência enorme disso na ciência, né? Começou a ser uma coisa muito rentosa. E é mesmo! É um dos negócios, no campo da indústria farmacêutica, é um dos negócios que está crescendo mais de tudo no mundo! É um negócio incrível o progresso lá, pesquisa! Então eu atribuo mais a esses fatores, viu? Não acho, é óbvio que à medida que você vai divulgando os conhecimentos, organizando reuniões e... um professor que é considerado na sua área e chega e começa a falar, o pessoal... Puxa, mas ele está falando isso! Eu sei que ele não é um cara descuidado nas suas afirmativas, nem nada. Então, isso muita gente começou a fazer, né? Quer dizer, muitos professores assim começaram a trabalhar nesse sentido.

FD - E as pós-graduações, a disseminação, a explosão dos cursos de pós-graduação nessa área não tem a ver?...

TF - Na década de 70...

FD - ...Ou é resultado...

EC - Não. Olha, eu... eu acho que na realidade, o que acaba ocorrendo na pós-graduação – estou tentando ver se há alguma pós-graduação específica em produtos naturais. Tentativas eu sei que houve. Tentativas eu sei que houve. Não me lembro de nenhuma no momento. Pode até haver. Mas veja, o que acaba ocorrendo é o seguinte, quer dizer, eu tenho, no presente momento, uma tese de doutoramento com plantas, uma tese de mestrado e uma bolsa de iniciação científica. Os três, tá certo? Bom, aqui é o campo da psicofarmacologia, aqui na farmacologia você deve ter umas 10 bolsas... é, pós-graduando, tanto em mestrado como doutorado, todos com bolsas como esses meus aqui, que estão também trabalhando com plantas medicinais. Então não há necessidade de você criar um curso específico, não é?

TF - Não, mas eu nem diria um curso, mas diria assim instituições eh... NPPN [Núcleo de Pesquisa em Produtos Naturais], por exemplo, no Rio de Janeiro, que só se sustenta se ele tiver pós-graduação colado nele!

FD - É. São os núcleos.

TF - Quer dizer, são os núcleos...

EC - Sim, mas é um núcleo...

TF - ...que se sustenta, me parece...

EC - É. Mas...

TF - ...por esse, essa formação de nível de pós-graduandos.

EC - É. Mas, por exemplo, você pega o NPPN. É a mesma coisa que você pegar o setor de psicofarmacologia aqui, ia melhorar mesmo, né? Então o que aconteceu foi que esses núcleos, esses setores, essas disciplinas existentes passaram a trabalhar também com a... E aí foi possível você fazer pedido de bolsa de pós-graduação, né? Porque na realidade, eu tenho certeza que há 20 anos atrás se eu pedisse uma bolsa pro CNPq ou pra FAPESP pra trabalhar com extrato de planta, eles me diriam: Ah, não! Predominava aquela ideia que o Rocha e Silva defendeu tão bem. Você tem lá o... o negócio do Craveiro, lá no Ceará. O Centro de Química dele lá. Aquele é um centro de química muito bom! O Matos trabalhando, agora tem a Gláucia também trabalhando lá junto com o (inaudível) Fontele. Então tem muitos grupos bons que já existiam e entraram assim pra valer na parte da pesquisa com plantas medicinais. Então eu não vejo que tenha havido uma política determinada de: agora vai ter uma pós-graduação.... Foi uma coisa que foi sendo tomada pouco a pouco pela comunidade científica. Eu acho que nesse sentido, por exemplo, o... as... as autoridades do país, do CNPq, pecaram por muito. Eu não me lembro de ter havido um programa que entusiasmasse, quer dizer, a não ser o programa da CEME. Esse programa da CEME foi realmente assim muito bom... Nossa, eu achei que foi uma coisa assim exemplar! Se ele fosse ressuscitado seria uma coisa fantástica!

TF - Bem, é... e com relação ainda à essa área, houve uma, está havendo uma diversificação, pelo que eu estou percebendo, de áreas, de subáreas, digamos assim, em plantas medicinais. Quer dizer, agora a gente vê a biotecnologia num crescente, né? Você tinha no início, eu imagino, a farmacologia, a química e a botânica, né?

EC - É.

TF - E agora mesmo... nós observamos nas organizações dos congressos, de congressos variados, não só dos simpósios, né? Comecei a perceber uma gama maior de áreas, né, de especializações. Ontem mesmo... – foi ontem ou foi um dia desses, o professor [Otto Richard] Gottlieb, nos colocou uma questão que eu acho interessante que é da botânica já começar a... – como é que eu vou dizer? – a haver uma mudança de leitura dentro da botânica e uma necessidade da engenharia genética pra identificar as plantas.

EC - É, mas isso...

TF - Porque não estava identificando a planta pela botânica, pelo formato dela.

EC - Pela SUSEP, pelos aspectos normais, mas e... essa é a vida do Gottlieb. O Gottlieb há 30, 40 anos, só fala nisso!

FD - Não, não foi o Gottlieb não, foi o Gilbert.

TF - Não. Foi o Gilbert.

FD - Benjamin Gilbert.

EC - Ah, pois é. Mas então ele está seguindo a grande teoria do...

FD - Não, é... (risos) deixa eu colocar melhor essa história. Ele diz que... ele, numa reunião com a gente por outro motivo, ele falou de uma consultoria que ele tem do governo alemão de um programa de plantas medicinais do Ministério da Saúde da Alemanha. A Fiocruz tem um convênio com o governo alemão pra ter consultoria desse programa. E que, o consultor desse programa, a última vez que esteve no Brasil em conversa com ele, disse que brevemente na Alemanha vai passar a ser exigido pra identificar uma planta, pra lidar uma planta como medicamento, não a descrição botânica, mas o código genético da planta, a estrutura genética da planta. Por isso...

TF - Quer dizer, seria uma ampliação da engenharia genética. O senhor veria dessa forma também?

EC - Não, olha, até pode ser uma coisa fantástica! Mas seguramente não é pro meu ciclo de vida. Ah, eu acho... eu não consigo, eu não consigo... por exemplo, mesmo que o Gottlieb venha dizendo que ele vinha querendo mudar o sistema de classificação de plantas. Não mais pelo sistema de Lineu, pela descrição morfológica da planta, mas ele achava que você tinha marcadores químicos das plantas que fariam muito bem a identificação é... você seguia cadeias então da família, gênero, família, ordem, subordem, ordem e etc. e tal, né? Agora, pode ser que seja uma coisa que venha ocorrer... Eu... eu não tenho ideia como isso seria mais prático, né? Não tenho. Agora, o que me parece, olha, eu tenho um pouco de medo dessas coisas, viu? Porque seguramente o que acabaria ocorrendo dessa maneira, quer dizer, é que nós vamos estar então novamente muito mais atrás do que nós poderíamos estar, que a gente deveria estar, né?

FD - Nós no Brasil.

EC - Nós aqui no Brasil. Quer dizer, porque veja, é... se essa vai ser a maneira de identificar, aceitar uma planta, classificar dessa maneira, quer dizer, eu tenho certeza que os nossos institutos de Botânica não estão preparados pra isso. Então na realidade nós estamos ficando de novo, viramos índio com tacape, né? E aí é que vem muitas vezes a coisa que eu critico, eu acho que muitas vezes, muitos modismos da ciência, muitos progressos da ciência... até pode ser um progresso, mas ele não se justifica realmente porque o que tinha é bom, satisfaz, ele não justifica a não ser pra manter a hegemonia da ciência nos países que a dominam. Quer dizer, eu acho que isso seria uma coisa muito ruim na minha opinião, né? E isso tem acontecido, por exemplo, eu... eu tenho a mais profunda desconfiança quando um Instituto Alemão, Americano ou Francês vem e faz

um convênio com a gente, de colaboração. Que colaboração, né? O que é que nós podemos dar de volta? Nós podemos dar de volta os segredos da nossa natureza. Nós não podemos dar tecnologia. Eles podem dar tecnologia. Mas nós temos que dizer: olha, se você for no cerrado você encontra uma planta assim, assim, assado... aquela planta se a cobra morde, o bicho não morre. Aí eles vão pegar essa planta e vão trabalhar com ela. Pode ser até ser num sistema, sei lá eu, meio a meio de participação. Que eu duvido que seja assim, né? Eu, por exemplo, você imagine... a... há questão de uns 10 anos, um laboratório me fez uma proposta desse jeito, falou: olha, você... vamos fazer o seguinte: nós te pagamos pra você testar extratos de plantas, aqueles que tiverem bons resultados, dá pra gente que a gente manda lá pra França pra continuar o trabalho. É óbvio que vai ser uma coisa fantástica pra eles! Eles vão ter exatamente, porque o difícil nesse trabalho é você... pega a primeira, pega a segunda, pega a terceira, pega a quarta, no fim de você pegar 15, 20, você encontra uma. Mas você já teve um trabalhão enorme! Consumiu tempo e aí de repente é como você entregar, por exemplo, um mapa, né, certinho pra pessoa chegar. Esse negócio também de ter esses consultores que vêm pra cá, eu... eu... meu Deus do céu! Eu acho impossível se esse consultor vem aqui, souber, por exemplo, do trabalho que eu estou fazendo com o... Nó de Cachorro, que realmente melhora a capacidade do animal idoso, se ele não vai levar correndo essa ideia lá pro seu país! Ele tem que levar isso, ele não pode deixar de levar, né?! Então, na realidade, eu tenho muito medo dessa... agora, eu acho que deveria haver uma associação da seguinte maneira: eu estou trabalhando com uma planta, tem um convênio com o Instituto de Tecnologia de Massachussets, sei lá, (inaudível), né? Aí eu preciso dosar uma coisa nessa planta, eu tenho que dosar uma coisa nessa planta que eu não tenho a tecnologia aqui. Então eu entro em contato e eles vão dar a colaboração deles: olha, vamos fazer, vou mandar alguém que vai aprender a dosar esse tipo.... Até que pode combinar o seguinte: bom, se der um royalty, você vai ter 2% do royalty, tá bom? Está ótimo pra eles, né? Mas nós vamos lá aprender e trazemos de volta. E eu acho que essa colaboração dessa maneira... e eu não acredito, eu não acredito na...

TF - E o senhor não tem...

FD - E esse tipo de – desculpa – esse tipo de colaboração que o senhor está falando, da gente ir pra lá apreender a tecnologia e trazer, isso acontece?

EC - Acontece. Deveria acontecer muito mais. Nós temos pouca gente, mas isso acontece! Se você vai participar, por exemplo, tudo que eu aprendi que eu estou botando em planta, eu aprendi trabalhando nos departamentos lá, que nem existia psicofarmacologia aqui. Mas é a tal coisa, você também vai aprender uma técnica dentro de um projeto de pesquisa que nem sempre é aquele que você vai estar tocando. Porque você vai aprender uma técnica, uma maneira de encarar o fenômeno e de como abordá-lo, né, pra ver. Que depois você aplica aqui. Eu tenho feito aqui no Brasil. Quer dizer, o que é que eu tenho feito no Brasil? Aprendi a duras penas... Já contei pra vocês o problema da Espinheira Santa, né? Às duras penas! É horrível... ainda depois que eu falei com vocês... não faz um mês. Agora, foi dia 8 de agosto agora, eu recebi a visita do... do dono do laboratório... Farma, lá da Suíça. Tem até o cartãozinho dele aí. Bem, ele veio todo orgulhoso mostrar o seguinte, que o produto que ele está pra preparar na Suíça, à base da Espinheira Santa... e ele me pediu, ele me pediu: o senhor não tem aí o teste de (inaudível), não sei quê.... Eu não dou pra ele, é óbvio, né?! E... foi aprovado na França agora. E na Suíça não. E o interessante é que na França foi aprovado e qual é o trabalho básico pra licenciar, pra dar patente lá pro Japão e o trabalho básico pra... pra registrar o

produto na França? São os trabalhos nossos, daqui! Então, você vê, essa coisa é uma coisa que a gente tem que levar em conta. Aí o que foi que eu fiz? Eu entrei em contato com os laboratórios brasileiros, mas trabalhei direitinho. Quer dizer, disse: “Olha, vocês vão financiar essa pesquisa porque eu não consigo mais verba do governo e nem me interessa mais obter porque eu não consigo gastar essas verbas!”. Chega aqui é uma desgraça! Chega com não sei quanto tempo de atraso! Você não pode atender nenhum programa de última hora, emergência que você tem todo dia num laboratório de pesquisa você não pode pegar e mandar consertar um aparelho! Se você não previu que o seu aparelho fosse quebrar daí a 6 meses e tal. Vocês financiam isto e assinem com a minha universidade uma patente. Que é o que eu fiz com dois laboratórios brasileiros. Agora veio uma grande firma internacional, agora parece que é o maior conglomerado do mundo, como acabou de ser. Fez uma reunião através da reitoria aqui, eles estão interessados em saber tudo o que nós estamos fazendo (ruído de tosse) pra saber se eles se interessariam em continuar os trabalhos ou não. E pedem pra gente mandar numa base não confidencial os dados que a gente já tem. É óbvio que você não vai mandar o negócio, mas o laboratório teve aí, se reuniu com 5 ou 6 diferentes setores, né? Que trabalham bem... O que eles fizeram? Pegaram, olharam um... sei lá, “(inaudível) Index” ou então qualquer outra fonte de referência. Viram as áreas de trabalho que lhes interessam, tinham lá 5 ou 6. Selecionaram no Brasil as principais áreas, as principais universidades que tinham então pessoas trabalhando nessas áreas, né? Pelos trabalhos, por exemplo, em plantas medicinais saiu meu nome, saiu meu nome. Aí me convidaram pra ir lá, presente, tinham interesse e tal, eu assisti a palestra, muito bem e tudo. Então essas coisas... são do cotidiano da ciência que a gente precisa também entender que essas coisas são difíceis da gente contornar e eu acho que a gente tem de ter suspeição. Eu não acredito... naquela frase do Pasteur: “A ciência não tem pátria”. E não acredito que a ciência é executada por pessoas absolutamente desprovidas de interesses materiais. Não é, né? Isso é conversa fiada, né?

TF - E... em termos de Brasil, professor, quais são as parcerias que o senhor destacaria de trabalho, o senhor estava dizendo da importância dessa aproximação entre essas áreas, né? Da farmacologia, química, botânica, enfim...

EC - Com outros grupos?

TF - Isso.

EC - Olha, eu tive, eu tinha uma parceria que foi extremamente frutífera, nossa! Que foi com o Departamento de Química da Universidade Federal de Minas Gerais. dr. Giovane Geraldo de Oliveira e Alayde Braga de Oliveira. Ah... nós conseguimos trabalhar, mas... eu acho que independente do grupo. Quer dizer, primeiro você tem que ver se o grupo tem capacidade ou não, né? Quer dizer, ia haver muita confiança. O químico confiar no farmacólogo e o farmacólogo confiar no químico. Nada melhor do que você olhar o currículo, então, de produção científica pra ver se as coisas estão dentro da expectativa que você tem. E a gente combinou o seguinte, eu falei: olha, só que dessa vez... – ambos tinham tido experiências más no passado, né, de associação. – vai ser diferente. Quer dizer, nós vamos ter o compromisso, assim que chegar o... os produtos da química, frações ou substâncias, eu me comprometo a imediatamente testá-los e mandar o resultado o mais rápido para a química. E a química, na hora que receber o meu resultado, promete que imediatamente também vai trabalhar pra me trazer então as modificações solicitadas etc e tal. Isto porque as experiências anteriores eram o seguinte, a gente tinha

um trabalho em conjunto entre a química e a farmacologia, botânica nem tanto, porque uma vez identificado, tendo uma espécie guardada no herbarium, está tudo certo, né? Eu sei que, por exemplo, você recebia uns extratos brutos da química, acontece que você mandou a planta, a química estava ocupada no momento, demorou 3, 4 meses... e aí a gente manda 5 meses depois que você enviou. O que é que ocorre com isso? Ocorre que você não ficou 5 meses parado, você entrou num outro trabalho. Então quando chega aquele extrato você não pode parar da hora pro dia, você não está preparado. Você quer terminar aquela experiência, vai mais 3, 4 meses, aí então você vai testar. Nesse meio tempo a química ficou sem resposta. Então era sempre assim! Quer dizer, era uma demora enorme, então não era produtivo.

Com o grupo de Minas Gerais, não. Nós evoluímos muito rapidamente. Olha, o que nós fizemos de trabalho a respeito de óleos essenciais no Brasil, detectando, inclusive, atividades interessantíssimas de reações depressores pro sistema nervoso central. Por exemplo, nós escrevemos, trabalhamos em coisas comuns, porque o Metilgenol que é uma substância presente em tantas espécies de plantas no Brasil, tem um efeito anestésico geral. Quer dizer, é depressor, né, e você anestesia muito bem. Eu passei a trabalhar aqui, por exemplo, eu não usava mais o Pentobarbital pra anestésiar meus ratos. Eu usava só o Metilgenol. Eu já sei que tem gente fazendo isso, por exemplo, na Paraíba, eles estão até anestesiando animais de grande porte. Agora eu sei que em Recife também estão utilizando. Aqui é mais fácil, evidentemente, você pegar um comprimidinho de 100 miligramas de Pentobarbital, tira, joga o pozinho, mistura, né? Pra preparar o Metilgenol é um óleo, você tem que colocar, coloca 80, mistura um pouco de água, é uma suspensão. Mas como ficou difícil encontrar o Pentobarbital, Nebutal, pra coisa, eles estão usando de novo aqui no departamento mesmo o Metilgenol. Então são coisas que deram realmente resultado, né? Houve uma parada com o tempo porque a gente teve problemas, eu tive uma série de contratemplos no departamento, depois eu saí e e... passei um período fora em Brasília, voltei, o dr. Giovane morreu também, né? Quer dizer, ficou uma coisa que não teve continuidade. Mas isso é um exemplo de que pode funcionar. Eu não designaria, até pra não cometer injustiça, nenhum grupo especializado, né? Mas olha, é só você pensar na parte de farmacologia você tem centros muito bons de farmacologia. Você pega aqui o grupo de farmacologia da Escola, o nosso grupo aqui na parte de psicofarmacologia, você pega o grupo de Santa Catarina, você pega o pessoal do... do Instituto aqui da USP, você pega essa farmacologia de Ribeirão Preto... Você tem grupos muito bons trabalhando, né? Ah, lá do Ceará... Então tem, só pra citar alguns, não estou citando todos. E mesma coisa, eu acho até que existem mais grupos de química porque houve... houve, a figura do Gottlieb em química foi determinante aqui no Brasil. Ele saiu mesmo plantando núcleos, né? E vários deles frutificaram e foram núcleos muito bons, né, pra ver! Então, o que eu acho que precisaria haver era... era uma vez demonstrada a capacidade – isso nem de longe significa que já estava vendo a coisa – é verificar, por exemplo, se esses grupos estariam dispostos a colocar como prioritário um trabalho dessa ordem de colaboração. Se um ficar esperando pelo outro não vai funcionar.

FD - Em algum lugar está trabalhando isso integrado numa instituição só, grupo de química... – botânica tudo bem porque é o inicial – mas química e farmacologia...

EC - A Universidade de Mississippi, eu sei que tem um grupo trabalhando assim.

FD - Não, aqui no Brasil.

EC - Aqui no Brasil? ...

TF - Quer dizer, a USP, o senhor tinha colocado, é química o forte da USP?

EC - É química e tem farmacologia também. E tem química também, né? Sem dúvida. Olha, eu não conheço. Eu não me lembro, viu? Assim, que tenha chamado a minha atenção, eu não me lembro. Tem coisas como essa, por exemplo, né? Você vê, o que é que eu estou fazendo agora? Quer dizer eu estou fazendo agora é o seguinte... eu selecionei um grupo pra trabalhar, tá? Então, botânica, eu tenho associação com um pessoal do Instituto de Botânica daqui e estou doutorando agora, estou orientando uma tese de doutorado de uma moça que é especialista, ela é bióloga, mas ela tem vários cursos de botânica e teve uma tese que eu acho interessantíssima, que ela passou quase um ano na Floresta Amazônica. Ali, morando naquele Parque Nacional do Jaú. E ela consultando as populações ribeirinhas porque não tinha cidade nenhuma, só tinha a população ribeirinha sobre plantas medicinais que essa... ela está fazendo doutoramento comigo pesquisando agora tribos índias e regiões isoladas do país e tal. Então, as plantas que ela traz a gente manda pra lá. A parte química eu já falei: olha, eu não pretendo mais, nunca mais quero ter aquela ideia de chegar até a substância química, quimicamente definida, né? Então o que eu tenho, eu tenho combinação com um grupo, que é principalmente o grupo da Universidade Estadual de Maringá, que é um grupo bom, que eles tiveram doutoramento na Alemanha de como lidar com preparo de extrato de plantas, eles preparam o extrato. Eles é que estão preparando os extratos, por exemplo, desse Nó de Cachorro. Quer dizer, estão lá e vão preparar agora um líquido e vão fazer um liotilizado, secar o liotilizado, quer dizer então vai ter um pó, né, pra gente testar no ser humano. Agora eu sei que eles por exemplo, de conta própria, eu falei: eu não entro nessa. Eu posso é testar. Mas eles conseguiram financiamento e estão tentando isolar substâncias que tem na planta. (risos) Me disseram que a planta é riquíssima em tudo que... mas isolaram três substâncias que são prevaletentes pela ordem de quantidade. Não se tem ideia se tem princípio ativo ou não. Tanto que eu espero que depois que a gente passe a testar isto com... com esses princípios aí, né? Então, eu não vejo assim... grandes dificuldades não. O que... de haver essa associação. Porque há interesse nisso, né? Você veja, eu fico imaginando por um químico mesmo, se ele isola, com esses métodos modernos é fácil, parece que ele faz lá um preparado, usa um determinado solvente. Mete naquelas máquinas fantásticas, né, sai não sei quantos mil... Por exemplo, o que eu vi a dra. Alayde e a dr. Giovane usar em Belo Horizonte, eu ficava embasbacado! Eles faziam um preparado com o extrato da planta, colocavam um dado solvente, injetavam na planta. Saía não sei quantos (inaudível). Então era um HPLC acoplado a espectrômetro de massa. Bom, só era... (interrupção da fita)

#### **Fita 4 - Lado B**

EC - Bom, mais de 40 mil (inaudível). Então você vê, quer dizer, eu peguei uma planta chamada Pixurí que é uma planta da Amazônia, é... Nicária Pixurí Major...Major, é. E... e elas fizeram o extrato, botaram lá, me deram 40 ou 50 diferentes substâncias presentes e mais não sei quantos picos que não estavam, não foram identificados por aquilo lá. Então realmente é tremendo esse tipo, essa possibilidade. E eu falei: eu não quero mais trabalhar, eu não vou ficar o resto da minha vida, testo o 'a', 'b', 'c', 'd' ou até o centésimo produto, né? Eu acho muito melhor caminhar. Mas é uma visão minha, muito pessoal! Outro pode não ter essa opinião. Agora, o que eu acho que seria fundamental, veja, nós

estamos brincando, nós estamos brincando com esse problema aqui no Brasil. E, como sempre, quer dizer, o nosso Ministério de Ciência e Tecnologia, o Ministério da Educação, da Saúde, estão mais por fora do que umbigo de vedete, né? Quer dizer, é uma coisa horrível isso! Eu não consigo entender que eles não percebam isso. Por exemplo, eu vi outro dia um trabalho que fala sobre as espécies – não sei se falei isso pra vocês – espécies chamadas endêmicas. O que é que é espécie endêmica? É a espécie que só ocorre naquela região, em nenhuma outra parte do mundo! Se vocês vão na Suíça, existe somente uma espécie que é típica da Suíça. Por ser... por causa do alto, sei lá, qualquer coisa que só ocorre na Suíça. Tem muita planta lá, mas que ocorre em outros países etc. na Alemanha são 13, que eu me lembro. Você salta pro Reino Unido, parece que é mais de uma centena. Pula pro México, mais de 3 mil. E aí você vai pra Amazônia, é mais de 25 mil espécies que só ocorrem na Amazônia. Olha, não é possível que nessa riqueza toda não tenha coisas muito interessantes, né? E a gente fica simplesmente brincando. Quer dizer, eu consigo testar uma ou duas plantas por ano, o Calixto mais duas, não sei quem mais três... com todos, e nós não temos só a Floresta Amazônica.

Nós temos a caatinga, nós temos o cerrado, nós temos o Pantanal, nós temos a Mata Atlântica, sei lá mais o quê, né? É uma coisa assim que eu acho, acho fantástico o descuido que o país tem com esse problema de plantas medicinais. Quer dizer, e acho assim de uma burrice lamentável, toda a vez que chega diante dos burocratas aí de Brasília ou até de outras instituições que simplesmente não olham isso com cuidado. Nem, aliás nem precisaria chegar a um projeto, eles tinham que ter isso na cabeça e fazer projetos prioritários, nesse sentido, né?! E eu acho que essas associações poderiam funcionar muito melhor. Por que não adianta, não adianta trabalhar... alguém me disse que ciência, pra fazer ciência, tem que ser em lugar rico e bonito. (risos) E é verdade, viu? Você vê esse laboratório caindo, pintura toda desgraçada, energia não acontece, é... você vai lavar, vai preparar alguma solução, vem uma água contaminada... Puxa, é uma coisa horrível! Me lembro que eu passei aqui, meses, quando eu voltei dos Estados Unidos, meses, literalmente meses, tentando fazer uma fluorescência que eu medi por espectrofotometria e não conseguia. Mas não conseguia de jeito nenhum, né? Fui afastando, afastando, afastando, até que no fim de meses eu consegui descobrir o que é que estava dando contaminação em leitura, né? Bom, a nossa água destilada, mesmo a água ionizada, filtrada e tal, qualquer conexão de borracha, a nossa borracha, essa borracha branca que compra pra laboratório, trazia contaminações incríveis. E eu não percebia que quando eu mandava destilar, bidestilar a minha água, quer dizer, a parte final da coisa, alguém me colocava um tubinho lá, era em outro local que ia fazer, né? Então você vê pode... eu já devia estar usando desde o começo um destilador totalmente de metal, sem nenhum contato... de metal, de... de vidro, sem nenhum contato e tal. Então são coisas que a gente vê que tem de haver um auxílio, haver alguma coisa que você possa contar. Por que é que eu estou indo rápido agora com a pesquisa que eu estou fazendo? Porque eu cheguei pro laboratório e falei: “Olha, isso aqui vai ser o seguinte, tem a fase pré-clínica, deu efeito...”, eu vou falar pra vocês: “Deu”. Então vocês têm que me repor o dinheiro gasto. Com esse dinheiro gasto eu começo imediatamente o segundo projeto que é: vamos ver se é tóxico? né? Mas eu faço, agora a verba do projeto pra toxicologia, tá? Mas já começo a utilizar o dinheiro que eu recebi antes, está certo? Agora, quando eu terminar o projeto de toxicologia, eu vou falar: bom, agora eu vou fazer os estudos de carcinogênicos, não sei quê e tal. Peço dinheiro e utilizo o dinheiro que vocês já me deram pro projeto anterior. Então eu estou fazendo nessa sequência, eu estou agora na fase 1, clínica já, né? Vou pegar a segunda fase da fase 1, não é? Fase 2 da fase 1, que é dar cronicamente pro ser humano durante 3 meses a... o Nó de Cachorro e a verba já está lá. E o laboratório que está dando a verba é desesperado pra gente não



fugir da regra. E é uma coisa que você tem que aprender com eles. Quer dizer, puxa vida! Todo 15 dias vem aqui o técnico do laboratório, é um laboratório brasileiro, mas o chefe da pesquisa médica passou 5 anos na Alemanha. (risos) Então ele está utilizando todo aquele rigor alemão.

O outro é um laboratório brasileiro que tem um outro médico também que tem especialização na Inglaterra. Eles vêm aqui, querem ver resultado por resultado e olham protocolo por protocolo, tem que ter uma ficha, uma pasta de cada paciente, tem que ter toda aquela infinidade de exames clínicos e testes psicológicos etc. e tal. Então, eu tenho certeza de que se eu trabalhar, funciona. Nunca vou ter um dia de atraso. E é uma maravilha, né!? Então eu estou com esse sistema agora, quer dizer, quando termina a primeira fase – porque eu estou fazendo com o dinheiro da penúltima – a última fase já me dá, eu cobro, já me dá o dinheiro pra entrar na primeira fase de uma outra planta. Então eu estou tendo um moto, quase que um moto contínuo. Tinha muito diferente daquela tremenda dificuldade de prestar... de fazer o pedido pra... Mesmo a FAPESP [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo]. A FAPESP também a prestação de conta da FAPESP que é – Olha, a FAPESP é excelente! Nossa, é uma coisa...! – mas a prestação de contas da FAPESP é uma coisa terrível! Porque eles exigem, te cobram coisas, que você fica: mas, meu Deus, será que isso também não podia, né? Dá um exemplo: nós fizemos uma pesquisa – foi até uma tese de um doutoramento – que nós pedimos uma verba ‘x’ pra fazer os exames de laboratório. Eles deram a verba. Aí no meio da história, estávamos lidando com pessoas idosas, surgiu um problema de que essas pessoas estavam todas, parece que tinham alterações – que deviam até de ser esperadas, né, mas dentro da cabeça quem é que ia pensar? – de próstata. Então nós incluímos no teste, todos o PSA, o teste... dito específico, tudo bem, né? Bom, na hora que a gente vai prestar conta, não tava. Por que é que vocês fizeram isso? Parece, aparentemente, uma coisa que não tem sentido. Mas tem! Agora, o problema é que você tem que perder o seu tempo, escrever, justificar, demonstrar e tal. E pra muitas coisas, pra muita coisa. Quer dizer, qualquer desvio pequeno que você tem e que... você tem que ter! Eu não posso, por exemplo, agora aí, surgiu suspeita aqui no laboratório central, que pudesse ter havido contaminação de um sangue com HIV positivo. Ah... e parece que o negócio pode ser da seguinte maneira, quer dizer, o exame saiu depois que o técnico manipulou o sangue. Quer dizer, o exame tinha que sair antes! Aí depois ele devia fazer a manipulação que bem entendesse com o sangue. E esse técnico não tomou os cuidados, quer dizer, não usou luva nem nada e... Então, por exemplo, você tem que chegar e... – isso eu estou incluindo agora, nos exames – tem que fazer pra sífilis, pra Aids, pra hepatite. Eu nunca imaginei que pra fazer teste pra saber se a pessoa tem ou não tem sorologia positiva pra hepatite, precisava fazer 5 testes. Não bate... 5, eu acho, 5 ou 6. É 5... 5.

FD - É, 5 tipos.

EC - 5 tipos diferentes! Eu falei: meu Deus do céu! E eu não pedi isso! Né? Não pedi, mas vou ser obrigado a incluir. Então eu tenho que mandar uma explicação... Nossa! Com a indústria não tem nada disso. É uma coisa incrível! Eu chego lá, peço o dinheiro, se eu mostro o serviço direitinho, digo: ó, está aqui cumprido de acordo com o que vocês e... – e eles pechinham, na hora eles pechinham – mas esse exame aqui custa tanto no laboratório. Por que é que está me cobrando tanto? Então eu cobro, por exemplo, pela tabela da AMB, Associação Médica Brasileira. Se você cumpriu o contrato mostrando serviço, pronto, né? E você tem a contabilidade aqui porque... eu estou dentro de uma instituição pública, nós temos aqui uma fundação que presta contas ao Tribunal de

Contas, né? A gente tem de prestar contas. Mas pro laboratório não tem problema nenhum, e pro Tribunal de Contas é que se eu comprei 10 copos desses ou desse copinho de café, não tem problema nenhum, comprei 10 copos, né? Por falar em café, eu preciso de água e café. Vocês não precisam não? (risos) Vamos parar um segundinho? (pausa na gravação)

TF - Eu queria fazer uma pergunta, quer dizer, o senhor estava falando do... da nossa falta de modelo brasileiro na pesquisa em geral. Podemos generalizar pra várias áreas, né? Principalmente em plantas. Tem algum país, expressivamente, imagino eu, na América Latina que essa... esse trabalho caminhe mais ou menos nessa falta de política... como é que o senhor, quer dizer, existia um modelo brasileiro? A gente está se pautando em algum outro modelo ou não tem modelo...? Como é que o senhor nos colocaria na pesquisa científica, nessa área, no mundo?

EC - Olha, eu não sei. Porque essa é uma área que está muito afeto assim à política de ciência, né? Eu não sou assim muito versado nessa área. Quer dizer, ... A única coisa que eu acompanhei, razoavelmente, por exemplo, foi o desenvolvimento em Cuba. Das pesquisas farmacológicas em Cuba, inclusive, estão aqui tentando (ruído de tosse ao fundo) licenciar, registrar, uma série razoável de medicamentos. Ah... eu estive em Cuba e lá eu pude ver, por exemplo, é uma transformação tão radical que deve ter sofrido – porque eu não conhecia antes, eu conheci há cerca de 10 ou 8 anos atrás – tão radical, por exemplo, que... pra tudo eles deviam ter um programa nacional. Seguramente eles tinham, que eu pude ver também. Por exemplo, eu visitei várias faculdades de medicina. Eu procurei fugir dos esquemas oficiais. Então, como eu atravessei a ilha de ônibus, eu toda a cidade que parava o ônibus, eu ia como curioso me apresentar na faculdade. Entrava na faculdade e ia perguntando, perguntando, perguntando, até que eu encontrava a farmacologia e conversava com um outro professor lá e tal. E eu via coisas que claramente demonstrando que era completamente diferente, né? A primeira coisa você entra na universidade, ela é bem mais pobre. Bem mais pobre do que essa nossa aqui, né? Mas, você encontra umas bibliotecas que você fica abismado, né? A... a outra coisa que também me chamou muita atenção é que no mínimo, olha, não sei se no mínimo, mas cerca de 40 %, 50% dos estudantes de medicina eram pretos. Pretos ou mulatos, que é mais ou menos a porcentagem da população que é a nossa também, né, pra ver. É a nossa universidade é leuca, ela é totalmente branca. Um preto aqui tem uma chance dificílima de entrar, né? É tão difícil que, por exemplo, agora na pós-graduação, isso é raríssimo, tem uma menina de cor. Bem pretinha aqui. E você tem, por exemplo, hoje eu fui falar... aí você vê como é que você também tá... o que eu fui falar, eu estava comentando a respeito de envenenamento por anticolinérgico das plantas, por exemplo, das daturas chamadas Trombeteiras, né, eu acho que no Rio se chama Trombeta, Trombeteira, que uma das coisas que dá é vermelhidão na face. Então a pessoa fica com a pele quente, seca e vermelha, né? E aí eu li o primeiro caso descrito de intoxicação por Trombeteira no Brasil, que foi por um médico baiano em 1863. Ele descreve muito bem a intoxicação e, inclusive, uma coisa que eu achei notável ele identifica a espécie e fala: “Olha, é a Datura Suaveolis e não é a Datura Harbórea”. Eu falei: “Puxa vida, como os médicos da época conheciam botânica, né?!”. Médico do interior lá da Bahia. E aí eu comentando com os alunos eu falei: “Olhe, e na realidade ele não descreve aqui um sintoma, né, um sintoma, um sinal aliás que é importante ver e tal. Ele não detecta rubor na face das pessoas, né? Por quê? Na hora que eu falei ‘por quê?’”, pum! Sem querer, eu bati o olho na menina de cor. E eu fiquei muito sem graça! Parecia que eu tinha feito uma

provocação, né? (inaudível). Porque os dois eram pretos, né? Eram dois escravos, né? Mas você vê também como nós estamos ainda cheios desse problema.

Então o que eu comento, quando você fala nessa política, é que eu acho que o aspecto da... da ciência, da farmacologia, da pesquisa dessa ordem, acima de tudo tem que haver, o país tem que ter uma identidade, uma programação, né? Dele, dele, país! Eu quero ser assim! E eu não consigo entender um país que tem uma identidade e uma... uma e um destino próprio, se ele não começa por se conhecer internamente, por... não se valorizar. Que é a coisa que menos acontece no Brasil, a cultura popular no Brasil, ela é muito pouco explorada. Então essa cultura do raizeiro, do curandeiro, no Brasil, ela é pouquíssimo estudada. Segundo vêm as nossas coisas, quer dizer, a nossa flora, a nossa fauna, que está tudo isso aí pra ser descoberto ainda, né, pra ver. Porque eu falei, 25 mil e tantas espécies que tem na Amazônia, estão lá à espera de um (inaudível), que passou lá 8 anos e meio, levou todos os dados pro Museu Botânico de Harvard, que ele era o chefe do herbário, fez muito bem, porque ele descobriu não sei quantos novos alucinógenos e tal. Bom.

A outra coisa que eu vejo também, é que se houver uma diretriz muito acentuada, você pode direcionar demais a ciência, né? Quer dizer, aí então você fica com uma ciência ideológica e não uma ciência de livre, do livre arbítrio. Eu acho que o exemplo mais típico desse foi lá o (inaudível), na União Soviética, onde ele tinha feito algodão de cor de fibra que não era colorida e assim, não se acreditava em DNA e RNA ficou durante 10 anos aquilo, porque não estava dentro do esquema da ciência, né, dirigida. Então eu acho que tem que haver esse aspecto, quer dizer, não importa qual seja a ideologia do governo, mas ele tem que entender o seguinte: olha, plantas é algo que pertence ao país. A população usa, tem que respeitar do uso e a credence, até se for assim, da população, tem que ser pesquisado. Tem que haver recursos importantes porque são recursos para algo que é próprio da população e tem que haver ao mesmo tempo a exigência de contrapartida, de produção, mas não é por exemplo: descubra o medicamento! Vão trabalhar só pra trabalhar contra produtos para a AIDS, por exemplo. Acho que tem de ser livre, livre pra que as pessoas investiguem, né? Mais ou menos isso, que eu penso.

TF - E assim, os países da América Latina, como é que eles estão desenvolvendo essa área? O senhor tem conhecimento?

EC - Há... parece que é no Uruguai, tem lá uma associação... que lida com plantas medicinais. Eu tenho, de vez em quando eu recebo algumas informações – recebia, faz uns dois, três anos que eu não recebo – olha, eu não me lembro assim, de mesmo olhando as revistas mais recentes da área, eu não me lembro de nenhuma coisa que chame a atenção, gritante, viu? Deixa eu ver uma coisa, o México, o México tem uns trabalhos bastante grandes. O México tem lá o ... – era o Losóia que dirigia – tinha o Instituto Mexicano de Plantas Medicinais, coisa oficial do governo aonde eles estavam muito empenhados em... em desenvolver pesquisas fazendo com que a população utilizasse a... os produtos como devem ser, né? Quer dizer, na natura. Que é mais ou menos dentro dessa ideia que a gente tem também, pra ver. Descendo ali, os outros países, Cuba eu falei deve ter programa que de um modo geral era muito voltado pras coisas da terra. Venezuela, Colômbia, não me lembro de nada, Peru também não, Bolívia... Chile...

TF - Não teve nenhum simpósio de... de plantas da América latina? Não existe isso não? Uma tradição de...?

EC - Não, eu acho que houve. Eu é que não frequentei muitos simpósios. É...eu acho que houve sim. Inclusive essa instituição que eu falei, eu acho que organizou, mas eu não estou lembrado assim de detalhes não, viu? Nenhuma coisa que eu pudesse lhe informar melhor.

TF - Eu queria que o senhor explicasse melhor, quer dizer, esse esquema que o senhor discute, né – que eu estou com aqui ele na mão – de pesquisa com plantas brasileiras usadas em medicina popular. O senhor tem... apresenta dois quadros, né, onde um... um quadro passa da antropologia, tem o estudo antropológico de utilização da planta, a química e a farmacologia até voltar pra farmacologia clínica, até chegar à farmacologia clínica. E o senhor diz que esse esquema é um esquema habitualmente utilizado pelos pesquisadores. E aí o senhor apresenta uma outra opção que seria sair da antropologia ir para a farmacologia, né, com teste pré-clínico, teste clínico e a química seria o último passo desse trabalho. Quer dizer, teria uma devolução pra comunidade, uma comercialização dessa...

EC - Isso.

TF - ...dessa... planta, né, e a transformação dele em fitoterápico.

EC - Certo.

TF - A química seria o último passo de estudo. Eu queria que o senhor falasse um pouco dessa, desses dois esquemas, do seu ponto de vista com relação a isso.

EC - É. Bom, veja o primeiro esquema que é o clássico utilizado, ele é um esquema que tem a grande vantagem de você poder isolar uma substância – se você tiver sorte – e poder partir pra um medicamento puro, né? Uma molécula identificada, que você pode estudar de uma maneira bem completa e etc. Quais as desvantagens que eu vejo... (alguém fala ao fundo). Vamos desligar um pouquinho. (pausa na gravação) Então quais são as desvantagens disso? As desvantagens que eu vejo, primeiro, é o tempo, pode demorar anos pra se chegar até à substância ativa, né?

FD - A gente está falando do primeiro...

EC - Do primeiro esquema.

TF - Passando pela química como...

EC - Passando pela química, nos vários processos de isolamento, síntese e análogos etc. e tal. E envolve muitos milhões de dólares, né? Essas eu acho que são dois aspectos bastante importantes. Há um terceiro aspecto que eu acho também que deveria ser levado em conta que é o seguinte: é que quando você desenvolve um medicamento dentro desta concepção, ah... quem deu a origem, quem pela primeira vez informou, quer dizer a fonte real do saber inicial, fica à margem do processo. Porque geralmente não tem possibilidade de comprar um comprimido, uma ampola... isso é receitado pelo médico etc. e tal. Então isso é um outro aspecto a ser levado em conta também, né?

TF - O popular. (inaudível)

EC - Ham?

TF - Tem o popular.

EC - Tem o popular, exatamente. Agora, o outro processo ele abstrai, o ponto básico, abstrai de saber o que é que tem dentro da planta. Eu quero saber se ela é ativa, se é ativa, pra mim está bom, né? Então o que é que a gente faz? Você procura obter a informação popular da maneira mais completa possível. Aí eu acho que é bastante importante, por exemplo, haver informações mais completas. Então esse tipo de trabalho, você tem que ir lá, é uma pesquisa etnográfica mesmo, você tem que conversar, você tem que obter... é qualitativa, é muito mais do que quantitativa. Você tem de perguntar, obter dados e falar, saber as condições que a pessoa usa... Nada, nada, nada, nada, é questão de credence. E coletar à noite, isso não quer dizer que é coisa de feitiçaria. Porque às vezes, à noite, quantas plantas não realmente não elaboram seus princípios ativos mais à noite, né? Se enterra durante uma semana, por que é que faz isso? Deve ter uma razão! Manter uma temperatura constante, mais constante... enfim, coisas dessa ordem. Aí você tentar fazer esse extrato dessa maneira e testar. Aí você vai testar esse extrato diretamente agora, né? Você vai testar se teve ação, ótimo! Se teve a ação que você espera, né? Outra coisa também, você é... esse aspecto que você, uma vez que descobre-se que uma planta (inaudível) da população... tem um efeito, um determinado evento médico qualquer, patológico qualquer, a tendência é haver um espraiamento das indicações: começa a se usar pra tudo. Você nessa conversa inicial, então, você tem que por muita atenção pra descobrir qual é a indicação primária. Essa indicação primária é fundamental, porque as outras surgem mais ou menos como ele falou ali, né, pra ver. Porque senão você se perde também, quando eu recebo essa planta indicada pra 25 doenças! Quer dizer, qual delas eu vou pesquisar? Vai ser... vou fazer um sorteio pela ordem alfabética? Não pode ser. Quer dizer, tem que ter essa informação. Uma vez tendo isso você tem que fazer mais alguns testes, né? Primeiro você tem que: é tóxica essa planta, da maneira que eu estou usando agora, ela é tóxica, né? Isso é importante também pelo seguinte porque a credence popular que o vem da terra não faz mal é uma credence mesmo, né? Aliás uma credence boba! Porque, se na realidade, você pegar dos 50 venenos mais potentes contra o ser humano, mais de 20 vêm de planta. Então... Vêm de plantas, né? E a outra coisa que você também tem que levar em conta é que você está imaginando agora de fazer pesquisa de, afinal de contas, oferecer um produto, dentro daqueles que a gente falou, que vai estar disponível numa farmácia, num centro de saúde, enfim. Há uma população que geralmente não é aquela população que usou o produto. A população que usou o produto inicialmente é descendente de índio, é o caboclo, né? Que tem possivelmente uma genética diferente de nós mais caucasianos que vivemos nas cidades, né? E nós sabemos que determinados medicamentos que têm uma posologia pra uma determinada é... característica genética, pode ser, naquela dose, tóxicas para outros. Por exemplo, os chineses são mais sensíveis a determinados medicamentos do que os caucasianos e dando dose por quilo de peso, né? Então, é importante que você faça os estudos de toxicologia pré-clínica e estudo toxicologia clínica também. Se tudo continuar bem você faz a pesquisa clínica final e aí você tem o produto preparado, né? Quer dizer, o produto, a sua resposta aliás, preparada: pode ser usado. E aí você tem as diferentes opções que eu mencionei ali.

Uma das coisas, por exemplo, que eu acho uma ideia genial é a ideia que o professor Matos transformou em prática, né? As hortas medicinais. Eu acho que isso devia ser difundido mais, quer dizer. Agora, é preciso que se tome um cuidado, eu não sei, por

exemplo, se... tem lá o Croton Centineli, eu nem sei como é que é essa planta, mas eu sei que é uma planta, o Croton lá do Ceará que parece que tem um efeito sedativo. Será que eu plantar o Croton aqui em São Paulo eu vou ter essa mesma coisa? Eu teria então que testar isso pra ver se... Então a primeira fase: você ensinar a população ah... que eles podem plantar algumas espécies, que essas espécies são úteis pra tais e quais doenças. Você pode adiantar um pouco mais: olha, se você coletar, você tem de usar até um mês, dois meses depois. Porque senão passa o efeito da planta, né? Ou então coleta no verão, coleta, ... enfim, você tem, essas indicações são fáceis de fazer, depende de algumas experiências a mais pra você fazer.

A outra coisa é você vender o vegetal *in natura*, que é o comum. Quer dizer, vocês vão na praça... – vocês foram naquele... aqui do lado, né? – quer dizer, simplesmente você pega a folha, raiz, semente, sei lá, embala, isso seca de uma maneira apropriada e você vende. A terceira que é o que a gente está perseguindo, que é o fitoterápico. Quer dizer, pra nós (inaudível) o fitoterápico é um produto que é o extrato, né, é... pode ter até uma única ação farmacológica ou até mais do que uma, mas basicamente você está procurando aquele efeito fundamental. Devidamente “standartizado”, com controle de qualidade. Você pode testar que esse produto tem o tal efeito tal, você pode inclusive submeter todos os dados científicos à crítica de comitês de peritos, né? É... a história da Kava Kava é interessante. Quer dizer, eu não conheço coisa mais repelente de uso pela população indígena, e que, no entanto, deu esse medicamento que agora é um grande sucesso, né? A Kava Kava era usada na Oceania desde sei lá quando, né? Mas, no século XVII e século XVIII, 1600, 1700, principalmente, os ingleses que estavam expandindo o seu império e tinham bons observadores, chegaram até a Oceania, àquelas ilhas da Indonésia e tal, e eles descrevem um costume. E muito bem descrito. Tem até desenhos feitos, né? Como é que as pessoas usavam, os indígenas usavam. Eles pegavam a planta pela raiz, as mulheres mordiam, mastigava e cuspiam num vaso. E iam fazendo isso até formar um líquido, né? E esse líquido que era ingerido depois. Quer dizer, era praticamente saliva das mulheres que era ingerido. Quer dizer, pro nosso entender, não há coisa mais horrível do que isso, né? No entanto, era a maneira de extrair da semente ou da raiz, as substâncias ativas que são as lactonas. Agora você vê, é como eu disse, quer dizer, tiveram a curiosidade de pegar, entender bem esse uso popular, possivelmente isso foi levado em conta quando se extraíram as lactonas da Kava Kava. Porque devem ter considerado o PH da saliva, esse tipo de coisa toda. Então é isso que eu acho que... é... isso não é novidade nenhuma a gente falar nisso, né? A... é interessante porque a própria Universidade de Mississipi depois, dois anos depois de eu ter publicado esse trabalho, ela publica um número especial da revista deles lá, aonde na primeira página, a capa é um desenho colorido que é exatamente isso aqui que a gente colocou! Quer dizer, mostra, por exemplo, o uso de uma planta no meio do mato. Aparece um índio, depois isso vai para uma pessoa que leva pra um laboratório, aparece administrando do laboratório ao extrato, depois do extrato aparece ele indo diretamente para um médico e ao mesmo tempo uma plantação e depois sai no remédio, né, a respeito disso, pra ver. Bom. Eu quando eu falei sobre isso daí, eu não quis dizer de jeito nenhum: olha, não se vai investigar até o fim qual é a substância ativa. É óbvio que isso deve ser feito, só que eu não estou interessado. Isso é muito diferente de que não deve ser feito, né? E eu acho até que poderia se começar simultaneamente. O que eu era contra, e sou contra, é que se você for financiar desde o começo essa parte química toda junto, né, é possível que essa outra parte fique colocada secundariamente, né? Até mesmo porque ainda há um pouco de preconceito em relação a esse tipo de pesquisa que você vai lidar com material impuro. A coisa impura parece que é má ciência, né?

TF - Deixa eu perguntar, como é que os químicos reagem?

EC - Não muito bem. Não muito bem. Eu tive um... (risos) Foi a única vez que eu fiquei bravo com o Rocha e... com o Rocha e Silva, eu sempre fiquei bravo com ele, mas com o Gottlieb... eu fiquei muito bravo com o Gottlieb porque é... ele apresentou num simpósio... – onde é que foi o simpósio? Foi no Ceará... um simpósio – ele apresentou um slide, que aparecia um sujeito sentado com um braço assim, com uma agulha enfiada aqui, depois tinha um tubo, tinha um enorme de um funil e um cara socando umas folhas, né? (risos) Eu fiquei muito bravo! Aí eu comentei com ele, quer dizer, eu comentei o seguinte, eu comentei: olha, na realidade, a medicina está evoluindo muito, e na evolução ela descobre que esqueceu erradamente o passado, né? Você pega a medicina chinesa e ela cada vez mais, você tem de reverenciar a medicina chinesa. Até por aquele velho conceito de que o médico recebia mesmo quando não atendia. Que é exatamente o contrário, né, quer dizer, que o médico cuidava bem da população, não aparecia doença nem nada, o médico era um sanitarista, então, ele recebia um salário muito bom porque ele evitou doença na... na população. Mas, o que os chineses fizeram sempre foi usar um número grande de plantas não uma só, e extratos, né? E ele classificava, o chinês, a mais antiga classificação, classificava o medicamento de uma maneira incrível, né? Ele classifica: os primeiros medicamentos são os reais, né? O segundo grupo são os ministeriais. O terceiro grupo são os assistentes. O quarto grupo são os medicamentos servis. Agora, veja que bem bolada essa classificação! Essa classificação é notável! Não, fora de brincadeira! A primeira coisa que eles fizeram, os reais são os melhores medicamentos, não são tóxicos de jeito nenhum. E só servem pra melhorar a saúde, não serve pra curar doença. Eles podem prevenir doenças usados constantemente, que é o Ginseng, que é agora o (inaudível) que os soviéticos descobriram. Essas plantas adaptógenas ou resistógenas, que aumentam sua resistência. Bom, os servis só servem pra conduzir outros medicamentos. Esse conceito de 5 mil anos atrás, você teve a repetição dele aí no Santo Daime, né? O que é a (inaudível)? Vocês estão a par da (inaudível). Foi patenteado agora nos Estados Unidos, né, a bebida do... (interrupção da fita)

### Fita 5 - Lado A

TF - Entrevista com o professor Carlini, fita número 5, dia 23 de agosto de 1999.

EC - Tá. Então você tem uma substância, admitiu tripinamina. Mas a tripinamina tem uma coisa curiosa. Ela é atacada por uma enzima que tem grande quantidade no nosso intestino (inaudível). Como é que o índio foi descobrir que pra poder ter efeito, que ele tinha que tomar junto com uma planta que é inibidora, a aminoxidase? Que é então... é o chamado... é o cipó, né? Que é o I... IAG ou (inaudível). Então você vê, isso é o exemplo típico de uma coisa que os chineses faziam há 5 mil anos atrás. E eu comentei isso, eu falei: olha, o senhor [Otto Gottlieb] me desculpe, mas na hora em que o senhor isola o princípio de uma planta, muitas vezes o senhor não tá tendo todo o efeito terapêutico que a planta pode ter, muito menos a associação de plantas! Então, foi a argumentação que eu usei. Às vezes até tá bom, pode ser, mas simplesmente fazer uma coisa dessa ordem é esquecer 5 mil anos de experiência humana, pra ver. Então foi a maneira que... Agora, ele não pode mesmo achar... bem, porque ele... a ideia não é colocar a química de

escanteio, é dizer: olha, é preciso que haja o início, né, seja feito também com essa parte, com essa parte de química. Agora, se a verba for absolutamente insuficiente você tem de fazer a opção, a minha opção é esta.

FD - E como é que o senhor avalia então o desenvolvimento da produção ou do... da pesquisa em fitoterápicos no Brasil? Isso tá avançando... é, tem alguma diferença pra pesquisa de plantas medicinais mais... mais puras?

EC - Não, espera aí um pouquinho. Como é que você diferencia fitoterápicos das plantas medicinais mais puras? Não entendi.

FD - É. É a primeira pergunta que eu coloco pro senhor. É possível diferenciar...?

EC - Não. Veja, eu... eu não distingo isso. Por exemplo, quando eu uso atropina, eu estou usando um princípio que tem na (inaudível). Mas eu não vou mais coletar a planta e simplesmente manipular a planta, extrair, etc., eu sintetizo em laboratório, tá? Então, eu estou aí usando um medicamento puro, cuja origem foi uma planta, mas eu nem uso mais a planta, né? Agora, eu vou pegar um outro exemplo...

TF - Eu posso chamar isso de... de plantas...

EC - Eu chamo...

TF - ...de medicamento de plantas medicinais? Esse que foi..?

EC - Não. De origem, né? Que teve origem. Mesmo, por exemplo, um outro exemplo, a morfina. A morfina até hoje ela é obtida da papoula, porque não, você tem métodos de síntese da morfina, mas fica muito mais caro você sintetizar do que você coletar a planta e fazer. Mas é uma substância quimicamente pura, definida. Eu chamo de medicamento, não chamo de fitoterápico. Chamo de medicamento, né? De origem vegetal. Na realidade se você pegar um antibiótico, tudo seria um fitoterápico, um antibiótico, né, pra ver. Agora, o que eu chamo de fitoterápico é um produto que você utiliza da planta... vários componentes que estão dentro de um extrato, semi purificado ou não.

TF - O fitoterápico é um extrato.

EC - É um extrato. Eu estou considerando um extrato. Por exemplo, o Valmani, à base da Valeriana Oficinalis, é um extrato de Valipotriatos. É um grupo de substâncias químicas que eles perceberam que naquele grupo tinha ação hipnótica. Você pega a Kava Kava que tem aí o Laitan, é um grupo de lactonas chamado Kava Lactona, que tem um efeito ansiolítico. Mas é um grupo, eles vão separar uma por uma pra examinar, nem sei quantas tem, pra ver. Então, pra mim, o fitoterápico é um produto que está... determinado quimicamente. Eu sei que tem... por exemplo, há taninos que têm, alcaloides ou não têm... Quer dizer, eu tenho um perfil químico deles, mas eu não sei destes qual é ou quais são as substâncias ativas. Segundo, é um produto que eu tenho um controle sobre a qualidade dele. Quer dizer, eu sei que se o produto está na praça é porque o Ministério examinou e viu que a identificação da planta é correta sempre, que é uma plantação experimental inclusive. Experimental não, uma plantação já industrial, né? Segundo que o método de produção é 'x' ou 'y', que o controle de qualidade é feito de uma ou duas maneiras. Por exemplo, o método biológico pra ver se, por exemplo, o produto é antipirético. Então eu



vou injetar num animal, produzo febre artificialmente, vou ver se baixa mesmo a temperatura. E ao mesmo tempo eu tenho o perfil. Quer dizer, se eu injeto aquele extrato da planta eu vou obter 10 picos no meu aparelho. Eu não sei quais são os picos, mas eu obtenho os 10 picos. O novo extrato que eu estou preparando, a segunda... o segundo lote que eu estou preparando, tem que ter uns 10 picos também. Então pra mim isso é um fitoterápico, né? Agora, o resto eu chamo simplesmente medicamento ou medicamento fitoterápico ou fitoterápico, ou até medicamento ponto.

FD - Então não tem existido investimento em pesquisa de fitoterápicos em plantas brasileiras como o senhor falou no começo.

EC - Não tem nada! É. Muito pouco! Muito pouco. Veja, o que eu conheço agora, veja, do estado, eu não sei o que está havendo, né? São... são investimentos de pequena monta e que ainda sofrem por parte da velha estatal de um defeito pior do que o pouco montante de dinheiro, que é a tremenda burocracia que encerra isso! Se você for trabalhar numa área dessa que é uma área extremamente dinâmica e o mundo inteiro está olhando, por exemplo, é... é o exemplo típico, que eu estou sofrendo na pele, que é o da Espinheira Santa, né? Nossa, é um negócio terrível pra gente ver! E você não pode ficar contando, espera três meses, quatro meses, vem a resposta, não vem, depois a verba vem... não foi pro Banco do Brasil, mas foi pro lugar errado... aí você tem de descobrir que ela foi pra vala comum... – estou dando exemplo das verbas federais, né? – demora não sei quanto tempo pra descobrir, parece que você tem o dinheiro, aí (risos) você vai procurar, encontrar o talão de cheques, demora uma semana pra vir um talão de cheque... Olha, é absolutamente antiprodutivo, quer dizer! E por parte dos laboratórios, agora começa a haver um entendimento disso com as patentes. É um efeito das patentes que eu nunca esperaria que acontecesse. Os laboratórios, vários laboratórios nacionais de alguma monta ou aqueles mais de visão, perceberam que possivelmente a saída pra eles no futuro é isto. É uma moda muito aceita. Um dos laboratórios, por exemplo, que ah... a gente tem um... É um laboratório bom, né, que a gente tem a patente, a universidade tem a patente com ele pra explorar o “Nó de Cachorro”. Você vê como é que é o mundo industrial, eles abriram uma empresa nos Estados Unidos chamada Amazon Pharma. É óbvio, né, é óbvio, que eles vão querer lançar esse produto se tiver o resultado mesmo lá. Como também a Muirapuama. A Muirapuama... Muirapuama, né? ...

FD - É.

EC - Você vai na Alemanha você fica bestificado! O que se vê de Muirapuama! E eu tenho certeza de que não deve ser Muirapuama! Nossa! Tremendamente bem cotado lá e na Suíça! Né? De grande vendagem. Agora, eu tenho certeza que não é... não deve ser a planta, sei lá. Eles devem mandar qualquer coisa, eles colocam lá, né? Então, os laboratórios estão começando agora, mas são muito ainda... discretos. Tem havido algum suporte, né? Enquanto não se investir aí milhões de dólares, é bobagem, né? Vai acontecer o que tem acontecido. Quer dizer, estou fazendo duas plantas, estou três anos amarrado em duas plantas, trabalhando com o máximo de capacidade que eu tenho. O Calixto deve tá com três ou quatro plantas. O Ribeirão Preto com uma ou duas, o Ceará com... Devemos estar pesquisando aí talvez umas 20 plantas... Se tanto, né? Total. E veja, o meu grupo é bastante ativo, hein? Eu comecei com o “Nó de Cachorro” há três anos atrás. E surpreendentemente tá indo bem, né? Ah... eu... a tese de mestrado foi defendida e agora a moça vai fazer o doutorado e até onde eu cheguei, toda a parte pré-clínica nós conseguimos fazer, inclusive a toxicologia...

TF - Qual é a ação do “Nó de Cachorro”?

EC - Ele tem um efeito que eu acho que é o tal do efeito adaptógeno ou resistógeno. Por exemplo, o que nós focalizamos a atenção, foi porque essas drogas, essas substâncias todas que aumentam a capacidade e resistência do organismo, tem um efeito muito nítido também no organismo idoso. Retarda a demenciação, melhora o estado físico do idoso... tanto que são famosos também, muito utilizados, porque aumentariam o poder sexual, potencial sexual do homem etc. e tal, né?

TF - Igual a Ginko Biloba, não?

EC - Não, seria mais pro lado do Ginseng, né? Do Ginseng. E tem uma outra chamada (inaudível) também uma outra planta, né? Bom, nós resolvemos colocar a nossa tensão mais no aspecto de memória e aprendizagem. E realmente é muito interessante! Você pega o animal, um rato que tá ali quase caindo aos pedaços, né? Dois anos, você trata durante 2, 3 meses e você compara com o rato idoso, não... que não recebeu a droga, essa droga tem um efeito muito bom porque não é nem uma questão de impedir, né? Pode ser que ela tenha impedido o restante da coisa, mas ela... os animais estão muito melhores que os animais controles, velhos. Eles estão quase próximos dos animais jovens em termos de aprendizagem e memória. Então é um efeito muito nítido. É vidente... agora, o Ricardo Santos – você conhece o Ricardo Santos lá da UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro]? – Ricardo Santos que é professor de lá, ele está testando junto com o laboratório, tá fazendo os ensaios pra ver se tem algum efeito na parte de comportamento sexual de rato idoso ou não. A planta chama-se (inaudível) Afrodisíaca. Quer dizer, em 1940, quer dizer, o Machado, foi botânico que identificou e classificou e deu nome à planta, deu nome de afrodisíaca porque lá no... no Pantanal, naquela região onde ela era usada já há muito tempo, ela era considerada uma planta que realmente era capaz de pegar, restabelecer a atividade sexual de pessoas idosas. Então veio daí esse tipo de coisa. Mas eu não respondi, não sei porque eu respondi isso.

FD - Não, porque ela perguntou...

TF - Porque eram os fitoterápicos...

FD - Ela perguntou pro senhor qual o efeito do...

EC - Hum! Agora veja, isso é muito pouco, né? Realmente é muito pouco. Eu acho que deveria, no meu entender – eu sei que na China tem isso, tem um instituto onde parece que congregam mais de mil pessoas trabalhando o tempo todo com esse aspecto, programa de plantas medicinais. Um estudo oficial. Eu tenho certeza de que se nós formarmos aqui todos farmacólogos – farmacólogos seniores, né? Não estudante de pós-graduação, recém-formados e tal – ah, nós não chegamos a 100! Não chegamos a 100, né? Tenho certeza de que não é em plantas medicinais, mas se eu pegar um laboratório qualquer da França, da Inglaterra, você tem 200, 300, farmacólogos trabalhando em diferentes programas, né? Quer dizer, aqui, eu acho que nós não temos 200 farmacólogos de primeira linha nem em toda a farmacologia toda, né? Então esse aspecto nós temos que levar em conta.

TF - E me diga o seguinte, com relação a... O senhor queria falar alguma coisa?

EC - Não. É aí que eu vou até lembrar daquele programa da FINEP. Aquele programa da FINEP, nós pedimos 2 milhões de dólares durante cinco anos, que é pra poder dar o primeiro *start* numa programação nacional nesse sentido. Que não deu em nada! E, olha, pouquíssimo dinheiro! A gente tinha a cabeça no lugar quando pediu. Vamos pedir dois milhões de dólares por ano, dava pra pegar e criar aqueles centros todos, dar uma ligeira melhorada nele pra começar. Isso há 20 anos atrás, podíamos estar num desenvolvimento enorme agora!

TF - É, com relação aos fitoterápicos, eh... hoje em dia está se organizando uns grupos, né? Estaduais. Não sei como está em São Paulo, de uso de fitoterápicos no serviço público. Não sei se o senhor tá acompanhando...

EC - Estou. Mais ou menos, é.

TF - ...esse grupo. Como é que tá em São Paulo isso? Já está informatizando... estão fazendo uma... uma...

EC - Pois é, veja, veja. Aí, eu não tenho acompanhado no Estado de São Paulo. Tenho acompanhado de um modo geral. Veja, tem um aspecto aí que é fundamental. Quer dizer, um médico não pode prescrever nada que não esteja licenciado pelo governo. Tá certo? Quem licencia é o Ministério da Saúde. É besteira pensar outra coisa, que essa é a lei brasileira e ela tem que ser obedecida, né? Por que é que não pode fazer isso? Porque para ser legítimo tem que ter aquele aval, e aquele aval pressupõe que foi examinado a eficácia terapêutica do produto e a inocuidade dele. Ora, não existe praticamente nada com as plantas medicinais! Então ao falar... esse serviço público, quer dizer, o médico pode até prescrever. Duvido que ele vá prescrever se ele não tiver, a não ser um outro que já é convertido na história, né? Mas se for um médico neutro, né? Duvido. Pelo seguinte aspecto: se ele pega um medicamento, uma planta qualquer, prescreve pra uma determinada doença e essa doença não melhora ou por uma razão qualquer o paciente piora, esse médico tá sujeito na hora a um processo. E perde, ele perde. Porque ele fez um ato ilegal dentro da sua profissão. Ele não podia ter prescrito uma coisa que não tá registrada nem nada, ele nem poderia alegar desconhecimento desse fato, né? O médico tem que ter certeza do que ele está fazendo. Então...

TF - Mas, os fitoterápicos não podem ser registrados no Ministério? Sim.

EC - Pois é, mas quantos são brasileiros registrados no Ministério?

TF - (inaudível)

EC - Pois é! Eu não conheço um fitoterápico que tá registrado. O que... o que aconteceu antes é que esses medicamentos todos eram na base popular, você compra na esquina, compra na farmácia. E eles simplesmente, quando se fazia essas preparações, estavam isentos de registro. O que o laboratório fazia: olha, eu vou fabricar um produto à base de espinafre. Só comunicava isso pro Ministério e ponto final. Não tinha, por exemplo, nenhum controle de qualidade, nada. Tanto que o que você encontra de lixo em fitoterápicos não é brincadeira também! Nenhum cara que fabrica essas coisas e não tem, vamos supor assim, uma formação de ética de profissão, vai trabalhar com uma planta, se falta a planta ele vai falar: ah, essa daqui deve ser a mesma coisa e coloca a outra! E

isso é quase certo, né, pra ver! Agora, o que é que tem registro? Eu vou lembrar então de novo, né? Laitan do Laboratório (inaudível) alemão, Tanakan não sei de que, laboratório; ah, o Ginsana também não sei de que, laboratório; o... o Prostan Plus, do laboratório Baldachi italiano; o... o Valmani, de outro laboratório estrangeiro também. Lá estão os 10 produtos fitoterápicos no Brasil, todos de plantas estrangeiras!

FD - E produtos tipo assim...

TF - (inaudível)

FD - ...o Biotônico Fontoura, o A Saúde da Mulher? São produtos de plantas, são fitoterápicos. Não são?

EC - Bom, esses produtos são produtos... (risos) O Biotônico Fontoura tem um problema terrível também! Vocês sabem que o Biotônico Fontoura tem 14... – não, tem mais! – parece que ele tem 18% de álcool?

FD - Ah, eu não sabia.

EC - É. E o vinho tem 11%, a cerveja 5 %, 4 %, né? Então, inclusive, a história do Biotônico Fontoura é curiosíssima... pois tem criança bêbada! Tem criança que se embebeda e tem havido casos aí meio desagradáveis... Inclusive nos Estados Unidos, na época da Lei Seca, vendiam Biotônico Fontoura adoidado nos Estados Unidos! (risos) Porque era a única maneira de beber um bom, um líquido com um bom conteúdo de álcool, né? De 18%. E eu, e acontece que havia nesse tempo que eu estava lá, uns três pedidos pra reexaminar o registro. Eu falei: “Ah! Eu não vou cair nessa de jeito nenhum!”. Você imaginou dizer que o Biotônico Fontoura não pode existir mais?! Esse é o tipo da coisa que não tem jeito! Você não tem jeito de falar isso! Agora, ele não é só... ele tem uma porção de coisas medidas, inclusive, em plantas, né? Mesmo a Espinheira Santa tem um medicamento aqui chamado Estomalina. Existe há não sei quanto tempo! Tem lá a Espinheira Santa, tem mais 4 ou 5 plantinhas, plantas etc. e que também não tem registro! Porque é um medicamento assim fitoterápico, é um medicamento de venda... nem é de venda, é de venda livre, sem controle, pra ver. O que eu digo é aquele medicamento, o fitoterápico que tem, vamos dizer assim, o selo da qualidade. A faixa vermelha e controle feito pelo governo dizendo: “Olha, há uma credibilidade nisso”. É o que o governo está fazendo agora com os genéricos, né? Quer dizer, que eu acho que a coisa que, a discussão ideológica, quando se discute ideologicamente coisas, é um horror, né? Porque as pessoas não veem o prejuízo que podem causar. Você veja, o... o genérico foi lançado como se fosse uma coisa que permitiria economia. Ora, você economizar com medicamento que vai ser usado pela população pobre, e... mas você não economiza o dinheiro do pobre, você economiza o dinheiro do governo, né? Já é uma coisa que você tem de discutir duas vezes, tá? Por que é que pro pobre é assim e pro outro não é, né? Segunda coisa, o critério de preço que é o único que tá vigindo, o que propor pra vigir, não implicava obviamente em qualidade. Bom, e o que a gente sabe de falsificação de medicamento nesse país é uma coisa incrível! Então você imagina se um laboratorizinho... de enézima categoria, sabendo que a Novalgina agora vai ter que ter o nome Dipirona, não ia fabricar uma Dipirona, até colocar mais ou menos idêntica a embalagem e tal e dizer: “Olha, custa metade da Novalgina,” a Dipirona é intercambiável, né? Então o farmacêutico poderia substituir um pelo outro. Seria um escândalo! Porque eu nunca conheceria coisa que faria pior mal para

a saúde pública do que um negócio dessa ordem, você selecionar pelo preço possibilitando as falsificações! Então o que é que o governo fez? O governo agora, eu acho que muito sabiamente, disse: “Olha, só pode ser genérico se a intercambiabilidade significar que ele tem as mesmas propriedades farmacocinéticas que o produto mãe ou o produto original”. Então o que você tem que fazer as provas de bioequivalência. Com isso o governo vai estampar na fórmula: esse produto é bioequivalente. Tem bioequivalência aos demais, tá certo? Aos demais não! Bioequivalente ao original, àquele outro, a qualquer coisa dessa ordem. Então aí você garante a qualidade! Quer dizer, eu acho que é a mesma coisa que acontece também, interessa pra medicina e pra saúde pública, que o que vai ser utilizado tem boa qualidade. Quer dizer, planta só pode ser utilizada não é porque ela tá mais acessível, porque o povo acredita que age ou porque é coisa de pobre. A planta vai ser utilizada porque ela age, tem efeito terapêutico. Quem vai prescrever tem que ter a convicção disso. Quer dizer, qual é a cultura do médico? Eu só receito coisas que têm uma certa embalagem, que têm certos dizeres e que têm aprovação, porque até eu estaria exercendo a medicina ilegalmente senão fosse... Então pra isso é que é importante você ter o fitoterápico...

TF - Mas e aí? Como é que acontece no Brasil? Quer dizer, o que é que esses grupos estão fazendo já que nós temos pouquíssimos produtos terapêuticos? Fitoterápicos?

EC - Ué! Tão tentando fazer o que podem! Se eu tiver muita sorte, se eu não morrer antes, daqui a dois anos, três anos, eu consigo colocar na minha vida dois produtos como fitoterápicos. Quer dizer, eu não, meu grupo e tal, né? Por quê? Porque o laboratório, no caso um é o Biosintético, o outro é o laboratório Aché, resolveram entrar em contato com a minha universidade e resolveram então partir pra uma...

FD - Investir nisso.

EC - ...investir. Eles investiram nisso e a universidade que cede cientista e cede tudo mais terá um *royalty* de 6% no primeiro ano, 5% no segundo, 4% no terceiro... uma coisa mais ou menos assim, sobre a venda livre do produto. Eu não sei nem bem o que é venda livre. Que eu deixei claro lá na universidade que isso é pra a universidade reaplicar esse dinheiro em pesquisa, né? Todinho em pesquisa. Já... já é bastante! Já é bastante, né?

FD - Mas olha só, vamos...

EC - Eu não sei se é essa pergunta que você tá fazendo.

FD - É, vamos ver se o que a Tânia tá falando é isso.

TF - (inaudível)

FD - Eu vou dar um exemplo que eu conheço. Niterói, a prefeitura montou um programa de médico de família baseado na experiência de Cuba. E existem alguns postos de saúde que cediam esse projeto e esses postos de saúde têm uma horta comunitária. Os médicos indicam as plantas dessa horta comunitária pra população, em determinados casos: gripes... sei lá, uma dor de estômago ou uma coisa, aqueles remédios clássicos da fitoterapia. Nem isso é permitido pela legislação?

TF - Mas isso não é fitoterapia! Se ele vai pegar a planta e vai transformar em chá, infusão, uma coisa assim?

FD - Não, não. Eles têm um laboratóriozinho...

TF - De manipulação?

FD - É.

EC - Mesmo que eles não tivessem laboratório de manipulação. Quer dizer, um médico pode, aí eu não sei, na sua posição, autoridade de médico, chegar e dizer: “Olha, eu quando estou com gripe, eu gosto de tomar meu chá, não sei o quê e tal”. Agora...

TF - Outra coisa é prescrever.

EC - ...outra coisa é prescrever. Porque na hora que ele prescreve, é um ato médico. O ato médico tá todo, todinho dentro de controles legais, né? Eu acho que esse médico, por exemplo, se vier um chato, né, chegar lá, chegar, vai criar dificuldade pro serviço. É a opinião que eu tenho! Eu acho que criaria dificuldades. Eu, por exemplo, eu vou dar um exemplo porque a gente teve de lidar, né? Em Curitiba tem um médico ou um grupo de médicos que resolvem fazer tratamentos hormonais pra rejuvenescimento. E uma das coisas que eles fazem, eles extraem testículo de carneiro jovem, preparam um treco lá qualquer e injetam nas pessoas. Bom, o que é que aconteceu? Aconteceu que ele injetou – não sei, preparou mal possivelmente – em um ou dois pacientes e deu necrose de glúteo, nos dois! Abriu um buraco desse tamanho no glúteo de cada um, né, pra ver. Eles foram processados por exercício ilegal da medicina. (risos) Não foi pelo fato de ter feito um buraco na perna, no glúteo da pessoa. Porque eles não podiam tá prescrevendo um produto não autorizado pelo Ministério da Saúde! Que no caso fez mal. Quer dizer, senão tivesse feito mal, também eles seriam processados. O mal serviu pra haver a denúncia, né, pra ver. Então eu acho que é uma coisa que... tem que com o tempo... eu acho ser modificado, né, pra ver. (ruído de tosse)

Porque na realidade, eu também acabo por acreditar que nós temos que ter uma mudança no Conselho de Medicina. Porque eu não acho que o médico é a única pessoa capaz de chegar e acertar diagnóstico, né? Evidentemente não é! Você tem práticos, por exemplo, que sabem fazer isso muito bem. E você tem coisas, por exemplo, que um assistente de saúde... uma enfermeira, uma assistente social, eu acho que estão até mais bem aparelhados pela convivência que têm mais constante com os doentes, de fazer diagnóstico e de acertar uma medicação nos casos mais, de 80% da medicina, que o próprio médico! Então teria que haver uma abertura. O governo americano fez uma coisa muito curiosa. Ah... tem algumas cidades fronteiriças entre os Estados Unidos e o México, aonde a mortalidade da mulher por parto é muito elevada. São todas mulheres mexicanas que migraram, às vezes, ilicitamente, tão lá clandestinamente, mas é uma realidade! Tão morrendo, criança nasce morta também. Então não dava pra fazer um programa educacional direto com essas pessoas. Porque elas são ilegais, então não tem jeito de você matricular, nem ela quer se identificar. Então o que é que o governo fez? Aceitou a figura da parturiente, da curiosa, né? É muito comum. A parteira curiosa. Conseguiu convencê-las de que elas poderiam, num número muito menor, que elas poderiam fazer um serviço muito melhor. E o que é que acabaram por fazer? Acabaram dando curso pra essas mulheres e deixaram claro que se elas tivessem dificuldade no

parto, se teriam um meio seguro de apontar pro hospital, que ninguém iria atrás delas. Pelo contrário. Por incrível que pareça isso, fez com que reduzisse muito, né? Aí eles deram também noções de higiene, tratamento e não sei que para essas parturientes. Quer dizer, foi a universidade, eu não sei se foi da Califórnia ou ali do Texas que acabou ensinando os trabalhos da obstetrícia para as curiosas que não tinham formação nenhuma. Com grande resultado pra saúde pública, né?!

FD - E a nossa legislação não permite isso?

EC - Que eu saiba não.

FD - Eu acho que tem essa prática na Amazônia! Você tem os agentes de saúde que recebem medicamento do governo do estado, levam lá pra comunidade deles e são eles que clinicam.

EC - Tem. É.

FD - Eles identificam a doença, prescrevem o medicamento e dão o medicamento...

EC - É. Aqui no Xingu, por exemplo, estão sendo treinados índios pra fazer esse tipo de trabalho. Bom...

FD - Pois é.

EC - Eu... graças a Deus, ninguém pensou em chegar e pedir coisa dessa ordem. Mas se você for pensar legalmente, eu acho que isso aí tá... Quer dizer, olha... eu costumo dizer – eu acho que falei essa frase pra vocês – mas eu costumo dizer que o problema básico de pesquisa com plantas, são 3 palavras: é um ‘D’, que é o descrédito, é o descrédito da medicina popular, isso é credence, é coisa de ignorante, é coisa de raizeiro, é coisa de negro velho e tal; depois, a ilegalização, então é um ‘I’. Ilegalização por quê? O ato de tratar é a panagem de uma profissão, a profissão médica. Ninguém pode fazer isso dentro da lei. Se você fizer isso você tá sujeito as penalidades da lei e até você pode, por exemplo, ser... entrarem com um processo de indenização contra você, né? Se não for além do crime que você comete, a indenização. Então você tem o ‘D’, tem o ‘I’, depois tem o ‘A’ que é a apropriação: ora, agora que eu desacreditei, legalizei, isso vem pra mim! Eu pego transformo isso numa fórmula, num medicamento, numa ampola e tal, né? Então eu acho que essa segunda coisa, quer dizer, a ilegalização, você tem, você ainda tem exemplos... eu não me lembro assim de momento nenhum, mas... Bom, eu não me lembro de nenhum exemplo típico de uma ilegalização que ocorreu por pessoa que tivesse trabalhando bem com determinadas plantas nos últimos tempos aqui no Brasil. Mas isso existe, né, pra ver.

FD - E são programas oficiais, esse programa...

EC - São programas oficiais, é.

FD - ...de agentes da saúde, é um programa do Ministério da Saúde.

EC - É. Exato.

FD - Financiado...

EC - Que eu acho, olha, vivas ao Ministério da Saúde! Vivas ao programa! Como aqui também, né? Que aqui no Xingu é um problema, né? Aliás, porque veja, é uma tentativa: não tenho um médico? Então eu vou pegar e vou tratar com esse substituto. É... e eu esperaria que um dia o Ministério da Saúde chegasse: olha, não preciso mais desse agente porque eu vou ter médico pra todo mundo. Ou, então, dissesse: olha, eu não preciso de tanto médico porque o agente de saúde resolve os problemas em outras áreas que não é só na Amazônia. Quer dizer, enquanto não tiver esse final, é uma solução de emergência. Eu espero que não seja um transitório definitivo, né? Como muitas vezes você tem aquela coisa que é pra ser hoje, amanhã e fica a vida inteira.



Quarta entrevista

Data: 24/08/1999

### **Fita 5 - Lado B**

EC - Bom, então...

TF - Continuação da entrevista com o professor Carlini. Fita número 5, lado B, dia 24 de agosto de 1999. Professor, eu queria que o senhor falasse um pouquinho hoje, começasse a falar, sobre a questão do screening farmacológico de plantas medicinais. Eu queria que o senhor explicasse melhor pra gente o que é que é.

EC - Hum, hum. Bem, eu acho que talvez seja um dos pontos mais importantes de execução, seja exatamente essa fase inicial: screening, né? É onde você injeta um extrato, uma fração, enfim, seja lá alguma coisa que você obteve da planta e você vai ter uma ideia do perfil de efeitos que essa planta pode produzir ou esse extrato pode produzir. Aí já vem um primeiro conceito meu. Quer dizer, eu acho que só pode fazer esse screening bem feito, o pesquisador senior com grande experiência em farmacologia. Não adianta nada botar um pós-graduando, um iniciante pra fazer, porque ele perde uma quantidade enorme de informações que ele simplesmente vê e não pensa, porque ele não está habilitado a pensar. Eu vou dar um exemplo bastante simples, né? Nós estávamos trabalhando com ratos, estávamos injetando algumas drogas no sistema colinérgico. Agonia no sistema colinérgico. E nós estávamos medindo tremor no animal. Bom, eu ensinei pro rapaz que fez a pós-graduação com a gente, direitinho a como medir o tremor, a quantificar o tremor e etc e tal, e devido aos múltiplos afazeres, eu não estava o dia inteiro lá no laboratório junto. Quer dizer, ele me trazia os protocolos, eu examinava, discutia e tal.

Aí um belo dia eu vou no laboratório e vejo que a parede onde ele usa estava suja, com umas manchas vermelhas, né, já meio marrom. Eu pergunto: mas o que é que é isso? A parede é recém pintada! Ele falou: olha, mas é que os ratos, eles vertem uma lágrima de sangue. Eles botam sangue pra fora do olho, né, quando eu injeto a droga. Aí eu: mas você não me falou! Ah eu pensei que não fosse nada demais, não sei quê e tal... Bom, o que é que é isso? É simplesmente é que os ratos têm junto no globo ocular, umas glândulas ainda primitivas, chamadas 'Glândulas de (inaudível)', que elaboram, secretam uma porfirina, ou porfirinas, que tem a cor vermelha. Então quando eu estímulo essas glândulas, por dar drogas colinérgicas, o rato começa a apresentar um lacrimejamento vermelho, quando ele chacoalha a cabeça, respinga na parede. Bom, qual foi a consequência dessa observação? Se eu não estivesse lá eu não teria visto. Nós observamos que... os animais jovens reagiam bastante a essas drogas e os animais velhos não. Então, nós começamos a estudar a degeneração do sistema colinérgico periférico em rato através de uma observação extremamente simples, que é a quantidade de lágrimas que o animal. Quantificamos isso sem nenhum problema, pra ver. Então esse screening farmacológico é importante. Eu mantenho aqui um screening farmacológico que a gente observa 20 e tantas coisas. Eu faço com camundongos e posso repetir com ratos. É um screening muito simples: eu coloco sempre três gaiolas, e são gaiolas de arame, como se fosse aquela gaiola de passarinho, pra eu poder olhar direitinho, né? Embaixo eu coloco uma... uma folha de papel em branco e eu então injeto no meio, três

animais com solução controle, nas laterais três animais em cada gaiola com doses diferentes da solução. E eu fico observando: observo aos 5, aos 15, aos 30, aos 60 minutos, uma hora até 24 horas de observação e depois uma semana. O que é que eu observo? Tudo o que eu conseguir observar. Por exemplo: o animal treme, não treme; tem convulsão, não tem convulsão; ele se coça mais, se coça menos; ele... se eu pegar o animal tirar e colocar no lápis, ele consegue uma boa pressão ou ele cai fácil, né? Ele fica andando muito na gaiola ou se amontoa... os três num cantinho dessa gaiola? Ah... ele saliva muito? Eu posso olhar. Ele tá com diarreia? Eu conto o número de bolos fecais que ele bota em cima do papel, as manchas de urina... Então eu faço um screening de uns, mais ou menos de 25 sinais, e eu posso ter uma indicação já que pode me levar pra alguma coisa. Por exemplo: se o animal tá amontoado, os três e com pouca movimentação, eu falo: “Bom, deve ser uma droga que tem um efeito sedativo, depressor e possivelmente ele é capaz de baixar a temperatura, os animais se amontoam, ficam um ao lado do outro quando eles não querem perder calor, né?”. Então são observações dessa ordem que levam a gente a fazer um screening inicial... farmacológico.

TF - Quer dizer então que o screening é a observação do comportamento do... da cobaia.

EC - Exatamente. Da cobaia. Do animal de laboratório. E veja, eu não faço direto, por exemplo, o efeito de procurar verificar se eleva ou abaixa a pressão arterial, porque eu teria que fazer uma preparação que é cara, demorada, exige equipamento... isso é uma observação em que o aparelho é você. Você é quem vai medir as coisas. Então, você tem que ter uma experimentação, uma experiência grande nesse aspecto, né, de observação. Ah, se o animal, por exemplo, anda demais, bom, eu falo: devo ter dado uma droga tipo estimulante. Então o que eu já vou fazer? Quer dizer, os próximos passos vão ser dirigidos dentro daquilo que eu observei. Eu falei: “Olha, eu estou achando aqui que essa droga tá deprimindo a atividade motora do animal, tá com a atividade diminuída... ele ficou amontoado”, então qual é o próximo passo? Fazer um *sleeping time* de barbitúrios, aí eu já vou usar uns 40, 50 animais em vez desse grupo. Eu vou fazer uma movimentação espontânea em caixas, com um dispositivo de célula fotoelétrica, vou medir durante 3 horas, se os animais andam menos mesmo. Eu vou pegar, tirar a temperatura colônica desses animais, então eu tenho já um primeiro caminho. Outras vezes eu posso observar que estimula, que estimula. Então aí eu penso: bom, estimula? Então já pode ser uma droga tipo estimulante, quem sabe uma substância tipo anfetamina? Como tem planta que produz aí, a Catinônia e a Catina que a gente trabalhou são substâncias tipo anfetamina produzidas por plantas, né? Ora, se tiver esse efeito, talvez tenha um efeito anorético! Então vamos verificar agora o consumo de alimento. Se eu notar que o animal no fim de 6 horas não tem nenhuma mancha de urina, eu falo pra ele: deve ter alguma ação no rim. Ou então se está cheio de manchas de urina, possivelmente é um efeito diurético. Aí eu vou pegar um teste específico pra diurético. Normalmente o que eu faço, eu faço a observação, depois eu me interesso pra aqueles efeitos da minha área. Aumenta a atividade, diminui a atividade, dá convulsão, não dá convulsão... eu tenho uma apreensão do animal numa coisa que ficou relaxada, então pode ser a indicação de uma droga tipo ansiolítica, droga tipo curare. É nesse sentido que eu vou. Se eu observo que o animal teve uma diarreia danada ou urinou adoidadamente... quer dizer, isso eu anoto e... deixo de lado, talvez possa até interessar a alguém pra trabalhar, mas geralmente ninguém tem tempo de pegar outra, uma planta que ele não tá interessado diretamente.

TF - Então o screening seria uma observação pra flora do seu estudo diretamente (inaudível)?

EC - Não. Ele tá dentro, ele tá dentro. Veja, eu recebi uma informação que tal planta... eu, por exemplo, coletei uma informação...

TF - São sintomas... anexos, digamos assim.

EC - Não. Não são os anexos. É tudo que a droga apresenta. Eu não sei. Eu recebi uma informação popular... por exemplo, eu recebi agora que tem uma planta por aí chamada “Chico Magro”, né? Ora, e essa é usada pras pessoas perderem peso. O próprio nome já me chama muito a atenção. E eu me interesso por drogas que tenham efeito anorético, de reduzir o apetite. Agora, eu sei lá o que essa planta é? Sei lá o que ela tem? Sei lá quais são os efeitos dela? Então a primeira coisa que eu faço é: eu vou dar uma olhada geral. Eu pego, injeto e fico olhando, né? Durante um tempo, observo direitinho. A partir daí que eu tenho as primeiras indicações do que eu vou fazer. Quando são indicações na minha área, eu quero prosseguir. Quando eu acho que não tem nada a ver com a minha área, eu não tenho equipamento, não tenho também esse (inaudível) pra chegar e eu começar a trabalhar agora em farmacologia cardiovascular. Eu trabalhei com isso há 40 anos atrás com o professor Leal do Prado, né? Então eu não me meto nessas áreas que estão distantes da psicofarmacologia. Então o screening farmacológico, ele é fundamental e é o passo inicial para qualquer pesquisa com plantas medicinais. Houve um autor americano que chamou isso de “Screening Hipocrático”, né, vindo de Hipócrates, da observação, né, como primeiro passo a considerar. Mas eu, por exemplo, descrevi esse método em 70... até antes de 70! Eu fazia isso desde 1960 e poucos, né? E continuo até hoje! Quer dizer, qualquer planta minha que entra aqui, que eu vou testar, eu passo por esse screening, né?

FD - Esse tipo de screening que o senhor faz é o mesmo usualmente feito em outras áreas da farmacologia?

EC - Ah, eu... eu acho que sim. Acho que que sim. Mas eu tenho visto com muita frequência, por exemplo, a descrição de... de protocolos de screening, é quase todos, são quase todos mais ou menos semelhantes. Alguns diferem, mas diferem no tempo de observação, uns têm mais uns sintomas, mais uns sinais, outros têm menos sinais... Mas é praticamente... Eu, eu acharia muito difícil, por exemplo, se eu recebo informação de que uma determinada droga tem efeito... na pressão arterial, eu já pegasse essa droga, pegasse o extrato e diretamente já ia chegar e preparar um cão, fazer a... e... e injetar a droga direto, né? E eu tenho que ter algum conhecimento prévio da planta, né? Eu vou citar um exemplo típico de screening. É... foi até uma observação curiosa. Eu fui pra Belém do Pará, e... fizeram lá um pato no tucupi – não sei se eu contei a história pra vocês. (risos) Se não contei, eu conto de novo – Bom, e eu fui comer o pato no tucupi, que aliás é uma delícia, né? E aí mandaram que eu experimentasse a plantinha que estava dentro, o jambu, né? Eu experimentei, aliás, depois me trouxeram a plantinha e realmente tem um efeito analgésico, anestésico local. Mas, não foi o que me impressionou. O que me impressionou (risos) eu até falei: olha, isso foi o tipo da coisa de um mau cientista, o que me impressionou foi que eu comi o Pato no Tucupi e eu senti uma sonolência que é diferente da minha sonolência habitual de comer bem, né? E eu achei gozado, falei: engraçado, eu estou... eu estou mais calmo. Tá um pouco diferente essa moleza que dá após (inaudível). Me dá uma sensação de que esse produto, que esse jambu, pode ter alguma coisa nesse sentido. E baseado nessa loucura de observação, nada mais impreciso, então eu vou experimentar o jambu pra ver. Aí eu descobri que já tinham isolado

Ispilantol. É Ispilanta (inaudível) o nome da substância e tal, que era um anestésico local, não sei por que não continuaram as experiências, né? A planta é muito, ela... – você experimentou ela?

FD - (inaudível)

EC - Ela tem um efeito muito típico – Aí eu falei: bom, vou fazer o screening inicial. Peguei, então fiz aquela coisa. Injetei uma dose aqui, uma dose aqui e um controle no meio. Olha, uns 40 segundos depois de injetar, os 3 animais aqui, dão um salto pro ar, estrebucham, uma convulsão tônico-crônica... os 3 morrem com aquela dose, né? Eu nunca vi uma planta produzir um efeito dessa ordem! Nunca vi! Eu achei uma coisa fantástica, né?! Uma substância extremamente potente. Bom, eu falei: eu me interessei nessa parte aqui. Então eu, óbvio, né, esqueci o efeito tranquilizante, né? Pode até ter, mas esse efeito aqui é muito mais evidente, né? Bom, pra você ter uma idéia, os extratos impuros que eu preparava, eu fiz a ... calculei as doses efetivas em 40% e tal, era... todos anestésicos locais tem esse efeito de induzir convulsão, né? Era mais potente que a (inaudível) etc. e tal. E quase era paralelo em termos de dose efetiva a do Cardiasol, do (inaudível) Tetrasol, que é o mais potente convulsivante usado normalmente em animais de laboratório. Então, foi dessa observação que eu obtive isto, né? Agora, imagine se eu estivesse treinado uns animais pra pressionar barca, tivesse feito métodos ali pra verificar efeito ansiolítico, preparado sei lá quantos animais... Chega num dia, eu injeto a coisa e o animal chega e estrebucha na frente de você... Seria uma perda de tempo e falta de bom senso inclusive, né? Então eu acho que todo mundo que vai trabalhar, qualquer que seja a linha dele, o screening inicial deve ser feito. E aí vem o grande problema! Você tem que ter animais de confiança, né? E esses animais de confiança é uma coisa curiosa, por exemplo...

TF - Vocês têm biotério aqui?

EC - Temos. É um biotério que... E é uma coisa que eu sempre falei: olha, biotério depende de você encontrar a pessoa que trabalhe bem e que goste de lidar com animais. Não adianta você botar o melhor veterinário do mundo, se ele não tá interessado, não vai funcionar. E a outra coisa também é o seguinte, quer dizer, ah... você tem de fazer a coisa economicamente. Eu até publiquei um livrinho, bem pequenininho, de como criar um biotério. Quer dizer, numa sala como essa, eu garanto que posso montar um biotério em que eu mantenho umas 4 ou 5 pessoas trabalhando integralmente em pesquisa sem nenhum problema, tá? E... de ordem extremamente barata. Eu não preciso de nada de aço inoxidável, eu faço madeirinha e caixinha de madeira tipo gaiola de sapato, caixa de sapato. Aquela coisa de colocar em cima, só uma telinha em cima. E você mantém os animais adequadamente. Se esses animais não estiverem mantidos adequadamente, você saber... Por exemplo, eu não trabalho com animais segunda-feira de manhã, porque há o efeito “segunda-feira” que eu chamo, né? Por quê? Porque eu não consigo manter o bioterista sábado e domingo, eles ficam até o meio-dia. Então sábado pra domingo e domingo pra segunda, quer dizer, o ambiente do laboratório fica muito carregado de urina, de amônia, né? E os animais segunda-feira estão muito inquietos, aguardando a limpeza, a comida que você colocou, a água nova que vai colocar e tal. Qualquer coisa que você for fazer com o animal na segunda-feira de manhã é um inferno. Quer dizer, eles estão diferentes, reagem mais, estão mais irritados. Então eu sempre espero no mínimo pra segunda-feira à tarde. Ou ainda melhor, eu preparo pra começar na terça-feira, né? Então são coisas dessa ordem, macetes dessa ordem, que vão direcionando,

num bom sentido, os resultados que você obtém. Eu vi locais aonde você vai, você não pode pegar o animal na mão, porque eles estão... ratos, né? Ratos você manuseia. Estão muito, muito, muito agressivos. Isso é sinal de mau trato. Aí você vai manusear o animal, o animal tá cor meio marrom, quer dizer, o que é que é isto, né? O pelo branco do animal ficou marrom assim, é porque ele evacuou no assoalho da gaiola, você não recolhe as fezes, ele derruba urina em cima, pisa... aí acaba ficando marrom, de tanto de sujeira. Então se não tá branquinho, branquinho, branquinho, você tá sabendo. Se tem por exemplo, ausência de pelo em algum lugar, se tem aquela mancha vermelha debaixo dos olhos que é sinal que o animal tá sofrendo, então o seu sistema colinérgico está agindo muito e ele então acaba tendo a secreção vermelha, fica aquelas lágrimas, né? Não é uma secreção, às vezes solidifica, às vezes. Então tudo isso é sinal de que você não vai ter confiança nos resultados desse screening inicial.

FD - Professor, o senhor tem um padrão, já existe definido um padrão de comportamento desses animais, básico, né?

EC - Tem, é.

FD - É a partir desse padrão que o senhor trabalha.

EC - Exato.

FD - Esse padrão é válido pra qualquer lugar.

EC - Eu acho que válido pra qualquer lugar que pegue e observe o padrão da sua linhagem de ratos e camundongos...

FD - O senhor que tem que definir esse padrão da linhagem desses animais.

EC - É! Exatamente! Então... e são coisas curiosíssimas! Eu vou dar um exemplo que nós apanhamos pra burro, até descobrir qual era a situação. A gente usava inicialmente as gaiolas tipo caixa de sapato, né? Então como é que a gente mandava os bioteristas tomarem cuidado? Eu ia todo santo dia de manhã no biotério – agora não tenho ido – mas ia religiosamente. Então, o bioterista chegava de manhã, pegava a gaiola, tirava a tampa, tinha um balde do lado com serragem, ele pegava os... em geral era gaiola grande que dava 6 ratos, botava os 6 ratos nesse balde, com uma pá removia a serragem suja, né? Aí passava um pouco de serragem pra limpar o pó, jogava pra limpar o resíduo. Colocava a serragem nova, pegava os ratos e colocava dentro. Então os animais eram manuseados pelo menos duas vezes por dia, né, nessa hora de manuseio, de limpeza. Mas, eu achei que isso era muito complicado e falei: eu quero ver se eu evito a (inaudível) dos animais, né? Então, a gente desenhou umas gaiolinhas que tem aí também de tipo gaiola de passarinho, quer dizer, com arames, né, que tinham um pé mais ou menos dessa altura e que era exatamente o tamanho de uma fôrma, dessa fôrma de bolo chata comum, né? Eu mandei fazer desse tamanho. Então como é que eu fazia? Eu colocava os animais ali dentro, 3, porque a gaiola tinha metade da dimensão da grande, colocava embaixo da bandeja uma folha de jornal dobradinha, direitinha, dobradinha. A comida era colocada num recipiente de arame, de tela, que o animal podia roer, o pó caía lá embaixo e colocava o bebedor de água. Então, beleza! Funcionou muito bem, né? A... e os animais então ficavam num ambiente mais limpo e tal. Mas aí eu comecei a observar que havia uma diferença que eu não conseguia explicar. Eu estava medindo o comportamento agressivo.

E tinha hora que a experiência funcionava e tinha hora que a experiência não funcionava de jeito nenhum! Eu falei: mas não é possível essa variabilidade tão grande num laboratório, né? E até, por exemplo, também pra o animal aprender uma esquiwa, era mais difícil em determinadas circunstâncias. Bom, de tanto procurar eu descobri o seguinte: que a diferença estava coisa toda nas gaiolas que eu tinha. O que é que acontecia? Os animais que estavam nas gaiolas de arame nunca eram manuseados. Uma vez por semana abria essa tampinha superior da gaiola de arame e ele colocava em cima o alimento. No resto da semana chegava de manhã, ele pegava a gaiola punha de lado, tirava o papel, o jornal velho, colocava o jornal novo, colocava a gaiola de lado e não manuseava os animais. E os outros animais eram manuseados pelo menos duas vezes por dia. Isso faz uma diferença enorme! Quer dizer, o comportamento dos animais, você vê, eram diferentes. E muito diferentes! Tanto que eu tenho até um trabalho publicado que eu acho um trabalho muito interessantinho, que eu sempre dou pros meus alunos aí. Quando eu falo: olha, se vocês não tiverem esse controle... – e são coisas simples, mas são fundamentais usar – então se eu estivesse trabalhando, por exemplo, capacidade de uma droga que dificulta a aprendizagem, eu seguramente estaria com dificuldades nesses animais mais irrequietos que eu não consigo manuseá-los direito e tal, porque eles não vão aprender de jeito nenhum, né? Então uma droga que vai dificultar a aprendizagem, um animal que mal aprende, já fica a coisa diferente. Então, realmente, quer dizer, não existe, eu acho, que um padrão de comportamento. E fora isso você tem linhagem de todo tipo de animal, né? Eu vou dar um exemplo, a... também de como cuidar. Você tem de fazer o (inaudível), quer dizer, também a cada dois anos por aí, você tem de chegar, trazer alguns ratos de fora, da mesma espécie, é óbvio, novérgicos, por exemplo ou (inaudível), sei lá, e coloca, coloca pra fazer uma “mixagem higiênica”, que a gente chama. Pra evitar a consanguinidade muito... de muitas gerações seguidas. Aqui no departamento quando eu deixei de estar orientando esse aspecto, né? – e aí vêm as críticas, as brigas que eu tenho aqui dentro, quando eu acho: olha, vocês viraram realmente escravos de máquinas! Vocês não pensam mais, vocês não raciocinam, vocês não olham mais, né?! E eu tenho pra mim uma birra da estatística feita no computador. Porque eu vejo absurdos que não podem ser, mas o computador deu, então tá tudo bem! Então tem lá uma diferença que é até estatisticamente insignificante, mas, você olha, biologicamente falando, não tem nada uma coisa com a outra. A...

TF - Exemplifica pra gente.

EC - Como?

TF - Identifica pra gente essa...

EC - Ah, não! Você pega, por exemplo, você faz um... um... você quer ver? Você tenta relacionar que tal coisa com tal coisa. Você encontra é... fazendo mais de 100, 100 testes, 100 indivíduos, você encontra que há uma possibilidade de relacionamento de 0.5, por exemplo. Bom, isto estatisticamente tem signifi..., mas biologicamente é praticamente impossível você dar importância a esse dado porque essa variabilidade ocorre mesmo, né? E a gente sabe que se eu começar a comparar coisa com coisa, com coisa, teoricamente, na prática ocorre... você encontra sempre uma diferença na estatística em algum ponto, em algum momento, pra ver. Mas eu tava... eu perdi a linha.

FD - Não, o senhor estava falando...

TF - Dos screening...

TF - ...da mixagem...

EC - Ah, da mixagem higiênica. Bom, então o que aconteceu aqui dentro, né? Não foi feita durante vários anos, a gente começa a ver uma coisa aqui estranhíssima. O pessoal que trabalha com... sonografia aqui, que faz eletroencefalograma, começam a notar que 70% dos animais aqui, tinham umas espículas tipo de epilepsia. Só aparecia no IEG. Mas como é que eles vão trabalhar com esse tipo de coisa, né? Bom, o que é que acabou acontecendo? O que acabou acontecendo é que nós tivemos que pegar, exterminamos, tivemos que acabar com essa... essa cepa que nós tínhamos há dois anos atrás. Uma cepa que a gente tinha aqui, olha, você vê, essa cepa como é que se originou aqui? Ela se originou da seguinte maneira, eu trabalhava na Farmacologia da Escola Paulista de Medicina, eu trabalhei em 53... 52, 53, até 1960 e poucos... quer dizer, eu fui pros Estados Unidos, quando eu voltei, eu peguei essa cepa aqui que veio da Suíça em 1930 e poucos... a Suíça, da Suíça, né? Aí levei pro biológico, eu fiquei um tempo no biológico. Aí do biológico eu fui pra Santa Casa. Eu montei o biotério na Santa Casa, quer dizer, pra trabalhar na farmacologia. Aí da Santa Casa eu voltei pra cá, eu não utilizei os biotérios do... os animais do biotério central, eu montei aqui o nosso próprio biotério. Então já tinha com a gente um conhecimento assim muito grande e de repente acontece isso. Aí nós tivemos que... não deu jeito! Falei: o jeito é nós vamos ter que matar. Matamos todos os animais e importamos o (inaudível) do (inaudível) *Institute* dos Estados Unidos. Bom, foi pra nós muito difícil porque tivemos que nos adaptar ao comportamento desses animais, né? A coisa mais curiosa: comem desgraçadamente! Eles parecem assim umas antas, né? (risos)

FD - Parecem os americanos. (risos)

EC - Parece mesmo. É o tipo mesmo. Quer dizer, você vê, eu usava animais com três meses de idade, os nossos, aqui eu passo a usar com dois. Porque com três eles já estão com 400 gramas. É muita coisa! Então eu quero usar animais de 250, 300, então eu já estou usando animais um pouco mais jovens.

TF - Por que essa sua opção de trazer esses ratos?

EC - Porque eu não tinha outro lugar!

TF - Ah, bom!

EC - Eu não tinha outro lugar que eu tivesse certeza que estava havendo a confiança e tal. Eu andei vendo em alguns locais... eu até, não... essa não é a minha parte, eletroencefalografia. Eu procurei ver de alguns locais, lugares, e pensei em fazer mixagem com alguns, mas falei: “Mas, não dá! Não dá pra recuperar, né?”. Quer dizer, eu acho que eu não consigo tirar esse problema que tá havendo. E achamos que o melhor seria isso. Ratos, (inaudível) mesmo, pra nós termos certeza de que estamos lidando com uma linhagem e tal.

TF - Mas vocês produzem aqui os seus próprios ratos?

EC - Ah, sim!

TF - Ainda?

EC - Nossa! Nós produzimos aqui... mais ou menos mil ratos por mês.

TF - Qual é a utilização de vocês? É essa aí? Mil?

EC - É. Por aí, por mês. Por aí e mais uns mil, dois mil animais por mês. Não por mim não! Pelo departamento como um todo. Eu utilizo talvez uns 200... Depende, quando eu tenho muito teste pra fazer, eu chego a 200, 300 por mês. Quando não, tem dias que eu estou fazendo com 40 animais, 50 animais. E a outra coisa também que ocorre... por exemplo, esses animais são diferentes em vários comportamentos. Comportamentos que você, por exemplo, esquivas, (inaudível), tivemos que refazer tudo. E até nós estamos desconfiando que eles são menos sensíveis ou mais sensíveis a determinadas drogas. Então, cada centro tem que ter o seu padrão animal, né?

FD - Quer dizer, vocês estão tendo que reconstruir o padrão todo ainda.

EC - Estamos reconstruindo... estamos reconstruindo o padrão. Não, agora já terminamos o padrão! Depois de dois anos...

FD - Ah, tá!

EC - Por exemplo, eu... eu, tem um teste comuníssimo que a gente faz, que é você, o efeito amnésico da escopolamina. Você injeta essa droga, a escopolamina, e o animal não aprende, dá uma amnésia no animal, né? E um determinado animal. Pra esses animais, foi difícil pra burro pra acertar a dose. E aí você não sabe se... é porque o animal é mais gordo... Então, e aí não adianta você dar só por quilo de peso, porque você tem distribuição também na massa gordurosa etc. e tal. Nós chegamos até a ficar desconfiados de que lá, o (inaudível), nos mandaram animais obesos... Porque tem linhagem de ratos obesos. Porque eles são grandões mesmo, né? Até eu tenho que escrever pra lá, saber: será que esse rato é o tamanho do rato comum de você mesmos? Parece umas marmotas, viu!? Vão ficar desse tamanho assim, né? Então são coisas que são fundamentais, né, pra pesquisa.

TF - Eu queria que o senhor falasse um pouco, professor, o senhor até ontem falou, mas de uma maneira meio... esparsa, sobre esse trabalho de vocês, o ambulatório e a parte ambulatorial.

EC - Ah, sei! Veja...

TF - Suas pesquisas... e a verificação, aplicação delas... como é que...

EC - Veja, veja, qualquer coisa que você vai trabalhar com planta, qualquer ideia sua, quer dizer, a sua ideia é verificar se tem um determinado efeito farmacológico que justifique uma suspeita de uma ação terapêutica. Bom, e se tem uma ação terapêutica, você tem de chegar até onde você quer fazer a experimentação, dá... dá uma terapêutica. Quer dizer, então, o ser humano... então você não tem escapatória. Você tem uma



sequência de processos, uma sequência de fases que você tem de seguir obrigatoriamente. Quer dizer, você começa, você tem o seu produto. Pode ser a substância pura, pode ser um extrato como no caso da gente. Aí você determina se na farmacodinâmica inicial, quer dizer, o que é que essa planta fez pro organismo? Quer dizer, o que é que ela produziu. Aumentou a pressão arterial, baixou a pressão arterial... ou tem efeito diurético ou não tem... no meu caso, estimulou, deprimiu... e o suspeito pode ter um efeito tipo (inaudível)... enfim, qualquer tipo de efeito. Aí então eu tenho de fazer os testes específicos pra verificar esse efeito, essa farmacodinâmica, né? Em segundo lugar, eu tenho que ver agora, se for possível, né, se essa planta é tóxica ou não é. Porque você verificar que a planta tem um efeito 'x', não tá implícito que ela não é tóxica. Ela tem um efeito! Mas qual o risco de toxidade? Aí implica em todo um outro aspecto de toxicologia, seguramente você usa doses muito elevadas, usa pelo menos 3 espécies animais e tratamentos crônicos, de no mínimo 3 vezes. Então, você tem uma quantidade enorme de experiências que você faz, você administra em ratos, você verifica se altera a reprodutividade do rato, se tem efeito teratogênico ou não, se a prole que nasce se comporta como uma prole controle de um animal que não recebeu a planta, né? Se há calcificação, se há ou não calcificação direito dos ossos e tal. Dá em cães, depois você manda fazer uma análise patológica, tem ou não tem sinais de ... de alguma lesão, o fígado tá direitinho, não houve nenhuma fibra... é... problema hepático, né? É... aí você, eu não faço, mas tenho quem faça. Mando fazer o teste de multigenicidade. É... teste de carcinogênese etc. Ele manda fazer tudo isso. Se você então concluiu que essa droga, que esse extrato, tem uma determinada segurança, aí você tem de partir obrigatoriamente pra experimentação clínica. E aí surgiu... pelo menos na época que eu comecei a trabalhar com isso, um problema terrível! Que era o problema seguinte, quer dizer, essa parte toda experimental pré-clínica, a universidade já estava habituada a fazer. Os laboratórios de farmacologia já estavam desenvolvidos, que eles começaram, inclusive, a se desenvolver há muito tempo atrás. Mas, os hospitais universitários, eles não estavam aparelhados pra fazer pesquisa clínica. (interrupção da fita)

### **Fita 6 - Lado A**

TF - Sim, Solange...

EC - Solange, que ela é mestra em Saúde Pública e doutora em ciências. Tem o José Carlos (inaudível) que é médico especializado psiquiatria, pra fazer a parte de psicofarmacologia clínica, também é mestre e doutor em ciências. Tem o João Vilares que ele é clínico, com... especializado em neurologia, com doutorado aqui no Brasil, estágios longos na França também, em tempo integral. E tem a... Ana Regina Noto que é, que é... ela é farmacêutica e bioquímica e agora completou o curso de psicologia e é doutora também, né, pra ver. São quatro no CEBRID [Centro Brasileiro de Informação de Drogas Psicotrópicas]. O Grupo Plantas, eles são os quatro assim que são mantidos aqui, às custas de um esforço enorme que a gente tem que fazer pra conseguir a verba.

FD - Contratos precários.

EC - Precários. Precários. Quer dizer, assim sem nenhuma estabilidade.

FD - O dia em que o senhor não conseguir mais a verba alguém tem que sair.

EC - Cai fora. Exato. E eu chego, por exemplo, há momentos em que chega no fim do mês eu não sei se vai ter o dinheiro ou não. Mas todos eles estão avisados, hein? Bom, agora no Grupo Plantas, quem é que tem? Tem a Rita (inaudível), que é... bióloga, doutora lá pela... o Instituto Superior Sanitário de Roma. Ela é brasileira, mas a família toda dela é italiana, viveu lá muito tempo. Tem a Suzana Galvão, que já é mestre, ela é farmacêutica bioquímica. Tem o Ricardo Tabachi que é biomédico e doutor em ciências também. Ah... deixa eu ver se tem. Tem mais gente. (ruído de tosse) ... Tem uma que está em experimentação que é uma farmacêutica bioquímica, Ana Paula. São mais 4. (ruído) Então, você vê, (ruído) a gente mantém nesses dois grupos, 4 em cada um, são 8 indivíduos, né, 8 pessoas. Todos, com exceção dessa mais recente e de uma que é mestre, são todos doutores. (ruído de tosse) Então é realmente uma dificuldade bastante grande. Quer dizer, e fica uma situação... (ruído) eu num dado momento, eu quero fazer um desabafo também, da dificuldade que a gente tá passando agora aqui por causa da minha atuação em Brasília. Eu acho que é uma coisa histórica, do ponto de vista de mostrar que você não precisa estar na ditadura pra ter tortura psicológica e nem... terrorismo psicológico. Mas, a gente depende então dessa manutenção, se nós não tivermos que fazer pesquisa continuamente, nós não sobrevivemos, né? E nós passamos por uns golpes muito difícil ultimamente, porque, olha, secou o CNPq. Quer dizer, é uma coisa, tá difícil demais! CAPES, é uma coisa inacreditável! Eu não posso compreender uma instituição como a CAPES que chega e fala que pra você fazer os primeiros levantamentos epidemiológicos a respeito de consumo de drogas psicotrópicas no país, coisa que o país necessita brutalmente, que tá dando tese atrás de tese de doutoramento, publicamos trabalhos nas revistas internacionais... Desculpe, o CAPES não, a FINEP. A FINEP chega e recusa um projeto da gente dizendo que isso não é ciência! A maneira que ela falou.

Então eu não sei mais o que é ciência aqui! Quer dizer, você faz tese de doutoramento, você publica em revista de nível internacional que tem aqueles grupos de revisão, quer dizer... são exigentes, né? E acha que não é! Então são coisas e eu... podiam dar uma outra desculpa qualquer. Você tá vendo dificuldade então. E você tem que fazer uma readaptação no sistema, né, que é o que nós estamos procurando fazer. Nós estamos... se não houvesse agora, foi a partir de, muito recente, de dois anos, três anos pra cá que nós estamos fazendo isso. Se não houvesse a possibilidade de maneira constante que tá, né, a possibilidade de fazer os convênios com as indústrias, e eu estou fazendo por enquanto só com a indústria brasileira e com plantas medicinais, não tem mais nenhuma outra... Ah... eu teria, eu temeria muito pelo futuro, né? Aliás como eu estou achando que a universidade pública já era! Eu acho que já tá tudo muito bem planejadinho pra acabar com a gente, né? Quer dizer, isso... e lenta e gradualmente, né? Vão tomando passos aqui, passos ali... e... são situações assim muito ofensivas, né? Eu estou particularmente injuriado com duas coisas que fizeram recentemente, agora, não sei se de um modo geral, mas eu como professor, eu fui obrigado a me aposentar antes do tempo, porque eu assumi Brasília e me cortaram a minha dedicação exclusiva. Eu achei um absurdo! Pra eu não perder na minha aposentadoria, eu me aposentei – porque eu já tinha mais de 40 anos de serviço ativo – eu então o que é que eu fiz? Eu cheguei e me aposentei. (risos) Porque assim eu garantia a minha aposentadoria. Garantia uma ova! Porque agora me tiraram quase  $\frac{1}{4}$  do meu salário. É... é um golpe! O meu salário era 4 mil e pouco, 4 mil e 400, eu passei a receber 3.600. Quer dizer, eu não estava preparado pra ter uma diminuição, né, dessa maneira nos meus vencimentos. Eu achei aquilo um acinte, uma agressão tremenda, uma safadeza inominável, uma irresponsabilidade desse governo, né?! E agora eu li a segunda notícia. Que eles tão pretendendo tirar o auxílio família, né? Eu não sei

se contei isso pra vocês, né? Eu acho isso, como é que pode, né?! Vão ofender a mãe deles, não venham me ofender dessa maneira, né? Eu já achava o fato da manutenção desse auxílio família na base de 15 centavos, né, ser uma coisa assim inadmissível pra um governo tivesse brio, né? Agora, extinguir ao invés de corrigir! Ora, isso é uma indecência total, né?! Então eu acho que isso faz parte assim de te provocar de tal maneira que você diz: olha, quer saber de uma coisa: tchau! Eu vou cuidar da minha vida onde me respeitam, né? Eu tenho impressão que isso tá sendo o destino da universidade brasileira. Bom.

TF - É. A Fundação, como é que é o nome da fundação, hein, professor?

EC - Associação Fundo Incentivo à Psicofarmacologia. Fundação AFIP.

TF - Bom, agora eu acho, só pra gente poder entrar por uma questão que é sobre a sua trajetória...

FD - Posso perguntar uma coisa antes?

TF - Lógico.

FD - Em cima ainda dessa coisa que o senhor falou da pesquisa clínica. É uma dúvida que me fica. Quer dizer, se a gente for pensar em termos de população mundial, por padrões de biotipo, é... os países têm padrões de biotipo diferentes.

EC - Matou! Isso... (risos)

FD - E a gente importa medicamento aprovado lá. Esse medicamento é testado em pesquisa clínica aqui?

EC - Não. Não, essa tem sido uma briga constante da gente. Veja, geralmente é o caucasiano, é o europeu, anglo-saxão, americano e tal, que tá dando lá os... as experimentações que você determina a posologia. E não é a mesma coisa! Então, na Índia, por exemplo, tem havido problemas. Eu não sei se contei pra vocês o exemplo na Califórnia. Na Califórnia você tem lá os descendentes dos chineses, aqueles que vieram no começo do século pra construir a famosa estrada de ferro lá... Está só na terceira ou quarta geração. São americanos. Quer dizer, o hábito alimentar é já muito incorporado neles, quer dizer, o clima e tudo mais. Mas, eles mantêm ainda casamento entre eles numa certa proporção. Casamento não entre parentes, mas entre descendentes de chineses e tal, né? Bom, você sabe que pra essa população de lá, a posologia de algumas drogas – eu me lembro de uma droga em particular que é o aloperidol? né? – é tóxica? Dá muito mais reação tóxica naqueles americanos descendentes de chineses do que em outros que não são descendentes de chineses. Eles tiveram que fazer um reestudo de adaptação, isso dentro de um mesmo país. Agora você imagina num país como o Brasil, onde – eu diria até mais. Eu acho que se pegar, por exemplo, o sul do país, aonde o Carlini... uma pesada contribuição europeia e você pega o Nordeste. É muito interessante você comparar, por exemplo, as listas de aprovados nos exames das universidades daqui e lá de Natal, onde eu lecionei... ou da Paraíba, onde eu lecionei algum tempo. É impressionante! Quer dizer, aqui é muito grande, né? São Paulo principalmente, no Rio deve ser a mesma coisa. Em Pernambuco... no Rio Grande do Sul ainda mais. É muito grande o número de sobrenomes de italiano e europeu, alemão... você percebe isso. Lá é raríssimo aparecer

um sobrenome italiano, um sobrenome alemão. É sempre nomes brasileiroíssimos, né? Quer dizer, dois sobrenomes, inclusive os dois nomes portugueses mesmo, né? Então, até isso eu acho mesmo que merecesse atenção! Esse aspecto então é importantíssimo, né? Eu acho que o governo agora tá dando uma dentro – eu acho importantíssimo o que foi feito – de exigir o teste de bioequivalência. Já é um primeiro passo! Porque agora todos os produtos aqui você vai ter de fazer a curva de concentração sanguínea e você vai ter de saber a curva ascendente e a descendente...

FD - O que é bioequivalência?

EC - Bioequivalência é o seguinte, é... um dos pontos básicos na pesquisa clínica, uma das fases, por exemplo: na fase 1 e fase 2, você faz a chamada biodisponibilidade do seu produto. Em plantas você não consegue fazer, você pode ter até um marcador, mas você não sabe se aquele marcador é o princípio ativo, né? Mas, enfim, você faz então biodisponibilidade. Você sabe que se der por boca, começa a aparecer a concentração no sangue ao fim de 15 minutos, em uma hora atinge o máximo, 4 horas começa a diminuir, 8 horas acaba. Então você sabe, por exemplo, que eu dou aqui e aqui, como 4 horas começa a diminuir, eu tenho que dar o segundo comprimido, pra então manter sempre o nível terapêutico. Se eu tenho uma segunda droga, por exemplo, o genérico, né, eu tenho que ter certeza de que ele tem a mesma disponibilidade. Por que senão qualquer laboratório mequetrefe vai fazer o quê? Vai fazer um e vai vender como genérico em nome de um laboratório sério que faz a coisa direito. Quando eu comparo duas biodisponibilidades, eu estou dizendo: olha, esse produto é bioequivalente ao outro. Quer dizer, biologicamente são equivalentes. Então aí eu tenho a bioequivalência. Então como agora no Brasil vai ser forçado a haver bioequivalência e biodisponibilidade em todos os produtos, nós vamos começar a ver um pouco desse aspecto.

TF - Então eu queria entrar com o senhor agora, num assunto que o senhor toda hora toca, (inaudível), que é a sua carreira dentro do Ministério da Saúde, né? Que o senhor teve uma carreira com fiscalização de entorpecentes, câmaras técnicas, né? Até chegar à Secretaria de Vigilância Sanitária. Queria que o senhor fizesse uma panorâmica dessa sua trajetória, com as suas críticas e as suas avaliações desse trabalho.

EC - Tá. Certo, é. Tá. Isso vai ser uma coisa até bom pra minha cabeça, pra eu me desabafar. Porque eu estou numa fase terrível como consequência de ter trabalhado em Brasília. Veja, eu... em 94, o dr. Jatene foi convidado pra ser ministro. Em novembro ele me chamou e falou: Carlini, você vai ser o secretário de Vigilância Sanitária. Eu falei pra ele – já conhecia o dr. Jatene há bastante tempo. Nós fizemos parte no Conselho Nacional de Saúde. E é uma pessoa que eu vou ser franco com você, o Brasil... foi uma pena ele não querer se candidatar à presidência na época que esse Fernando Henrique se candidatou, né? Na segunda vez. Porque, eu acho que se ele tivesse partido ele teria quebrado os projetos da reeleição. Mas enfim... – e aí eu falei: dr. Jatene, não dá pra eu ir. Não dá pra eu ir porque eu estou com um projeto de pesquisa e eu acabei de ter na minha carreira científica, a coisa mais alta que eu poderia ter. Eu tinha... realmente acabado de ser eleito pela comunidade internacional. O que é que é que aconteceu? Existe em Viena, nas Nações Unidas, um INCB, que é o *International Narcotic Control Board*, que é um grupo de 14 cientistas, eleitos pelo Conselho Econômico Social das Nações Unidas em... em Nova Iorque, que vão dar as diretrizes mundiais sobre o que se deve controlar a respeito dessas drogas psicotrópicas de um modo geral. Colocam como proibição, exigem o controle de estoque, exige o controle de fabricação... Exigem que os

médicos só prescreviam com receituário retido etc. e tal. E foi uma coisa pra mim muito... porque eu não fui indicado por nenhuma entidade local. Fui indicado diretamente pela Organização Mundial de Saúde, sem saber. Eles me indicaram, né? E aí depois me avisaram se eu aceitava, que eu tinha sido escolhido lá pela Organização Mundial de Saúde. Eu falei que eu aceitava obviamente. E meu nome foi então à eleição no Conselho Econômico Social nas Nações... e eu ganhei no terceiro escrutínio. Porque tinha lá um filipino, ah... tinha um chinês, tinha eu... que foram os três primeiros mais votados, mas nenhum dos três atingiu 50%, mais da metade dos votos.

Então no segundo escrutínio o filipino caiu bastante, eu aumentei uns 2 ou 3 votos, mas o chinês, ainda eu não tinha conseguido mais da metade. No terceiro escrutínio finalmente eu ganhei a eleição. E eu tinha que assumir em 95. E eu falei: dr. Jatene, eu não posso. Ele falou: Carlini, pelo que você já falou, pelo que você meteu o pau no negócio de Vigilância, você não vai dizer não. Eu não aceito um não pra você... Eu vi que ele tinha razão. Ele falou, eu vivia comentando, criticando, há muito tempo, né? Aí eu conversei com ele e falei: “Ó, dr., têm duas coisas que são fundamentais. Então eu deixo de ir” – eu na realidade nem disse pra ele deixar de ir, porque eu não sabia que eu tinha que deixar de ir. O que eu falei pra ele: “Eu quero ver se coaduno as duas coisas, que eu vou ter que passar lá no mínimo duas vezes por ano, tenho que passar mais de mês, então eu quero ver se coaduno se o senhor tiver certo, eu arrumo um subchefe que possa servir...”, ele falou: “Tudo bem”. Depois eu soube que lá, eles são tão rigorosos, que se você pertence ao governo você não pode fazer parte de Board, porque pertencendo ao governo você pode ter interesses industriais que você tem de defender, né? Então eu tive que sair. Mas eu falei pra ele: tem duas coisas. O senhor há de entender que eu preciso de carta branca. Ele falou: não, isso, você falou, tá falado, né? E... a segunda coisa... eu falei: essa carta branca o senhor vai me explicar, se não puder, né, pra ver. Porque aí eu vou querer que seja... Ele falou: muito bem, você falou, tá falado. E a segunda coisa é a seguinte, eu acho que se não virar uma agência, não vai dar pé. Nós temos que modernizar de outra maneira. Aí ele falou: “Carlini, é exatamente o meu projeto”. Quer dizer, é virar isso numa agência. Então eu assumi. Bom, eu assumi em condições muito ruins, né? Muito ruins porque houve um antecessor meu, um cara muito sério, muito honesto, o Giovane Geraldo de Oliveira... Não, como é que é? Martineli. O sobrenome dele é Martineli. Como é que é o nome primeiro? Acho que é Geraldo, Geraldo... João Geraldo Mar... Geraldo Martineli, eu acho que era o nome dele, né? E que... ele era professor da Universidade de Brasília, quando ele tinha... como professor, ele estava se aposentando como professor, ele tinha uma... ele era técnico, um negócio de eletrônica, não sei quê, professor lá da universidade, ele tinha uma pequena empresa de reparar equipamento de precisão. Quando ele entrou, ele pediu afastamento dessa... dessa... dessa empresa, né? E assumiu. Trabalhou. Pois ele foi acusado de ter, mesmo fora feito tramoia com aquela empresa. Ele era um cara absolutamente honesto! Ele sofreu um processo lá que foi uma coisa terrível! E criou uma crise muito grande dentro da Vigilância Sanitária! Bom, a gente procurou então contornar essa crise, restabelecer a confiança nos funcionários e eu deixei claro pra eles o seguinte: “Olha, não dá pra aumentar o salário”. Porque veja, um farmacêutico trabalhando lá em tempo integral, 40 horas por semana, sabe qual é o salário inicial? Cerca de 700 reais, né? No máximo! E aí encontrei situações também inacreditáveis. Como você não podia contratar pessoas, o que a Vigilância Sanitária fazia era o seguinte: ela através de um processo, através das Nações Unidas, a PNUD, Plano... PNUD, Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento, né? Havia uma verba que vinha através do Banco Mundial, sei lá, que a PNUD colocava no Ministério da Saúde e você contratava pessoas através desse plano. E aí você tinha salários maiores. Começava no mínimo com 1.600, 1.800 reais. E aí você

tinha esse quadro absolutamente doido! Você tinha um concursado oficial do governo trabalhando por 700 reais, o outro entrava por 1.800, por aí! Havia uma diferença... Como o governo sabe ser safado quando quer, né?

Quer dizer, dentro dessa maneira, essas pessoas não tinham direito a férias, não recolhia nada de previdência, coisa nenhuma, vinha o salário assim completamente livre, então o governo se desobrigava também das suas obrigações sociais. Bom, nós chegamos lá, então, nós estabelecemos lá alguns programas fundamentais. Primeiro programa foi estabelecer imediatamente um grupo que tinha participação da Organização Mundial de Saúde, para criar a agência. Esse grupo trabalhou com muito afoito, com muita dificuldade, mas o projeto da agência ficou pronto mais ou menos em setembro de 96... agosto, setembro de 96. Já de acordo com o MAR. E, de acordo com o dr. Bresser Pereira que a gente falou com ele, né? Que inclusive colocou uma equipe de técnicos do Ministério da Reforma para que a gente pudesse fazer a coisa direitinha. E dia 19 de dezembro de 96 – se não me falha a memória, acho que é isso mesmo – já estava marcado o primeiro grande passo para a transformação. Bom, a... outro projeto que nós fizemos foi o seguinte, eu falei: não adianta criar no papel a agência. Então nós temos que procurar a preparar desde agora a formação da agência. Então eu consegui, o ministro Jatene aceitou a coisa, né? O seguinte: eu pegava, peguei 2 milhões... – eram 2 milhões? – é, eram 2 milhões de reais, da Vigilância Sanitária e transferia pro CNPq. O CNPq ficou a cargo de fazer um sistema, ele queria controlar o sistema de bolsas para o pessoal da Vigilância Sanitária. Ah, o projeto nosso era formar nos próximos 5 anos, mil técnicos na Vigilância Sanitária. Envolvendo desde a bolsa da iniciação científica para o menino que está na farmácia, que a gente começava a seduzi-lo para a importância de uma vigilância sanitária, dava uma bolsa de iniciação científica. O CNPq escolhia, credenciava o professor da Faculdade de Farmácia, credenciava o professor de direito pra ensinar os jovens estudantes de direito, o direito sanitário... enfim, e você começava então a formar gente nessa área. O projeto previa também aqueles alunos mais brilhantes, né, dar também o mestrado. Ele entrava no mestrado. E fazia reciclagem pra todos os estados e técnicos etc. e tal. Esse programa teve o primeiro a par, nós chegamos a distribuir em 96 as primeiras 100 bolsas para os estados. Ah... e dinheiro, inclusive, quando nós deixamos estava lá. Ainda tinha uma parte de dinheiro para ser utilizada.

O outro projeto que nós fizemos foi o projeto da inspeção da indústria farmacêutica. Veja você, quando nós chegamos lá, havia aquele problema de medicamentos falsos... O INCQS não dava resposta de jeito nenhum, até o INCQS trabalhava com uma lentidão enorme. Achavam o mais arrematado absurdo se é um medicamento que tá dando problema lá em Belém do Pará, manda pro Rio de Janeiro, tem uma fila enorme, demora meses pra dar resposta... Um sistema maluco! Completamente não funcionando, né? Então a gente propôs duas coisas: primeiro, quer dizer, começar realmente a fazer a vigi... a inspeção periódica nos laboratórios farmacêuticos. Nós inspecionamos, estabelecemos o PNIIF: Programa Nacional de Inspeção da Indústria Farmacêutica. No biênio 93/94, foi o biênio anterior ao nosso, o ministério tinha feito 25 inspeções por causa de denúncias às indústrias farmacêuticas. Nós fizemos 1.061 inspeções nos dois anos. Nós fechamos cerca de 200 laboratórios fantasmas – eu já expliquei pra vocês, né? O que é um laboratório fantasma – eram laboratórios que tinham existência no papel perfeito, tinha lá CGC, laudo de inspeção dos estados, por incrível que pareça, os laudos perfeitos, bonitinhos e tal. Nós mandávamos a equipe fazer inspeção e não existia o laboratório! Era uma padaria, era um prédio, era um terreno baldio, era um número que não tinha na... na... rua, uma coisa... Cerca de 200, né? Nós entregamos até a lista pra polícia federal. Falei: pra que é que existe laboratório dessa ordem, né? Chegamos até a ver que alguns desses não existentes, os laboratórios virtuais, venciam concorrências

públicas, né? Era um negócio assim absolutamente maluco! Entre os existentes nós encontramos coisas da Idade Média! Mas olha, seguramente da Idade Média! Você entrar no laboratório, você encontrar dentro da sala de produção de medicamentos, até... (risos) Ministro do interior de Minas. Não vamos colocar o estado, só pra... tire aí pra não ficar uma coisa meio chata, né? Eu não queria me referir a estado nenhum. É... o técnico gostava de passarinho e colocou 3 ou 4 gaiolas de passarinho dentro da sala de manuseio de me... dos produtos... (risos). Falei: isso vai ficar uma pena de curió dentro do comprimido, será que o cara vai, toma e vai cantar agora?! (risos) Coisas dessa ordem, né, que você nem imaginava.

Teve um outro laboratório, num outro estado – que nós nem conseguimos fechar esse laboratório, por sinal – uma coisa assim inacreditável! Eu tenho até as fotos aí. Depois eu até posso mostrar pra vocês. É... a sujeira que tinha, inclusive, tinha uma escada, mas uma escada marrom de sujeira, tinha umas latas, latas de óleo de 20 litros assim com um pau dentro, tudo produto pra ser envasado. E três degraus acima, na escada, tinha um dejetto. Eu não sei se era de cachorro ou de gente, mas era um dejetto de animal ou... de gente ou de animal de grande porte. Então coisas dessa ordem. Nós fizemos o programa de inspeção das unidades de hemoterapia. Tivemos problemas seríssimos também, né? Por exemplo, nós descobrimos num determinado estado, transfusão braço a braço. Sem nenhum... um outro estado há três anos não fazia sequer exame pra sífilis, pra hepatite, pra AIDS, pra nada! Nós descobrimos uma quantidade enorme de exames em pool. Coisa que é... a técnica condena completamente. Pega 5 ou 6 sangues, junta tudo, faz um teste. O problema, se der falso, positivo, não tem problema nenhum porque você pega e testa cada um individualmente. Mas isso dá falso negativo! Aí você solta 5 sangues tendo 1 ou 2, ninguém sabe, ah... contaminados. Então essas coisas todas. Começamos a corrigir com... olha, com dificuldade muito séria. Um grande centro de produção, inclusive, de hemoderivados foi interditado. Uma pressão política enorme em cima. Aí foi feita uma segunda visita pelos técnicos. Tá descrito no relatório, tá? Eles entram a primeira sala que eles vão visitar, tem um balcão e um pano cobrindo, eles tiram: armas de grande porte. Quer dizer, óbvio que foi uma ameaça, né? Quer dizer, não tem nem claro, uma ameaça de morte feita. Assim, muda, mas ninguém vai fazer isso sabendo que vai haver uma inspeção! Bom, a... só pra você ter uma ideia, no ano de 90... e 6. A... a... quando nós vimos os sangues em pool que eram cobrados 5 em 1, nós fizemos o cálculo e mandamos lá pra cobrança do SUS, né? Foi mais de 20 milhões de economia! Sem contar esses aspectos grandes. Nós interditamos cerca de 20% das coisas e tal. Ah... nós estabelecemos o SINARRA que é o Sistema Nacional de Registros e Reações Adversas, né? (inaudível) a vigilância no país, finalmente, e tal, né? Eu consegui convencer as Nações Unidas, né, falei: “Olha, até estabelecer Vigilância Sanitária como agência, que tem autonomia administrativa e financeira, vai ser fundamental que a Vigilância encontre uma maneira de poder utilizar a verba adequadamente”. Então eu queria ver se era o possível o seguinte: as Nações Unidas que é um órgão absolutamente neutro e de confiança mundial, como a gente não pode estabelecer nada de uma entidade tipo fundação José Bonifácio, qualquer fundação dessas, quem sabe se não poderia haver... a ONU nos auxiliaria com uma pequena parcela, pra dizer que a ONU está interessada e a gente então também faria como sendo o CNPq, parte da verba transfere pra ONU pra ela gerenciar essa verba pra gente, como ela faz pra esse tal de PNUD também, né? O pessoal da ONU aceitou... eu fiquei muito satisfeito. Eles propuseram uma coisa extremamente interessante para o Brasil. Eles têm alguns laboratórios mundiais de controle químico de drogas de abuso. E um deles que está na América latina, está muito mal. Eles tiveram que fechar. Então eles propuseram montar esse laboratório aqui... Puxa vida! Quer dizer, quando eles falaram isso e eu exigi, falei: olha, não tem nem dúvida! Mas no sistema, eu

quero montar online essa... essa parte de comunicação, eu quero, por exemplo, se estourou um negócio lá no... Sabe quanto tempo eu demorei pra saber o negócio do fumo em Buenos Aires? Problema de suicídio, não sei quê e tal? E depois saber que tinha gente sendo envenenada pra burro! E o governador do interior...

FD - Valadares.

EC - Não, não é Valadares. É do interior da Bahia, que tem também plantação lá de fumo lá e tal, eu demorei dois meses pra descobrir isso. Agora você imagine como é a mesma coisa, como é o mesmo tipo...! Então online estava tudo certinho. É, o SINARRA, o dr. Jatene falou com o nosso presidente. Falou com o Fernando Henrique que era importante porque só o ramo de farmacovigilância na Argentina, foi... foi inaugurado pelo Menem, né? E o Jatene falou: o programa tá completo, abrange agrotóxicos que é importante, medicamentos e até problemas de contaminantes de alimentos. Quer dizer, contaminantes é um nome feio, mas esses preservativos de alimentos, coloran... colorantes etc. e tal, né, pra ver. O presidente falou: então vamos fazer a abertura desse programa aqui no palácio do Planalto. Acontece que a partir de setembro o Jatene foi totalmente queimado. Foi assim, olha, uma fritação (risos) como eu nunca vi coisa igual, né, pra ver. E na minha cabeça e todos nós começamos a perceber que era a CPMF que ele estava levando! Ele conseguiu venceu a oposição do Executivo... Nós acompanhamos o Jatene inúmeras vezes, todos os diretores... secretários outros, né, nas discussões na Câmara. E olha, ele discutia, olha, economia... ele conseguiu levar todo mundo e então aprovou aquilo. No momento que ele aprovou, o Jatene estava virando uma figura carismática...

FD - (inaudível)

EC - Inacreditável! Eu estive com ele lá em Recife, visitando lá aquelas pessoas... de morte anunciada, né? Eram 20 ou 30 pessoas estavam lá pra morrer mesmo, com o negócio do incidente em Caruaru. E... ele chegou – olha, eu nunca vi tanta agressividade – os repórteres estavam assim, eram dezenas, né? Quiseram tirar ele pro lado, ele não foi não, ele: não, eu tenho que responder. Ele foi lá, aguentou uma pressão, responde, assumiu culpa que não era dele. Assumiu não, o Ministério tem a culpa de não ter conseguido fazer com que o estado... desenvolver um programa de controle de qualidade etc. e tal. Na hora que ele entra, aí vem também, muito bem organizadinho, um bando, dezenas e dezenas de parentes das pessoas que estavam lá pra morrer, ele enfrenta também... No fim ele saiu, nós estávamos esbodegados de cansaço, na hora que ele saiu (risos) no saguão, tinha assim umas 200, todas sentadas, falaram: dr. Jatene, nós queremos que o senhor sente aqui conosco porque nós queremos conversar consigo. E ele sentou! Sentou e olha, ele saiu... eu vi gente chorando... Olha, mas uma coisa muito emocionante, né? Bom, e eu vi uma outra coisa também na Universidade de Brasília. Ele foi na Universidade de Brasília e fizeram um corredor polonês. Quiseram virar... não! Sair por trás, coisa nenhuma. Saio pela frente! E discute, né?! E aqui em São Paulo, eu acho que em Minas e no Rio, começou a aparecer como, aqui em São Paulo aparecia com 17, 18% acima do Maluf! Acima de todo mundo! Como um presidenciável, possível presidenciável. Eu acho que o que aconteceu foi mais ou menos nessa esfera. Não podia, não podia levar, não podia levar a CPMF. E foi o que aconteceu! Mais ou menos início de novembro, ele reuniu todo o secretariado dele e falou: não dá pra eu continuar. Não dá pra continuar porque... sei que a verba da CPMF não vem pra cá. A verba do CPMF chega por lei, mas o equivalente que entrou, deixa de entrar das outras fontes que nós



sempre tivemos. Então não dá, né? Aí ele sai, pede pra todos ficarem, que ele ia tentar ver se o Seixas ficaria...

### **Fita 6 - Lado B**

EC - ...É, pediu que a gente procurasse continuar... (ruído de telefone) (pausa na gravação) Bom, então... e ele falou: e tentem, vocês tentem ver se vocês conseguem levar os programas, né? O programa da Secretaria de Ação Social, que era um rapaz do Rio. (inaudível), Eduardo, Dadá, né? Não sei se conhecem.

TF - Dadá. Conheço.

EC - Dadá, pois é. Aquele programa... ele conseguiu reduzir em 2 milhões ou 3 milhões de consulta/ano. Não sei quanto centenas ou dezenas de milhares de internações! O sistema já estava com não sei quantos pegas-corrupção, né? Quer dizer, estava funcionando mesmo! estava começando a dar os resultados, né? Bom, eu sei que a, nesse meio tempo, começou a haver uma coisa curiosíssima, eu soube que houve alguma tentativa, né, de... que houvesse permanência do... do... Zé Carlos, Zé Carlos Seixas, mas no fim ele caiu. E aí entra um cara que (risos) realmente... eu nem cito o nome, mas um médico que não tinha nem outra credencial, nem sei como é que ele conseguiu chegar na posição que ele ocupava antes que era uma posição muito restrita pro cargo que ele realmente tinha. Esse Albuquerque, ele chega e... comenta que não sabia se continuaria comigo ou não. Mandou logo o Dadá embora e aí depois surgiu logo no Jornal do Brasil uma calúnia terrível contra o Dadá, que eu achei uma coisa indecente, uma imoralidade que fizeram com aquele rapaz. Ele e a esposa dele. Eu acho uma coisa assim, pavorosa, né? Não, a esposa nem foi tocada, mas, os dois se mataram lá, porque eu acompanhei a vida deles lá dentro do Ministério. E aí começou a haver uma pressão tremenda pra eu ficar. E ao mesmo tempo devia de haver uma pressão pelo lado de fora pra eu sair, né? Quem é que estava pressionando pra eu ficar? Até publicou notícia nos jornais. Ficou: a comunidade científica, umas 13 ou 14 sociedades pediram pra eu continuar e, por incrível, a indústria farmacêutica. Dizendo que é o rigor que eu tinha colocado lá dentro fez com que pela primeira vez... eles podiam ir lá e discutir e não simplesmente trocar favores. E a outra coisa também, que o fato de ter tido rigor, isso fez com que houvesse realmente uma melhora, sendo os bandidos afastados. Eles quase disseram isso na coisa pública e tal. Mas eu comecei imediatamente a entrar em choque com o Albuquerque. Por exemplo, o Albuquerque entrou e eu, logo na primeira reunião, ele começou a dizer que o problema do Ministério não era de dinheiro, era de corrupção e incompetência. Ou seja, acusando diretamente (inaudível). E eu não concordava com isso! Eu dizia: "Não é! O senhor sabe que não é! Ora, quanto é que recebe o brasileiro em média por ano, de saúde, considerando o que vem de verba federal, municipal e estadual? É uma ninharia! Você tem que saber disso. Não é possível e tal!". Ih, criou um problema muito sério! A outra coisa também é que ... a secretária que entrou, né, ela não quis conversar comigo. E foi uma pessoa que eu defendi ao máximo a entrada dela. E eu não entendi! Eu falei: mas meu Deus do céu, ela não quer saber nada do que está sendo feito aqui? Será que já sabe tudo? De onde ela obteve as informações, né, pra ver? E eu até, inclusive, na véspera da reunião, eu chamei todo o grupo de funcionários e falei: ó, vai entrar uma pessoa, é preciso que haja todo apoio. Certamente...

TF - Ia entrar pra que cargo?

EC – Hein?

TF - Ela ia entrar pra que cargo?

EC - Perdão?

TF - Pra que cargo ela ia entrar?

EC - Secretária. Secretária, minha substituta, né? Quer dizer, então, devia assumir lá o cargo. É preciso que a gente dê toda atenção, que trabalhe pra executar. Vamos, inclusive, fazer tudo, enfoques muito grandes. Vamos deixar tudo em dia. Vamos deixar as mesas limpas e o apoio e tal... Falei tudo direitinho e tal (inaudível) outra pessoa. Entra, as primeiras coisas que aconteceram na vigilância, todos os programas, todos foram interrompidos! Não teve sequência nenhuma! Quando eu vi isto, né, nisso eu já tinha saído, nisso aí eu já tinha tido aqueles arranca-rabos com o ministro, né, e eu falei: “Eu não posso ficar quieto. São 2 anos assim absolutamente exaustivos numa época que eu não tenho tempo pra dizer, pra... pra perder”. E fiz centenas de pessoas trabalharem de uma maneira também até... era incrível! Trabalhava no sábado, trabalhava domingo, naquela esperança que você resolve, né, a coisa, né? Então eu comecei tentando uma sociedade, fala daqui pra ver se resolve, eu vou e mando telegrama e coisas dessa ordem, pra ver. E nada! Nada! Bom, e aí o que começa a acontecer? Começa a acontecer é que eles começam a dizer que eu estava inventando coisas, mentindo e que eu estava simplesmente tentando prejudicar a Vigilância Sanitária. Mas coisas dessa ordem, pra vocês terem uma ideia! Quer ver? O programa foi pro... o Programa de Inspeção da Indústria Farmacêutica foi proibido. E eles afirmavam que estava sendo feito! E eu tenho a afirmativa da indústria farmacêutica de que não estava sendo feito. Quando estourou a falsificação agora, que era – e eu cheguei a dizer, eu cheguei a dizer isso publicamente: olha, vai acontecer! Porque nós conseguimos afastar gente muito perigosa e essa gente, encontrando a boca, eles voltam de novo! E a boca é não haver vigilância, né? Quando aconteceu isso, né, eu previ e no fim você viu o que a indústria farmacêutica fez, né, a indústria farmacêutica apelou: pelo amor de Deus, restabeleçam as vigilâncias, as inspeções! Nós não podemos viver mais sem as inspeções. Saiu em letras garrafais no Jornal do Brasil, em todo Brasil. Saiu isso. O Vecina que entrou, que é um homem decente, chegou e comentou. Aparou também, acabou tudo, né? Eu acho que parte da competência é isso. Por que é que pararam, não sei! Nós tínhamos mais de 200 técnicos treinados em todos os estados, eles estavam executando, estavam felizes pra fazer porque nós pagávamos uma diária pra eles poderem fazer esse serviço e também se sentiram muito valorizados, né? Eu costumava dizer: olha, gente, eu estou enxergando brilho nos olhos de novo! Isso é a coisa mais fundamental pra você trabalhar, né? Bom... (pausa na gravação). Bem, o programa chamado PINU que era o Programa de Inspeção do Sangue, né, eh... foi interrompido também. E afirmavam que continuavam a fazer! E eu procurava informação, não conseguia saber! Não foi feita apesar de todas as afirmativas. Até que nessas discussões, inclusive, até saiu no jornal, me atacando e tal, eu também escrevi um artigo na Folha chamado “O sangue nosso de cada dia”, dizendo que não era possível esse tipo de coisa, né? Até que alguém me mandou uma ata... me mandou uma ata... é (ruído) de uma reunião feita dentro da Vigilância Sanitária, ata assinada pela secretária da Vigilância Sanitária e por mais 4 ou 5 elementos, dizendo que o programa estava

paralisado e que era preciso reestudar, não, estudar o reinício do programa. Então eu tive a prova documental que havia mentira, né? Consequência disso, veja, foi esse problema que aconteceu na Bahia e aconteceu lá, porque deixou-se de fazer as inspeções. Também reconhecida, né, pelas autoridades presentes. Com uma coisa muito curiosa, quer dizer, lá em Pernambuco, o médico responsável dizia: não, estávamos fazendo os exames sim. Exame em pool, coisa que nós tínhamos condenado como ilegal, né? Tá certo? E a outra foi a... a transfusão braço a braço, por incrível que pareça, a cidade onde nós detectamos isso, punimos, tentamos fechar, impugnamos hospital e tal, repetiu agora. A mesma cidade! Se vocês olharem, vão encontrar a notícia em determinada cidade, tem transfusão braço a braço sendo feito. E o prefeito lá declarando que é o único jeito de fazer transfusão de sangue. Eu não sei quantas vidas salvam uma transfusão de sangue assim, eu espero que pelo menos o RH e o grupo sanguíneo estavam fazendo, né?

TF - Mas me diga o seguinte, a sua saída, ela foi marcada por uma...uma... (inaudível)

EC - É. Dois incidentes.

TF - (inaudível).

EC - É, dois incidentes também sérios, né? Eu estou contando isso pra dizer as consequências, e isto foi criando um estado de animosidade com esse ministro e com essa secretária que não foi brincadeira, né? A coisa ficou muito séria quando... eu fiquei dois anos barrando um avanço da Argentina em relação à indústria farmacêutica brasileira. Qual era esse avanço? A Argentina tem um Decreto 150. Por esse decreto, se a Alemanha sintetiza uma nova droga – eles não têm patente ainda, até agora não têm – eles podem registrar na Argentina o produto como similar ao produto alemão. E pra registrar o similar, o conceito de similar dentro da saúde pública, é que já está tudo provado você não precisa provar mais nada. Você tem só que apresentar o relatório técnico, fabrica o comprimido não sei o quê, não tá nem na documentação científica... você precisa de abstract, tá escrito lá no Decreto 150. Qual a consequência disso pro Brasil? Eles queriam que nós aceitássemos esse decreto... Bom, com isso eles poderiam então, eles elegeram 12 países chamados de referência, ou seja, qualquer descoberta farmacológica nesses 12 países, poderiam registrar imediatamente em seus países, sem direito de patente, né? E aí eles iam vender no Brasil! Imediatamente! Abriam aqui um representante, uma filial, vinham vender no Brasil. E o Brasil? A indústria ficava chupando o dedo! Por quê? Porque pra você produzir você tem que pagar royalties e a Vigilância sanitária exige toda a documentação de produto novo. Porque é similar lá, o que é bom pra lá, não é automaticamente bom pra gente. Então eu defendi: olha, primeiro, o Brasil não está disposto a perder a sua soberania científica. Porque o que o japonês falou que é bom, o israelense falou que é bom, o australiano falou, não é automaticamente bom pra nós! Queremos examinar toda a documentação.

E segundo, nós não podemos admitir que vocês não têm patente e nós temos já, quer dizer, como é que fica o fluxo no sentido contrário? Não existe! Então, basicamente era isto. O outro problema sério que nós tínhamos era o problema dos chamados “Laboratórios de Marketing”. Um dos 4 países, pelo menos 2, mas com certeza um, não tem uma indústria própria, farmacêutica. Tem uma coisa pouco incipiente, mas importa produtos acabados de outros países. E rotula. Faz a caixinha, eu acho que até a caixinha vem de fora já escrito em castelhano, né? E aí eles simplesmente fazem o marketing, ele faz a propaganda desse medicamento. Ora, isso não tem nada a ver com indústria local, né! E esse país queria então que esse produto de marketing entrasse também dentro do

mesmo critério de venda, tal coisa. Então a gente estava realmente... não chegava a acordo nenhum.

Chegou num certo ponto e como a gente não cedia e o Jatene fantástico, ele, olha! Muitas vezes ele recebia senadores e deputados lá que.... pleitos, por exemplo, não registravam o produto ou não autorizavam um laboratório a funcionar. Ele chegava dizia: Carlini, você vai me matar! Vou ter um infarto! Eu estou aqui lutando pela CPMF, olhe, o estado tem 3 senadores, 5 deputados... como é que eu faço? Eu falo pro Jatene: o senhor... eu não sei! Eu tenho que fazer isso. Agora o senhor chegar pra mim e dizer: assine, eu deixo pro senhor assinar porque o senhor pode assinar em meu lugar. Eu não posso assinar! Ele falou: tá bom! Então vem aqui! (risos) Aí eu descia, ele marcava a reunião e estava lá, os raios dos... e é uma gente muito arrogante, né? Nossa, eu... deputado e tal, e falavam, né? E aí o Jatene dizia: olha, senador, o senhor tem toda a razão, mas eu fiz uma combinação com os meus técnicos, eu sigo a parte técnica. Então não é a mim que o senhor tem que convencer, convence meu técnico. E jogava a pelota em cima de mim. Nossa! É um horror! Eu fui convocado, mas você não pode xingar essa gente, né? Eu fui convocado uma vez, pelo ex-presidente do senado, esse homem fez uma pressão sobre mim que foi uma coisa horror... eu tive que ir lá! Não pude deixar. Sentado lá, o outro quase me xingou, né? Uma coisa horrorosa, né, pra ver! Então essas coisas todas a gente tinha que enfrentar.

E a Argentina quando viu que não saía, eles estavam desesperados... porque nós somos um mercadão pra eles, né? Nossa! É uma coisa fantástica! Eles partiram com uma campanha de agressão que eu nunca vi coisa igual! Olha, foram 60... eu recebi 67 artigos e comentários caluniosos nos jornais e tal. Cerca de 20 e tantos foram da Argentina num período de 3 ou 4 meses. Mas era assim concentrado: Gazeta... do Comércio Latino-Americano, Jornal de Brasília – que é muito importante, politicamente falando – coisas assim, Síndrome Carlini, né? Quer dizer a Síndrome Carlini, escrita pelo embaixador da Argentina, é a síndrome de um burocrata amante dos carimbos que não deve ser corrupto como alegam alguns, não deve ser vendido à indústria norte-americana como falou o outro, mas deve ser uma doença. Mas que cuidado que deve ser uma doença infecciosa. Escrito isso no jornal! Bom, eu li aquilo, isso era o Albuquerque que estava lá, eu cheguei pro Albuquerque e falei: “Doutor, olha, não é Carlini que tá sendo ofendido, é um secretário de Estado do país!”. Eu sou secretário nacional da Vigilância Sanitária! Quer dizer, eu sou um cargo abaixo do senhor... Ah, mas não sei o quê, você tá causando muito problema, eu estou recebendo pressões aqui... Mas não dá pra aceitar isso! Aí eu cheguei, eu escrevi, esse bandido chama-se Guelar, Diego de Guelar, né? Eu escrevi uma assim: a doença do Goela Grande e... escrevi que era... eu podia, que existia uma síndrome que ele fala, mas que eu queria comentar sobre uma doença. Que é uma doença mesmo, né? E que tinha o agente patogênico identificado que era o ‘Maleducato Vulgaris’, né? E disse, mas aquilo tinha uma cura, era só internar na Casa de Rio Branco, aonde existia lá um grupo de diplomatas que sabia como lidar com essa doença, não sei quê e coisa e tal. O ministro proibiu que eu publicasse. Ele falou pra mim que não podia usar o nome de secretário da Vigilância Sanitária, nem dizer o nome do ministério. Eu disse: “Então eu vou publicar em meu nome, pessoal. O senhor não tem nada a ver com isso”. E não consegui publicar, o jornal rejeitou. Bom, aí o que é que acabou acontecendo? Foi que eu fiz uma portaria... que foi uma portaria que foi o ponto final.

Quer dizer, existe uma lei brasileira desde 1970, uma lei antiga, que diz o seguinte: “Qualquer alimento que é importado para o Brasil, que o Brasil importa, tem que sofrer inspeção sanitária no local de entrada.” Nunca a lei foi seguida! E eu recebi umas denúncias, de que havia, por exemplo, que entrou, por exemplo, coco ralado da Indonésia contaminado com cogumelo que era cancerígeno, fungo cancerígeno não sei quê, fungo

cancerígeno tal. Então, eu falei: tá o momento de começar a inspeção. Mas, pra evitar uma coisa que nós não tínhamos capacidade, eu falei: nós vamos fazer uma coisa que até pode dar fraude, mas é o início. Nós vamos exigir uma amostra prévia do produto a ser importado, né? Nos mandem o mais rápido possível. Você pode mandar produto perecível, dá pra mandar uma semana antes e a gente vê o que pode fazer, mas que mande uma semana antes. E a gente tenta fazer os exames, tenta adaptar não sei quê, coisa e tal. E aí então, nesse sentido que eu tinha combinado com o ministro, estava tudo pronto, nós íamos fazer uma rede nacional de laboratórios de referência, um em Pernambuco... Brasília ia ser a sede, continuava obviamente o INCQS, o Adolpho Lutz, um no Paraná... Já estava tudo mais ou menos assentado e pronto, né? Bom, nesse momento, quando a gente publicou essa portaria, esse ministro vai – tem 2 ou 3 testemunhas que falam isso pra mim – se dirige ao... ao ministro, dizendo que ele não admitia tal portaria porque aquela portaria era uma porcaria, quer dizer... – falando em castelhano, mas ele aprendeu, né, alguém instruiu, até saiu nos jornais isso – e que era preciso revogar a portaria e que ele, inclusive, avisava que eu não poderia ir mais pra Argentina porque eles não garantiriam a minha integridade física.

Bom, quer dizer, quando eu soube disso tudo, né, e... aí a Casa Civil entrou em ação, e depois eu fiquei sabendo de umas coisas... Por exemplo, eu não sabia que já tinha sido feito um acordo. Tem, a Folha conseguiu publicar um retrato do Menem conversando com o Malan e com o Lampreia, já acordando que iam facilitar a inspeção dos medicamentos. Tá nos jornais, né! Quer dizer, e eu feito um idiota, sem saber o que estava acontecendo, aquele ministro também não me fala nada, eu não ia aceitar de jeito nenhum, mas, pelo menos eu sabia onde eu estava pisando, né?! E a Casa Civil entrou também e exigiu que a gente revogasse a portaria. Eu falei: olha, eu revogo, porque eu cometi um erro realmente, um erro. Eu tinha que mandar primeiro pra uma comissão de não sei aonde lá na Casa Civil, pra depois publicar. Eu falei: eu revogo, mas eu a... assim que eu revogar eu mando de novo pra vocês opinarem porque se eu não puder cumprir a lei do país eu não posso ficar aqui dentro, né? Foi o que eu fiz e fiquei... né? Aí o ministro chegou pra mim e disse que eu deveria sair. Eu falei: tá bom. E eu saí então da coisa. Bom. E aí então, quer dizer, criou um ambiente terrível, e teve um outro incidente mais sério ainda. Eu saí no dia 20 de março. É... nos últimos 30 dias eu falei: gente, limpem as mesas. Como eu disse pra você. Ia haver uma concorrência grande na CEME. Esta concorrência é... vários laboratórios se habilitaram a registrar seus produtos para participar da concorrência. E a concorrência da CEME é uma coisa curiosa. Porque você entra com toda a documentação geralmente muitos laboratórios pedem pra registrar um produto por causa da concorrência, né? E se você apresentar até no dia da abertura da concorrência, a prova do registro, estando todos os documentos, são documentos como: CGC, laudo de inspeção, não sei quê, coisa e tal. Tá tudo certo. Bom.

Eu sei que vários laboratórios apresentaram e eu até hoje não entendi o que aconteceu lá dentro do Ministério, mas eu exigi trabalho em tempo integral da divisão correspondente ali, a de Sangue e Hemoderivados, e eles foram me apresentando então o registro dos produtos concorrentes. Bom. E eu sei que no dia 18, eu assinei as últimas portarias pra permitir que fosse – dia 18 ou dia 19 – pra que todos entrassem na... E essas minhas portarias não foram publicadas. Foram seguras dentro do ministério. Alguém segurou, né? E eu quando eu me despedi do ministro, foi no dia 20 – quando eu soube, no dia 18, 19, fiquei feito um doido! Pra baixo, pra cima. Procura, onde é que foi parar as portarias! O que é que aconteceu, não sei quê! Todas numeradas já! Vai sair, não vai! Não, deve sair porque nós mandamos, não sei que e tal, não saiu. No dia que, no dia 20 foi a minha posse, quer dizer, o ministro estava sentado assim, eu estava sentado aqui e a nova secretária ali, né? E eu cheguei e tinha umas 200 pessoas na sala. Estava cheio! Estavam

todos os industriais que tinham me dado apoio, todas as associações científicas e tal... Eu cheguei, falei: “Eu estou saindo, o trabalho foi este e eu quero dizer, senhor ministro, que eu levo duas mágoas daqui. Eu não aceito a postura de um secretário de Estado do meu país ter sido ofendido e simplesmente não ter sido tomada nenhuma providência pelo Estado brasileiro. A população do meu país, o povo do meu país – não porque a AMB fez um movimento de desagravo grande, soube disso, reuniu aí não sei quantas sociedades científicas, tal – e eu acho que isso não tem desculpa! Eu acho que realmente foi uma falha muito grande e uma mágoa pessoal que eu levo”. Ele até mudou de cor na hora. “E vou dizer também uma coisa que eu tenho de dizer, senhor ministro, e pra senhora também, que eu lamento e peço desculpas a todos os meus funcionários que estão aqui, por ter cumprido horas extras pra colocar em dia e possibilitar a concorrência da CEME e ter a participação muito ampla de diferentes concorrentes, né? E peço desculpas aos industriais presentes que eu não consegui executar isto. Acho que também imperdoável não ter sido publicado as portarias. Foram 7 portarias, né, que foram seguras”, falei. O ministro ficou uma fera comigo na hora, né?! Não sabia o que responder, disse que eu era muito bom pra trabalhar em pesquisa, que não sei quê, mas que para um trabalho daquele, que não sei o quê e coisa e tal... Então foi uma despedida assim, terrível! Quando eu saí com toda essa mágoa e depois com a paralisação de toda programação, eu comecei a pegar e a criticar mesmo, né? Mas criticar dentro de um esquema de você criticar em termos de saúde pública, pedindo resposta que fosse... torcendo, inclusive, que a vigilância saísse, paralisaram... ah, declararam que não tinham sequer nem um esboço tinha do projeto de agência. Pois tinha até muita! Do decreto lei, estava preparada, já tinha um advogado contratado e tudo. Bom, aí um belo dia, passasse um tempo e eles começaram a me responder. De que maneira começaram a responder? Um deputado federal – que eu não vou dizer o nome, porque é uma pessoa que eu respeito, mas que eu acho que fez uma rata tremenda! – manda um ofício pro ministro pedindo que fossem investigados todos os projetos científicos que eu executei no passado com o Ministério da Saúde. Desde de 89. O ministro despacha. Quando eu recebo aquilo, falei: puxa, mas não é possível! Esse deputado eu conheço, é de um partido da minha linha ideológica. Pô, como é que ele pede, baseado no quê? Como é que ele sabe do CEBRID, que nem tem...? Bom. Acabei por descobrir, depois eu falei com esse deputado. Ele ficou... – tenho até a carta dele – ficou assim: mas, Carlini eu não estou sabendo disso! Eu falei: mas não é possível! Eu não assinei! Eu não ia assinar um negócio desses! Assinou! Na realidade o que aconteceu foi o seguinte, ele disse: olha, eu preciso descobrir como é que foi isso. Naturalmente um deputado assina não sei quantas coisas, passou, né, passou! Eu sei que, possivelmente, quer dizer, por parte lá do ministério, das pessoas que entraram na Vigilância, tem aquelas pessoas que eu odeio mais do que tudo e eu não tenho nenhuma dificuldade de enfrentar um cara da direita, viu? Mas esses pseudosocialistas que usam aquilo pra auto e ficam fazendo com aquilo uma apologia, autoendeusamento, e que eu acho que tem mais um problema psicológico do que um problema de ideal mesmo, é um horror! Eu tenho certeza que foi uma pessoa, tenho quase identificada a pessoa que falou com esse deputado e mentiu! Esse deputado, coitado, assinou. Tanto que depois ele mandou uma carta pra mim, eu até juntei nos autos e tal, né? Mas não adiantou nada, não adiantou nada! Vocês não são capazes de imaginar o que ocorreu ao longo desses anos todos. A primeira coisa, eles fizeram uma sindicância interna dentro do ministério, aonde eu não fui consultado nem ouvido, eu só recebi o resultado dizendo o seguinte: que desde de 89 eu tive uns 5 convênios com o ministério de Saúde, né? De pesquisa, como todo mundo tem! Pra fazer o projeto de pesquisa e tal. E que eu não tinha executado os projetos. Tinha pego o dinheiro e não tinha executado

os projetos. Por quê? Porque na Vigilância Sanitária não tinha encontrado nenhum documento de prestação, de prestação de relatório final de serviço.

TF - Mas o senhor só entrou na secretaria em 95.

EC - Eu entrei em 95! Não, eles mandaram investigar a minha vida de professor cientista aqui na universidade! Quer dizer, é isto, né? Desde 89! Desde 89, né? E que, portanto, por não ter tido atingimento – foi essa palavra – que eu teria de devolver todo o dinheiro desde lá pra cá. O CEBRID, né, teria de devolver, pra ver. Aí eu consulto o advogado imediatamente, né? Monstro pro advogado e provo assim, eu juntei meio metro que a gente tinha feito muito mais do que a...

FD - Proposta inicial.

EC - ...proposta inicial. E fizemos mesmo! Sem exagero nenhum, né, pra ver. E que simplesmente eles fizeram aquilo com uma má fé que eu nunca vi coisa igual. Quer dizer, a Vigilância Sanitária deu uma resposta de que não tinha tido cumprimento de coisa nenhuma, quando todos os projetos tinham sido feitos com a coordenação de saúde mental de uma outra secretaria, que eram projetos e problemas de abuso de drogas etc e tal. E não tinha que tá lá mesmo... eles nem tiveram curiosidade de menos fuçar e, tem alguma coisa aí do Carlini, do CEBRID? Não tem. Então, mandaram pra ver. E daí, então, eles entraram numa outra, numa outra escala. Por exemplo, desde 89, né, e até antes, a manutenção desse pessoal eu faço como? Eu consigo bolsas de estudos e não sei o quê e tal. Então o pessoal vai sendo... Então, por exemplo, o projeto de 89 até 94, 95, eu mantinha essas pessoas com bolsas de estudos. E eu pedi, era principalmente o pessoal do CEBRID, eu pedia pro ministério no projeto: bolsas de estudos para terminar o processo de captação de internação de (inaudível), em todos hospitais psiquiátricos do Brasil! Por 10 meses ou 12 meses, sem fins empregatícios, né, um médico, um psicólogo, não sei que, cada um custando tanto e tal. O Ministério aprovava bolsa de estudo durante não sei quanto tempo e tal, tal, tal. As pessoas prestavam serviço, eu juntava os documentos todos, né? O Ministério da Saúde aceitava e aprovou esses projetos todos mesmos. Todos os projetos. Isso foi ressuscitado, eu tentei dizer: mas em 89, já tem mais do que 5 anos! Aí disseram: não tem problema porque nós aprovamos, mas o Tribunal de Contas da União ainda não examinou nada, então temos o direito de pedir reexame. E aí, por exemplo, foi o primeiro grande embate que até hoje tá sendo resolvido na coisa. O Ministério disse que nós não podíamos dar bolsas de estudo na época. Aí nós falamos: mas como não podia dar? Vocês aprovaram! Né? Tá aqui, faz parte do projeto, tá aprovado! Não. Mas não podia porque tem isso, tem aquilo, não sei quê... Mas, bom, então eles querem, por exemplo, que a gente devolva o dinheiro das bolsas. Que eu não vou devolver! É óbvio, né, nem teria jeito! Mas aí já fizeram uma outra coisa... E olha, e foi mandado! Quer dizer, mandaram o INSS aqui. Aí o INSS chegou: bom, bolsa de estudo você não tinham direito. Então nós vamos ver, vocês não recolheram o INSS ao longo de todo esse tempo. Então, eu estou com um processo do INSS, a mando do Ministério da Saúde, né? Tudo da época do Albuquerque e dessa senhora, né, pra ver. Aí depois eles fizeram o seguinte, também mandaram o Imposto de Renda. Ah! É bolsa de estudo? Pagando pra essas pessoas? Vocês não tinham o direito. Então, tem que haver o recolhimento do imposto de renda. Agora você imagina como é que vamos pagar esses funcionários aí da gente, ainda recolher imposto de renda e...

TF - ...bolsa de estudo?

EC - Não tem! A gente tem direito a dar bolsa de estudo! Tá lá no estatuto e tal. Mas, então, é uma coisa que eu estou dizendo, é terrorismo mesmo, psicológico, na tentativa de fazer essas coisas assim da maneira mais inacreditável... Bom, é... Então eu estou com uma briga com advogados e tal, né... nesses 3 anos! eu não tenho sossego de espírito pra poder trabalhar adequadamente. Sendo que o INSS ferrou a gente em 170 mil reais, na Fundação, a gente aí, né? E... ou tínhamos que pagar ou entrar com... com... – como é que chama?

TF - Um recurso.

EC - ...um recurso. Mas acontece que a Fundação AFIP tinha no porto e tinha no aeroporto, não sei quantos... Tinha muito dinheiro de todos os kits de diagnóstico que ela importa diretamente, né? E se fosse deixar mais 15 dias pra esperar o recurso, deteriorava todos os produtos lá. Então o que é que você... tivemos que pagar, a gente pagou a coisa. E agora que entramos com uma tentativa de ressarcimento que não vai sair coisa nenhuma, né? E toca eu agora a arrumar verba pra pagar isso, porque eu não posso também onerar a Fundação nesse sentido. Bom, e o pior de tudo, o pior mesmo de tudo foi que de repente eu recebo uma... uma queixa não, um processo aonde eu estou envolvido como... praticamente como criminoso. Eu sou réu. Está instaurado pela Procuradoria da República. Que por sinal é uma coisa curiosa, quer dizer, esses meus dois anos em Brasília, fora tudo que me aconteceu de... de realmente eu ficar com a cabeça muito ruim, eu tive três processos crime, instaurados pela Procuradoria da República. Dois enquanto eu estava lá. E tive uma prisão declarada também, uma prisão... um flagrante declarado por uma juíza de lá. Quer dizer, por que aconteceu isso? A juíza me mandou prender porque ela me mandou um ofício pra eu responder em 48 horas e eu não respondi, porque não soube... não me entregaram o ofício. Não teve dúvida! Prisão. O dr. Calixto, o ministro estava aqui. Foi num sábado de carnaval, né, que eu vim pra cá, né? E tem um detalhe muito curioso.

TF - Mas ela tem poder pra isso?

EC - Hein?

TF - Prender por não responder...

EC - Pois é! Ela mandou prender. Saiu no Jornal Nacional! Você imagine. Saiu no Jornal Nacional! (risos) E a minha mãe que tá com 90 anos... ela telefonou pra mim de Poços de Caldas, falou: meu filho, o que é que você aprontou dessa vez? (risos) Eu sempre causei problema por causa de política na família! Bom, as outras duas vezes foram mais ou menos semelhantes, mas, mais sérias realmente. A Procuradoria da República me mandou 5 ofícios reiterando uma informação sobre um dado...

### **Fita 7 - Lado A**

TF - Entrevista com o professor Elisaldo Carlini. Fita número 7, no dia 24 de agosto de 1999.



EC - Bom. Então aí eu não recebi esses ofícios e a procuradoria tinha prova que foi entregue um ofício importante e tal, mediante recepção lá do protocolo do Ministério. Simplesmente extraviou-se lá dentro, né? E logo em seguida, um segundo processo onde eu sou réu também, por desacato à Justiça, por desrespeito ao presidente da República, 4 outros ofícios sobre também outra droga – essa eu me lembro que era a talidomida – que eles haviam me dado uma informação sobre talidomida, que eu não teria respondido. Eu abri uma sindicância interna, já como réu, né? Abri uma sindicância interna pra tentar apurar, obviamente não descobri. Mas eu tenho certeza que foi sabotagem! Sabotagem interna, lá dentro, né? Na tentativa de desestabilizar a posição da gente. Aí aquela sensação idiota. Eu tenho que contratar um advogado pessoalmente, como Carlini, porque a figura, os dois processos atingiam a minha pessoa, não o cargo, né, pra ver. Felizmente eu consegui provar! Eu mostrei lá pros juízes, dois juízes, eu falei: “Olha, eu não tenho uma defesa! Eu não sei dizer exatamente o que aconteceu!”. Aí era a Secretaria e tal... Não sei como é que esses ofícios foram perdidos lá dentro! Mas eu não teria, obviamente não teria motivo nenhum pra não responder, né? Então eu fui inocentado. E agora surgiu esse daqui quando eu já estou... Veja só como é que é a... a situação. A Procuradoria da República recebeu informações de que, de lá de dentro, da Vigilância Sanitária, de quem estava lá substituindo, de que a... a concorrência da CEME tinha sido fraudada. Por quê? Porque a Vigilância Sanitária, tendo eu como membro de uma quadrilha do Ministério da Saúde, teria retido o registro de alguns produtos, facilitando então que fosse... que vencesse uma concorrência, o que tinha sido registrado ou dois que tinham sido registrados, tá? Então teria sido uma concorrência desleal.

Juntando como prova, simplesmente que alguns laboratórios pediram registro e não conseguiram, outros pediram e conseguiram. E tem mais um envolvimento aí que os laboratórios que conseguiram estariam ligados a um Hemocentro de São Paulo que é um órgão público, né? Ali estaria a Cruz Vermelha americana. Os produtos estariam envolvidos na Cruz Vermelha americana. Bom. Eu fui chamado um dia pelo procurador da República e eu nem sabia que era um processo! Ele queria que eu testemunhasse e esclarecesse, esclareci pra ele direitinho. Quando ele falou desse problema, eu falei: olha, isso encontra facilmente provas! Quer dizer, no dia em que eu saí e eu falei pro ministro que aquilo não podia ter sido feito, que não era direito reter as portarias. Se o senhor quiser deve estar lá! Em algum lugar tem que estar as portarias que foram editadas. O senhor vai ver então que não houve esse problema, né? De ter havido essa manipulação... um funcionário meu, nem sonhava da minha pessoa...

Um funcionário meu que estava responsável pela Divisão de Sangue de Hemoderivados da Vigilância Sanitária, que por sinal era um médico aqui do Hemocentro de São Paulo também. Mas, o promotor lá fez um projeto nesse sentido de que era tudo a mesma coisa. Bom, aí quem é que vai? É testemunha a secretária da Vigilância Sanitária. E ela declara que não tinha as portarias. Que ela não tinha ouvido falar, que ela nunca reteria aquelas portarias... E o... o... promotor... procurador simplesmente aceita a versão dela! Está lá dito: então, que não teria havido e que mesmo se houvesse não teria tempo para ser publicado, que era mentira tudo isso.

Bom, e aí de repente eu me vejo também num processo terrível, né, terrível de...! Eu falei: “Meu Deus, como é que eu saio dessa, né?”. Aí eu cheguei, entrei em contato com gente que me botou em contato com o ministro Serra, né? E aí entrei em contato com o Vecina. Eu falei: “Vecina, eu tenho que ir aí, eu tenho que olhar os documentos que tão na vigilância, eu acho que deve ter alguma coisa aí! Não é possível que tenham apagado tudo!”. E aí me abriram as portas. Aí eu fui lá, passei um dia lá. Fui lá, olhei os documentos todos, peguei as 7 portarias, né? Como é que eu descobri? Eu vi a última portaria que eu publiquei tinha número 142 e vi a primeira portaria que a mulher publicou

tinha número de 152, senão me engano. Então do 143 até o 151 estava um vácuo, né?! Eu fui então lá num caderno, no caderno de emissões de portarias, estava lá: portaria tal, tal, tal, etc e tal. Eu falei: “Eu quero ver se tem a portaria”. Aí eu fui lá, pedi pro pessoal me abrir. Lá, tinha então lá todas as portarias assinadas por mim, direitinho, encaminha-se e tal, mandei tirar fotocópia autenticada de todas elas e tal. Aí eu falei: mas eu não estou satisfeito. Eu quero ver o livro do encaminhamento. Aí fui olhar o livro de encaminhamento, estava lá: Encaminha-se não sei quê, coisa e tal. E aí eu quero ver o livro de protocolo de recepção. Consegui também. Então consegui as provas cabais de que eu tinha mandado as coisas pra frente.

TF - E essas portarias eram sobre o quê?

EC - Era exatamente publicar os medicamentos que iam participar...

TF - Era tudo sobre medicamentos.

EC - É. Não, não eram só medicamentos. São vários, né? Entre elas tinham as que iam publicar medicamentos pra poder participar da concorrência da CEME.

TF - Tá.

EC - Aí eu falei: “Bom, mas quem é que segurou?”. A secretária fez essa declaração taxativa: absolutamente não, entre aspas, tem aí isso copiado pelo procurador, absolutamente não! Que ela não tinha conhecimento, nem nada. Eu falei: mas só pode ter sido ela! Não pode ter sido outra pessoa. Então eu fiquei com isso atrás da cabeça, né? E era uma coisa assim porque o número de... de fatos inverídicos que ela tinha feito inspeção e não tinha (tosse), ela interrompeu o projeto com as Nações Unidas... Era uma coisa horrorosa! (tosse) O projeto já tinha sido aprovado em Viena, assinado pelo secretário, ela chega e interrompe! Interrompeu o programa de formação dos técnicos do CNPq... Então estava um Deus nos acuda mesmo! Eu falei: “Eu vou tentar saber isto”. Aí eu entrei em contato com cinco pessoas que foram chefes de divisão na minha gestão e que continuaram pelo menos um certo tempo com ela depois, né? E descobri uma coisa fantástica, ela tinha todas as portarias em mão, em mãos, na primeira ou segunda reunião que ela fez logo depois que eu saí, ela pegou e juntou todas as portarias, quer dizer, em cima de uma mesa e chamou um por um: “Olha, venham aqui examinar essas portarias que o Carlini assinou, porque eu não tenho confiança no que foi feito”. Quer dizer, ela então sabia e, inclusive, segurou as portarias e deu essa declaração lá na Procuradoria da República.

Então você vê, eu tenho... eu tenho todas as razões do mundo pra abominar o que aconteceu nesse período! Minha interpretação de tudo isto, né? Minha interpretação de tudo isso é o seguinte: por que acabar com o que havia sido feito durante a administração Jatene? E eram coisas que estavam, ninguém pode negar que você tem um sistema pra formar mil técnicos de vigilância sanitária que é uma coisa ruim! Que você concede às Nações Unidas que venha aqui nos ajudar e além disso estabelecer por conta dela agora, um laboratório de controle e que é internacional, seria pra América Latina toda, no mínimo, né? Pra ver. É coisa boa, porque, controle do sangue, o que surgiu pra mim, na minha cabeça foi o seguinte: olhe, o Jatene é preciso ser destruído. *‘Delenda est Jatene’*.” Pra isto, as coisas que foram feitas, que deram sucesso é preciso dizer que não deu sucesso nada. Aí então vem esse ministro, inclusive, o Jatene ficou dois ou três meses falando com o ralo da corrupção, da incompetência, até que ele parou de falar porque viu

que não pegava, né, esse tipo de coisa. E da mesma maneira que eles caíram, tentaram destruir o... o Dadá, o (inaudível), né, eu acho que eles tentaram também num programa... eu acho assim adrede preparado – eu falo ‘adrede preparado’, porque eu ouvia muito a conversa dos milicos lá: adrede não sei quê...! (risos) É... tirar a imagem que durante o Jatene, aí a minha figura ficou absolutamente secundária no assunto, né? Durante a gestão do Jatene estavam sendo feitas coisas realmente importantes, né? Quer dizer, e... e... o Jatene mais de 6 vezes resolvia muita coisa de saúde no país! Nossa! Por exemplo, nós estávamos esboçando um programa: água é cidadania. Esse é o lema que a gente queria fazer. A gente ia tentar convencer que no Brasil todo deveria ser feito o teste de qualidade da água. Porque é simples, não são difíceis de fazer um negócio desses! Eu estava até pensando nos kits, como é que iriam ser, como íamos treinar. Quer dizer, estávamos pensando mesmo em termos de vigilância começar a agir de uma maneira muito explosiva assim, bastante grande. Então basicamente é isso. Quer dizer, é... é muito triste isso de duas maneiras: primeiro, você... ninguém gosta de ver um trabalho... em gente que você se dedicou, você se deu mesmo muito, né, ser simplesmente inutilizado. Quer dizer, isso qualquer ser humano se revolta contra isso.

Você fica mais revoltado ainda quando você não consegue entender as razões, não é por falta de verba, não é nada, né?! As razões de haver é... uma verdadeira sabotagem na saúde pública do país. Foi... acho que realmente o que aconteceu, né? E terceiro lugar, você ainda acha que isso teve um motivo nada nobre. Então eu acho que isso que ocorreu é uma página negra na história da Vigilância Sanitária do país e eu espero que isso não se repita. Eu fiquei realmente muito feliz quando eu vi que mudou o ministro e entra um ministro que ele está fazendo. Quer dizer, em termos da Vigilância Sanitária conseguiu fazer a... a agência, agora saiu o projeto de genéricos que é outro passo assim difícil de ser executado...

TF - E essa discussão sobre o INCQS? Fica na Fundação, não fica na Fundação... Toda hora tem essa... essa polêmica. (inaudível)

EC - Olha, eu acho que o INCQS ele pode ficar onde ele... por exemplo, onde ele tava. Não é um problema. Eu acho que o grande problema do INCQS, na minha opinião, é que ele assumiu uma coisa que não dá pra assumir. Quer dizer, ele quis ser cabeça de um sistema e deixando a Vigilância de lado e outros órgãos da Vigilância, do Ministério de lado também, né? E, inclusive, foi montado quase que um sindicato. Quer dizer, eu tive muita dificuldade de lidar com as vigilâncias dos estados nessa parte, porque percebia claramente que havia assim uma espécie de um... de um trabalho já muito bem feito no sentido de criar uma resistência a qualquer tentativa de modificação.

TF - Porque não há nenhuma... nenhuma é... relação de subordinação entre o INCQS e a Vigilância?

EC - Não. Não havia, não havia. Quer dizer, por exemplo...

TF - E a normatização que a Vigilância passa não é seguida?

EC - Não. Não. Inclusive o INCQS está querendo traçar e tem todo um projeto dos diretores totalmente independente. E... e... por exemplo, eu me lembro de coisas dessa ordem. Pra mim, às vezes, pode ser até que o INCQS se ressentia de ter laudos e depois não ter respostas por parte da Vigilância. Porque a Vigilância, a gente tentava fazer o que era possível, mas antes estava ruim conosco também! Não conseguia melhorar muito,

né? Mas teve um problema... de umas mortes que ocorreram por administração de um determinado produto, está certo? Era um anestésico local. Bom. E aí surgiu uma dúvida: mas, é ou não é? O que é que está havendo? Você tinha que resolver o problema das mortes, você tinha que resolver um problema também que era o seguinte: esse laboratório era um laboratório nacional, eminentemente nacional. E que teve um esforço tremendo, se especializou na área de anestesia, pra conseguir vencer e ganhar um mercado importante aqui no Brasil, desse laboratório. E quando surgiu essa coisa, quer dizer, quem fez denúncia, inclusive, foi um laboratório estrangeiro. Que aquele produto tal, estava produzindo umas reações, matando gente etc. e tal. E o laboratório ficou desesperado! Porque ele teve de suspender a produção, e estava tendo um prejuízo enorme, pra que houvesse um laudo urgente. E nós estávamos mais desesperados ainda porque tinha produtos no mercado ainda! Falei: “Bom, tem de pegar e dar um jeito nisso, né? Vai demorar três meses pra dar uma resposta nesse sentido, não é possível! Não é possível!”.

E outra coisa também, não tem muito sentido isso. Quer dizer, você pega outros locais, você tem laboratórios de todos... você tem um laboratório mãe, por exemplo, que é padrão técnico, né? E tem os outros laboratórios que sabem realmente também fazer tudo. Então eu não vejo nenhuma razão pra Pernambuco não ter um laboratório de referência, que comande toda a região do nordeste. Bota um em Belém se for o caso, se tiver condições. Tem o de Brasília que você (inaudível) laboratório mãe, o cabeça, a parte política, está junto com... Então eu acho que isso seria fundamental, pra ver, né? Eu acho isso importante. Eu não acho, por exemplo, ninguém está duvidando da capacidade científica do INCQS, mas passa-se o tempo e a gente fez, por exemplo, nós tentamos fazer ah... um programa de... uma vez o PNIIF [Programa Nacional de Inspeção da Indústria Farmacêutica] funcionando bem, se inspeciona, está bem, você garante as duas práticas de fabricação, mas será que você garante às duas partes que sai um produto bom? Você tem de testar isso, continuamente. Nós tentamos fazer um programa nacional, né? Amplo, de... de... Então eu falei: puxa, nós temos 70 faculdades de farmácia nesse país, né?! Nós temos uma série grande de institutos também. Quer dizer, é... e ele são bons! É uma questão de fazer um projeto, então nós chamamos... – até o Jatene que teve a ideia, chamou a USP e tal – de fazer então e delegar a essas... a essas... esses laboratórios, um trabalho importante. Eles podem receber uma verba inclusive e estão contribuindo pra formar gente e estão prestando trabalho... Não houve a mínima possibilidade do INCQS concordar com isso! E os laboratórios estatais também, os LACENs. Foi uma pressão enorme negativa! Bom, como a gente é teimoso também, eu falei: “Bom, então nós fazemos sem vocês. Ah! Mas o laudo oficial nós damos!”. Seja vocês... o Laboratório seja de onde for, se achar que tal produto está bom, somos nós que temos de dar o laudo, se nós não dermos o laudo por lei não acontece nada! Eu falei: “Acontece!”. O que vai acontecer é o seguinte: eu chego pra esse laboratório e falo: “O seu produto está ruim. Se você não retirar e não corrigir, eu não registro mais nada, não modifico mais nenhuma fórmula e vou pegar na época que tiver os seus produtos aí”, que geralmente a revalidação da medicação é automática, né? Tem 5 anos.... Eu vou pegar vou exigir todas as provas que você... Eu tenho esse meio de poder fazer, né? A gente chegou a estabelecer. Agora eu estabeleci o primeiro programa, eu envolvia 5 ou 6... não! 10... – quantas faculdades? – eram 7 ou 8 faculdades de... Escolhemos 5 drogas pra fazer: vitamina C, um antibiótico, acho que a Ampicilina... Diazepan, Dipirona e o quinto produto é um dos de mais alta vendagem, que eu tinha informações de... por exemplo, a Dipirona tem mais de 100 produtos à base de Dipirona no Brasil. Tenho certeza que tem falsificação no meio disso! Chegamos até a fazer o seguinte: olha, Pernambuco participa, mas Pernambuco não vai examinar os produtos recolhidos em Pernambuco não. Nós vamos mandar o produto recolhido, sei lá, em São Paulo e mandamos pra Pernambuco. Pra não haver o problema

local, né, pra ver. Tudo isso eu acho que tinha que ser instalado. Então um Programa Nacional de Inspeção e de Controle de Qualidade de Produtos, tem que ter essa dimensão, não pode ficar restrito a receber denúncia e sei lá, fazer 5 mil por ano. Que 5 mil! Eu acho que nem chega a 5 mil! Ah... nos Estados Unidos toda a partida de antibiótico tem de ser testada. Não é só pelo laboratório não. Tem laboratório pra testar os antibióticos lá. Quer dizer, os laboratórios oficiais. Então tem que haver uma mudança completa da mentalidade, né? E nesse ponto, por exemplo, ninguém duvida da qualidade técnica do INCQS, agora precisa saber que essa parte política tem que estar em outro lugar! E tem que abrir chance pra que outros façam. Você é capaz de imaginar, tem 27 laboratórios centrais, LACENs, né? Que são por lei aqueles que podem fazer controle de qualidade de medicamentos. Nós mandamos coletar informação, 5 apenas disseram que têm capacidade de dosar alguns medicamentos. Como é que vai funcionar um sistema? Não funciona!

FD - Professor, é... e como é que está a sua situação em relação a esses processos? O senhor já... já resolveu...?

EC - Não, está tudo andando, né? está tudo andando. Por exemplo, pra você ter uma ideia, assim que eu consegui a prova, né, assinada das quatro pessoas. Declaração assinada, tudo chefe de divisão lá. Que receberam lá da... da ex-secretária, a documentação, você tem uma prova contundente, né? E aí eu imediatamente pedi que abrissem uma sindicância interna lá dentro do Ministério da Saúde. O que é que aconteceu, né? Bom, então a sindicância o que é que fez? Aí eu tenho o parecer, recebi ainda ontem, que eu recebi. Está lá dito claramente que aquilo ali é prova absolutamente convincente, de que eu encaminhei as portarias e que por alguma razão interna do Ministério não foram publicadas. Não acusa ninguém, né? Porque eu acho que eles não quiseram, mas eu tenho a prova! Puxa vida, está lá a declaração que a mulher tinha...! Que a doutora tinha os...!

FD - Isso já foi entregue à Justiça?

EC - Não. Agora vai ser entregue à Justiça. Está ainda pra... Não, todas essas declarações já foram entregues pra Justiça também, né? E até para o próprio procurador da República. Esse homem não tinha o direito de fazer o que ele fez! Quer dizer, ele não pode simplesmente porque ouviu uma coisa, ele simplesmente assaca um... uma coisa! Mas é muito grave! Quer dizer, praticamente, ele não diz formação de quadrilha, mas é só o que faltou dizer! O resto está tudo direitinho. Que eu teria então é... facilitado, contratado esse médico que veio que eu nem conhecia... Eu fiquei feliz quando eu consegui colocar como chefe da Divisão dos Hemoderivados, o técnico da Fundação Hemocentro... O que é que é a Fundação de Hemocentro de São Paulo? Ela é referência para a América Latina. Todo o controle de qualidade do sangue vem pra cá. Por causa da OPS! E é centro de excelência classificado pela Organização Mundial da Saúde. (risos) Puxa vida! Você recebe um técnico, você fica felicíssimo, né, de trabalhar! No entanto ele, sei lá como é que aconteceu isso na cabeça desse homem, ele chega e acha que já teria sido convidado porque eu teria combinado com o professor titular da USP – que eu nem conhecia e mal conheço, né? – que é o presidente da Fundação Hemocentro, né? Que é o professor titular da universidade, que ele confundiu as universidades, eu não sei, achando que USP e UNIFESP é a mesma coisa... Então formulou isso! E a prova que teria havido foi esse problema de eu ter segurado na parte final, a publicação dessas portarias. Coisa que não foi, não a... Então essa foi a prova que eu precisava, né? Agora isso foi lá, quer dizer, a

sindicância interna já foi feita e foi lá pra o... a Procuradoria da República e estamos aguardando o que eles vão dizer, né?

FD - Quer dizer, que esse é o último também que...

EC - E os outros que estão, eu estou esperando a resposta! Não pense que... teve coisas assim... é, curiosíssimas, né? Por exemplo, eh... além... além...além da... da... daquele problema da bolsa de estudo, também teve um outro problema com dois, um deles é o (tosse) João (inaudível) que eu falei aqui. (tosse) Teve dois problemas curiosos. Por portarias de ministros, antes de eu ser secretário, outros ministros, eles com muita frequência pediam que eu procurasse fazer comissões... técnicas pra avaliar determinados assuntos de medicamentos. Eu fiz. (tosse) E como eu fazia as reuniões aqui por economia... (tosse) – Precisaria de um pouquinho de água. – Eu convidava às vezes uma comissão de 8 professores, todos professores universitários... – ah, está aqui! Obrigado. – ... pra chegar ... até aqui. E como eu pedi a verba para o Ministério pra fazer isso, (tosse) eu, na verba eu pedia: devolução de despesa de professores que vinham. Que eu dava. Se era um dia inteiro, eu calculava quanto ganha um professor titular de uma universidade federal, dava cerca de 45 reais por meio período e dava 90 reais, por aí, por período inteiro. Se era reunião de dia inteiro eu pagava 90 reais. Pra ressarcir o táxi de Cumbica até aqui, custa 50 e poucos reais, né, pra ver. (telefone toca ao fundo) Bom, mas eram todos professores, quase todos de universidades federais. Bom, o que é que acontece? Esse professor... não sabia, nunca me informaram também lá, que você não pode dar uma verba federal para um funcionário público federal. Quase todos eram professores de universidades federais. Então, na realidade, eu teria cometido uma... uma... um ato ilegal, né? (risos) Um dos (risos) (inaudível) que foi o Matos. Eu até hoje não falei com o Matos, porque na realidade, eu acho até que chegaram a investigar na conta do Matos e do imposto de renda, e de todos os outros – são cerca de 70 professores – se eles teriam declarado ou não aquela importância recebida de 40... às vezes é de 2 dias, eram 140... Enfim, coisas dessa ordem, não mais do que isso. Mas você vê o transtorno mental que isso me causou, rapaz! Eu fiquei num estado de indignação, eu não sei como é que eu não tive um infarte! Eu falei: mas meu Deus do céu, quer dizer... – eu falei inclusive pra um dos rapazes que vieram – eu falei: ...olha, o que me dói acima de tudo, é ver vocês jovens trabalhando numa posição tão importante como essa de procurar zelar pelo dinheiro público do país, vocês vêm aqui se preocupar com 70 reais, com 140 reais que um professor aposentado veio pra auxiliar a gente, um professor do Piauí, outro de Pernambuco, pra auxiliar o governo e vocês deixam aí o seu tempo tão precioso ser gasto nessa porcaria! Quer dizer, é um negócio...! Isso, olha, é de uma indignidade, um negócio...! E aí é que eu vejo, o sistema funciona, viu, parece de uma maneira, não importa quem está lá. Pode ser um milico, pode ser um civil. É a mesma coisa! Isso é o que me deixou transtornado também, né? Bom, esse foi uma das coisas, essa não deu consequência nenhuma. A outra que está lá pra ser decidido dentro do Ministério da Saúde pela tal da (inaudível) é que à medida que eu podia, eu falava com o chefe da divisão, eu dizia: olha, eu estou com um funcionário aqui que já está há 10 anos, está casado, tem 3 filhos... Dá um jeito de contratar pela Fundação e eu vou conseguir a bolsa e assim que ele recebe a bolsa, né? Ele devolve o dinheiro pra vocês. Empréstimo o dinheiro, demora 6 meses pra chegar, mas aí a gente resolve, ele fica então registrado, tem conta a sua aposentadoria, pode ter as férias regulares, pode tirar parte das férias em dinheiro, esse tipo de coisa... E mais uma coisa importante, nós não ficamos o tempo todo com bolsa, afinal de contas até porque por causa da aposentadoria ele precisa pagar o INSS. E isso foi feito e eu não sabia, aí também e não me foi informado, que se a pessoa já é

funcionária não pode de modo nenhum receber. E o que aconteceu? Eu tinha conseguido um contrato de 20 horas por semana, pra ser médico trabalhando na outra Fundação, que é a Fundação da Escola. Fui contratado pela Escola Paulista de Medicina pra trabalhar 20 horas, então eu contratei pela AFIP [Associação Fundo incentivo à Psicofarmacologia], complementando o salário. Pronto, quer dizer, vão, vão, vão... até ir de encontro a um negócio lá...

FD - Vai (inaudível) porque aí a gente então não tem alternativa de...

EC - É. Não tem. É, não tem. Você sabe... É, não tem. Não, e por outro lado, quer dizer, você nem é capaz de imaginar um negócio dessa ordem. Porque ninguém lhe explicou nada, né, pra ver! Então eu estou esperando. Mas chegou um ponto tal também que eu tinha projetos com o Ministério da Justiça, o Conselho Federal de Entorpecentes. Pois o Ministério da Saúde informou lá dentro que deveriam fazer uma sindicância, vieram aqui, o Ministério da Justiça, e o rapaz que veio, que não estava instruído suficientemente, não tinha ninguém da (inaudível), né? Ele falou: olha, eu não estou entendendo! Está tudo certinho. Já estava tudo certo, não sei quê e coisa e tal, pra ver. Olha, é um jogo muito sujo, sabe? Uma coisa muito terrível, né? E eu acho que quando eu falo isso, deve ser até um alerta, quer dizer, é preciso modificar essa mentalidade de que quando você faz uma denúncia, você... puxa vida! Querem me calar e tal. O que me ajudou muito a resistir a essa coisa toda, pra ser franco, foi o que eu ouvi e vi o Haity Moussatché passar em Manguinhos, né? Se vocês acompanharam – não sei se vocês estavam nessa época, acho que não deviam estar – mas o Haity Moussatché é uma pessoa que eu tenho, eu reverencio a figura do Haity Moussatché, né? É o tipo da pessoa, é um comunista convicto, um homem assim de uma integridade moral, integridade ética, né? E um intelectual! Intelectual que tinha uma ideologia que tinha de ser respeitada, ele... mesmo que você não concordasse com a ideologia dele. Quando estourou a revolução, ele foi vítima de uma perseguição que, olha! Entraram... tudo! Fuçaram todos os problemas, os projetos que ele teve no CNPq, coisa por coisa... Foram indo, foram indo, foram indo... é! Até o dia que não conseguiram encontrar nada, eles puderam fazer... eles foram no laboratório do Haity Moussatché... Procura saber isso da história...

FD - Nós temos isso lá. Nós temos uma entrevista imensa...

EC - É? Então eles pregaram – segundo me informaram porque eu não vi pessoalmente – pregaram assim 2 tábuas, não podia mais entrar! Logo depois ele teve aquele acidente vascular-cerebral e tal, né? E foi pra fora. E depois quando ele estava, você veja, eu participei de... num Simpósio de Plantas Medicinais no Brasil, que foi feito aqui, né? (risos) nós pedimos... o Haity Moussatché pudesse voltar ao Brasil. Por que o que aconteceu? Ele teve que sair, se exilou na Venezuela, eu sempre me correspondia com ele... eu acho que uma filha dele ia se casar, né? E ele não conseguia revalidar o passaporte dele. O Itamarati não cedia! Você vê que coisa, que coisa pequena, né?! Uma coisa assim...! e nós fizemos uma moção pedindo a volta dos cientistas que estavam fora, não sei quê e coisa e tal. Aí eu me lembro que nessa reunião também estava o representante da CEME. Levantou furioso...! (risos) Nossa! Bom, você viu?

TF - Foi ridículo!

EC - ...Nossa! furioso! O que não está escrito lá é que o dr. Vale teve que nos separar. Porque eu fiquei também transtornado com isso e eu acho que ele quis partir em cima de

mim. E olhe, eu também quis partir em cima dele! (risos) Então foi um (risos) (inaudível)... Uma coisa horrível aquilo! Depois...

TF - Na parte está escrito que vocês partiram, mas (risos) a parte da discussão não...

EC - É, está lá...

TF - ...Tá transcrito (risos). Isso aí acabou?

EC - Encerramos? Porque, olha, nós...

TF - Não, eu só queria que o senhor falasse uma última coisinha. Existe um projeto de criação na Amazônia, nós já tocamos na Amazônia rapidamente, um projeto de criação do Instituto de Biotecnologia da Amazônia. O senhor tem...

EC - Não, eu não tenho tido... Olha, eu recebi uma vez uma comunicação, senão me engano, pelo dr. Isaías Raw de qualquer coisa nesse sentido, que havia uma reunião, mas eu não compareci. Eu... eu... Eu tenho uma postura, eu, por exemplo, olha, eu não sou contra, mas não sou nada a favor também, viu? Eu sou neutro e se eu for pensar bem, eu acho que... se nós não tivermos realmente solução, se nós não nos aliarmos a outro e vamos pesquisar e pesquisar independente da gente, então é a saída, né? Quer dizer, é inevitável? Relaxe e aproveite. Quer dizer, eu considero isso um estupro, né? (risos) Não dá pra evitar, vão se apropriar de tudo, relaxe e aproveite! Quer dizer, entre junto na história, né? Agora, fora daí, eu não acredito de jeito nenhum em neutralidade e nem na isenção econômica de qualquer projeto dessa ordem. Pra mim tem que ter por trás um interesse, é óbvio, é óbvio! E seria insano se não fosse isso! Quer dizer, não estaria na lógica das coisas humanas, né? Quer dizer, então, eu sou brasileiro, tá, aí meu país me manda numa excursão lá em Moçambique. Eu descubro que lá em Moçambique tem uma planta fantástica que está dotada de tais e tais propriedades e coisa e tal, né? Estou fazendo um trabalho junto com outro cientista, não sei quê e tal e coisa. E eu, será que eu volto aqui, ou fico absolutamente mudo? Eu não vou ficar mudo! Eu vou falar: puxa, pro Brasil seria interessante estar nessa boca também! Quer dizer, eu acho... Então eu não vejo com muito entusiasmo esses projetos todos, viu? A não ser que nós fizéssemos mesmo essa ideia da globalização, não existe mais fronteira, né? E aí tudo bem! Quer



dizer, os donos são os donos e os outros que não são donos, não são donos e ponto final. A minha postura é meio, nesse sentido é meio... (risos) antiprogressista, eu acho.

FD - É antiglobalizante.

EC - Antiglobalizante.

TF - tem alguma coisa que o senhor acha que tenha ficado...

FD - Sem falar...

TF - ...sem falar?

EC - Não. Eu já nem sei mais o que eu falei. Porque eu nunca falei tanto na minha vida! Viu? (risos) é...

TF - O senhor não tocou sabe em que assunto: na agronomia. Né? Nós falamos da bioquímica, falamos da farmacologia... e a agronomia, que na realidade, na década de 30, 40 e até 60, né, já existia o Instituto Agrônomo, o (inaudível) de janeiro, que tinha força, criou a EMBRAPA [Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias], né? Mas tinha uma força, é colocado pelos químicos, né? Hoje em dia a agronomia está acompanhando a agronomia do país, digamos do ponto de vista.... Eu queria que o senhor desse uma... uma pala.

EC - É um assunto que é assim, até fora do meu interesse. Quer dizer, da agronomia o que eu me interessei, foi uma coisa tão pequenininha em relação à EMBRAPA, que era o seguinte, por exemplo...

### **Fita 7 - Lado B**

EC - ...A preocupação que eu tinha e que eu tenho, é o seguinte, se você, à medida que você vai trabalhando com plantas, você vai tornando essas plantas mais conhecidas. Então o risco que pode ocorrer é de haver uma depredação da natureza. Quer dizer, acabar a... extração, simplesmente assim, predatória, fazer com que essa planta fique ameaçada de extinção. Então eu acho (ruído de telefone) que deveria por parte da... – Alô! Sim. (pausa na gravação) Achava que deveria haver um programa nacional em que isso fosse tomado como prioridade, né? Quer dizer, a medida que as plantas fossem estudar ou mesmo as plantas que são de uso mais corrente pra população, que já tem aí nessas (inaudível). Fora isso não tenho assim... Como cidadão! Assim como curioso, às vezes eu acompanho pra saber como é que é essas grandes plantações de soja... Isso é

interessante pro país, não é, né? Monocultura é uma coisa importante ou não. Quer dizer, essas coisas todas..., mas assim, não daria opinião...

TF - Esses trabalhos de melhoria de sementes, de...

EC - Ah, não! Isso tudo é óbvio, né?! Agora tem essa discussão sobre transgênicos por exemplo...

TF - Pois é.

EC - ...eu não me envolvi nela de jeito nenhum. Não... não... Acho estranha a discussão, simplesmente, talvez, por ignorar todo o significado disso, né? Tenho acompanhado. Parece que tem havido protestos no exterior também, uma grande defesa. Aí tem os interesses econômicos enormes no meio também... Tudo isso eu não sou capaz de opinar não.

TF - Mas é uma área que aqui no Brasil a gente poderia ter dentro desses encontros que vocês fazem, das plantas, não sei quê... Uma área que tem dado resultado...

EC - Ah, eu acho que não. Eu acho que não. Eu acho, por exemplo, que plantas, pesquisas de plantas medicinais, deveria se restringir exclusivamente a esse aspecto, à... à ação dessas plantas no organismo vivo. Ela é útil ou não é útil? É tóxica ou não é tóxica? E tudo mais deveria vir como, como... meio de fazer com que este estudo... principal tivesse sustentação. Por exemplo, é óbvio que aqui, a agronomia tem que entrar com uma importância muito grande! Porque não adianta nada ter aí uma planta que ocorre na Amazônia, que demora 200 anos pra servir e tem uma semente miraculosa a cada século. Quer dizer então, não adianta. Então tem que haver esses aspectos todos que vão se complementando entre si, né? Agora, de repente começar a estudar sementes transgênicas? Não, não... Agora, mesmo a produção, por exemplo, eu ouvi dizer que você hoje, pode... você não precisa mais plantar, por exemplo, a papoula pra ter a morfina. Você pode fazer através de processos genéticos, fazer então o sistema enzimático que produza, né, simplesmente trabalhar isso in vitro, não é. Quer dizer, então eu fico imaginando (risos) o seguinte, quer dizer, do ponto de vista assim de humanismo de um modo geral, né?

Eu visitei a fábrica mais moderna de medicamentos que eu vi no mundo. É a fábrica do Laboratório (inaudível) na França. Ela tem uma concepção curiosa. É um (inaudível) de uma pequena cidade, são pequenos laboratórios, fábricas, né, distantes, comunicadas por baixo por túneis que são operacionalizados por robôs, né? Por robôs. Você vai numa das salas, você vai no 4º ou 5º andar, então chegam, lá em cima estão chegando a matéria-prima, que já foram testadas em algum outro local, boa parte por processos também robotizados. Chego lá em cima. Bom. Aí o que acaba ocorrendo? Começa a haver a mixagem num andar, depois passa no outro, depois passa no outro... no último andar, você vai lá embaixo, você vê sair a caixinha que: “plim, plum”, que já cai numa caixa grande, que monta e fecha e sai uma embalagem de 100 unidades. Não tem uma mão humana ali! Desde lá de cima até embaixo! A única coisa que tem são os técnicos que vão de tempo em tempo conferir os números das caixas. Um negócio... eu fiquei abismado! Eu fiquei abismado! Mas isso é fantástico, tá? Mas quantas pessoas perderam emprego? Então, eu acho que isso é um ponto que tem que ser discutido também quando eu falar de farmacologia ou desses processos. Vou agora fazer através... em vez de manter 10 pessoas no campo, trabalhando, cultivando, eu tenho um robô, que de tempos em

tempos um técnico vem a cada semana ver se está funcionando, a cada 15 dias faz uma manutenção de 10 minutos. Então num país como o Brasil, isso tem que ser pensado! Na minha opinião. Não dá pra simplesmente... Nós temos um exemplo aqui, o nosso laboratório aqui que é moderno pra poder fazer bem feito o exame do SUS que tem de fazer, ele seguramente ele... num outro, se você pegar um outro laboratório oficial, nós trabalhamos com cerca de 15 a 20% no máximo de funcionários necessários pro outro que não está totalmente automatizado. Eu tenho que falar com a pessoa agora, tá bom?

Quinta entrevista

Data: 04 de dezembro de 2000

### **Fita 8 - Lado A**

TF - Entrevista com o professor Elisaldo Carlini, no dia 04 de dezembro de 2000, na Escola Paulista de Medicina, para o Projeto Plantas Mediciniais da Casa de Oswaldo Cruz. Entrevistado por Tania Fernandes e Daiana [Cruz Chagas]. Bem, professor Carlini, é... eu comecei a identificar algumas lacunas, né? Na... que eu gostaria de explorar com o senhor. Aí eu queria retomar algumas questões para nós aprofundarmos. Como o senhor é um dos entrevistados fundamentais... eu queria colocar o seguinte: que algumas questões com relação a financiamento e manutenção desses grupos de pesquisa, que eu queria que a gente aprofundasse. Então, do quê que eu estou partindo? É... o senhor se formou na década de 60, né? Nessa década...

EC - Me... me formei na década de 50. Me formei em 57.

TF - 50. O senhor começou aqui a trabalhar...

EC - Exato, 60.

TF - Nessa década. Então, na década de 60, houve toda uma regulamentação das pós-graduações, né? Quer dizer, uma perspectiva de aprofundamento, de incentivo ao crescimento da pesquisa...

EC - Certo.

TF - Colado com as pós-graduações, certo? Regulamentação de 65, 70... e... é... Inclusive, em 68, o CNPq fez um levantamento das instituições capazes de ministrar esses cursos de pós-graduação. Então, eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre essa... esse papel do CNPq.

TF - Pronto, o senhor pode.

EC - Bom, vou ver se eu me lembro, inclusive, do que eu disse da última vez. Porque às vezes dependendo do estado de espírito da gente, você fala... coisas diferentes, né? Você, veja, o que eu me lembro basicamente é o seguinte: eu fui para o exterior em 1960 e eu voltei em 1964. E eu fiz na Universidade de Yale minha pós-graduação lá. Eu fiz então meu mestrado em... Farmacologia. A... Eu... podia continuar com o doutorado, mas

resolvi voltar porque eu tinha medo de não voltar mais. Quer dizer, eu estava achando que depois de 4 anos estava difícil o retorno, inclusive. Bom, quando eu cheguei aqui no Brasil, eu..., eu..., achei que era fundamental fazer curso de pós-graduação semelhante aquele que eu fiz na Universidade de Yale. Então, eu montei um curso em 64, 65 por aí... Já voltei em 64... Em 65 eu comecei lá na Faculdade de Medicina de Ciência Médica na Santa Casa de São Paulo. E eu me lembro que nesta época, outros colegas tiveram ideias semelhantes. Nós começamos então a instituir pós-graduação nas áreas... áreas afins a área de medicina e que tinham, inclusive, créditos, pontuações... exigisse tempo integral... a tese era parte fundamental, a mais importante, mas que exigia formação também e tudo. Obviamente, na época, o... Eu não me lembro bem, eu estou tentando lembrar aqui o papel do CNPq... Quer dizer, CNPq sempre foi fundamental, às vezes com maior possibilidade de auxílio, às vezes com menor possibilidade de auxílio, mas eu acho que o CNPq teve um papel muito preponderante. Eu acho que agora, talvez, tenha decaído muito, né? Na formação, com certeza, um número muito grande de bolsas, inclusive, saídas para o exterior, auxílios para o exterior. Eu não me lembro especificamente de um momento... Eu não estou recordando mais... um papel específico do CNPq em ter estimulado e formado... dado... o primeiro esqueleto da graduação no Brasil.

TF - Centros de excelência, o senhor não se lembra se a Escola Paulista de Medicina foi incluída como centro de excelência?

EC - Não me lembro... Eu não me lembro se foi incluída como centro de referência não...

TF - De excelência.

EC - Centro de excelência também não me lembro. Eu sei que nós tivemos grau A, mas esse grau A só veio depois pela CAPES, né?

TF - Esse é mais recente.

EC - É. Na época, não me lembro não. Não me lembro disso.

TF - Inclusive, tem informação... De por exemplo, o grupo de vocês está num simpósio... No 1º Simpósio, que o senhor organizou... Que... tinha havido uma reunião em Belo Horizonte com o CNPq, que eu não consigo achar referência sobre essa reunião. Então, essa reunião teria estimulado, inclusive, vocês a tentarem... começar a se organizar esse grupo de plantas medicinais.

EC - É...

TF - Aí fazer um Simpósio que seria uma perspectiva de fazer uma avaliação... Vocês fizeram uma listagem das instituições que já estavam trabalhando com plantas medicinais e ficariam então... Começaria a negociar com o CNPq essa... esse financiamento...

EC - É, são memórias que já se esvaziaram da minha cabeça. Eu não estou mais lembrando disso exatamente não, como é que foi. A... eu me lembro desse aspecto em relação ao 1º Simpósio, que achava que havia necessidade de congregar químicos, farmacólogos, botânicos... para discutir o problema. Mas, especificamente, reunião de

Belo Horizonte! Eu estou tentando lembrar aqui... Não estou... Não estou recordando não.

TF - Era uma reunião do CNPq... que... Então, enfim, teriam tirado como indicação essa... Não só das plantas medicinais, mas me parece que seria uma reunião mais global... que seria...

EC - Foi durante...

TF - ...mais direcionada pelo CNPq.

EC - Foi durante alguma SBPC, será?

TF - Não, não, não.

EC - Mas, nem específico...

TF - Me pareceu que não, me pareceu que não. O senhor tem referência no Simpósio.

EC - É.

TF - Eu não acho nada com relação a essa...

EC - Eu sinto muito, viu? Eu também não me lembro não.

TF - E a reforma de 68, como é que ela foi para você? A Escola Paulista se transformou em Federal, quando mesmo?

EC - Veja, veja... é... eu não estava na Escola Paulista até 1970. Quer dizer, eu estava na faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa e eu estava todo envolvido... com ensino e a tentativa de formar um grupo de pesquisa com plantas medicinais e outros aspectos da farmacologia numa Escola privada, pública, porque era a faculdade de Santa Casa. De maneira que até eu, no presente momento assim... eu não estou muito recordado como é que foi que a Escola Paulista de Medicina reagiu a... a reforma de 1968. A Santa Casa de São Paulo era uma instituição assim muito... muito isolada do... do... Eu me lembro que existia lá uma... A Santa Casa tinha mordomia, né? Tinha ao contrário do que a gente fala hoje em dia, mordomia. Quer dizer, mordomo, na Santa Casa, eram pessoas que deram uma grande contribuição para Santa Casa, né? E... e eles eram, então, geralmente senhores de muita idade, velhinhos, que se reuniam para discutir os destinos da Santa Casa... E até diziam uma brincadeirinha lá, que quando para selecionar um professor... Um professor não, um mordomo na Santa Casa, você botava uma cordinha na porta de entrada de 20 centímetro de altura, se eles conseguissem levantar o pé e passar, eles estavam aprovados. Então, nós vivíamos muito isolados na época. Eu tenho impressão que teve muito pouca repercussão... E eu não estou lembrado particularmente de nada em relação a esse aspecto não. Pelo menos agora... eu não tenho lembrança nenhuma para te dar.

TF - Tá. Aí, quando o senhor veio para a Escola Paulista... Quando o senhor estava na Santa Casa... A Rockefeller financiava pesquisa... Inclusive, a sua bolsa foi da Rockefeller, não foi?

EC - Ah, isso antes, foi antes. Vejamos: a Fundação Rockefeller na década de 58, 59, começou a empregar dinheiro aqui na Escola Paulista de Medicina, distribuiu bolsas e eu ganhei uma bolsa em 1960. Eu fiquei de 1960 a 64 nos Estados Unidos e voltei então, e a Fundação Rockefeller ainda me manteve durante um ano mais ou menos aqui com salário. A... um ano não, alguns meses. E... ela parece que deu dinheiro também para... praticamente a Bioquímica e Farmacologia da Escola Paulista, ela funcionou porque a Fundação Rockefeller deu grande apoio, né?

TF - Ela... ela apoiava com bolsas para fazer cursos ou apoiava o laboratório?

EC - Não, ela apoiou o laboratório mesmo. Eu... eu me lembro que um pouco antes de... Eu, por exemplo, eu me formei em [19]57. 58, 59 eu queria desesperadamente e fiz pesquisa desesperadamente. Mas 58, 59 eu... não tinha nenhuma oportunidade de receber aqui através da Escola... (inaudível) Quer dizer, não pagava a gente, né? Então, foi a Fundação Rockefeller que me deu bolsa aqui... Eu não me lembro se [19]58 ou 59, ou 58 e 59, que me permitiu continuar trabalhando. Então, ele estabeleceu um programa de auxílio, bem claro aqui, para alguns setores da Escola Paulista de Medicina. Eu acho que a Biofísica recebeu, a Bioquímica e a Farmacologia também receberam, né? Para ver... E isso combinou, no meu caso, com uma bolsa para o exterior. E quando eu voltei, eles me deram alguma verba para continuar, mas logo depois eu saí daqui porque, inclusive, não consegui minha nomeação.

TF - Mas aí, então, a Fundação Rockefeller parou de financiar...

EC - Parou. Parou logo depois... Parou. Que eu saiba ela parou de financiar, pelo menos no nosso caso. Aliás, tinha que parar mesmo, né? Porque isso é o tipo da coisa... Dá impulso, se o Governo não continuar... É sinal que não há interesse nenhum. Isso foi a mesma coisa que aconteceu com as Nações Unidas que nos amparou aqui durante... cinco anos para criar o nosso CEBRID. Foi verba... Mas tinha lá um contrato em que o governo brasileiro se interessava para as Nações, depois assumiria a responsabilidade. Assumi coisa nenhuma! Então nós estamos aí “ao Deus dará”, né? Como nosso CEBRID...

TF - O CNPq não assumiu posteriormente esse financiamento?

EC - Não. Não assumiu. O que você fazia era fazer um projeto no CNPq para ver se conseguia verba ou não. Mas um projeto assim, de instituição, de assumir... Não. Comigo pelo menos nunca aconteceu, né? Eu recebi projetos, verbas assim do... do CNPq. Mesmo em 64, 65, eu recebi da CAPES. Foi um projeto também assim, meio...é... individual... Não foi uma coisa assim de uma instituição não.

TF - E a CEME [Central de Medicamentos]?

EC - Bom, a CEME, acho que teve o papel mais preponderante que jamais aconteceu no Brasil em termos de plantas, né? A CEME designou um grupo de trabalho... Tinha lá do... Raimundo... Raimundo Machado [refere-se a Edmundo Machado] e a Cyrene [dos] Santos Alves, eu acho. E várias outras pessoas. Eles fizeram um projeto com muita... Eu acho muito bem amparado na realidade. Selecionaram alguns grupos de pesquisadores. Pesquisadores selecionaram um grupo de plantas e ela então financiou pesquisa sobre

essas plantas. E ela começou a prosseguir mais do que isto. Ela procurava, por exemplo...  
... Estávamos onde mesmo?

TF - Na CEME.

EC - Na CEME, né? E ela fez mais coisas. Ela designou um grupo de químicos, por exemplo, que iria preparar extratos para a gente e começou a designar um grupo de botânicos para fornecer o material. Então, esse projeto foi muito bom e foi uma infelicidade o projeto ter parado. Que ele estava indo muito bem o projeto, eu acho. Financiou... financiou um grupo também que começou a fazer a... controle de qualidade... começou a querer controlar o... controle de qualidade desse produto... Então, sem sombra de dúvida, eu acho que esse projeto da CEME foi muito bem bolado, muito bem feito e foi uma pena que ele tenha acabado.

TF - E eles chegaram.... O projeto da CEME foi de quando a quando? Ele acabou com Collor, né? Não foi?

EC - Acabou com o Collor. Acabou com o Collor, é. Eu me lembro até que eu fui na CEME e eu entrei na CEME e fui maltratado... Quer dizer, maltratado não... Mas assim, tratado com uma indiferença, com uma grosseria pelo... pelas pessoas que entraram lá. Não consegui nem falar. Eu percebi logo que não estavam nem querendo ouvir coisa nenhuma e eu era... eu era um dos... dos membros do grupo que fazia parte... aconselhava a CEME a... (inaudível). Então foi na época do... do... do Collor sim. Agora, antes, eu acho que teve uns quatro anos de duração. Quer dizer, deve ter sido 85, 86 até 90 então, né?

TF - Ele financiava até produção do medicamento. Quem fazia a produção do medicamento?

EC - Não. Produção do medicamento, pelo menos comigo, eu não sei. Quer dizer, o que aconteceu é que estava financiando pesquisas e chegaria até a produção do medicamento. Eu não sei de nenhum medicamento que saiu do projeto. Quer dizer, o que eu soube foi de vários projetos... várias substâncias de várias plantas... chegaram até uma fase que realmente tinham provado que havia uma certa ação farmacológica... terapêutica já! Por exemplo, nós fizemos com a “Espinheira-Santa” aqui. A... (tosse)... A gente fez a parte pré-clínica, pré-clínica... farmacodinâmica, toxicológica, fase I clínica, fase... Até chegamos a experimentar fase II clínica. E chegamos até... até provar que a “Espinheira-Santa” tinha efeito em assepsia não sedativa. Na Unicamp também teve lá um grupo que trabalhou com o (inaudível) que era um (inaudível), mostrando realmente o efeito... Eu acho que dor da artrite, né? Então, ele chegou até a parte... Depois eu não soube de mais nada. Quer dizer, parou o projeto. Quer dizer, na fase de fazer o medicamento, parou. Eu me lembro que na época que eu tentei obter o registro da... da “Espinheira-Santa”, a CEME já estava desinteressada, não sabia como pro... Registro não, a patente! Não havia interesse. Depois, ainda, eu tentei falar com a FINEP. Eu falei: “quem sabe a FINEP não ... não... não tentaria ver...” Porque não existia... não existia patente a nível nacional, só a nível internacional. No fim eu recebi tanto documento, que eu desisti. Hoje em dia está patenteado pelo Japão, essa planta, né? Então, eu não sei de nenhum medicamento que tenha a base de planta tenha surgido do projeto CEME, não. Aliás, na realidade era muito pouco, né? 3, 4 anos não dá para você chegar imediatamente e produzir um medicamento. Quer dizer, se você for fazer de acordo com a lei, o que exige, toda pesquisa pré-clínica

em três espécies de animais pelo menos, depois você faz todos aqueles testes de genotoxicidade...de câncer... ação ou não câncer genética... mutagênica... Você depois tem que fazer toda a farmacodinâmica, depois você tem que fazer a fase I, que sempre demora meses, depois a fase II... Pelo menos até a fase II clínica... Isso é coisa de 4, 5 anos, no mínimo! no mínimo. Não fica no preço que fica o medicamento lá fora, mas geralmente fica... Sei lá! Fica um décimo, um... um cinquenta avos, né? Do que... demoraria... custaria o projeto, uma... uma pesquisa fora do país. Mas o tempo você não consegue reduzir muito. Talvez 10 anos reduzisse para 5, 6 aqui.

TF - Havia... havia uma interação entre vocês... Quer dizer, eram vários projetos de vários grupos diferentes financiados pela CEME, certo?

EC - Sim.

TF - Havia uma interação entre vocês... Sei lá... um seminário, uma apresentação qualquer...

EC - Não. Não. Porque... Uma interação não. O que... o que nós fazíamos era reunirmos de tempos em tempos. A CEME promovia lá uma reunião, onde a gente discutia os assuntos, mas cada grupo tocando as suas... as suas pesquisas. Eu... eu lutei muito, mas lutei demais, inclusive, com a CEME e depois com a... com a FINEP e deu tudo em “água de barrela”, né? Para o seguinte: eu dizendo: olha, se nós não... não nos unirmos e fazemos um grande projeto nacional, não vai sair nada, porque toda vez que eu tenho...”. Quer dizer, eu trabalho na área de princípios ativos, né? A... plantas com atividades de princípio ativo. Bom, aí eu tenho que provar se a planta tem ou não tem efeito a nível do cardiovascular, depois tem que verificar se a planta tem ou não efeito no respiratório... Eu não faço essas áreas! Então, eu deveria assumir... Nós deveríamos assumir o seguinte compromisso: se tem uma planta sendo estudada no programa oficial, ela vai... Por exemplo, a planta cardiotônica. Então, tem um grupo de cardiologia ou de farmacologia do coração que é responsável por essa planta, está trabalhando, mas esse grupo teria que ter a sua disposição, um grupo, por exemplo, de central..., um grupo de renal..., para verificar se essa planta que está estudando não teria nenhum problema nessa... nenhum outro efeito nesse sistema diferente. Se fosse aceito, poderia então trabalhar (inaudível). A CEME me financiaria, por exemplo, para trabalhar com uma planta que tem um efeito... antidepressivo. A... eu trabalharia, mas pelo contrato que eu assinaria com a CEME para ter dinheiro para fazer esse projeto, eu também estaria me responsabilizando para verificar se a planta... pesquisada lá no Ceará, não teria para efeito, vamos supor, antiparasitário, não teria efeito no sistema nervoso central. E eles lá, do Ceará, se eu achasse que deveria fazer uma pesquisa sobre antiparasitário, eles teriam também que verificar se a planta não teria efeito antiparasitário. Então, eu acho que esse seria um projeto que poderia ir para a frente, quer dizer, infelizmente ele... ele não pegou. Eu acho que seria uma coisa importantíssima! 10,15 centros, cada um especializado numa área e quando entrasse uma planta que seria de um grupo, essa planta... esse grupo teria a primazia, mas os outros grupos seriam obrigados a fazer também colaborações. Acho que seria muito importante.

TF - Me diga o seguinte: a CEME também financiou a parte de química, botânica...

EC - Financiou. Financiou. Eu, por exemplo... Eu me lembro que no Rio de Janeiro foi financiado um grupo, do Ceará foi financiado outra parte de botânica... Teve até grupos



que ficaram responsáveis para plantar, coletar e identificar. Nós só trabalhamos com planta... trabalharíamos com plantas devidamente identificadas. Também financiou grupos de química... Só que eu não me lembro mais desses nomes todos, né? Tempo já... São mais de 30 anos, né?

TF - Como é que a CEME escolhia isso? Era numa bancada? Vocês colocavam o projeto e ela selecionava quem ia fazer... Tinha um programa mínimo... Você já falou que não tinha um programa nacional...

EC - Não.

TF - Como é que escolhia isso. Quer dizer... o senhor...

EC - Bom, eu não sei...

TF - O senhor precisava... Só me esclarecer já: o senhor precisava de alguém da química, né? E da botânica para direcionar a planta para o senhor.

EC - Sei... mais aí, é...

TF - O princípio... o princípio poderia ser assim...

EC - Não. Isso é o que eu acho que deveria ser.

TF - Sim.

EC - Mas não era assim.

TF - Não era assim.

EC - Não era assim. O que acabava acontecendo, por exemplo, era o seguinte: o que a CEME procurou fazer de início era: você tem a planta bem... bem identificada e se possível cultivada, tá? Aí você teria algum extrato inicial que deveria ser feito pelos grupos e a partir daí ponto final. Uma vez que eu recebesse o extrato x, tudo era por minha conta. Eu não teria, por exemplo, um grupo para verificar se... inibir a enzima x ou y na parte de bioquímica. Não teria um grupo para verificar se a planta poderia fazer... teria um teste a... diurético ou não. Esse tipo de coisa... isso não... não chegou a ser implantado não. Então os grupos estavam independentes, né?

TF - Sim, mas como é que elas... como é que ela elegia esses grupos?

EC - Bom, eu acho...

TF - Chegou a ter essa notícia?

EC - Não. Eu acho que, na realidade, elegeu por... pelo currículo dos grupos. Então os...

TF - Ela não escolhia um grupo de plantas, por exemplo. Como é que ela trabalhava?

EC - Você quer dizer, escolhia a planta?

TF - É.

EC - Não, não. A planta nós tínhamos um grupo. Quer dizer... eu pensei... que fosse escolher os grupos... não, a planta, né?

TF - Não, mas eu digo assim, são duas coisas: quer dizer, a princípio me parece que a CEME deveria ter, pode ser que não tivesse, o objetivo de chegar a alguns medicamentos.

EC - Ela queria pesquisar planta para chegar em algum medicamento...

TF - Então ela privilegia... Vamos estudar “Espinheira-Santa”, por exemplo.

EC - Não, não foi ela que elegia. Ela designou um grupo que se reunia e escolhia as plantas. Nós escolhemos... foram... dois

TF - Sim.

EC - Foram dois ou três reuniões de vários grupos de químico, de farmacólogos e de botânicos. Nós elegemos então uma seleção de plantas. Primeiro grupo elegeu... acho que foram 30 e poucas plantas, depois teve uma segunda com 70 e poucas plantas, né? Então... plantas que foram... foram eleitas por um grupo de especialistas: farmacólogos, botânicos e químicos que estavam lá fazendo...

TF - Era uma espécie de assessoria a CEME?

EC - Era um grupo que assessorava a CEME, né? E que... quase todo esse grupo... eram as pessoas que faziam parte desses grupos também de pesquisa.

TF - Vocês escolhiam as plantas...

EC - Escolhíamos as plantas.

TF - E aí, de certa forma, a CEME escolhia quais eram os grupos que iam trabalhar com que plantas.

EC - Não, nem tanto. O grupo próprio escolhia. Por exemplo, eu... eu chegava lá e dizia: “Olha, eu tenho 5 plantas que eu gostaria que fosse estudado...”. O outro mais 5, outro mais 5, mais 5... Então, se fazia uma seleção, discutíamos... Bom, dessas 5, 3 vale a pena, né? Então eu ficava com essas plantas, né? Ou então um vale a pena. Eu ficava. Quer dizer, eu propus, eu... Não havia, por exemplo, uma redistribuição por parte da CEME... Eu não me lembro disso ter sido feito não. A não ser, por exemplo, se eu propusesse 5 ou 6 plantas e tivesse outro grupo de droga psicoativa, especializado em estudar psicofarmacologia e que na hora ele resolvesse... “olha, eu gostaria de trabalhar com essa planta também”. Quer dizer, você então... mas isso era entre nós... Não a CEME dizer: pega isso ou pega aquilo. Isso não era não.

TF - Não tem nenhum documento da CEME formalizado essa...

EC - Tem, acho que tem. Eu não tenho... Posso dar uma olhadinha para ver? Eu não sei...

TF - Depois.

EC - Depois. Talvez eu tenha... mas olha, é coisa... de tempo em tempo eu vou jogando tudo fora... porque senão... Só estou com quatro arquivos aqui, não cabe tudo. Eu me lembro... Por exemplo, uma outra coisa que a CEME fez também, foi um grupo de farmacólogos... quer dizer, os testes mínimos para a gente considerar... para poder investigar... Então, por exemplo, nós estabelecemos quais eram os testes para diagnosticar efeito analgésico. Quantos testes devem ser feitos. Então, se algum grupo quisesse pesquisar uma droga analgésica, qualquer parte... tinha no mínimo que seguir aqueles testes mínimos, né? A... dava até números de animais... Então, se era uma droga para uso agudo, então, quanto tempo nós deveríamos fazer uma toxicologia? 15 dias. Se era uma planta para ser usada por muito tempo... casos de doenças crônicas que você... diabete, hipertensão... Então você teria que fazer estudo toxicológico muito mais longo, né? Tudo isso foi bem designado e tal... Aliás, até para dizer a verdade, quer dizer, a primeira resolução do Conselho Nacional de Saúde, que é a resolução técnica sobre pesquisa clínica, tem uma parte básica que se exige antes da parte clínica, em parte foi a gente que levou essa colaboração da CEME. Quer dizer, nós propusemos que... “olha, vocês vão estudar essa parte aqui que a CEME já propôs”. Nós ampliamos isso e isso foi uma contribuição... A CEME acho que nem existia mais, não estava nem mais ativa quando foi feita essa... A resolução... a resolução nº 1 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa, ética de pesquisa foi feito em 1988. Então a CEME já estava praticamente bastante... dilapidada nessa época, ela não estava muito mais ativa não.

TF - Existia assim, um processo de avaliação... Vocês faziam... ou era um projeto renovável a cada ano baseado em avaliação ou não...

EC - Era avaliado lá pela CEME.

TF - Sim, pois é.

EC - Era a CEME... Quer dizer, não era... não era por nós. A avaliação não era feita por nós...

TF - Era a própria CEME.

EC - Era a própria CEME, inclusive, mandava críticas e... Eu não sei quem eram os... os... os referidos lá, não sei quem eram os consultores... A CEME avaliava, isso com certeza.

TF - Eles visitavam vocês para uma avaliação...

EC - Não. Eu nunca recebi visita não.

TF - (inaudível).

EC - Não, não recebi.

TF - Me diga o seguinte: e... e... o senhor tinha me falando da CEME... que o senhor

propôs a CEME dividir uma patente. Como seria isso? A CEME patenteando... a CEME financeira e (inaudível)

EC - Eu não... eu não tinha a mínima ideia como eu não tenho a mínima ideia... Agora eu tenho ideia porque já tem duas patentes aqui rolando, né? Mas aí, a gente viu... Eu falei: “Olha, essa planta talvez tenha interesse em patentear porque ela tem um efeito... ela tem uma tradição de uso, é uma planta nacional, quer dizer, então uma planta que só ocorre no Brasil, (inaudível) também”. Eu tentei verificar como é que se patenteia um negócio desse. Eu não consegui saber, quer dizer, eu soube que não se tinha patente no Brasil, então não podia pedir aqui... Eu falei: como é que não pode pedir... Tem que... tinha que se pedir no exterior. Eu tentei arrumar... ver como é que... Não souberam me informar, não houve interesse. Aí eu entrei em contato com a FINEP, falei: “Olha gente, vamos patentear isso de qualquer maneira...” Não houve possibilidade nenhuma também, não saiu nada. A única coisa que eu me lembro é que depois de muito tempo eu recebi uma carta ... Mas, olha, mas recebi um...coisa de uns 20 centímetro de altura que eram papéis para preencher... Olha, isso não é papel meu, quer dizer, eu não... não vou perder tempo nessa papelada toda se não tem interesse por parte do governo. A minha Universidade, que era a Escola [Paulista de Medicina], não tinha ideia de como preencher também, fazer o pedido. Eu falei: para mim não... não me interessa. Então deixei de fazer isso. Agora, por exemplo, com a Lei de Patentes no Brasil, que eu sempre lutei contra, fui um... Achei estranhíssimo porque facilitou tremendamente, quer dizer, nós retomamos o estudo com a “Espinheira-Santa”, interessou ao Laboratório Achè, que é um laboratório nacional, sem sombra de dúvida foram lá, mexeram... Já tem aí um pedido de patente feito e uma segunda planta também está sendo feita por um outro laboratório, um laboratório nacional, por Biossintética. Então, criou-se no Brasil a mentalidade que patente é uma coisa que pode ser pedida, né? Na época, era uma negação, pelo menos na parte da universidade, não tinha a mínima ideia do que era isso, né?

TF - Mas patentear plantas, o senhor me explica um pouco isso.

EC - Não, não. Não é patentear a planta. Não, não. Eu queria patentear o uso...

TF - Patentear o processo...

EC - Eu pensava em patentear o uso da planta, né? O uso terapêutico, a indicação terapêutica. Isso existe fora daqui (inaudível).

TF - Patentear o uso ou o processo de extração...

EC - Bom, aí é que tá. Agora, no Brasil, você só patenteia o processo de extração, ou extrato ou alguma coisa desse tipo. O que é uma loucura porque... O Japão patenteou, por exemplo, o processo assim é uma coisa... Por exemplo, a atividade é de 1 a 2 miligrama por quilo de peso. Você imagina, quer dizer, uma dose varia de 1 a 2 mil, duas mil diferenças, né? E extração, não sei que... Enfim, está ocorrendo aí de uma maneira estranha...

TF - Como assim? Não entendi direito.

EC - Não, quer dizer, quando você faz... Por exemplo, você faz uma patente, você vai extrair 50% água e álcool, tá? Se vier um grupo dizendo 48 e 52% em água e álcool,

como é que fica? Tá? Então isso é que eu estou achando que é uma coisa... Enquanto que você patentear uso, eu acho que é uma coisa muito mais segura. Quer dizer, a gente vai usar essa droga para tratar assepsia não sedativa, não tem jeito. Não tem meia assepsia sedativa e nem uma e meia assepsia sedativa. Então eu acho que esse processo de extração é uma coisa patenteadora... Varia demais, quer dizer... Se eu extrair em álcool... Se uma pessoa usar, por exemplo, metanol, (inaudível), usar metanol e sair da mesma coisa para outro processo de extração. Quer dizer, então você pode ter 50 processos de extração e... Eu acredito que seja muito fácil furar isso. Eu não sei como é que é, não tenho ideia... mas é a impressão que eu tenho.

TF - E com a patente, quer dizer, nós passaríamos então a importar... a exportar, poderíamos exportar essa... essa medicação...

EC - Não. Eu... eu não sei o quê que seria feito porque... que a única coisa que eu sei, por exemplo, você tem na patente, você tem o direito de comercialização disso. Quer dizer, então há um certo lucro. A única coisa que eu impus na... que já me... que eu impus agora, nome de pesquisador não entra na patente. Eu não quero o meu nome na patente, não quero também os nomes dos meus colegas na patente, porque eu não estou trabalhando por patente, eu estou trabalhando por pesquisa, porque eu gosto de fazer pesquisa. Agora, minha Universidade deve ter um direito e eu esperaria que a minha Universidade, recebendo qualquer royalty, compreendesse que eu preciso de dinheiro para eu desenvolver minhas pesquisas aqui, ampliar o grupo, melhorar o grupo etc. Então, a única coisa que eu fiz foi isso. Agora, o que eu sei é que você tira a patente nacional, tá? Eu sei por causa desses dois laboratórios. A... o.. o que está combinado agora... no passado não houve combinação, porque não houve patente. O que está combinado agora é que... em havendo exploração comercial sobre o lucro líquido do laboratório... o primeiro ano parece que são 8% viria para a Universidade sobre o lucro líquido, no segundo ano 6% e a partir do terceiro ano 5%, porque aí já estabeleceu... o produto que ganhou... fica 5 porque já ganhou, vamos supor assim, conhecimento. Se por acaso o laboratório quisesse comercializar esse no exterior, ele teria que negociar a patente com um país exterior, receber do exterior alguma coisa dos quais 4%, 5 ou 6% viriam aqui para a Universidade. É a única coisa que eu sei.

TF - Vai ter que negociar por país ou existe...

EC - Bom, eu acho que sim. Olha... eu sei que... Não tenho ideia. Eu sei que é muito complicado. Eu não... não... Eu só sei especificamente isso que foi discutido aqui pela gente.

TF - Sim, mas...

EC - Então... o escritório de advocacia... estão lidando com isso atualmente.

TF - Tá. Mas se alguém utilizar... Só uma pergunta, se o senhor não tiver (inaudível)... Se alguém utilizar no Japão a “Espinheira-Santa” em uma medicação, ela está rompendo essa descoberta brasileira ou não tem nada a ver?

EC - Não, porque do Brasil nós...

TF - Só está patenteado internamente.

EC - Internamente e o extrato, não... não o uso. Então se no Japão falou que o extrato foi metanol e pronto. (inaudível) pronto, acabou, não tem nada.

TF - Então vocês aqui fizeram a patente não do uso e sim a patente da...

EC - Porque aqui no Brasil não se permite... só faz esse do... da ... acho da substância do extrato do processo.

TF - Sim, essa questão... essa questão da patente foi muito polêmica, né? Quando eu estive lá em Águas de Lindóia, ninguém falava nisso no auditório. Já nesse Congresso que nós estivemos lá em Recife, que o senhor também esteve, esteve naquela mesa super polêmica, né? Essa discussão estava assim... sendo chamada, inclusive, porque a mesa não era nem sobre essa questão e acabou sendo... voltando-se para isso. Como é que você viu essa discussão lá? Os pontos de vistas...

EC - Bom, eu na realidade, uma coisa que eu mais notei lá é o seguinte: é que... a sensação que me deu é que todo mundo foi lá para discutir patente e dinheiro, não mais para discutir ciência. Isso aí eu tive uma sensação muito, muito desagradável no Simpósio e que todo mundo parece que não estava apresentando os dados... Todo mundo dizia: “estou reservando isso para depois, não sei quê e tal...”. Isso parece que foi uma constante lá. Bom, eu... eu... .... (suspiro) quer dizer, óbvio que eu pretendo que haja uma proteção das coisas nacionais, não tenho dúvida nenhuma. Mas eu não gostaria de jeito nenhum que de repente nós passássemos a trabalhar em visão do que é lucro de uma exploração científica. Quer dizer, eu talvez seja de uma velha guarda que tenha uma visão poética de ciência, uma visão muito pura, muito idealista de ciência e não me agrada nem um pouco esse tipo de visão de ciência moderninha não, de que... você tem que pegar e garantir os direitos, somente os direitos. Quer dizer, eu gostaria muito mais que fosse....

### **Fita 8 – Lado B**

EC - Bom, eu estava dizendo então que... no... na... no Simpósio lá de... de Recife, eu notei que havia assim, uma discussão muito grande em termos do aspecto econômico e... de plantas e parece que o pessoal foi lá mais para discutir patente do que para discutir ciência. E também uma das coisas que ficou claro para mim é que todo mundo estava “escondendo leite”, quer dizer, o pessoal não queria dizer qual era a planta, escondia dados, etc. e tal. Então, eu estou achando que essa discussão está prejudicando um pouco o andamento puramente científico. Eu quero dizer também que eu sou um pouco assim... da velha guarda da ciência, né? Eu tenho uma visão romântica, poética, que ciência é para servir aos povos, não é para finalidade lucrativas, não é para dinheiro, não é para formar capital nem nada, mas enfim, eu sei perfeitamente a decisão romântica que não se aplica mais ao dia de hoje. Eu, então, a... acho que está havendo no Brasil uma espécie de exagero de ambos os lados. Eu vou citar, por exemplo, o que eu acho que é um exagero que está ocorrendo, desagradável. A... no sentido de proteger a informação nacional a respeito da riqueza que os nossos índios possuem, eu tenho impressão que está ocorrendo um sufoco completo da ciência legal aqui no país, né? A... a dificuldade de se obter a

licença para chegar até uma área indígena para obter informações, chegou a um ponto tal, que não se consegue mais. Nós estamos agora com esse exemplo típico. Veja, nós queremos obter a licença na FUNAI [Fundação Nacional do Índio], na FUNAI para chegar até uma área indígena. Então tem... faça um projeto de pesquisa clínica... de pesquisa, né? Não é uma pesquisa clínica, é uma pesquisa que se obter informação, então etno... farmacologia, onde só vamos conversar com os índios, mas nada do que isso, né? Bom, então, a FUNAI exige que para dar licença, ela precisa de parecer do CNPq. O CNPq exige que para dar parecer, só se o Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo der. E o Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo só aceita se o CNPq aprovar. E tudo isso depende de uma tal de (inaudível), do Ministério da Saúde (inaudível). (inaudível) também só aprova. Então, na verdade, é um nó, um nó que não tem jeito, porque não tem... não tem por onde começar. Não pode começar pelo Comitê de Ética aqui da Universidade porque ela precisa primeiro da... da aprovação do CNPq. O CNPq diz que precisa da aprovação do Comitê de Ética [e Pesquisa]. E a FUNAI diz que precisa da aprovação do CNPq ou da (inaudível), por sua vez exige que seja o CNPq ou... ou o Comitê de Ética da Universidade... Não tem por onde começar, não tem entrada. Nós estamos a mais de um ano tentando conseguir. E o pior, que eu tenho certeza, é que essas informações estão sendo coletadas à vontade ilegalmente, que ninguém vai lá buscar, né? Então, na realidade, quer dizer, esse programa de proteção a fim de patente para proteção da... Eu acho que está levando a um exagero absolutamente sem... sem... sem resultado nenhum, né? Para ver.

TF - E como é que fica essa questão, professor, da propriedade intelectual? O senhor sentiu essa segurança ou esse receio das pessoas, dos cientistas apresentarem seus trabalhos nos simpósios porque eles podem ser patenteados então... Como é que se relaciona patente então... ficaria uma coisa meio contra essa divulgação da ciência, né?

EC - É, pois é. Eu acho que isso é um negócio perigoso inclusive. Quer dizer, tem... tem que se encontrar um jeito de contornar essa situação. Quer dizer, a partir de que momento você pode pedir uma patente? Porque não pode chegar alguém e chegue e fala: “mastiguei isso aqui e acho que adormeceu minha língua, vou pedir... vou querer uma patente como se fosse um novo anestésico local”. Tem que haver mais do que isso, é óbvio, né? Durante o tempo que está havendo isto, quer dizer, como é que você evita, vamos supor, o roubo dos seus dados, não da sua ideia, dos seus dados (inaudível) por outros. Através de você simplesmente manter isso em absoluto segredo? E aí, como é que fica a... o progresso da ciência? Olha, na década de 60-64 que eu estive nos Estados Unidos, já existia tal... da espionagem industrial, né? E eu me lembro até hoje, que nós éramos alunos da pós-graduação lá na Universidade, e apareciam laboratórios ou grupos que... pagavam, se a gente quisesse ir, pagavam a ida até, por exemplo, o *Federal Nity*? Lá em Atlantic City. Pagavam tudo, te davam passagem de avião, estadia, tudo de volta. O que você tinha que fazer... tinha que seguir determinadas seções e simplesmente fotografar todos os slides projetados naquela... naquela... naquela... naquelas sessões. Isso era... depois você devolvia o filme. Isso era obviamente espionagem que estava sendo feita. Então, quem é que iria apresentar os dados? Será que o pessoal não sabia? Eu tenho impressão que sabiam. Eles iam apresentar partes dos dados, apenas aqueles dados que achavam que não tinham problemas nenhum, né? Então isso pode ocorrer nesse Congresso. Eu acho... Olha, fundamentalmente, eu acho isso muito desagradável, viu? (risos). É... é como o problema, por exemplo, que eu luto muito com esse aspecto aqui, eu comentei com o meu pessoal... “Gente, se nós começarmos a pensar em patente com o nosso nome...”, porque eu teria direito a uma parte... vai ser uma coisa muito difícil, vai ser uma coisa

muito difícil porque eu... eu tenho participação direta no interesse da indústria e eu não sei até que ponto eu aguento, por exemplo, em omitir um efeito adverso, né?” O que eu aguento ver... pela experiência que não deu muito bem... Puxa vida, se tivesse essa indicação nesta área, vai aumentar tanto a venda... Eu vou chegar e dizer: “olha, deu resultado positivo em tal doença que tem... abrange 30% da população”. Então, esses aspectos individuais precisam ser levados em conta também, que tentação existe para todo mundo, né? Então eu fico muito... muito é... contraditório comigo mesmo em relação a isto. Agora, ficaria uma fera, como eu fiquei muito revoltado, quando de repente eu vejo a... a... a patente tirada no Japão da “Espinheira-Santa” (inaudível) com esse tema: “*In Brazilian Folk Medicine*”. Por isso eu acho o... o “fim da picada”, né?

TF - Da “Espinheira-Santa”.

EC - Da “Espinheira-Santa”. Da patente...

TF - Eles... eles patentearam o que? O uso ou patentearam o extrato...

EC - O uso como anti... anti... anti-ulceroso, contra úlcera gástrica.

TF - Então a patente lá é diferente da nossa...

EC - Ah... é... a patente lá... Eu não sei se eles patentearam também o extrato que eles preparam... Lá está escrito: patente contra úlcera gástrica.

TF - Nos Estados Unidos também a patente é do uso ou do extrato?

EC - Eu não sei, eu não sei... Eu não estou bem informado sobre patente não, viu? Porque eu tinha um negócio assim... “Não sei e não...” “Não sei...”

TF - “Não gosto e não quero saber”

EC - “Não gosto e não quero saber”. “Não li e não gostei”, né? Eu era fundamentalmente contra a patente. Quer dizer... sou um derrotado a lei de patente ter entrado no Brasil, né? Porque, inclusive, participei de várias reuniões lá... Eu era secretário de Engenharia Sanitária... fui no grupo da ALANAC [Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais] falar com o senador lá... senador... Bezerra, que fazia parte... Explicando para ele o que a gente achava de perigo... Sei que nos Estados Unidos só aceitou patente a partir de uma certa época, que os países geralmente são assim. Então achava que o Brasil tinha que dá os seus passos, embora eu ache que o Brasil tenha tido tempo para fazer isso e dormiu no ponto. Na Universidade e o capital brasileiro simplesmente durante 30, 40 anos tivemos toda facilidade para fazer e não fizemos coisa alguma, mas mesmo assim achava que eu era contra, né? Para ver... E... e... eu não sei como é que está...

TF - E esses 30, 40 anos que o senhor diz é da... da... Que a patente existia antigamente, né? Ela foi extinta e depois voltou a ser...

EC - Eu nem sei como é que foi. Eu sei que aqui no Brasil nós tivemos um tempo bastante longo que poderíamos ter feito pesquisa à vontade e os laboratórios podiam ter patenteado aqui no Brasil, tá certo? Quer dizer, isso houve um tempo e depois parou. Eu sei que durante esse tempo que parou também, os laboratórios podiam ter feito isso e ter



pedido patentes no exterior. Poderiam ter feito isso, né? E não havia o mínimo de interesse. Eu acho que, na realidade, obter patente no exterior é até muito melhor que uma patente nacional, porque patente no exterior cabe aqui dentro também, né? Para ver... Então...

TF - Sim, mas já que a patente não era nacional...

EC - Só que você está entrando em um assunto que eu não domino... Eu... eu tenho palpite sobre ele... Eu realmente...

TF - Tá. Eram... eram mais seus... seus palpites mesmo. Mas tudo bem. É que eu fico... fico assim, incomodada. Já que a patente lá fora, ela... ela tem... se ela é patenteada nos Estados Unidos ou Japão ou qualquer outro país, eu tenho é... utilização nacional também, esses países... mas ao mesmo tempo, esses países que estão aqui, esses países, esses laboratórios que estão no Brasil desde a década de 40, a maior parte deles são multinacionais, né? Então, ou seja, a medicação que vai ser comercializada no interior do Brasil já é uma medicação que já está com a patente lá fora.

EC - Sem dúvida.

TF - Né? Então, talvez também por isso a própria indústria não tenha se interessado em financiar... essa...

EC - Não, mas isso eu não... isso eu não tenho dúvida nenhuma. Eu digo... Veja: financiar patente... Você só tem uma patente depois que você faz pesquisa, né? (tosse) E eu não tenho dúvida nenhuma que a indústria assim, de modo geral, ela tem áreas onde você faz pesquisa e o Brasil não é contemplado. No Brasil nunca foi uma área de pesquisa para multinacional, né? Agora, pode ser que ele comece a haver alguma... Como é muito pouco ainda. Então, na realidade, o que acabou acontecendo no Brasil foi o seguinte: o Brasil era um país no máximo para embalar, para chegar e fazer as coisas aqui, que depois ter patente. Então a indústria não tinha o mínimo de interesse em estar desenvolvendo uma área de pesquisa aqui. Houve duas tentativas: uma da Johnson, de fazer um centro para parasitas aqui em São José dos Campos, para parasitários. Não sei se foi para frente ou não (inaudível) em Belo Horizonte e houve um grupo... no Rio de Janeiro trabalhando com... Com o quê em gente? Com... Leishmania? Se não me engano com leishmania. Laboratório (inaudível) alemão, laboratório... laboratório alemão, mas eu achei curiosíssimo, porque eu fui visitar esse há muito tempo atrás e eu entrei no enclave alemão dentro do Rio de Janeiro. Quer dizer, até... até o porteiro da entrada era alemão... Quer dizer, era um negócio incrível! Ficava meio isolado, lá para o lado de Petrópolis, se não me engano. Mas excelentemente bem organizado e todos os técnicos alemães, cientistas alemães, quer dizer, toda gente... alemão. Era um enclave alemão mesmo dentro. Então, na realidade, por facilidade de estar fazer pesquisa alemã dentro do Brasil, não era pesquisa para brasileiro, né? Isso para mim é muito lógico, quer dizer, o mundo está dividido, eu acho que com a globalização isso vai ficar mais clara ainda, né? Você tem os países líderes que vão fazer a ciência, vão ter... outros conhecimentos. Você vai ter os países que vão produzir aquilo que foi desenvolvido fora e vão ter os países consumidores e acabou. E o Brasil está entrando cada vez mais... Por exemplo, eu acho que a ciência brasileira está sendo morta, está sendo extinta, né? E acho que faz parte de um projeto muito grande, que não sei se o governo, de propósito ou não, entrou nele. Quer dizer, ciência no Brasil não é, dentro da globalização, o Brasil não é um país para

desenvolver essas ciências. Ele é para produzir as coisas que vão ser designadas lá de fora, que produzam que vai ser assim. Então nós vamos produzir dentro de projetos enormes de... de... industrialização.

TF - É... voltando um pouquinho... Nós saímos das patentes, voltando um pouquinho para a questão do financiamento, eu queria ver com o senhor o seguinte: em [19]75, o II PND, o Programa Nacional [de Desenvolvimento], ele apresenta alguns programas, ele incorpora os produtos naturais é... explicitamente, não sei se implicitamente, né? Os produtos naturais como uma vertente com os programas: com o Programa do Trópico Úmido, com Flora, Farmacologia de Produtos Naturais e aquele especial de Óleos e Plantas Nativas. Eram os projetos que ele estava colocando, né? Ele... o senhor sentiu alguma mudança... quer dizer, o fato de estar explicitamente colocado no governo é...

EC - Eu... não...

TF - Incidiu sobre a pesquisa de campo de vocês, de laboratório...

EC - Não. Eu não senti... eu não senti nada, nada, nada... Quer dizer, eu não sei... o Projeto Flora, inclusive, foi aquele do CNPq. Pois é, aquele Projeto Flora foi um fiasco tremendo, né? Quer dizer, não sei nem quanto foi financiado e se foi muito financiado e tal. E eu, olha, não senti muita coisa. Houve um blá, blá, blá tremendo, discutiu-se muito. Eu, particularmente, não senti, quer dizer, e olhe, eu era na época como um pesquisador muito ativo na área... eu tinha coisa... mas eu me lembro que houve assim... Como sempre acontece no Brasil, né? Você tem projeto, fala, tem planos e tal, na hora da execução, na hora de vamos ver, nunca a verba aparece... E olha, eu não me lembro, eu realmente não me lembro. Quer dizer, eu posso cometer uma enorme injustiça, mas eu digo assim para o meu grupo, para a pesquisa que estava fazendo: a existência do II Plano Nacional de Desenvolvimento [PND] ou não existência é a mesmíssima coisa, para mim foi um blefe no papel.

TF - Não houve um acréscimo do CNPq nem do...

EC - Não, não. Não acho que houve acréscimo nenhum, acho que não houve acréscimo nenhum. Não notei coisa nenhuma.

TF - Me diga o seguinte: quando há essas... esses *booms* de financiamento, né? Que o senhor mesmo falou que o CNPq em alguns momentos... financiamentos, agraciou as pesquisas de maneira... Todos nós pesquisadores sabemos disso, de maneira mais presente. Existia muita disputa nessa área de plantas? Não digo só na farmacologia, mas principalmente as três principais áreas: Farmacologia, Química e Botânica... Muitas disputas... existiam rachas por conta das disputas das verbas... Como é que era essa negociação?

EC - Bem, eu tive um curto período que eu fui assessor do CNPq, trabalhava no Comitê de Farmacologia, para ver... Então, sempre, sempre, quer dizer, o montante pedido pelo Brasil, pelo presidente do Brasil, era muito maior do que a verba disponível. Então, sempre tinha que haver disputa, tá certo? Essa era a primeira coisa importante. A segunda coisa importante, quer dizer, sempre a gente notava... que tinha assim alguns grupos (inaudível), quer dizer... aqueles grupos que eram privilegiados. Privilegiados porque eram grupos que tinham uma maior capacidade, realmente, em demonstrar a maior

produtividade etc. e tal. Bom, e era... Eu, pelo menos, sempre lutava muito contra isso e dizia: “Gente, nós estamos cada vez... nós cada vez aumentando mais a dif... a distância entre as diferentes regiões do país. Então, por que o Norte e Nordeste não tem ainda currículo suficiente, nós deveríamos até privilegiar mais, né? Fazer programas para ir lá para cima e tudo”. Então, havia disputas assim, nesse sentido. Quer dizer, você tinha centros que eram mais credenciados, centros que eram mais reconhecidos e que conseguiam uma parte maior e havia um grupo que tentava brigar para que houvesse uma distribuição é... equânime. Eu digo equânime, quer dizer o seguinte: olha, região tal merece tanto, região tal merece tanto... Vamos pegar nessas regiões o que deveria ser distribuído para ver. Bom, quando eu digo que teve momentos melhores e momentos piores, não quer dizer momentos melhores que estava ótimo, estava menos sofrível. Quer dizer, acho que o CNPq sempre lutou com muita dificuldade de conseguir ter um mínimo de verba que desse um grande impulso mesmo na ciência do Brasil. O que... o que eu acho que o CNPq conseguiu fazer foi manter um metabolismo basal de ciência no Brasil, quer dizer, sem o CNPq acho que teria desaparecido, com o CNPq não deu boom, como você falou boom aí. Não foi boom nenhum, quer dizer, foi mantendo, de vez em quando, em vez de duas bolsas, tinha três, tinha quatro, coisa nessa ordem... que não ia resolver de qualquer maneira. Agora, essa disputa, eu acho que é muito natural também, eu acho que no mundo todo ela é assim. Você tem aqueles grupos que não... que podem ser emergentes, mas ainda não são, então vai depender muito de uma orientação política de você dar um apoio maciço. Eu acho que isso nunca houve, nunca houve, tá? E você tem aqueles grupos que são os mais consagrados e você vai ficando... eles vão ficando cada vez melhores em relação ao resto do grupo. Eu sempre tive uma crítica muito grande em termos do Brasil em relação a isso. Quer dizer, eu sempre achei que São Paulo e Rio de Janeiro tiveram sempre a parte melhor nesse tipo de coisa, sempre critiquei isso, sempre achei muito errado esse privilégio que Rio de Janeiro e São Paulo sempre tiveram. Depois entra Belo Horizonte, um pouco Brasília e praticamente acaba, né? O Rio Grande do Sul lá embaixo, coitado, sozinho, poderia merecer mais e o Nordeste nem existe. Eu não sei se foi verba lá e eles também não teve informação, mas a sensação em termos de CNPq, que era muito pouco o que era... pelo menos dentro dos pedidos que ocorriam lá de bolsas e tal. Como é que funcionava o CNPq, funcionava o Comitê Assessor? Quer dizer, o Comitê Assessor chegava lá no grupo, sei lá de quantas pessoas... de farmacologia três, quatro... recebíamos uma pilha de projetos e tínhamos que examinar os projetos, só. Não havia por parte da gente nenhuma diretriz política na distribuição de verbas, do... do quanto deveria ser... Isso eu nunca me lembro de ter participado em termos de CNPq durante o tempo que eu fui conselheiro lá do CNPq.

TF - Examinar de nota, por exemplo, seria isso? Uma escolha meio por...

EC - Eu acho que era... Ah, tá!

TF – (inaudível) perguntando, como é que era... (inaudível) as pessoas estavam...

EC - Deixo eu ver se me lembro se era dado nota... Não, a gente examinava... examinava dentro dos critérios mais ou menos, por exemplo, o seguinte, por exemplo: eu não lembro se dava nota não. Nós... Você tinha o projeto, você via se o pedido era relativo a um projeto de algo que ainda não tinha sido pesquisado até por (inaudível), né? Porque às vezes tinha projetos lá que era uma coisa... Segundo, você via também se não havia nenhum... nenhum absurdo muito grande, por exemplo... coisa dessa ordem: fazer uma pesquisa do poder fortificante do uso de galinha caipira. Quer dizer, isso existiu, né? Ou

então, rejuvenescimento e revigoramento sexual por injetar extrato e testículo de carneiro jovem em pessoas... pessoas idosas. Coisas dessa ordem, quer dizer, de vez em quando aparecia coisas malucas assim, que é óbvio, você tinha que afastar dos projetos mais lógicos. Depois disso, se você achasse que o projeto tinha uma certa lógica, você via a tecnologia utilizada, né? Quer dizer, então, qual a metodologia utilizada? Estava uma metodologia adequada? E aí, eu, pelo menos, tinha um cuidado enorme... Eu briguei muito no começo quanto o fisiógrafo, né? Que era o mais moderno que existia. Eu falava: “Gente, é uma loucura estar pedindo um trabalho com fisiógrafo, se eu tenho um antigo quimiógrafo que pode ainda dar bons resultados de pesquisa. Exigir que um grupo faça com fisiógrafo, se esse grupo não fisiógrafo, não tem verba, vocês vão matar o grupo”. Então essa era uma coisa que eu tinha, quer dizer, a metodologia adequada e metodologia adequada é o último... (inaudível) da moda, né? Que é uma coisa que nós temos muito isso de querer o último equipamento para poder fazer (inaudível)... quando você tem equipamentos que podem funcionar... Então, isso era uma coisa que eu olhava também... e nós olhávamos de modo geral para ver. E aí, finalmente, nós... Para mim finalmente, para muita gente era o começo, eu olhava a produção científica do grupo e a instituição, a... a solidez da instituição, né? Que aí era uma coisa muito difícil de você analisar. Nossa! Era uma coisa... Porque você tinha uns muito fraquinhos, né? E, às vezes, você tinha uma pessoa e, por exemplo, você olhando o currículo da pessoa... fez a pós-graduação no Rio de Janeiro, São Paulo, se ela... aonde volta para o nordeste e passa três, quatro anos e zero, não tem a mínima chance de fazer nada. Como é que você vai fazer com o indivíduo que está pedindo o auxílio? Quer dizer, teve o seu trabalho publicado da tese, não tem nada mais no currículo. Eu era, tem que dar... (risos). Eu era tem que dar para ele... É um dinheiro a fundo perdido, vamos jogar o dinheiro para lá, e vamos ver o que der. Se der, der, se não der, cumprimos a obrigação que tínhamos que fazer.

TF - Hoje em dia fica meio complicado, né? Com essa... esse receio, que você mesmo está colocando com relação a perspectiva de patente, então, está se pensando num trabalho e não se produz... né?

EC - Exato.

TF - Não se produz conhecimento publicamente, digamos assim, né? Isso vai ter uma certa dificuldade de avaliação...

EC - Isso vai ter uma certa dificuldade de avaliar, não tenho nem dúvida. Quer dizer, como é que fica... Por exemplo, estive participando de uma reunião lá, (inaudível) que só apresento esse trabalho porque já pedi patente. Quer dizer... será que ele conseguiu uma bolsa de estudo ou conseguiu uma verba para fazer sem tentar publicá-lo, e depois vem indicação... Quer dizer, fica muito difícil mesmo. Eu não sei como é que vai... que vai sair daí...

TF - (inaudível)

EC - Mas eu... Olha, eu tenho um pouco de impressão também, que nós estamos vivendo assim, aquele famoso “fogo de palha”, né? Quer dizer, como tem negócio de patente, tem essas plantas, então... Porque isso daqui a pouco vai começar a acalmar também porque... você planta... você... A competência independe do que você está trabalhando, a competência independe do seu... do seu... da sua ideia de trabalho, quer dizer, se você tem competência você tem boa ideia, se você tem competência é capaz de pegar e

executar a metodologia, desenvolver o trabalho necessário para chegar a conclusão do resultado. Se você não tem, você daqui dois ou três anos você se “afoga”, você pode ter descoberto lá porque o índio falou que tal planta tem tal efeito, mas você não vai conseguir ir para a frente por falta de competência. Então, isso... esses grupos vão simplesmente se desinteressar, vão ficar em outra “freguesia”, né? Eu acredito nisso. E aí, os grupos que têm capacidade mesmo, vão encontrar um meio. Quer dizer, eu acho que o meio vai ser o seguinte: vai ter a competência de publicar os dados que não... que não... firam, por exemplo... que você não dá o “leite de graça” direto, né? Quer dizer, começa a publicar parte dos dados quando você já tem certeza que está tão à frente que dificilmente alguém pode... te acompanhar. E nós temos uma vantagem enorme, porque se você tem... uma planta que lá no interiorzão desse país aqui, mesmo que um laboratório estrangeiro esteja interessado, ele há que demorar um pouco de tempo para chegar até aquele interior lá, contratar um mateiro, contratar... Isso vai ser uma coisa mais difícil de conseguir, né?

TF - Mas a patente pode ser negada por causa disso, não? Você começa a publicar pedaços da descoberta...

EC - E daí? Acho que você... acho que você pediria, por exemplo... Não, eu acho que você não precisa... Não, não é negada. Por exemplo, os pedidos que nós fizemos aqui a uns dois... O pedido foi feito, já tem garantia, tá certo? Enquanto o pedido não for julgado, ninguém mais pode pedir. Aí pode ser que eles neguem. Aí sei lá como é que vai ficar. Mas, veja, o quê que nós fizemos, o que nós tínhamos: do... do “nó de cachorro” nós tínhamos uma parte feita de toxicologia pré-clínica, tínhamos uma parte de farmacologia e não mostrando efeito na memória de animais e idosos, a... ... e tínhamos uma parte de fase I... Não, acho que não tínhamos uma parte de fase I, não. Nós tínhamos todos os dados de toxicologia pré-clíni... todos os dados pré-clínicos, não tínhamos dados clínicos. E mesmo os dados clínicos, nós não tínhamos ele completo, mas fomos capaz de pedir com isso. Quer dizer, analisou, os advogados que vieram aqui... Aí os laboratórios contratam bons advogados, entregam para a Procuradoria dos nossos Estados... Não saem coisa nenhuma, né? Estão assoberbados com outras coisas, tem uma série de processos trabalhista em cima... não, não tem a gana que tem, por exemplo, um advogado que trabalha para uma indústria, porque a indústria, ele sabe, se ele não der o resultado no fim do mês ele está na rua, então ele tem que chegar e... Então, não precisa chegar até o fim não, chegar até o fim. Mesma coisa com a “Espinheira-Santa”, estamos fazendo com o outro extrato, a gente pediu sem ter nenhuma experiência clínica ainda feita e... já foi aprovado o pedido de patente. Nós estamos começando agora a fazer experiência clínica com... com a “Espinheira-Santa”. Nós temos trabalhos anteriores, mas feito com outro extrato.

TF - Só um minutinho, ficou uma dúvida do CNPq. É... o CNPq financiava só bancada ou ele financiava equipamento também?

EC - Ah, ele financiava equipamentos também. Financiava serviços técnicos, financiava a parte de... de biotério, financiou tudo. Não eram grandes projetos, mas no momento que você conseguia era uma verba bastante útil, porque você poderia... nós tínhamos vários itens. Se eu não me engano, o CNPq não tinha muita dificuldade de pegar e fazer... Como é que chama? Pedido de remanejamento de verba, de um item para outro. Eu acho que eles concediam também com uma certa facilidade isso. Isso eu acho uma coisa tão importante, é uma coisa tão importante.

TF - Professor, uma questão que ficou com outro entrevistado meu. É... existia uma certa discussão aí entre a Farmacologia acadêmica e a Farmacologia aplicada, eu senti isso em algumas conversas com colegas seus. É... o seguinte: no início da farmacologia de plantas medicinais que o... o farmacólogo que trabalhasse com plantas era tido como um farmacólogo menor.

EC - Verdade. É pura verdade. Olha, eu posso até narrar uma situação muito constrangedora para mim. Nossa! Foi em uma SBPC, não me lembro quando foi, mas eu estava interessado, eu apresentei em uma seção da SBPC a... um trabalho sobre o extrato de uma planta e estava presente quem? Rocha e Silva. O Rocha e Silva naquele tempo falou: “olha, para mim, farmacólogo que trabalha com extrato faz farmacologia de segunda classe”. Publicamente declarou isso, tá certo? Foi muito constrangedor, eu não me lembro o que eu respondi, quer dizer, eu tenho um “pavio” curto também, mas eu não consegui responder direito. Eu sei que saí de lá furioso. Aquelas coisas que você passa uma semana... “se eu tivesse respondido isso... se eu tivesse...” Indigesto para você. Então isso era uma verdade mesmo, né? Mas era uma coisa curiosa. Isso passa por muitas coisas. Você veja, por exemplo, o seguinte: eu me lembro também de ter assistido uma reunião, foi no Norte, um químico muito famoso no Brasil, até por respeito eu não quero dizer o nome dele. Mas ele chegou e projetou um slide assim muito irônico, mas uma ironia muito destrutiva, aonde o simpósio de plantas medicinais aparecia uma charge, aparecia assim: um cientista enfiando umas folhas no funil, essa folha tinha um caninho e aparecia na veia de um doente. Então como se isso fosse uma apologia com plantas medicinais. E ele falou: “pois é, isso não pode acontecer e tal”. Eu me lembro que eu respondi bastante, falei, critiquei... Então, isso também era considerado uma coisa... Quer dizer, a terapêutica com plantas medicinais, a base de plantas, era considerada uma terapêutica de 2ª ou 3ª ordem e é ainda por muitos conselhos. Está modificando porque os grandes laboratórios, mais uma vez os grandes laboratórios, estão investindo pesadamente nessa área de pesquisa e estão cada vez mais, por exemplo, a... lançando produtos com faixa vermelha com todas as pesquisa pré-clínica e clínicas feitas... Estão mostrando que tem um efeito como outro e são um sucesso de vendas. Você conhece o (inaudível), já ouviu falar, “Kava-kava”, Valmani que é da Planta Nutricinalis, tem aí... Eu acho que já devo ter dito isso no passado... Tem aí também uma outra que está sendo vendida bastante para hiperplasia de próstata que é o “Prostan Plus”, que é a base de duas plantas e... tem outros... “Ginseng”, está famoso, o Gingko Biloba... Agora, o que eu queria chamar atenção, são todos os produtos vendidos e receitados por médicos são todos à base de plantas estrangeiras. Nossa mesmo, não temos nada, que eu sempre lamento. Acho um absurdo o país com essa riqueza, tá... quando tem planta que é considerada medicamento de 1ª categoria, é medicamento que vem de planta de fora do Brasil. Então, veja, a... não só o farmacólogo era considerado farmacólogo de 2ª classe, o médico que usasse planta era considerado um semi curandeiro e o produto era um produto de 5ª categoria, produto para povão, né? Que dizia: “dá para o povo, se não faz mal também não faz bem e tal”. Que são dois erros: primeiro que pode fazer muito bem; segundo que pode fazer muito mal também. É a concepção que está mudando.

TF - O senhor sente isso nos Congressos de Farmacologia?

EC - Ah sente! Você sente isso nos Congressos de Farmacologia, inclusive, você sente também, por exemplo, quando é que você imaginaria a... (tosse) reuniões científicas promovidas por laboratórios... até por laboratórios nacionais. Trazendo gente de fora,

convidando a nata da clínica ou da pesquisa sobre um determinado assunto para discutir durante dois dias sobre uma planta. Isso aconteceu agora com o *Imperium* (inaudível), o laboratório que está lançando um produto nacional aqui, convidou gente de fora, veio, organizou, fez aqueles velhos... velhos simpósios ou reuniões que os grandes laboratórios fazem quando quer lançar uma grande novidade terapêutica sintética, é óbvio, né? Agora estão fazendo com plantas e são feitas assim com todo capricho, quer dizer, professores vem, são convidados, dão palestras, vão a hotéis de primeiríssima categoria, são tratados muito bem com jantares muito agradáveis etc. e tal. Agora, no Rio de Janeiro, em abril vai haver outro, de uma planta que vai ser lançado por um laboratório... a mistura de duas plantas, por um laboratório internacional. Está sendo organizado um enorme simpósio com uma... cento e tantas pessoas e tal, quer dizer, lançamento...

TF - Organizado pela indústria que está patrocinando...

EC - Pela indústria que patrocina, quer dizer, mas ela está fazendo é... lançando com a mesma ênfase e a mesma pompa e a mesma importância do que um produto sintético como se fazia a 5,10 anos atrás. Como se faz agora a mesma coisa então com plantas também, mostrando como o status mudou completamente de plantas, né?

TF - Nos congressos de vocês, de farmacologia nacionais e internacionais, o senhor também está sentido essa...

EC - Ah, parece mais seções... Sem dúvida! Aparece mais seções. Isso aí tem aparecido, mais seções típicas dos cursos... mais plantas... (inaudível), por exemplo, tem uma parte bastante grande com plantas etc., né? Isso está aparecendo mesmo.

TF - Me diga o seguinte, me fale sobre o financiamento FAPESP. A FAPESP financia projetos nessa área de plantas?

EC - Financia, financia. Olha, eu acho a FAPESP...

TF - Ela tem essa...

### **Fita 9 - Lado A**

TF - Entrevista com o professor Carlini no dia 4 de dezembro de 2000, para o Projeto Plantas Medicinais da Casa de Oswaldo Cruz. É... era sobre a FAPESP que eu estava perguntando. Se a FAPESP tem uma área... quer dizer, ela coloca planta medicinal como uma área prioritária ou não prioritária, mas como uma área específica ou ela financia, digamos, como eu vejo os outros financiamentos, né? Financia... um projeto que pode ser de plantas como não pode ser de plantas.

EC - Exato, é.

TF - É isso mesmo?

EC - Eu acho que a FAPESP não tem... que eu saiba não tem assim uma área específica sobre planta medicinais não. Ela financia projetos, que você vai fazendo... mas eu tenho

agora, por exemplo, a pesquisa etnofarmacologia que está sendo feita..., etnobotânica que está sendo feita e financiada pela FAPESP, né? Com a bolsa de doutoramento, uma verba também para viagens, estadia, comprar os presentes para os índios etc. e tal. Agora, o que a FAPESP tem, é... você pode se quiser, você pode organizar o projeto temático. O quê que você faz: você pega... entra em contato com outros colegas do Estado de São Paulo, acho que até de fora do Estado de São Paulo, estabelece assim... estabelece o projeto... do projeto uma linha de pesquisa com plantas sobre uma determinada área e faz um pedido grande à FAPESP, que ela pode apoiar. Quer dizer, esses projetos temáticos estão abertos à FAPESP. Isso depende do pesquisador; o pesquisador quer fazer isso, então ele pode chegar e pode fazer um projeto temático para trabalhar sobre... para o prazo de 5 anos, 4 anos... É um projeto grande que você tem... É um projeto temático. São muito bons. Geralmente envolve uma quantia de dinheiro maior do que um projeto individual com uma planta, por exemplo, né? Bom, eu considero a FAPESP um exemplo do que deveria ser seguido no Brasil. Devem existir outros, mas... melhor que a FAPESP eu duvido, a começar por isto, a FAPESP é obrigada a funcionar porque ela tem 5%, se não me engano, destinado da sua verba que vai para pagamento de pessoal, o resto tudo vem de pesquisa. Eu sou assessor da FAPESP. Se eu, por exemplo, eu recebo... eu devo ter agora, deve estar batendo à máquina um parecer, se eu não dou no tempo hábil um parecer do projeto da FAPESP, ela corta a minha verba, suspende a minha verba. Então, eu não posso atrasar, tem que funcionar mesmo.

TF - Então o senhor recebe verba para a sua pesquisa...

EC - Recebo verba para a minha pesquisa. Agora, eu sou assessor da FAPESP, então eu analiso outros projetos. Se eu atraso na análise de um dos projetos, eles me cortam... Isso de vez em quando você esquece, né? Nossa! É a mesma coisa, quando chega na minha época de apresentar o meu relatório; se eu não mando o relatório no tempo hábil, eles também cancelam e tudo, cancelam tudo. Por exemplo, eu tenho 3 ou 4 bolsas de pós-graduação em andamento, tenho uns 2 projetos... uns 4... 5 ou 6 projetos em andamento da FAPESP, né? Se eu falho em um, os 5 são cancelados e é automático. O computador... o meu nome é Carlini, tá. No índice, Pm! Não sai mais nada. De vez em quando às vezes ocorre...

TF - Já aconteceu isso...

EC - Já aconteceu! Para mim aconteceu, uma questão de... não faz muito tempo e foi um problema que não foi meu, foi de um pós-graduando, que simplesmente tinha... Eu não sei o que aconteceu, ele disse que enviou, jura que enviou. Eu sei que lá o projeto não apareceu...o relatório, então... Agora, da mesma maneira que eles são muito hábeis em cortar, eles são extremamente hábeis... Você justifica, no dia seguinte já está tudo aberto. Então eu acho isso, por exemplo, exemplar, exemplar. Eu sou obrigado a funcionar mesmo, não funciona e o... e o... o... e agora teve, você soube? Agora teve cinco projetos muito grandes que ela... a FAPESP quis aqui no Estado de São Paulo financiar 5 projetos em qualquer área, mas para dar uma dimensão absolutamente internacional a esse projeto e quem ganhou foi a Psicobiologia do Sono... do Sono aqui do... Você soube, né? Nossa! Mas é um projeto enorme, enorme. São 10 milhões de dólares. 2 milhões por cinco anos seguidos ou 10 milhões por 10 anos seguidos, uma coisa assim... 10 milhões de dólares. Então... e..., mas agora, como é que eles fizeram? Eles submeteram todos os projetos... Eu até pensei em submeter um de plantas, mas não tive tempo, não tive disponibilidade... disposição nem nada, mas aqui saiu Psicobiologia do Sono, do Sérgio Tufik, do grupo



aqui. Bom, então, eram... foram centenas de projetos, eles fizeram uma análise interna, caíram para 30 e poucos, depois de duas análises. Chamaram mais uns... parece que gente de fora do Estado de São Paulo, parece que sobraram 10 ou 12, aí chamaram uma equipe do exterior que esteve aqui, visitou laboratório por laboratório, conversou e tal, e aí financiaram parece que 1, 1 ou 2, um deles foi aqui. Então a FAPESP vem... quando tem esses projetos enormes... Se um dia a FAPESP resolvesse fazer isso, eu não tenho dúvida que esse projeto de plantas medicinais no Brasil iria para a frente, até para dizer: “Olha, não dá não, essas plantas não prestam para nada”. Ou então: “Não, dá sim, está aqui o medicamento”. Porque há exigência, exigência de cumprimento das metas mesmo, né? E... e... e o assessor da FAPESP tem poderes, o assessor da FAPESP, se ele nega o projeto, a FAPESP garante, garante mesmo, né? E se por outro lado o... Garante como? Garante porque se o... o... aquele que pediu se sente injustiçado, ele pode pedir revisão, é dado para outras pessoas e aí então a FAPESP apoia exatamente a opinião final de outras pessoas... Aconteceu isso aqui também com o projeto, aqui do grupo, que o assessor...e era... era por picuinha mesmo, né? O assessor negou o projeto... várias tentativas de contornação... não houve, aí pediu-se auditoria por outro grupo, o outro grupo fez e concedeu, aí a FAPESP bancou o projeto. Então, ela tem funcionado exemplar... exemplarmente bem, viu?

TF - Ela tem projetos integrados de áreas?

EC - Teve, teve. Eu não... não participei em nenhum deles não. Teve sim. Eu não, não...

TF - Em plantas nunca teve?

EC - Que eu me lembre não.

TF - Que congregasse áreas de química, farmacologia...

EC - Não, não... Que plantas eu não me lembro se teve não. Eu não me lembro. Eu fiquei... engraçado... Nos últimos 4 ou 5 anos, eu passei por um processo muito difícil, né? Que foi... como eu fiquei secretário nacional, eu... eu não tive tempo de pensar em mais nada. Depois que eu voltei, eu fiquei dois anos também, brigando de uma maneira muito intensa. Então são 4 ou 5 anos que eu fiquei meio defasado, eu estou retornando agora a atividade. Que é difícil, né? Nossa! Então, eu me lembro que houve projeto integrado e eu não participei, acho que foi nessa época inclusive.

TF - Me diga o seguinte: esses assessores... quando o senhor tem um poder de induzir a política da FAPESP... ou vocês só elegem... apreciam os projetos, mandam os pareceres.

EC - Eu só faço isso: mando o projeto e mando os pareceres, tá? Eu sei que a FAPESP tem um grupo de conselheiros, que são professores, que eles devem decidir a política. Eu, pelo menos como assessor, eu sou a muito tempo eu... De vez em quando eu sou chamado para participar de uma reunião para discutir determinados assuntos, né? Mas muito esporadicamente e não faço parte dos conselheiros da FAPESP, são eles que devem a diretriz política, né?

TF - Ela financia bancada e equipamento?

EC - O que você chama de bancada?

TF - O pesquisador. O pesquisador.

EC - Ah, sim, é. O que você...

TF - Ela financia o pesquisador...

EC - Isso, é.

TF - Financia o laboratório...

EC - O que você chama de bancada? Porque a gente chama de bancada aqui exatamente o trabalho de bancada ou então equipamentos... material de consumo, né?

TF - Eu estava chamando de bancada o pesquisador.

EC - O pesquisador, ela financia o pesquisador. Veja: ela financia o pesquisador, ela tem o projeto da bolsa do recém-doutor, né? Tem... você então pode receber uma certa verba. A... tem... financia o pesquisador até o doutorado e também parece que tem um ano depois do doutorado financia também, mas ela não mantém pesquisador, ela não mantém. Ela não mantém, que eu saiba, nenhuma pessoa no quadro nosso aqui permanentemente. E a outra coisa também é o seguinte: não complementa salário. É muito difícil complementar salário, aliás, difícil não, eu acho que não complementa. Então... porque senão fica sendo uma coisa praticamente... Que é uma das grandes dificuldades que a gente tem, né? Quer dizer, com salário federal hoje em dia...

Que a gente tem que se virar, não dá mais para manter uma pessoa aqui, por exemplo, eu tenho professores que são adjunto com 2 mil e trezentos, quatrocentos por mês [R\$2.300, 2.400], médico com uma possibilidade enorme de ganhar muito dinheiro fora e não quer ganhar dinheiro fora, quer trabalhar aqui o tempo todo. Então, eu por exemplo, abdiquei a dedicação exclusiva do meu grupo. Até 3, 4 anos atrás, eu não aceitava ninguém que trabalhasse aqui a não ser em tempo... em dedicação exclusiva. “Quer vir trabalhar? Ótimo! Então largue tudo e venha para cá em dedicação exclusiva”. Agora não dá mais. Não dá mais, porque eu estou batendo tanto aqui nesta... Não dá mais porque está impossível sobreviver com salários que nós estamos tendo.

TF - Tá. Me diga o seguinte: o SUS [Sistema Único de Saúde], vocês têm uma verba do SUS.

EC - Não, para pesquisa aqui não temos.

TF - Como é que é? Sim, mas como é que é? A Psicobiologia do Sono, ela tem ambulatório.

EC - Ela tem... tem, tem enfermaria e temos laboratório. Quer dizer, o Departamento de Psicobiologia, ele é... tem uma instituição chamada AFIP, [Associação Fundo de Incentivo à Psicofarmacologia], que eu fundei há muito tempo atrás, não tenho mais nada a ver com ela e que gere recursos do Departamento, tanto da parte da pesquisa, que chega pesquisa, como também o que... o que se consegue recolher. Nós temos aqui o convênio Universitário SUS, que paga parece que o dobro do que o convênio não universitário, e

nós temos laboratório de análises clínica que foi... ele foi montado para servir só a pesquisa, depois, obviamente, tinha ociosidade e para não ficar ocioso, resolveu também abrir possibilidade de fazer exame para o SUS, né?

TF - Mas não dá uma continuidade? Quer dizer, uma parte fazer pesquisa, no caso Psicobiologia do Sono, mais a pesquisa sobre... medicação, imagina... sobre...

EC - Isso dá. Temos inúmeras teses de doutorado andando... está andando sobre isso. Você tem um material excelente para trabalho.

TF - Mas não há uma descontinuidade, por exemplo, da pesquisa que é feita aqui e aí se requer uma certa aplicação lá embaixo no ambulatório... Ou não? Não há um *feedback* nessa relação.

EC - Não. O que ocorre é que...

TF - Pesquisa e ambulatório...

EC - Nós temos uma parte grande de pesquisa de animais de laboratório aqui, tá certo? Pesquisa de bancada que a gente chama, que não tem nada a ver com essa parte que eu chamo de rotina ou parte técnica...

TF - O que não é aplicado. O que é feito lá em cima na rotina em termos de aplicação de medicação, não sei quê, pá, lá, lá... Não está relacionado com essas pesquisas que são feitas aqui embaixo?

EC - Pode estar, a gente pode ter, por exemplo, veja: o... o... o nosso laboratório de análise clínica faz 10, 12 mil exames por dia, né? Isso simplesmente vai para aí... para os laboratórios... Agora, ele trabalha também, deve ter uns 10 projetos de pesquisa em andamento lá. Quem sustenta os exames de laboratório das pesquisas é o laboratório geral do núcleo que sai do SUS. O Laboratório do Sono, toda noite tem 40 pessoas... são 16 aqui... são 16 aqui ou 8 aqui... 16... Então, 12 aqui e 16 lá, são 28 pacientes que vem aqui, pousam toda noite aqui fazendo (inaudível). Bom, desses dados aí, obviamente, são diagnósticos clínicos, mas eu tenho certeza que tem gente fazendo aqui... Porque nunca foi feito no Brasil, né? Estão fazendo então quais são as dissonias ou parassonias, estudos do sono que correm aqui no Brasil. Ninguém vai pegar e fazer isso em termos de glicose no sangue que há mais de 100 anos se dosa a glicose, mas quando as coisas são novas aqui, como essa parte de sono, quer dizer, esse material é um material importante até para saber como é que o brasileiro é, né? Uma vez terminado isto não tem mais interesse, mas fora isto tem muito trabalho de pesquisa em andamento. Você tem, por exemplo, uma droga hipnótica que interessa, então vem aqui e você pode pegar, deixar... em vez de botar 28 casos clínicos aí para diagnóstico e deixa 10 casos clínicos e coloca 18 sob a ação... Isso é feito, isso é feito, mas eu não considero isso como rotina, isso é pesquisa clínica.

TF - Pesquisa clínica, é.

EC - Isso é utilizado também, né?

TF - Tá. Eu estava querendo saber se tinha uma certa analogia, o senhor já disse que tem, entre o que é feito aqui embaixo em pesquisa e o que é patrocinado pelo SUS.

EC - Ah, sim. Para você ter uma ideia, vou dar um exemplo como é que é feito isso também. Veja: o ... a “Espinheira-Santa” e o “nó de cachorro”, e agora nós estamos com uma mistura que é guaraná “Ginkgo-biloba”, são três projetos de plantas que estão andando bem. Nós fizemos a parte toda animal, toxicologia demonstrando efeito tal. Bom, agora nós temos que começar a fazer a parte clínica, né? Então, a fase I, que é experiência em voluntário sadio, utilizamos tudo isso daqui. Então o paciente chega aqui e colhe sangue e é feito todo... Só que nós não cobramos dos SUS, porque o laboratório paga, então não entra na verba do SUS. O SUS não entra nessa verba. Então ele faz todos os exames de laboratório, faz eletrocardiograma, tudo, tudo, tudo. Se ele está em perfeitas condições, ele então passa a frequentar nossa enfermaria, nosso ambulatório, vem a cada dia, toma remédio, você mede pressão arterial, pede eletrocardiograma, faz os testes psicológicos todos. Nós estamos com três projetos assim em andamento para fazer. Isso então é feito em pesquisa no momento, utilizando toda uma estrutura enorme. Nós temos 5... são 5... 6 escritórios ali...escritórios... consultórios médicos mesmos com a maquininha, com a mesa, com... para atendimento constante.

TF - Me diga o seguinte: em termos de parceria, o senhor tem parceria com a USP ou com outro... com outra Universidade?

EC - Não, eu não tenho, eu não tenho. Mas isso... isso é um cacoete meu, viu? (risos). Essa (inaudível) é o seguinte: eu trabalhei, tentei muito fazer parceria, né? E nunca consegui fazer com que ela funcionasse e não era nem por culpa minha nem por culpa dos parceiros que eu arrumei, porque eu arrumei com grupos importantes, inclusive de Química. O que acabava acontecendo era o seguinte, quer dizer, nós nunca conseguimos dentro do regime universitário, nós nunca conseguimos trabalhar dentro de um certo ritmo. Você trabalhando no ritmo... por exemplo, tem uma greve, você pára, pára. Bom, aí você... nesse minuto que você pára, você atrasa a resposta para o químico. Quando o químico exige a sua resposta você não tem. Então o químico não pode ficar esperando... é a fração tal que tem atividade. Ele começa a trabalhar em outro projeto. Nesse meio tempo eu estou parado também, porque o químico já está atrasado para dar a resposta, então eu começo outro... Então nunca... sempre está uma bagunça danada, eu estou atrasado entro num outro projeto, o químico também, aí não posso parar esse projeto para reassumir o projeto antigo, né? Então isso foram várias vezes atraso um atrás do outro e eu cheguei à conclusão que olha: ou você tem o químico aqui dentro e você faz nexo de droga e você então trabalha com o químico em conjunto, né? Ou então fazer trabalho com um grupo de independentes não funciona, na minha opinião não funciona. A... como é que funciona? Funciona com a indústria. Agora, por que funciona com a indústria? Bom, agora como essas plantas que eu estou fazendo aí, né? Porque eu tenho... eu designei, no caso como eu iniciei a parte, então eu fiquei como uma espécie de consultor geral do projeto. Então falei: “Olha, acho que tal grupo de química, ele é bom para fazer tal parte de química”. Pode ser aqui no Paraná, pode ser aqui em Belo Horizonte, nos dois lugares onde está entrando em contato. Se é bom para fazer, o laboratório então entra em contato e fala: “Vamos fazer isto? Quanto você cobra? Cobra tanto. Qual o prazo que você entrega? Tanto?”. Então, assina-se o contrato. E o laboratório não tem conversa, ele quer saber do resultado, se começa a atrasar eles ficam loucos da vida porque é dinheiro que está rolando e dinheiro que eles estão perdendo, né? Quer dizer, então a gente sabe que tem que funcionar, não tem desculpa, não se aceita desculpa. Então... aí está

funcionando, quer dizer, mas assim... através do laboratório que exige, exige mesmo! Cancela o projeto e tal. Está sendo cancelado agora um projeto de um grupo de química... de fitoquímica que simplesmente no... no laboratório farmacêutico atrasou três projetos por mês. O laboratório, o dono falou: “Olha, isso não é do nosso feitio, atrasou por meses... Quer dizer, vocês... os outros projetos mandaram, eu tive que pagar o pessoal...” Porque... eu, por exemplo, que fiz parte, por exemplo, disse: “olha, não quero nem saber, você me dá o material, falei para o laboratório... Vocês ficaram de entregar ao laboratório... o material para fazer a dosagem no dia 15 de abril, nós estamos no dia 15 de julho vocês não entregaram, a culpa não é minha, vocês continuam a pagar meus técnicos... E eles pagam, mas chiando. Agora, o outro cara que não entregou para o laboratório, para o laboratório me entregar foi afastado, foi (inaudível) do contrato e foi afastado. Então isso funciona bem, né? Funciona bem. O que eu lamento muito (risos), porque enquanto eu trabalhei, fiz tentativas... sem trabalhar com indústria, inclusive nunca aceitei trabalhar com indústria, aceitei agora nos últimos anos para cá, não funcionava não, então essa associação não funcionava não.

TF - Ela financia no mesmo padrão do financiamento, digamos da FAPESP, em termos de salário?

EC - Financia, ela financia bem. Você pode... pode... Bom, no caso, eu não peço o meu salário porque eu tenho salário, mas... mas quando você pede, por exemplo: olha, eu tenho que contratar uma pessoa, você paga o preço do mercado, que é mais do que o preço daqui. Eu tenho contrato... mas é contrato... (tosse) por tempo determinado, né? Também você pede, por exemplo, a... o equipamento que precisa, você até pede para importar o equipamento, o material que você precisa. Eles pagam, pagam dentro do... eles sabem, eles sabem o valor das coisas muito melhor do que a gente possa imaginar. Então, você recebe o justo, o bom e o justo, né? Eu não tenho... queixa eu não tenho tido nenhuma e tem sido assim absolutamente pontuais, não há atraso nenhum. Isso é uma coisa que me deixa em estado... um estado de felicidade incrível, porque está marcado para o dia 15, dia 15 pum! Aparece o cheque aí. É uma coisa que funciona com uma precisão muito grande.

TF - O senhor sabe de outro grupo no Brasil... houve uma... muita reclamação nesse último Congresso dessa falta de parceria, falta de interesse da indústria farmacêutica nacional de financiar projetos, né? De pesquisa.

EC - Não é verdade, não é verdade.

TF - Isso foi dito lá.

EC - Foi dito lá? Pois é, sei lá, talvez a indústria tenha procurado os laboratórios e os grupos de maior conceito, de maior... de maior capacidade, né? Mas, olha, eu sei que o Rio de Janeiro tem, a Universidade Federal do Rio de Janeiro tem, Belo Horizonte tem, a USP está cheia de projetos deste tipo...

TF - Com indústrias?

EC - Com indústrias, com indústrias. Santa Catarina tem vários projetos em andamento com a indústria, Rio Grande do Sul também tem... Não é verdade não. Quer dizer, o que... o que aparece de vez em quando é uma pessoa sem credencial, né? Sem competência que

não se estabelece mesmo e aí vai querer entrar. E aí aquela coisa muito terrível que eu acho, essa é uma área muito, muito, muito, muito fácil de tudo quanto é tipo de aventureiro e demagogo entrar, né? Quer dizer, é uma coisa lamentável, porque uma pessoa que trabalhou aí, conversou com 10 pessoas, 10 raizeiros, de repente pensa que é um cientista, ele não é! Ele é uma pessoa, da melhor das hipóteses, conseguiu conversar com 10 raizeiros... Nem saber entrevista ele sabe fazer. Eu, por exemplo, estou com essa moça aí que está fazendo os levantamentos lá agora... lá no meio dos índios craôs, né? É um negócio incrível! Essa moça teve que... ela está vivendo no meio dos índios há mais de um ano, ela foi adotada por uma família, teve que passar por todos aqueles rituais de adoção, ela aparece toda coberta de penas uma vez no ritual, uma coisa assim... tem o nome de um pássaro agora, tem as irmãs dela, quer dizer, vive no meio dos índios lá mesmo. E ela... é uma dificuldade enorme de obter a confiança dos índios, porque ela tem que conversar com os índios, alguns falam português, outros não, então tem que ter outro índio que fala português e vai traduzindo... depois de muito conversar vão no meio do mato procurar as plantas... Não é esse tipo de coisa que vai lá, passa uma semana conversando e achou que descobriu a América, não é não, né? E essa gente que ficou uma semana assim... tem muito esse... tipo de coisa e olha, receitas populares malucas, você encontra de montes, de montes.

Por exemplo, uma das coisas mais trágicas para mim foi... a gente tinha um grupo lá na Vigilância Sanitária que estabeleceu as portarias de pesquisa com plantas medicinais, que tinha gente representativo da ciência no país, da área, né? Quando nós saímos foi colocado um grupo... Aí meu Deus do céu! Tinha pessoal que... olha, eu respeito muito curandeiro, tá? Mas que era pior o conhecimento deles... Pior, não! Eu usei mal a palavra, que era o seguinte: ele... ele conversou com o curandeiro e pensou que era um curandeiro sem ser, né? Então a pessoa que estava... era realmente... lamentáveis do ponto de vista de é... conceitos errados da medicina popular e pior de tudo, quer dizer, de barbaridade do ponto de vista da medicina científica, né? Ou de uma farmacologia minimamente aceitável. E está cheio. Então essas pessoas que protestam... mas não vão mesmo, porque é tal coisa, nenhum laboratório vai estar interessado em procurar alguém que diz que descobriu que o ovo de galinha caipira rejuvenesce... Até pode ser, porque o que eu me lembro de ovo de galinha caipira, que eu adorava comer, é que tinha uma gema bonita, amarela, eu gostava muito de botar no arroz... Mas sei lá se tem alguma coisa... Essa pessoa não fez nenhum trabalho sobre isso e por aí fora você tem muitas coisas erradas.

TF - No Congresso, que não seria um princípio desse tipo de... de pessoa que o senhor está citando, no Congresso... no Simpósio de Plantas mesmo nós ouvimos essa reclamação: setor produtivo não financia; há uma distância entre o setor produtivo e a pesquisa...

EC - Mas quem fez... Você ver, quantas pessoas tinham no Congresso? Todo mundo é estresse lá, né? E você precisa ver quem é que fez.

TF - Me parecia que o senhor era... era consenso

EC - Não, eu... olha, eu realmente não estou achando isso, viu? Não estou achando. Veja: o exemplo do meu laboratório não, mas é por uma coisa muito característica que é o seguinte: a... a questão de uns 10, 15 anos atrás eu até que procurei, é bom começar a entrar porque eu comecei a achar que o Brasil precisava entrar nisso, né? E você não tinha reverberação, não havia resposta e a partir... de um... Olha, para ser franco, a partir da lei de patentes, quer dizer, a lei de patentes abriu completamente assim... Quer dizer,

eu encontro com muito... Olha, eu tenho recebido muitas, muitas indagações inclusive. Você vê, laboratórios estão procurando entrar em contato com outro laboratório, porque há uma carta que você recebe, cartas assim... até dá vontade de ler e foi mandado para muita gente, né? Então, agora eu não sei se é quantidade suficiente, quer dizer, no meu caso, os projetos que eu tenho, eu peço o que é preciso para fazer a pesquisa, tá certo? E, então, não tenho con...

TF - O senhor tem feito esse movimento de procurar indústria ou ela está procurando os grupos de pesquisa?

EC - A... as duas coisas têm acontecido. Eu tenho um projeto que me foi proposto, por um a indústria, que ela queria fazer... misturar duas plantas, as duas plantas eram estrangeiras... Eu falei: “Olha, eu não vou aceitar, a não ser que você coloque pelo menos uma planta brasileira nessa descoberta (risos), porque se eu trabalhar com duas plantas estrangeiras, não vejo muito sentido nisso, né?” É duas plantas conhecidas, inclusive. Então falei: “Então substitui por uma planta nacional que é conhecida e vamos ver se a associação dos dois tem efeito. Se tem o efeito que ele está procurando ver. Deve ter, porque os dois tem, a não ser que um neutralize o efeito do outro, eu espero até a potenciação”. Isso foi proposto para a indústria.

Outro caso, eu fui procurado também, mas aí eu fui procurado por uma coisa... Existe um médico... agora é uma institui... agora é uma firma chamado *Made in Far*. Essa *Made in Far*, ela está sendo dirigida por um médico que foi gerente de laboratório... da parte de pesquisa de um laboratório alemão durante muito tempo. Ele se aposentou, até se aposentou para criar isto, ele saiu do laboratório e criou essa empresa cuja finalidade é fazer... o estabelecimento de um relacionamento entre a Universidade e... empresa. Ele me procurou e falou: “Carlini, eu acho que esse negócio da “Espinheira-Santa” precisa ser levado à frente”, “Vamos ver... se você me permitir, eu faço uma proposta para o laboratório...”, eu falei: “Faça”. Fez e foi aceito.

TF - Foi aceito. Quais as outras indústrias brasileiras estariam interessadas nesse... nessas pesquisas?

EC - Olha, eu conheço... eu conheço, por exemplo, eu fui procurado pela Bio-sintética, eu tenho um projeto sobre a Bio-sintética, pela Achè. Eu fui procurado pela Citofarma que perguntaram para mim, a... o Laboratório Catarinense me procurou também, o Laboratório Simões me procurou, a...

TF - São todos nacionais?

EC - Laboratório Marjan me procurou, todos são nacionais. Laboratório Marjan me procurou... Deixa ver se tem mais... Pelo menos cinco eu estou lembrando agora, né? É possível que tenha outros aí e que eu não me lembro. Tem havido procura sim.

TF - A Achè, além de patrocinar vocês, ela está financiando outros projetos também?

EC - Tá.

TF – (inaudível).

EC - Ela está financiando um em Santa Catarina, um de Santa Catarina, um no Rio de Janeiro, um em Campinas que é de plantas... plantas medicinais da... da... daquele núcleo de pesquisa com plantas medicinais... Você conhece, né?

TF - Sim.

EC - Nossa! Fantástico! Tem aquelas plantações muito bem. Está financiando o Lapa... tem fornecimento de matéria-prima... Deixa ver onde é que está mais a Achè...

TF - Neste caso é fornecimento de matéria-prima.

EC - No caso do coisa é... é... é o laboratório... Como é que chama mesmo? Tem uma sigla danada... NQPQ... É um negócio lá do Pedro Magalhães, presidente Magalhães... Ele, por exemplo, ele é que fornece a “Espinheira-Santa”, já tem lá uma plantação, tudo cultivado direitinho sob condições de controle e tem várias... Ele tem um livrinho que é muito bonitinho livro, mostrando as plantas que já estão cultivando e tudo, né? Olha, que eu me lembro, são esses projetos aí que tem no momento... Tem um com a Universidade de São Paulo também...

TF - Uma vez, inclusive, um ...

EC - E agora... e agora com Belo Horizonte. Você vê, quantos projetos tem então através da...

TF - No Nordeste tem?

EC - No Nordeste, que eu saiba não, que eu saiba não.

TF - Certo. Uma vez um professor me disse o seguinte: que havia dessintonia, isso na avaliação dele, não vou dizer o nome. Havia uma dessintonia entre o interesse da indústria e o interesse da pesquisa universitária, né? Que a indústria queria a pesquisa para ontem.

EC - Isso é verdade.

TF - Que a pesquisa universitária é uma pesquisa que tem um caminho, uma duração...

EC - Isso é verdade.

TF - ... mais longa do que o “ontem” da expectativa da indústria. Isso haveria... isso propiciaria essa... esse distanciamento...

EC - Foi aí que causou o afastamento anterior as poucas tentativas que houve no passado, sempre não chegaram a um bom termo porque a... a expectativa de tempo que a universidade... que a indústria tinha não foi satisfeita pela Universidade. E eu sei de vários projetos que também não teve nada e a indústria não sabia o que fazer. Quer dizer, processar um professor universitário, que ele ficaria mal, né? Mas houve vários projetos que não terminaram e que não deram resposta. Pegaram o dinheiro e não deram resposta na parte final ou deram uma resposta incompleta e tal. Agora, o querer para “ontem” é um... é um termo que a gente usa. Não é para “ontem”, quer dizer, mas não é para daqui



20 anos, né? E não é também para “Deus sabe quando”. Quer dizer, isso é que eu acho que é a maneira que nós trabalhávamos muito no passado na Universidade. Nós estávamos fazendo um projeto de pesquisa que não tínhamos prazo para terminar e nós estávamos sujeitos a intempéries as mais variáveis. Quer dizer, olha o que eu fiz para não atrasar muito as minhas pesquisas bases aqui é um negócio que não está no “gibi”, quer dizer, é uma coisa inacreditável! Quer dizer, quantas vezes eu não tive que pegar dinheiro do meu bolso, colocar dinheiro do meu bolso para comprar um reagente porque não vinha... não vinha verba para compra, tá! Quando vinha verba para compra, aí a coisa encrespava na...na... na importação. Quando chegava aí encrespava no aeroporto ou no Porto de Santos para liberar, então era um inferno! Demorava anos. E eu resolvia simplesmente pegar o dinheiro, arrumava um jeito de pegar e mandar trazer do exterior sem nada. E você consegue trazer do exterior muita coisa. É óbvio que você consegue trazer. Então isso aí... depois eu tinha um grave problema: como é que eu ia receber de volta o dinheiro que eu... que eu colocava lá. Porque você tinha... você tinha os documentos que eram anteriores a data de recepção da verba. Então isso era um problema que eu sempre tive aqui e eu nunca esperei a verba chegar, eu sempre peguei... Eu tenho uma verba do projeto A, o projeto A... estou com a verba, acabei de receber, tenho um projeto B que está atrasado, eu pego a verba do projeto A e ponho no projeto B.

Depois aí eu tenho que fazer esse retorno, quando eu receber a verba do projeto B tem que voltar para o projeto A. Isso dá um “samba” tremendo, dá um “samba” tremendo. Quer dizer, felizmente para todos, eu tenho prova de conclusão, de gasto tudo direitinho, de conclusão dos trabalhos feitos, né? Mas, então, veja: mesmo assim às vezes eu passava meses sem conseguir trabalhar. E quando tinha greve aqui então? Puxa, nós temos greve todo “santo” ano, né? Esse ano nós já tivemos uma de dois meses por aí, para ver. Então, como é que você... Você pára e a indústria não quer saber disso. Ela tem razão porque ela está aplicando dinheiro e o problema não é só o dinheiro que ela aplica, é o dinheiro que ela deixa de receber. Ela faz um projeto... olha, daqui a dois anos eu vou ter tal produto ou não vou ter tal produto. Se eu tiver tal produto, ele tem que render tanto. Isso é... isso é lícito deles, eu acho que é legítimo deles. Então essa falta de tempo que é para querer para “ontem”, é realmente que... não é para “ontem”, eles não queriam para daqui a 20 anos. Quer dizer, eu acho que essa é a diferença de tempo... Eu acho que a Universidade está entendendo isso também, né? Agora, para entender isso, ela tem que ter a possibilidade de fazer isso também, a possibilidade de fazer isso é ela ter a verba que... ela chega rápida pela indústria. A indústria não tem nenhum problema. Você também para prestar contas para a indústria é uma facilidade muito grande, quer dizer, não tem... ela não tem nenhum... Se você apresentar uma nota fiscal, acabou, acabou, não querem saber de mais nada, não tem coisa... Nossa! Aqui tem tanta coisa... E a verba você coloca é tanto para consumo, tanto para equipamento, tanto para... A indústria não quer saber. Você pode pegar e manusear claramente essa verba sem nenhum problema que ela não quer saber. Ela quer o seu trabalho feito no fim do ano e quer ter ideia que você gastou esse dinheiro licitamente, só isso que... que ela exige.

TF - Tá. É... Mais uma questãozinha, sobre a Associação de Plantas Medicinais que está sendo criado. Eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre...

## **Fita 9 – Lado B**

TF - Sim.

EC - Bem, eu... eu acho que é preciso ter uma Associação. Existia uma que, na realidade, eu fiquei um pouco surpreso... Sem falsa modéstia, eu acho que eu deveria ter sido consultado, perguntado se eu queria ser sócio dessa Associação quando ela foi fundada. Nada, eles resolveram...

TF - (inaudível)

EC - Não, essa aqui já existe há um ano... um ano e pouco, para ver. Bom, eu realmente fiquei muito surpreso por saber que ela estava existindo... Eu falei: “Ai meu Deus do céu! O que está acontecendo?”. Eu tenho muito medo de virar... virar nome de auditório. Eu já falei, não quero ser uma pessoa... ser considerada como do passado. Eu tenho... tenho presente ainda para frente e achei que foi um pouco injusto, inclusive, um esquecimento realmente injusto e sou muito ativo na área, para ver. Bom, então, eu sei que agora no... no simpósio lá, houve uma reunião dessa... para tentar reestruturar, porque não estava funcionando e falaram comigo. Eu falei: “olha, gente, eu não quero nem chegar perto de vocês, porque vocês resolveram que eu não estou junto, quer dizer então que continue”. “Não, mas foi um esquecimento ...”. Aí não me interessa, né? Mas, olha, nós vamos chegar... Você não vai chegar... O que nós resolvemos então você vai ficar quieto.

TF - Ela não está criada, ela está...

EC - Olha, não sei. Ela estava funcionando já sim, estava funcionando... Melhor, estava criada...

TF - (inaudível)

EC - Pois é, pois é. Relaxamento, né? Quer dizer, em... em... simplesmente criou-se por criar, para ver. Bom, então, aí chegaram para mim e disseram: “Olha, mas você não vai criticar o que a gente fizer”. Não, eu ignoro, não existo para vocês e vocês não existem para mim”. “Não, mas você vai criticar”. “Eu falei: “Não vou”. “Então vamos fazer o seguinte: o que nós resolvermos você garante que você aceita”. “Eu falei: olha, eu aceito por inércia, tá!” Agora, eu soube, me falaram por “boca”, que me colocaram lá na presidência, honorário (inaudível)... Se foi verdade, até hoje eu não recebi comunicado nenhum também. Então, eu não tenho ideia do que é essa Associação.

TF - Mas você acha que é uma boa iniciativa... em que sentido?

EC - Ah, sem dúvida. Veja: eu... eu acho que... o problema do Brasil é que a sociedade civil não se organiza, né? Para nada! E os cientistas têm algumas instituições que estão funcionando, mas eu acho que é preciso muitas Associações se tornarem Associações setoriais, acho que de Plantas Medicinais é uma delas. Eu acho que se nós não tivermos uma associação, um grupo que trabalhe exclusivamente nessa área, vai se... vai haver muito prejuízo. Prejuízo de ordem política, inclusive, porque quando você perguntou: “mas não tem um programa de plantas medicinais?” Eu não sei se tem na FAPESP, por exemplo. Eu acredito que não, porque nunca ouvi falar. Agora, uma sociedade dessa, se ela tiver realmente pulso e força de vontade, ela pode sugerir e ela tem muito mais força do que sugerir um João, um Pedro ou um Manuel, né? Então, eu acho que é muito importante haver essa Associação. Agora, a Associação deve sentir-se um pouco assim atrapalhada também, porque o Simpósio de Plantas Medicinais pegou mesmo, né! É

coisa... E na realidade, quando você organiza um simpósio, quer dizer... porque quem fundou fui eu, eu fiz o primeiro. O segundo eu fiz também com um esforço danando. O terceiro foi feito no Rio de Janeiro, eu fui lá e tive que ajudar a fazer porque ia sair com a América Tropical e tal. E eu vi que ia ser uma sessãozinha deste tamanho do Simpósio da América Tropical, fui lá ver. O quarto [simpósio], eu não me lembro se estive ou não, mas o quinto eu tive que organizar de novo, né? E aí a coisa foi andando... O décimo eu organizei de novo. Então estava... E como é que fica uma sociedade desta sem essa... Ela teria que assumir um simpósio para ver e é uma das coisas que eu falei para eles: isso é uma das coisas que eu “meto” as mãos. Quer dizer, “meto” as mãos mesmo e não vou deixar desvirtuar, virar um blá, blá, blá, um oba, oba! Aí realmente, eu não gostaria porque eu me sinto... sinto a paternidade disso. Então, eu acho que foi nesse sentido que eles falaram. Então, eu estou esperando que eles se organizem. Tem gente competente, tem. Pessoal que pode fazer funcionar a coisa, tem, pode. Agora, se tiver vontade política...

TF - O senhor não acha que a Associação pode ficar incumbida de organizar esses simpósios?

EC - Eu não sei, eu até hoje não pensei nisso, quer dizer, eu acho que a maneira com que foi feito... tem sido feito, tem sido interessante, né? Porque simplesmente designa o próximo... Aliás, nem sei o de Recife... Qual é o próximo... São Paulo?

TF - Eu não sei.

EC - Eu também não sei qual é que foi, né? Então designa o próximo e aí o grupo ali tenta organizar e fazer e tem saído relativamente muito bem a ideia. Quer dizer, eu acho que a Associação teria que estudar isso. Vamos nós assumirmos, vamos fazer dessa maneira, né? Eu acho que como tem funcionado, na minha opinião, deveria continuar assim. Mas não estou também fechado para estudar uma outra possibilidade não, para ver. O medo que eu tenho de uma sociedade, para ser muito franco, é o medo da ideologização da sociedade, né? Eu acho que uma sociedade científica, ela não pode ter ideologia, ela não pode de modo nenhum... Ela tem que ter uma visão técnica de um assunto e a visão técnica para se obter subsídio para posicionamento político-ideológico. É isso que eu acho que tem a grande função... Foi a grande briga que eu tive com a “Sociedade Brasileira de Medicamentos” que eu fundei. Eu falei: gente, nós somos técnicos, nós temos que dar todos os subsídios para nós (inaudível)... Olha, genérico é importante. Importação de medicamentos convém ou não convém? Nós temos que dar todo subsídio para dizer que medicamento para ser bom tem que... Mas nós não podemos nos meter a chegar e discutir a ideologia do que está por trás do medicamento genérico. Quer dizer, o que está por trás do medicamento genérico é uma economia. Nós não podemos discutir se o medicamento deve ser estatal ou deve ser... privado porque isso é um problema que está... O que nós devemos discutir é que o medicamento tem que ser bom. Então eu acho que é esse o grande... E em plantas medicinais, olha, o que dá, o que tem de plantas medicinais, por exemplo, que eu acho triste, é achar que plantas medicinais é a maneira de lutar contra a multinacional, quer dizer, isso é erradíssimo, erradíssimo! Planta é bom porque 2/3 da população brasileira não tem acesso a outro medicamento. Eu não... eu não conheço coisa mais odiosa do que isso no meu entender, né? Eu acho uma coisa... Ah, não tenho um bom medicamento! Então eu vou dá para os pobres as plantinhas... Quer dizer, continua desse jeito assim... O povão que se dane! Dão plantinhas porque o medicamento novo não tem acesso mesmo. Então eu acho que esse

tipo de coisa que uma sociedade pode cair na mão de um grupo que faz isso. E, olha, eu já vi várias sociedades que entraram por caminhos políticos totalmente, né! Para ver...

TF - É, o senhor tinha citado, inclusive, a FESB, né? Que saiu da SBPC...

EC - Saiu da SBPC.

TF - (inaudível)

EC - É.

TF - Aí na crise, na grande crise política brasileira, que propriamente caiu em cima da SBPC, foi criada a FESB como uma saída...

EC - Exato.

TF - E o senhor tinha criticado na outra entrevista essa...

EC - Eu critiquei muito isso, né? Porque eu considerava a SBPC o maior fórum científico do país, tá certo? E ela tinha uma dimensão tão grande que ela tinha também uma parte política. Então, era a única oportunidade que existia para o rapaz que estava fazendo uma parte puramente científica, puramente científica, ele ter umas noções de cidadania. Estava do lado, estava ali uma coisa ao lado da outra, está certo? Mas... mas isso era mantido separado... Eu sempre... no meu pensar de... olha, vocês vão ver isso, vão discutir, vão nas reuniões, mas aproveitem para ver coisas do Brasil também, né? Isso era possível. Quando caíram em cima da SBPC e tiraram a parte biológica. Eu falei: “Meu Deus! Tiraram a coisa...”, a melhor coisa para o jovem brasileiro ter noção do que estava acontecendo no país fora do seu campo de ciência e virou a FESB, que é um grande sucesso científico. Agora a FESB está caminhando para isso também, né? A sensação que me dar é que está voltando um pouco mais para os assuntos menos científicos e mais polêmicos de política de ciência e esse tipo de coisa toda. Agora, veja, o que eu acho importante que as entidades... a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência..., como a Associação Americana para... o Avanço da Ciência também, elas têm que ter essa visão política. Eu acho a SBPC que ela... ela tem que ser uma vanguarda de cutucar os poderes públicos para conseguir mexer em coisa... em aspectos políticos: política científica, política educacional, política de exportação e importação... Mas uma Sociedade Brasileira de Nefrologia, por exemplo, não deveria nunca estar nessa. Eu acho que ela deveria estar muito mais ligada a aspectos da nefrologia... dizer: olha, a nefrologia tem que ser assim, assim, assado... e fornecer subsídios. Então está havendo aí essa parte de... de... de... Como é que chama? De... hemodiálise. Está um absurdo! Entra na AMB, AMB que essa função... teria por função, está certo? Então eu acho que deveria... não deveria ter necessidade meramente científica, puramente científica, não deveria tentar fazer daquela que tem um órgão... um órgão que tem um papel político grande. AMB é uma instituição médica brasileira que deveria dizer: olha, não pode continuar havendo hemodiálise dessa maneira que deu o que deu lá... em Pernambuco, né? A nefrologia devia dar todo subsídio, até podia participado das discussões e tudo, mas ela não pode de repente começar a virar puramente uma entidade política, de política da... da medicina. Porque eu acho que essas coisas misturam e tiram muito o progresso científico. Olha... muitas vezes eu tenho muito mais vontade de fazer um discurso político do que pegar e fazer uma dissertação, porque é muito mais gostoso, chama muito mais atenção e

envolve, por seu lado, muito menos... Não é compromisso, mas é responsabilidade de tempo. Às vezes eu demoro meses para chegar a uma experiência que me dá uma tabelinha e eu posso em dois dias fazer um apanhado geral sobre determinado assunto que tem importância que fazem uma revelação política muito grande. Por exemplo, na greve que houve agora em São Paulo, me disseram... iam fazer uma... forma de palanque na rua. Eu nunca tinha falado em palanque na rua. Me convidaram para fazer: “*Professores em greve em atividade*”. Dá uma aula. Eu falei: “Tá ótimo”. Eu pensei que fosse uma aula interna. Quando chegou no dia, armaram um palanque aí no meio da rua... O senhor vai falar para o povo (risos), eu subi e eu tive dois dias para preparar. Eu adorei a ideia! Adorei! Mas eu acho que essas coisas misturam um pouco, viu?

TF - E como é que o senhor está vendo o futuro aí das plantas... medicinais, ciência em plantas medicinais? Com toda essa crise do CNPq, eu estou falando a nível nacional.

EC - Bom, o que eu estou vendo agora, na minha perspectiva, que vá para a frente, não por causa do CNPq, por causa do governo, apesar de, né? É porque eu noto que há segmentos da indústria genuinamente interessados nisso, tá certo? Por exemplo, eu sei que há um projeto... gestação sendo pensado. São cinco laboratórios estão imaginando..., esses cinco laboratórios, dá um milhão de dólares cada um, tá! Formar um fundo de 5 milhões de dólares para começar a... a desenvolver alguns laboratórios que fariam esse papel, que você comentou logo no início. Que papéis, vamos supor assim, de centrais de preparo de extrato de plantas, central de não sei o quê...

TF - Então, perai... Seria um... agregado... uma agregação de indústrias nacionais...

EC - É. De indústrias nacionais que fariam um projeto, né! Aonde, então, eles entrariam em contato com alguns laboratórios... Isso é muito sigilo, eu não posso dizer nome de laboratório nenhum, mas sei que está em andamento. Aonde eles tentariam, então, fazer alguns laboratórios, que eles ajudariam bem, porque... não é nada, nada..., 5 milhões de dólares... Eu não sei quanto o CNPq dava, mas eu tenho certeza que não dava 5 milhões de dólares para o projeto de plantas no Brasil. A... ..

TF - Eles financiariam, então, os laboratórios de pesquisa...

EC - Laboratório universitários de pesquisa para que eles então desenvolvessem algumas técnicas que ficassem sendo úteis para projetos que esses laboratórios vão ter com outros laboratórios inclusive.

TF - Esse projeto já está sendo montado...

EC - Ele está sendo discutido. Eu sei que são 5 ou 6 laboratórios, que cada um parece que tem cinco também...

TF - E está sendo discutido com a Universidade?

EC - Não. Entre eles só, entre eles só é que estão discutindo. Então você ver, essa é uma ideia e o resultado... E não sei se teve outra, essa eu soube porque eu tenho um amigo que me contou isto e que ele milita na área de indústria, né! Então tem outras coisas que pode estar ocorrendo por aí então... Eu vejo..., eu vejo agora com um impulso que a indústria está dando com uma coisa que está caminhando bem, não sei por quanto tempo,

eu tenho certeza que não sai três ou quatro aos, nada, a indústria vai se desinteressar, vai pegar e fazer como fizeram como o hipérico, já trazem o extrato padronizado, testado, direitinho...

TF - O senhor prever o crescimento da indústria nacional?

EC - Eu acho que a indústria está percebendo isso também. Eu acho que a indústria está percebendo que a maneira dela crescer e ter patentes agora, é isto, e ela sabe...

TF - É associação com a Universidade...

EC - É, pesquisa, pesquisa para desenvolver os novos fármacos, os chamados fitoterápicos, né? E ela percebe também que isso tem um mercado, e a indústria não é boba não...

TF - Pesquisa e casamento com a Universidade. A perspectiva dela é essa?

EC - Com laboratórios de pesquisa. Ele... que eu saiba, no presente momento, nenhum deles está tentando montar o seu laboratório de pesquisa, inclusive, porque é o mais caro, tá! Eles pretendem entrar em contato com universidades que os laboratórios de pesquisa da Universidade ou do Instituto, Butantã... esse tipo de coisa. Ou até quem sabe, se tem alguma empresa particular que tem pesquisa... Parece que está começando a acontecer alguma coisa, algumas empresas particulares estão começando a querer fazer testes, por exemplo, de toxicidade, toxicologia pré-clínica, tal... Ou talvez até com esta também, porque eles vão procurar... eles vão procurar é competência, com certeza. A universidade tem uma vantagem, o nosso meio... são os nomes que tem ressonância, então eu tenho certeza, por exemplo, se eles procurarem o nome do João, Pedro ou da Maria, mas que são nomes que tem muita ressonância no meio científico e médico do país, esse nome é preferível a um desconhecido que não (inaudível) nada. É lógico que um nome como o meu, como o do... do... do Maurício Rocha e Silva, daqui do Filho ou lá do Guilherme (inaudível), ou do Gilberto (inaudível) ou João Calixto de Santa Catarina, se aparece no trabalho científico, isso dá realmente, já para o laboratório um... benefício. Esta que é... olha, tem um nome que está garantindo, é como se fosse uma propaganda, né? A gente acaba funcionando como propaganda, né? Se um dia tiver o Brasil prêmio Nobel, se esse nome tiver ligado... se o prêmio Nobel tiver ligado a um medicamento desenvolvido por um laboratório nacional, é óbvio que isso vai trazer... dividendo para o laboratório, tudo bem? Quanto tempo você vai mais... Eu tenho que... (suspiro)

TF - Não... Eu só queria uma perguntinha só, sobre a ALANAC. Eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre ela.

EC - Bem, veja, no Brasil nós temos o Sindicato das Indústrias Farmacêuticas em cada estado, nós temos a ABIFARMA que congrega 80% da área de laboratórios multinacionais, tem laboratórios nacionais também...

TF - Os laboratórios são vinculados a ABIFARMA?

EC - Laboratórios internacionais e nacionais vinculados a ABIFARMA, tem dos dois e a ALANAC é só laboratórios nacionais. Então, a ALANAC tem tido uma postura muito boa, eu acho, de defesa dos interesses quanto aos laboratórios nacionais. Por exemplo,

ela lutou o quanto pôde contra patente, porque patente, realmente, é uma coisa que não interessava para o laboratório nacional e não interessa, para ver. Ela, por exemplo, está lutando desesperadamente contra o problema da... importação de medicamentos acabados. Eles fizeram uma denúncia agora há pouco tempo, que é uma coisa assim espantosa! Denúncia de Guarujá. Eles fizeram uma reunião aqui, todos os laboratórios nacionais, associações de laboratórios nacionais de países da América-Latina se reuniram agora no Guarujá e fizeram a *Declaração do Guarujá*, aonde eles acusam que agora com a nova globalização, os laboratórios multinacionais estão importando produtos acabados já, e eles dão um dado que... Era 50 milhões de dólares há dois anos atrás e agora já ultrapassou um bilhão de dólares de produtos acabados que vem para o Brasil. Quer dizer, isso representa perda de milhares de empregos, né! E agora, eles fizeram agora um pronunciamento muito severo quanto a importação de genéricos. Eu acho isso um crime contra a indústria nacional. Quer dizer... você, imagine, você... os laboratórios...

TF - Já vinham os genéricos prontos.

EC - Prontinhos! Já, já com... .. Os laboratórios estão tentando... Por exemplo, vocês lá estão com a... massa comprada, espectômetro de massa... Nós compramos espectômetro de massa, tem vários laboratórios montando..., universidades montando espectômetro de massas para poder fazer genéricos e aí começa importar isso de fora. É óbvio que a indústria vai querer agora o mais barato. Ele tem razão disso, vai importar (inaudível). Mas a ALANAC está contra ela está lutando contra isso, né? E a outra coisa é o seguinte: olha, safadeza não é... não é patrimônio brasileiro, não é exclusividade brasileira. Você vai encontrar gente safada, muita gente fora daqui. Então eu não duvido nada não. Não tem laboratório (inaudível) lá que vão conseguir prova de bioequivalência lá, não é isso? Mandam para cá o produto com a prova de bioequivalência de lá. Deve ter gente safada sim. Como tem! Né? Então, na realidade, nós estamos sujeitos a primeira coisa: a matar a indústria brasileira e a ALANAC está se posicionando contra isso; 2º: a esses ramos de conhecimento técnico que está sendo desenvolvido no Brasil muito aceleradamente, quer dizer, então, fazer essas dosagens através de..., de... de equipamentos ultrassofisticados e em 3º lugar, a risco de importar medicamentos ruins, né? Porque eu não aceitaria um produto...

TF - Que diferença, em termos industriais, do genérico para o outro medicamento?

EC - Não, veja...

TF - O senhor está me dizendo: “importar medicamentos ruins...” Por que isso? É genérico?

EC - É, é pelo fato de ser genérico. O Brasil também está muito sujeito, pelo fato de ser genérico..., está sujeito... Isso é uma das coisas que eu tenho muito medo. Veja, você tem uma Novalgina, você vende milhões de dólares de Novalgina, agora a Novalgina vai ser obrigada a vir escrito “Dipirona”, está certo? Aí você... Eu sou um cara aventureiro, desonesto, fabrico um produto que eu chamo “Dipirona”, tá? E eu vou vender por um décimo, um centésimo do preço da Novalgina.

TF - Mas o genérico não passa por Vigilância também?

EC - Pois é isso que eu estou falando! Teria que ter a prova de bioequivalência para ser igual. Aí sim! Mas agora nós vamos importar sem a prova de equivalência feita aqui, feita no exterior. Sei lá se não tem uma empresa que vai fazer, por exemplo, bioequivalência do seu produto... Eu não quero falar mal do Paraguai e nem dos outros países e tal. Mas eu sei que tem países aqui da América do Sul onde eles fazem uma prova de bioequivalência cobrando cerca de 20 mil dólares. Não dá para fazer! Perde dinheiro. Quer dizer, ou seja, então dá o atestado sem fazer a prova. Então, essas coisas que eu acho profundamente erradas...

TF - Os outros medicamentos, eles não são importados todos, eles são... importados só matéria prima.

EC - Não, ele... Os outros medicamentos são matérias-primas, partes fabricadas aqui ou então se você importar Novalgina da Alemanha, ninguém vai te empurrar Novalgina da Alemanha, quer dizer, tem lá o frasco de Novalgina, é você que vai comprar ou é o médico que vai receitar, tá certo? Agora, se você tiver uma droga importada ou fabricado aqui de péssima qualidade que custa 10 vezes menos e que você para cada 10 volumes... 10 frascos que o balconista vende, você dá um presente qualquer para ele, o balconista vai te empurrar isso. O paciente vai ser totalmente...

TF - Por que a medicação..., o genérico é mais barato do que a outra medicação?

EC - Pois é, isso... por uma razão...

TF - É *royalty*? Quê que é isso?

EC - Não... Mesmo se for *royalty*, tá certo? E tem uma coisa também, a primeira é a propaganda. Quer dizer, a propaganda é uma coisa que lógica que onera muito. Você veja o seguinte: um... quando um laboratório comercializa uma substância com o nome XPTO, você vê, o médico não sabe o que é XPTO, ele tem que guardar o nome XPTO. Como é que eu posso guardar o nome XPTO? Se me bombardearem milhares de vezes com coisas chamadas .... Aí eu memorizo. Eu, na Escola de Medicina, eu saí sabendo, por exemplo, que o Metazol é bom para... para úlcera. Mas será que eu sei que (inaudível) é bom para úlcera? O (inaudível) é o nome... um dos nomes comerciais do Metazol. Então, na realidade, eu aprendi na Escola Médica o nome do produto pelo seu nome genérico e aqui fora o laboratório tem que me vender com o nome de fantasia. Então, na realidade, é uma briga tremenda entre laboratórios para tentar enfiar na cabeça do médico o nome de fantasia.

TF - Então a diferença é o nome de fantasia.

EC - 30, 40% (inaudível) do preço está por aí. Agora, a outra coisa também é que você tem também que geralmente, quando eu tenho o medicamento original, é feito por uma indústria que sintetizou e pesquisou. E ela embute no preço o que ela gastou com a pesquisa durante bastante tempo. Isso pode encarecer também e é justo também. O laboratório que faz genérico ou, pior, que faz o similar, ele simplesmente não fez pesquisa nenhuma, ele chupou aquele (inaudível) e botou o produto com o nome de fantasia também. Então ele pode cobrar mais barato. Mas isso daí nunca explica, por exemplo, a diferença de 20 vezes no preço. Quer dizer, imagine... sei lá! Cobra 30, 40% a mais, cobra mais 30, 40% pelas pesquisas... Então você vai ter um produto que custa 1 real, 10 reais,



outro vai custar 15, 16 reais, 50%, 60% a mais, está certo? Eu acho isso justo e aí vai depender muito do laboratório conseguir convencer o médico (inaudível) e também da sociedade (inaudível) tanto faz, o outro custa 10, tem exatamente a mesma propriedade do que custa 16 [reais], né! E vai ser... dificilmente vai aceitar acreditar nisso porque o médico está muito ciente da... da vigarice que predominou no meio da... da... da indústria farmacêutica... Eu digo, predominou no meio, tá! Porque a indústria farmacêutica não é vigarista, né? Ela foi infiltrada por bandidos. E muitos bandidos! Então, na realidade, vai ser um jogo difícil, mas nunca custar... Por exemplo, eu agora há pouco tempo, nós estávamos vendo um medicamento aí... compramos na farmácia com coisa e tudo, né! O medicamento original de um laboratório já estava mais de dez anos no comércio, 200 e tantos reais; o medicamento de um similar brasileiro, 20 e poucos reais. Quer dizer, isso é muita coisa! Isso é, é... Mas isso não é questão do Ministério da Saúde, é questão do Ministério da Economia, né? É lá que tem que agir, quer dizer, como é que esse laboratório justifica esse lucro durante 10 anos seguidos e vende “prá burro” o medicamento. Então, são essas coisas que deveriam ser discutidas. Não cabe, por exemplo, eu, Carlini... chegar, por exemplo, e dizer: olha, eu vou agora aí fazer uma conferência porque esse medicamento custa 200 e esse custa 20 [reais]. Eu vou chegar e dizer: olha, esse medicamento é tão bom quanto este, porque eu fiz aqui análise e veja: a concentração máxima foi do mesmo tempo; tempo máximo é o mesmo; a área sobre a curva é a mesma, tudo varia entre 80 e 120% da variabilidade que se espera. Esse é o meu papel! E eu esperaria que alguém do Ministério ou então alguém tipo... Associação Médica Brasileira... qualquer... qualquer entidade que é de política da matéria entrasse para dizer “Não pode, está aqui todos os dados científicos que mostram que o produto é igual e vamos justificar o preço”. Entrar em contato então com o setor de economia, sei lá o quê... para dizer: isso realmente é um roubo. Eu acho que na realidade é isso que a gente deveria ficar batendo bastante, né? E eu tenho notado..., para mim foi uma surpresa esse medicamento que foi agora, foi bem recente, porque... eu comprei vários, de vez em quando eu vou à farmácia, na mesma farmácia, pego um produto original que a gente chama e um similar e compro um de bom laboratório de genéricos e comparo os preços, né! Oscila até 100% de diferença, o dobro um do outro, mas 2 mil por cento como esse daqui... Não, mil... 20, 10 vezes, de 200 e tanto para 20 e poucos foi um exemplo assim que eu achei aberrante. Como é? Podemos... eu tenho que pegar minhas filhas para levar para a escola.